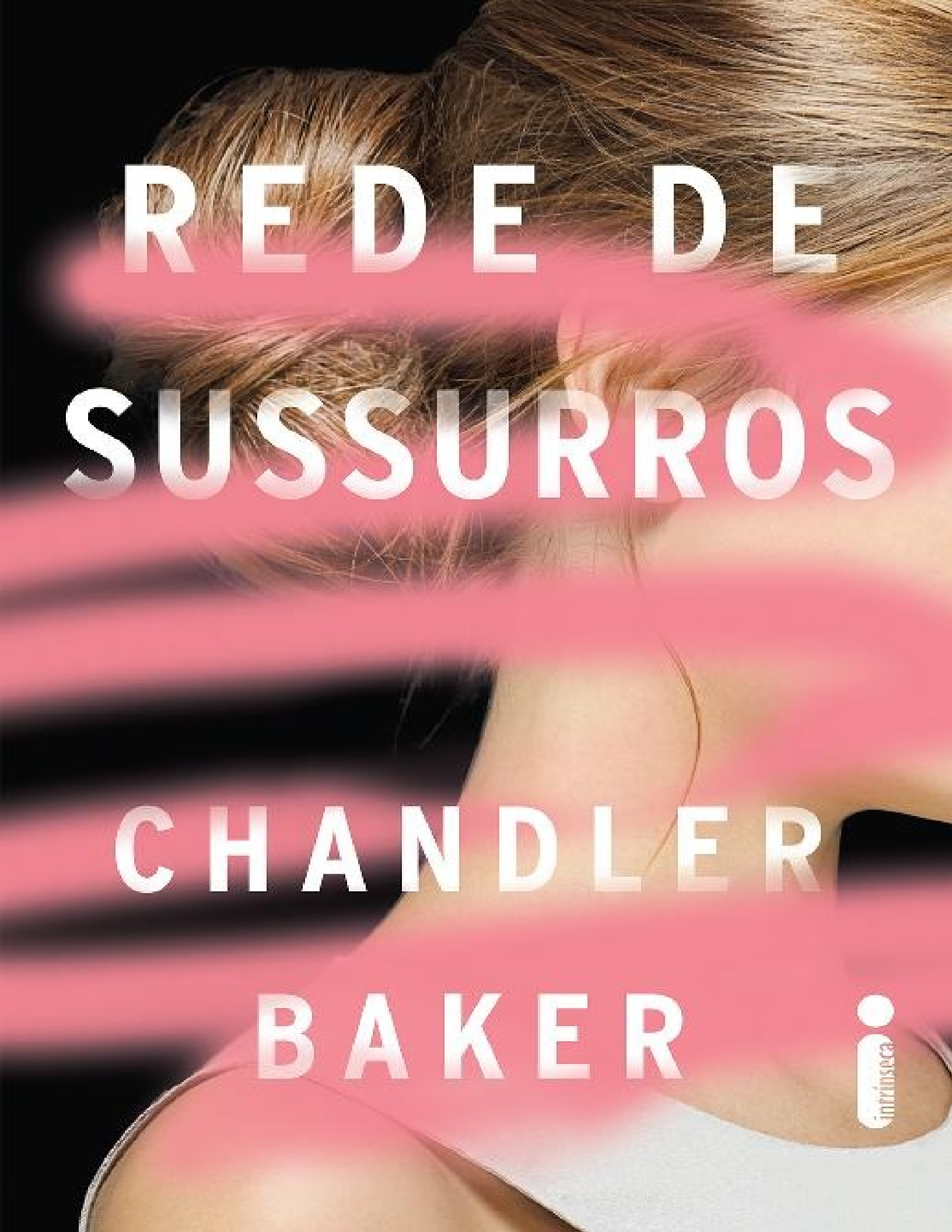




REDE DE SUSSURROS

CHANDLER

BAKER



Rede de sussurros

Chandler Baker

Tradução de Marina Vargas



Copyright © 2019 by Chandler Baker

TÍTULO ORIGINAL
Whisper Network

PREPARAÇÃO
Carolina Vaz

REVISÃO
Giu Alonso
Eduardo Carneiro
Juliana Pitanga

DESIGN DE CAPA
Lisa Amoroso

FOTO DE CAPA
© Ada Summer / Getty Images

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

REVISÃO DE E-BOOK
Cristiane Pacanowski | Pipa Conteúdos Editoriais

GERAÇÃO DE E-BOOK
Intrínseca

E-ISBN
978-85-510-0529-3

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)
[Capítulo 37](#)
[Capítulo 38](#)
[Capítulo 39](#)
[Capítulo 40](#)
[Capítulo 41](#)
[Capítulo 42](#)
[Capítulo 43](#)
[Capítulo 44](#)
[Capítulo 45](#)
[Capítulo 46](#)
[Capítulo 47](#)
[Capítulo 48](#)
[Capítulo 49](#)
[Capítulo 50](#)
[Capítulo 51](#)
[Capítulo 52](#)
[Capítulo 53](#)
[Capítulo 54](#)
[Capítulo 55](#)
[Capítulo 56](#)
[Capítulo 57](#)
[Capítulo 58](#)

[Epílogo](#)
[Agradecimentos](#)
[Nota da autora](#)
[Sobre a autora](#)
[Leia também](#)

Para todas as mulheres que compartilharam sua história comigo ou com o mundo, e para todas as mulheres que alimentaram a voz coletiva nestas páginas e um movimento que exige ser testemunhado: nós ouvimos vocês.

PRÓLOGO

Se vocês tivessem escutado a gente, nada disso teria acontecido.

Relatos das testemunhas oculares

12 DE ABRIL

Testemunha Ocular 1: Eu tinha acabado de sair do prédio quando vi um lampejo de... sei lá... alguma coisa, um movimento, acho, do outro lado da praça. A princípio, achei que fosse um pássaro enorme, depois um ataque terrorista. Mais uma fração de segundo e me dei conta de que era uma pessoa. Não dava para saber se era homem ou mulher. As pessoas neste distrito são todas muito antiquadas. Todo mundo usa terno. Tradicional. Calça e paletó pretos. Enfim, é uma queda e tanto lá de cima.

Testemunha Ocular 2: Era mais ou menos uma e meia da tarde. Eu tinha acabado de almoçar com um cliente no Dakota. Quase vomitei a salada com bife.

Testemunha Ocular 3: Não estou dizendo que não fiquei mal. Eu fiquei. Foi horrível. Mas tem que ser muito egoísta para fazer uma coisa dessas, sabe? Tinha gente na calçada. Foi logo depois da hora do almoço. Se você tem mesmo que fazer algo assim, se precisa fazer isso de verdade, então é melhor esperar um momento em que esteja sozinho, sem tanta gente em volta. É só o que eu acho.

CAPÍTULO 1

Três semanas antes:
O dia em que tudo começou

20 DE MARÇO

Antes daquele dia, nossa vida se deslocava a toda velocidade em uma montanha-russa invisível, um carrinho preso aos trilhos por meio de engenharia e forças que não compreendíamos por completo, apesar de nossa superabundância de diplomas acadêmicos. Nós nos movíamos com uma sensação de caos controlado.

Éramos especialistas em marcas de xampu a seco. Levávamos quatro dias para assistir a um episódio completo de *The Bachelor*. Adormecíamos com o calor do laptop queimando as coxas. Fazíamos pausas de duas horas para ler historinhas para crianças e tentávamos não calcular o total de horas que passávamos trabalhando como mães e funcionárias, confusas em relação às prioridades. Éramos superqualificadas e subutilizadas, autoritárias e sempre donas da razão. O aperto de mão era firme e as faturas do cartão de crédito, robustas. Esquecíamos o almoço na bancada da cozinha.

Todo dia era igual. Até que tudo mudou. Na manhã em que o presidente de nossa empresa morreu, nos demos conta de que havia uma roda defeituosa na montanha-russa e que estávamos prestes a ser atiradas para fora dos trilhos.

Ardie Valdez, uma mulher paciente e estoica, com sapatos italianos confortáveis e bem-acabados, foi a primeira a ter um pressentimento da colisão iminente. Ela ouviu a notícia e decidiu se proteger.

— Grace? — Ela ficou parada no corredor, vazio a não ser por obras de arte de valor exorbitante, e bateu em uma porta de armário com um ímã de vaca colado na frente. — Sou eu, Ardie. Posso entrar?

Ela esperou, prestando atenção, até ouvir ruídos atrás da porta. A tranca exigida por lei se abriu.

Ardie entrou na salinha e voltou a trancar a porta. Grace já estava se acomodando novamente no sofá de couro, a blusa de seda enrolada acima dos

dois cones de plástico acoplados a seus seios.

Ardie deu uma olhada na salinha. Um frigobar. O sofá surrado no qual Grace estava sentada. Um pequeno aparelho de televisão no qual passava *Ellen*. Do lado de fora, ouvia vozes, passos apressados, pessoas atendendo a telefonemas e fazendo cópias. Ela franziu a testa, aprovando o espaço.

— Este lugar parece um pequeno esconderijo.

Grace acionou a bombinha de tirar leite, dando início a seu zumbido mecânico e metódico.

— Ou uma pequena sepultura — disse ela, bem-humorada.

O senso de humor ácido de Grace sempre surpreendia Ardie. De fora, Grace parecia muito *descomplicada*. Tinha cabelos volumosos pintados de loiro, era membro ativo do clube de ex-alunas da fraternidade TriDelta e frequentava a Igreja Presbiteriana Preston Hollow com o marido, Liam, um homem alto e moreno que sempre usava camisa xadrez. Os dois estavam na lista privada de convidados da inauguração da biblioteca presidencial George W. Bush e se consideravam “conservadores solidários”, o que, na opinião de Ardie, queria dizer que eles eram a favor do casamento gay, mas preferiam pagar a menor quantidade possível de impostos. Além disso, havia pelo menos uma arma de fogo guardada num cofre em uma prateleira no closet de Grace, e o fato de Ardie gostar daquela mulher apesar de tudo isso era revelador.

— Quanto um bebê precisa comer, afinal? Eu fico *o dia todo* tirando leite. Porra, Ardie, olhe só para mim, estou assistindo a *Ellen* de manhã.

Grace não costumava dizer “porra”.

Ardie lembrou como os dias pareciam longos quando seu filho, Michael, dormia apenas algumas horas. Seu corpo inteiro parecia pesado e sujo, como se houvesse uma fina camada de fuligem na sua pele, como dentes não escovados.

Ela vasculhou a bolsa e tirou duas latas suadas de água com gás saborizada La Croix. Entregou uma a Grace e desabou no chão em frente ao sofá. Ardie podia fazer coisas como se sentar no chão no trabalho porque — e ela era a primeira a admitir — tinha se rebelado. Fazia anos, na verdade. Dormia até mais tarde em vez de passar uma hora fazendo o cabelo e a maquiagem de manhã. Quase nunca comprava roupas. Não desperdiçava um minuto que fosse de seu precioso tempo no pilates. Era a coisa mais libertadora que já havia feito.

Ela deu uma olhada no celular. Nada *ainda*.

— Então — disse Ardie —, parece que o Bankole morreu. Em casa, hoje de manhã, enquanto se arrumava para o trabalho.

Ela deu a notícia sem rodeios. Ardie não sabia dar notícias de outra maneira.

Era sempre *Minha mãe está com câncer* ou *Tony e eu vamos nos separar*.

— O quê? *Como?*

Grace largou os tubos que estava tentando reinserir nas engenhocas em formato de funil despontando do sutiã de amamentação.

— Teve um infarto. A esposa o encontrou no banheiro. — Ardie apoiou os cotovelos nos joelhos e encarou Grace. — Acabei de saber.

Ardie tinha encontrado com o presidente da empresa, Desmond Bankole, apenas uma vez. Cumprimentaram-se com um aperto de mão no elevador porque ele fazia questão de conhecer todas as pessoas que trabalhavam no prédio, incluindo a equipe de limpeza. Seus dentes eram muito brancos. Ele era mais baixo do que ela imaginava, com pulsos delicados aparecendo debaixo do paletó.

— Estou me escondendo, a propósito — revelou Ardie, e completou antes que Grace pudesse perguntar: — Do Ames. Ele não para de perguntar da Sloane. Eu disse que ela provavelmente saiu para comer alguma coisa. Ele disse que não a autorizou a sair para almoçar. Aí respondi que ela é a vice-presidente sênior de assuntos jurídicos na América do Norte, e que ela *não precisa* da autorização dele para almoçar e...

— Você disse isso mesmo? — Grace se endireitou.

Sloane era amiga das duas, mas tecnicamente também era sua chefe, o que fazia de Ames o chefe da chefe delas.

— É claro que não. Ficou maluca?

— Ah... — disse Grace, confusa.

Ela brincou com a cruzinha incrustada de diamantes que pendia de seu colar. O zumbido elétrico da bombinha de tirar leite contava o tempo entre elas.

— Então estou escondida aqui feito uma covarde — continuou Ardie. — Esperando Sloane retornar minha ligação.

Em geral, Ardie desagradava a homens como Ames. Ele detestava ter que falar com uma mulher para quem não gostava de olhar. Quando perguntou a Ardie onde Sloane estava, seus olhos não se fixaram nela, e ele se afastou o mais rápido que pôde. Ela não mencionou essa parte para Grace.

Ardie estremeceu. Era insuportável ignorar os seios de Grace naquela salinha minúscula.

— Essa máquina suga seus peitos com tanta força que às vezes eles ficam parecendo uns torpedos. Não dói?

O filho de Ardie, Michael, tinha sido adotado uns quatro anos antes, um final feliz após anos de luta contra a infertilidade. Ela nunca tinha amamentado, mas

sempre imaginou um aleitamento tranquilo, cobiçou o contato pele com pele, uma echarpe tecida a mão cobrindo o colo das mulheres mais recatadas. Não aqueles puxões violentos que agora testemunhava.

— Não tanto quanto a boca da Emma Kate, para ser sincera.

(A amamentação deveria ser *indolor*, diziam. Amamentar era *lindo*, diziam. Bem, gostaríamos de arrastar os mamilos das pessoas que dizem isso no asfalto para mostrar como é realmente indolor e lindo.)

— A gente já inventou escovas de dentes elétricas, pelo amor de Deus — disse Ardie. — Meu robô aspirador volta para a base e desliga sozinho no fim da noite. É sério que não conseguimos inventar uma geringonça para tirar leite que funcione um pouco melhor do que *isso*?

A máquina era, de certa maneira, grotescamente hipnotizante.

— É que homens têm dentes para escovar. — Grace ergueu as sobrancelhas. — E chão para aspirar.

Ardie tomou um longo gole da água sabor *grapefruit* enquanto, na tela, Ellen DeGeneres recebia um jovem no palco. Ele parecia um adolescente, e Ardie não fazia a menor ideia de quem era. Ela tocou na tela do telefone: nenhuma novidade.

— Acabei de ter um pensamento assustador — disse Ardie, depois de um momento. — Ames pode ser o próximo presidente.

— Não. Você acha?

— Ele tem cara de presidente. É alto. Todo mundo gosta de gente alta. — Ela abriu e fechou o punho, alongando o túnel do carpo, que era uma ameaça constante a seu pulso. — Estou falando sério. Aquele desgraçado pode comandar a empresa, e então como a gente vai ficar?

O problema não eram apenas os boatos envolvendo uma estagiária. Ou o escândalo envolvendo sua secretária dois anos antes, durante o torneio de golfe Byron Nelson. (E adivinhe quem demitiram? Alerta de *spoiler*: não foi Ames.) Não era nem a ideia de que a cultura corporativa começava pelo topo e que ter Ames no comando da Truviv seria como anunciar o início da temporada de caça.

O problema era que Ames Garrett detestava Ardie.

— Sei lá — comentou Grace. — Ele sempre foi legal comigo.

Ardie deixou o assunto de lado. Grace era alguns anos mais nova do que ela e Sloane, e ainda acreditava que alguém podia ser uma “boa pessoa” apesar de suas ações, como se as ações de alguém não fossem justamente um indicativo de seu caráter. E Ardie já tinha visto Ames Garrett em ação.

Ainda assim, havia assuntos que não deviam ser discutidos, nem mesmo entre

amigas: religião, dinheiro e, talvez, Ames.

Grace girou o botão da bombinha de leite para aumentar a intensidade. Um dos tubos se soltou e caiu no chão. Uma gota branca respingou na saia dela. Grace fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás, inflando as narinas. Quando os abriu, seus olhos estavam cheios de lágrimas. Ela esfregou o pulso no nariz e pegou o tubo errante com uma calma proposital. Errou o buraco duas vezes enquanto tentava reconectá-lo. A terceira tentativa foi bem-sucedida. Ela se sentou cuidadosamente no sofá.

— Toda essa história do Bankole é deprimente. — Ela manteve o olhar fixado na televisão. — É errado não estarmos mais tristes?

Ardie não respondeu, porque Grace parecia muito triste.

Checou o telefone mais uma vez. Apenas uma barrinha de sinal.

Onde estava Sloane?

CAPÍTULO 2

20 DE MARÇO

Sloane estava olhando para o teto do elevador, desejando que ele subisse mais rápido, até o exato segundo em que as portas se abriram no décimo quinto andar e ela disparou como um cavalo de corrida.

— Estão todos na sala de reunião. — Sua secretária, Beatrice, se inclinou por cima da mesa, o fio do telefone esticado e o fone pressionado contra a orelha.

— Eu sei, Beatrice. Eu sei. — Sloane passou por ela apressada, atravessando o corredor. — E já estou completamente ferrada.

Só para constar, tudo estava indo às mil maravilhas até algumas horas antes, enquanto ela e o marido conversavam com o diretor da escola de sua filha de dez anos, Abigail. Ela havia guardado responsavelmente o telefone no aterro sanitário que era sua bolsa, pois era uma *boa* mãe, o que, naquele lugar, significava uma mãe *presente*. Ou pelo menos era esse o papel que ela pretendia desempenhar diante do diretor Clark.

E veja só o que tinha acontecido!

Ela pegou o celular depois da reunião e deu de cara com as mensagens de Ardie:

Desmond morreu hoje de manhã.

Infarto.

Ames está te procurando.

Ok, sério, cadê você??

Sloane??

Ela não teve tempo nem de se despedir do marido.

Finalmente, parou do lado de fora da sala de reunião, o coração tão acelerado que teve medo de também estar infartando. Infarto é a principal causa de morte entre mulheres com mais de quarenta anos! Tinha ouvido isso em algum lugar, talvez no *The View*. Ela girou a maçaneta.

Sete advogados no nível de diretor, ou mais alto, estavam sentados em torno da mesa. Ames, o diretor jurídico; Kunal, do setor de comunicação; Mark, que

cuidava das contratações; Ardie, do financeiro; Philip, que cobria os riscos; Joe, dos litígios; e Grace, diretora de *compliance*. Havia também uma mulher mais jovem, que Sloane nunca tinha visto, com cabelo castanho cortado bem curto e bochechas rosadas como as da Branca de Neve. Todos os rostos se voltaram para Sloane quando ela entrou.

— Desculpem o atraso.

Ela se sentou na cadeira vazia ao lado de Ames. A mulher de cabelo curto sorriu educadamente para ela. Ames ergueu o olhar de uma pilha de papéis. Uma mecha branca percorria seu cabelo grosso e ondulado, predominantemente cor de café, a não ser pelos poucos fios grisalhos nas têmporas.

— Onde você estava?

— Eu estava... — Sloane hesitou por uma fração de segundo, pensando em como terminar a frase. (Todas nós fazíamos isso. Fosse em encontros ou no trabalho, conhecíamos o poder de fingir que nossos filhos não existiam. Um homem podia dizer que ia tirar o dia de folga para pescar com o filho, enquanto para uma mãe, em geral, era melhor esconder o fato de que tinha estendido a hora do almoço para levar a criança ao médico. Filhos transformavam os homens em heróis e as mulheres em funcionárias inferiores, se não fizéssemos tudo certo.) — Eu tive que dar uma saída rápida — terminou, dando um pigarro.

— Sem o celular?

Ames lambeu a ponta do dedo para ajudar a passar as páginas. As pessoas se remexeram, desconfortáveis, ao redor da mesa.

— Fiquei momentaneamente incomunicável, de fato — disse ela. — Sinal péssimo.

Aquela não era sua melhor desculpa.

Ames estalou a língua e moveu a bala de canela na boca.

Ela olhou para ele, contendo o desejo de encarar os sete pares de olhos que a observavam.

Então Ames piscou. Sempre o olho esquerdo. Um delicado pé de galinha se formando por um segundo. Ele era um dos únicos homens que ela conhecia que ainda recorria à piscadela. E conseguia o que queria, na verdade. A piscadela dizia ao mesmo tempo: *Está tudo bem* e *Sou eu quem manda aqui*.

Ele abriu as palmas para o restante dos presentes.

— Sloane Glover, pessoal — disse, como se estivesse recebendo uma comediante no palco. Sloane ficou irritada, mas seu rosto permaneceu plácido. Trabalhar com Ames era como se sentar ao lado de uma pessoa que não parava de chutar sua canela por debaixo da mesa. — Que bom que finalmente podemos

começar. Vamos lá?

Todos fizeram acenos desajeitados com a cabeça. Ao lado dela, Philip empurrou discretamente o bloco de anotações e a caneta na direção dela. Sloane apoiou a mão no peito e expirou. *Obrigada*, articulou em silêncio, e Philip, cuja gravata estava sempre torta, apenas deu de ombros. Se ao menos todos os homens no escritório fossem mais parecidos com Philip...

— Imagino que a esta altura todos estejam cientes do lamentável falecimento de nosso presidente, Desmond Bankole — começou Ames. — A data do velório será anunciada nos próximos dias. Tenho certeza de que muitos de vocês estarão presentes.

Enquanto Ames falava sobre os feitos de Bankole, Sloane descarregou furiosamente da caneta para o papel as ações que foi formulando enquanto voltava para o escritório.

Ames olhou para ela, que pousou a caneta.

— Vamos tentar ficar em sintonia aqui. — Ele juntou as mãos na mesa. — Pedi a Grace que começasse falando sobre as obrigações legais que a Truviv tem como empresa de capital aberto. Grace?

Grace endireitou a coluna. Sloane se perguntava com frequência se seu rosto passava pela mesma transformação quando *ela* precisava assumir uma postura de autoridade em algum assunto na empresa. Aos vinte e poucos anos, tinha certeza de que sim. Na época, ela se via vestindo uma máscara de confiança, abaixando a voz, eliminando os “tipo” da fala, firmando os joelhos, lembrando a si mesma que, sim, ela *era* qualificada. As mudanças em Grace eram mais sutis. Em Grace, via o queixo erguido. Os ombros eretos. Como a maioria das mulheres, Sloane raramente notava essas pequenas traições da autoconfiança nos colegas do sexo masculino. Seria porque elas não aconteciam? Ou só não estávamos afinadas o suficiente para enxergá-las?

— Claro — disse Grace, e deu início a uma explicação que envolvia a Comissão de Valores Mobiliários, o formulário 8-K e a atualização do site da empresa. Na ausência inesperada de um presidente, a transparência, disse Grace, era fundamental. — Vou enviar um memorando explicando tudo isso — finalizou ela.

— E estamos preparando uma declaração. — Kunal estendeu o dedo, batucando a mesa para dar ênfase. — Até que esteja pronta, por favor, respondam a qualquer contato da imprensa dizendo que estamos muito consternados com a perda de Desmond, tanto pessoal quanto profissionalmente. — Seus grandes olhos castanhos observaram cada rosto na sala. — De jeito

nenhum respondam “nada a declarar”. Acionistas *odeiam* a expressão “nada a declarar”. Entenderam? Vamos tentar finalizar a declaração até amanhã de manhã. Funciona para você, Sloane?

Sloane se recostou na cadeira.

— Parece viável — respondeu ela, decidida. Os homens podiam não se comprometer. Essa era considerada uma atitude cuidadosa. Se Sloane hesitasse, pareceria que ela não tinha a menor ideia do que estava fazendo. — Precisamos enfatizar o plano de sucessão da firma e analisar exemplos recentes de empresas que lidaram com a doença ou a morte de um presidente de maneira particularmente eficiente. Algumas me vêm à cabeça, como o Mc...

— Na verdade — interrompeu Ames, fazendo os dedos dos pés de Sloane se contraírem automaticamente —, acho que deveríamos analisar o caso do McDonald's. Eles passaram por uma situação similar. Dois presidentes morreram em um espaço de dois anos. O primeiro foi uma morte súbita. E o caso da Imation. Eu me concentraria nesses dois exemplos, Kunal.

Sloane engoliu a frustração. Àquela altura de sua carreira, ela já havia usado todas as respostas possíveis. Sua favorita era um educado “Interessante, é bem parecido com o que acabei de dizer”, com seu melhor sotaque sulista. Mas, depois de ouvir aquilo, ela disse apenas:

— Ótima ideia, Ames.

Ele esfregou as mãos, satisfeito.

— Muito bem, todos já sabemos o que é preciso fazer. A porta da minha sala está sempre aberta se precisarem de mim.

Eles se levantaram. Sloane recolheu a ponta da caneta com um clique. A parte interna do dedo médio direito estava salpicada de tinta. Ardie e Grace, que estavam sentadas diante dela, circundaram a mesa para passar a seu lado antes de saírem da sala.

— Sinto muito — sussurrou Ardie, enquanto balançava a cabeça lentamente.

Grace estreitou os lábios e segurou a mão de Sloane por alguns instantes. Sloane viu uma mancha úmida na frente da blusa de seda de Grace que ela soube, sem sombra de dúvida, que não ia sair. Era um desperdício usar qualquer peça de roupa de seda durante a amamentação. Ela precisava dizer isso a Grace.

— Katherine. — Ames ergueu um dedo, dirigindo-se à mulher desconhecida, que continuava na sala mesmo depois que todos já tinham ido embora. — Pode esperar aqui um momento? Só preciso entregar para Sloane o rascunho do comunicado que está na minha mesa. — Ele olhou para Sloane. — Você se importa de dar uma passada na minha sala?

Ao contrário do que Ames tinha dito, a porta da sala dele na verdade não ficava sempre aberta. Nem no sentido literal nem no figurado. Sloane o seguiu enquanto ele andava dois passos à sua frente pelo corredor estreito.

Ele abriu a porta da sala, e os dois entraram juntos no Santuário — uma parede coberta de fotos de Ames com atletas famosos. A Truviv, Inc. era a principal marca de roupas esportivas do mundo, patrocinadora de todos os grandes atletas do país. Em uma das fotos, lá estava ele jogando golfe com Tiger Woods. Em outra, sentado na lateral da quadra com Kevin Durant, que havia sofrido uma contusão. E — veja só! — outra foto espontânea jogando beisebol com Justin Verlander e a esposa, Kate Upton. Se Ames tinha noção de que os homens e as mulheres imortalizados em sua parede talvez só fossem seus amigos porque a Truviv assinava grande parte dos seus cheques de patrocínio, ele não se importava. De qualquer maneira, Sloane considerava o Santuário o equivalente socialmente aceitável de uma foto do próprio pênis.

— Então... — disse ele, virando-se para se apoiar na mesa.

Ames já estava na casa dos quarenta anos, mas era o tipo de homem que ficava bem de terno cinza, cada vez mais bonito conforme envelhecia. Pelo menos isso era o que Sloane sabia objetivamente ser verdade, embora àquela altura tivesse dificuldade de reconhecer sua beleza. Havia se tornado mais um fato a respeito de Ames no qual ela não acreditava.

— O Desmond partiu. — Ele apertou os olhos com os polegares. — Por essa eu não esperava.

— Eu... Sim, é uma grande perda.

Sloane se permitiu avançar mais um passo para dentro da sala. Desde que recebera a notícia, era a primeira vez que pensava na morte do presidente no que diz respeito às condolências. Era terrível. Ele tinha filhos, dois, pelo que lembrava, pouco mais velhos que Abigail. Ela planejava processar a morte dele naquela noite junto ao marido, Derek, enquanto tomavam uma taça de vinho — o melhor *chardonnay* que tivessem na geladeira. Ela se lembraria de Desmond, com seu semblante alegre e atento, sentado na primeira cadeira do lado esquerdo da mesa de reunião, ouvindo enquanto ela fazia apresentações trimestrais para os executivos da empresa.

— Você se lembra de como ele sempre chamava você de srta. Sloane? — Ames cruzou os braços. Seus ombros se sacudiram com uma risada baixinha e bem-humorada. — Como se você fosse uma professora da pré-escola?

A lembrança provocou um breve sorriso.

— Nossa, lembro. Mas isso não me incomodava. Vindo dele.

— Ele gostava de você.

Ames se afastou e deu a volta na mesa, onde começou a digitar no teclado sem se dar ao trabalho de sentar na cadeira. Ela esperou, sem saber se precisava dirigir alguma atenção ao que quer que ele estivesse fazendo no computador.

— Desculpe a mudança de assunto, mas quem era aquela mulher? — perguntou Sloane. — Katherine, não era?

Ele abriu uma gaveta e pegou algumas balas de canela — uma fixação oral para conter o hábito de fumar.

— Katherine Bell. Vou apresentá-las. Acabei esquecendo no meio de tudo isso. Um segundo, por favor.

Ele digitou mais alguma coisa antes de olhar para Sloane novamente.

Sloane tinha a impressão de que às vezes Ames sofria de uma espécie de amnésia seletiva a respeito dos primeiros anos dos dois na empresa. Em alguns momentos, essa parecia ser a única coisa a respeito dela da qual ele se lembrava. Naquele dia, ele claramente estava inclinado a fingir que o passado não existia.

— É funcionária nova — disse ele. — Tem uma vasta experiência corporativa. Vai trabalhar no seu departamento. Tenho certeza de que vai considerá-la uma adição muito valiosa.

Sloane inclinou a cabeça na direção de Ames, como se não tivesse escutado direito.

— Meu departamento?

— Isso.

— E você não pensou em me consultar sobre contratar alguém novo para o *meu* departamento? — Sua voz soou aguda demais. *Estridente*, ele diria. — Eu sou a vice-presidente sênior desse departamento.

Fazia anos desde a última vez que Ames aprontara uma dessas com ela — anos! E Sloane quase pôs tudo a perder, todos aqueles meses mantendo a calma, lidando com Ames e suas merdas inacreditáveis, com um súbito rompante da mais pura raiva.

Ele se curvou a fim de olhar para a tela do computador.

— E eu sou o diretor jurídico. Quer dar uma olhada no meu currículo?

Sloane já podia se imaginar relembrando a conversa naquela noite, diante do espelho, enquanto escovava os dentes, desejando que tivesse sido diferente.

— Onde Katherine vai ficar? — Ela mudou o rumo da conversa.

— Achei que você pudesse se encarregar disso. Afinal — ele abriu um sorriso

sedutor, e uma covinha surgiu em seu queixo —, você é a vice-presidente sênior.

— Certo.

Ela respirou fundo e compartimentalizou. Até porque eles não poderiam deixar uma advogada, mesmo uma que Sloane não havia solicitado, sem ter o que fazer na sala de reunião para sempre. Ela apoiou o bloco de anotações no antebraço e acrescentou *Arrumar uma sala para Katherine* à lista de providências, bem no topo. Que dia pouco auspicioso para começar. E ela parecia tão jovem, a pele tão *hidratada*! A palavra “ingênua” surgira em sua mente, embora isso fosse ridículo. Ela devia ter pelo menos trinta anos, mais velha do que Sloane quando começou a trabalhar na empresa.

Sloane se virou para ir embora, esquecendo-se por um momento da razão que a levava até lá.

— Sloane. O rascunho. — Ames finalmente tinha decidido se sentar e estava clicando em algo que ela não conseguia ver porque a tela estava virada. Ele indicou com a cabeça o bloco de anotações em cima da mesa. — Eu fiz a primeira versão. Quero ver o comunicado antes de ser divulgado.

Sloane voltou a se aproximar da mesa. Havia uma tesoura aberta em cima do bloco de anotações. As lâminas prateadas formavam um X agressivo sobre as páginas amarelas. Ela sentiu privação de sono, pilhas de contas a abrir e raiva. Seus dedos pairaram sobre o metal frio. Às vezes, quando se via em lugares muito altos, Sloane tinha medo de ser tomada por um ímpeto de pular da beirada do prédio. Todas entendíamos essa sensação: como, em um estalar de dedos, Sloane — ou qualquer uma de nós — poderia pegar a tesoura e cravá-la no pescoço de Ames.

Ela pegou o bloco de anotações, a ponta dos dedos umedecendo as páginas devido ao suor.

— Eu mando o comunicado para você em uma hora — disse ela, a falsidade se insinuando na voz quando fugiu da sala de Ames Garrett, não pela primeira vez.

Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Diga seu nome, por favor.

Ré 1: Sloane Glover.

Sra. Sharpe: Qual é sua profissão, sra. Glover?

Ré 1: Trabalho como advogada na Truviv. Meu cargo formal é vice-presidente sênior de assuntos jurídicos na América do Norte.

Sra. Sharpe: Há quanto tempo trabalha na Truviv?

Ré 1: Treze anos.

Sra. Sharpe: É bastante tempo. Mais do que a maioria das pessoas costuma permanecer em um emprego, imagino. O que a manteve na Truviv por tantos anos?

Ré 1: Eu ocupo um cargo muito cobiçado. Cargos corporativos na área jurídica, especialmente os com bons salários, são difíceis de encontrar. A Truviv é uma empresa muito conhecida. Muita gente seria capaz de matar... Desculpe, eu não quis... Muita gente gostaria de ter o meu emprego.

Sra. Sharpe: E como conheceu o sr. Ames Garrett?

Ré 1: Ames fazia parte do grupo que me entrevistou antes de eu sair do escritório Jaxon Brockwell e ir para a Truviv, então acho que foi aí que nos conhecemos.

Sra. Sharpe: Você participou de muitos projetos com o sr. Garrett?

Ré 1: Não até trabalharmos na venda de uma marca subsidiária, acho. Naquela época, ele estava na empresa havia mais ou menos cinco anos. Estava organizando o material da auditoria jurídica a ser enviado para o advogado da outra parte, e eu o assessoriei.

Sra. Sharpe: E como era a relação entre vocês nessa época?

Ré 1: Boa.

Sra. Sharpe: O que quer dizer com "boa", sra. Glover?

Ré 1: Eu o considerava inteligente e ambicioso. Ele me ensinou muito sobre a condução de um processo de venda. Nós nos dávamos bem.

Sra. Sharpe: Entendo. E quando começaram a ter um caso?

CAPÍTULO 3

20 DE MARÇO

Nós lemos *Faça acontecer*. Acredite: o livro era praticamente obrigatório na cena profissional feminina da cidade. Quando nossas amigas precisavam de conselhos, era nosso dever moral dizer a elas de maneira sincera e sábia, quase implorando: “Amiga, o que você precisa é *fazer acontecer*.”

Então líamos todas as duzentas e quarenta páginas enquanto fazíamos luzes no cabelo, e ouvíamos o audiolivro enquanto dirigíamos nossos Land Rovers pela estrada. Precisávamos de alguém que nos dissesse o que estávamos fazendo de errado e o que era preciso fazer para corrigir. Alguém que nos lembrasse de que não estávamos ganhando dinheiro o bastante, nem subindo na carreira rápido o bastante, nem nos esforçando o bastante. Fantasiávamos sobre nossas carreiras, íamos a eventos de *networking* para mulheres, ansiávamos por riscos profissionais que pudéssemos assumir. Seguíamos a receita, ajustávamos o *timer* para dali a dezoito meses e imaginávamos que, àquela altura, o teto de vidro teria se estilhaçado sob o peso de todas as mulheres do mundo que *faziam acontecer*.

Quando foi exatamente que nos demos conta de que a fórmula não estava funcionando? Foi durante a eleição? Antes disso? É difícil registrar diferenças no *status quo*. É como tentar medir ligeiras mudanças de temperatura sem um termômetro. Mas a sra. Sandberg tinha razão a respeito de uma coisa. Tínhamos que fazer acontecer.

Era a única maneira de ouvir os sussurros.

* * *

De três em três minutos, um purificador de ar automático pulverizava um desinfetante com aroma cítrico, fazendo Grace, com um sobressalto, se lembrar de onde estava. Em um banheiro público. Sentada na privada. Olhando distraída seu *feed* do Instagram. A calcinha pendurada entre os tornozelos.

Fora a isso que a maternidade a reduzira. Era culpa da privação de sono.

Todos prometiam que ia passar. Que logo, logo ela voltaria a se sentir como a pessoa que era antes.

Ela queria que a pessoa que era antes se apressasse um pouco mais, caramba.

A porta do banheiro se abriu e dois pares de saltos entraram.

Grace poderia ter anunciado sua presença desenrolando um pedaço de papel higiênico ou ficando de pé para acionar a descarga automática, mas, antes que pudesse se mexer, um dos pares de saltos parou diante do espelho e disse:

— Danielle me encaminhou aquela planilha. Meu Deus, quem poderia imaginar que havia tantos canalhas em Dallas?

Grace desviou o olhar da tela do celular. Semicerrou os olhos. Abaixou a cabeça para ver os saltos parados diante do espelho: cor-de-rosa, bonitos, mas não muito sofisticados. Steve Madden, talvez.

A mulher de saltos rosa talvez estivesse retocando a maquiagem diante do espelho. A outra garota, de saltos de couro, entrou em um dos reservados e girou o trinco.

— Você deveria ter me falado. Eu recebi, tipo, faz uns três dias.

Grace não conseguiu identificar a voz. (Nossas vozes eram pouco mais que um artifício. Vivíamos na época das vozes crepitantes e das afirmações pronunciadas como se fossem perguntas. E nos odiávamos por isso.) Conversar no banheiro combinava duas atividades que não deveriam acontecer ao mesmo tempo, mas Grace se lembrava de como era ser jovem, quando entrar no banheiro juntas, conversar e se revezar na hora de usar um vaso sanitário imundo era um símbolo de intimidade. Ela sentiu uma leve pontada de saudade.

— O mais bizarro — continuou Saltos de Couro — é que um dos caras na lista é o melhor amigo do meu pai.

Diante da pia, Saltos Rosa disse:

— Caramba. — Grace ouviu o estojo de pó se fechando. — E ele nunca agiu, sabe, estranho com você?

Grace se lembrou de seus Ferragamos com lacinho, que certamente estariam bem visíveis por baixo da porta do reservado se uma das garotas se desse ao trabalho de olhar. Será que deveria tirá-los? Ou estaria indo longe demais?

Ela não conseguiu decidir o que fazer, então não fez nada.

— Não, ele sempre foi muito legal comigo. Uma versão de legal normal, tenho quase certeza. Minha família jantou com ele mês passado.

— Mas já imaginou se fosse o *seu* pai? — perguntou Saltos Rosa. — Porque essa é a questão. Eles são. Os pais de alguém, quero dizer. Imagine como seria receber isso no seu e-mail e ver o nome do seu pai e do lado “pediu que eu

enfiasse o dedo em seu cu”. Acha que ia conseguir olhar para ele da mesma forma?

Grace achava que Saltos Rosa era a estagiária do departamento jurídico, uma estudante do primeiro ano de direito que trabalhava alguns dias por semana na Truviv. Não era de uma das grandes faculdades, se bem lembrava. *O nome era Olivia? Sophia?* Um dos dois.

— Ei, pode parar por aí — disse Saltos de Couro. — Mark Souls é um homem honrado. E eu não preciso dessa imagem na minha mente.

Certo, aquela voz pertencia a Alexandra Souls, uma das advogadas jovens especializadas em direito empresarial que Sloane tinha contratado no ano anterior. Grace gostava de Alexandra. E Alexandra e Olivia-ou-Sophia eram colegas de faculdade, não?

O interessante era: Grace só tinha ouvido as pessoas falarem sobre a morte de Bankole naquele dia. Talvez elas fossem novas demais ou estivessem muito abaixo na hierarquia para se importar.

Ou talvez simplesmente achassem que aquele assunto merecia mais destaque. Elas realmente *deveriam* checar por baixo das portas dos reservados.

— Você acha que isso é verdade? Essa coisa sobre o... cu? — perguntou Olivia-Sophia, soando mais animada do que escandalizada.

Alexandra riu.

As pontas dos sapatos de Olivia-Sophia se viraram na direção dos reservados.

— Você acrescentou o nome de alguém? — perguntou ela.

Grace ouviu o barulho da descarga.

— Não... Eu não... — respondeu Alexandra. A resposta soou como uma arma carregada. As dobradiças rangeram quando ela saiu do reservado. — E você?

Mas naquele momento Alexandra devia estar lavando as mãos, porque o barulho da torneira abafou suas vozes. Em seguida, o secador.

Grace pressionou as têmporas. Estava tentando juntar as peças. Alexandra e Olivia-Sophia tinham recebido uma planilha. Que devia conter uma espécie de lista. Uma lista de homens canalhas, elas tinham dito. E estavam passando a lista entre si. *Discutindo-a*. (Grace estava tomando conhecimento dela naquele momento, mas várias de nós já tinham visto. E acrescentado nomes. Usávamos endereços de e-mail falsos, nomes de usuário falsos e cópia oculta como se estivessem saindo de moda mais rápido do que macacões de corpo inteiro e mangas morcego.)

A torneira se fechou subitamente.

— Não importa — afirmou Alexandra. — Aquele cara obviamente fez alguma coisa que irritou alguém. Tenho certeza de que mereceu. Todos eles deveriam perder o emprego.

Grace estremeceu. *E o direito a um julgamento justo?*, pensou, embora na mesma hora tenha se sentido a caxias da faculdade de direito, o que achava que de fato tinha sido.

Alexandra e Olivia-Sophia estavam indo embora, então Grace não conseguiu ouvir o resto da conversa, apenas o murmúrio de vozes abafadas pela porta fechada, deixando-a no banheiro apenas com a companhia de uma sensação inquietante.

Embora, pensando bem, essa sensação talvez já estivesse lá.

CAPÍTULO 4

20 DE MARÇO

Nenhuma de nós tinha tempo. Para nada, aparentemente. Se o tempo era dinheiro, estávamos todas indo à falência. Às vezes, víamos entrar na lista de mais vendidos do *New York Times* um livro com o título promissor de *Eu sei como ela consegue* ou *Sobrecarregada*. Durante algumas semanas, emprestávamos o livro umas para as outras, tentando usar os conselhos como uma nova dieta da moda. Mas para todas havia — *como dizem os gurus?* — obstáculos institucionais.

Em primeiro lugar, tínhamos menos tempo do que todos os homens da empresa. Isso era um fato. Trinta minutos para secar o cabelo de manhã. Dez minutos para alisar e fazer cachos. Quinze minutos para aplicar a maquiagem. Três minutos para colocar os acessórios. Dezesseis minutos para escolher uma roupa. Quarenta e cinco minutos de atividade aeróbica no fim da tarde, seguidos por quinze minutos de abdominais vez ou outra. Se acha que estamos inventando tudo isso, é só dar uma olhadinha rápida nas fotos de perfil da equipe no site da empresa para entender o que queremos dizer.

Havia economias de escala também. O tempo era um recurso finito, então quem deveria ficar com a maior parte dele? Aquelas de nós que éramos mães tinham o argumento mais convincente: *Pense nas crianças!* Mas e as outras? Ficávamos sentadas em nossas salas ouvindo o tique-taque do relógio biológico enquanto ele contabilizava cada oportunidade perdida de sair com alguém, cada encontro casual perdido, cada oportunidade perdida de conhecer alguém com quem poderíamos de fato desejar ter um filho. Então, a propaganda enganosa. Quando de fato nos tornávamos esposas e mães, o valor de nosso tempo aumentava na mesma proporção que a quantidade despencava.

Não se tratava de dedução de custos fixos. Talvez tivéssemos decidido renunciar às fotos de crianças vestidas de xadrez no cartão de Natal e não ter filhos, mas muitas vezes isso parecia uma escolha pela carreira, e apenas a carreira. Uma decisão tácita de abrir mão do nosso tempo livre. Alguém deveria

oferecer um curso de pós-graduação sobre a complexidade do nosso tempo. Será que a Shonda Rhimes estaria disponível?

Sloane estava olhando para a tela do computador havia muito tempo. Lá fora, o sol tinha se posto. O horizonte de Dallas — com seu orbe cintilante e suas pontes suspensas iluminadas — aos poucos dava lugar à vistosa fachada luminosa, estendendo-se da calçada ao céu, do hotel Omni.

Ela esfregou os olhos, sem se importar se ia deixar borrões pretos nos cantos. Recém-formada na faculdade de direito e trabalhando em um escritório de advocacia, ela sabia dizer com precisão há quanto tempo estava revisando o formulário 8-K. Escritórios de advocacia forçavam seus advogados a medir o tempo em intervalos de seis minutos. Mas isso fora dois escritórios e mais de uma década antes. No entanto, às vezes Sloane ainda se via mantendo silenciosamente um registro de seu tempo:

6 minutos comendo *pho*

12 minutos trocando mensagens de texto com Derek e Abigail

6 minutos lendo besteira na internet

4,5 horas revisando comunicados para a imprensa e tabelas de dados
para o registro junto à Comissão de Valores Mobiliários

Seu telefone vibrou no suporte do computador. Era Derek. Ela atendeu no segundo toque.

— Ela está viva!

Sloane amava a voz do marido. Ela o imaginou, apoiado na ilha da cozinha, o cabelo ruivo um pouco comprido demais em torno das orelhas, usando uma camiseta surrada do Nirvana — a mesma do dia em que se conheceram, que ela ainda gostava de surrupiar pelo menos uma vez por semana para dormir.

Havia quatro chamadas perdidas.

— Desculpa. Eu sou horrível. Já considerou arrumar outra esposa?

Anos antes, Derek tinha estabelecido a regra de que Sloane estava proibida de se desculpar por fazer seu trabalho. Mas ela achava que podia quebrar essa regra de vez em quando.

— Está tudo bem — disse ele com seu jeito tranquilo. Não que o trabalho dele não fosse estressante. Derek era professor do ensino fundamental, e pré-adolescentes eram um pesadelo. Mas era um tipo diferente de estresse, e os estresses deles nunca precisaram competir. — Só liguei para saber como você está. Ah, mandei os formulários de autorização para Abigail participar da

caminhada na semana que vem e paguei o recital de piano, então pode riscar esses dois itens da sua lista.

— Você sabe como eu adoro riscar itens — disse ela, analisando uma linha do formulário que já havia tentado ler três vezes. Tinha se esquecido completamente do que estava fazendo. — Obrigada.

Houve um breve silêncio, apenas o suficiente para que ambos lembrassem que tinham discutido na noite anterior. Quanto mais tempo passavam casados, mais fácil era apertar o botão de pausa em um desentendimento acalorado e retomá-lo mais tarde — de preferência, antes de irem para a cama. Mas lá estava ele de novo. Como um pequeno hematoma compartilhado que ela acabara de lembrar como conseguira.

— Como ela está? — perguntou Sloane no mesmo momento em que Derek disse:

— Ela parece bem. Estou de olho desde que chegou em casa.

A briga tinha sido por causa de Abigail. Ultimamente, todas as brigas eram por causa da filha. Ela quase podia ouvir a voz de Derek em sua mente dizendo: *Não foi uma briga, foi um desentendimento*. Tudo bem, mas Sloane gostava de hipérboles e, em se tratando da filha, achava que tinha esse direito.

Tudo começara alguns meses antes. Abigail ficou irritadiça de repente. Parou de brincar com as bonecas. Sloane tinha pedido, de forma bastante inocente, que ela fizesse o favor de recolhê-las, e Abigail tinha gritado — e Sloane estava parafraseando — que talvez todos ficassem mais felizes se ela morresse.

Derek achava que Sloane estava exagerando. Ele dava aulas de inglês para turmas do sétimo ano, o que, na sua opinião, significava que era um especialista em desenvolvimento infantil. Mas Sloane era especialista no que dizia respeito à filha. Ele a levou a um psicólogo, o qual assegurou que aquela coisa de “morte e morrer” era uma fase perfeitamente normal do desenvolvimento da menina.

“Eu já disse, Sloane. É perfeitamente normal”, Derek tinha repetido no caminho para casa, como se ele também tivesse um doutorado em psicologia.

Mas alguns dias depois Sloane viu as mensagens chegando no telefone de Abigail. *Vagabunda. Vadia. Puta*. Cada uma delas parecia um tiro no peito. Ninguém tinha dito a ela antes de se tornar mãe que sua imunidade a todas essas coisas — como xingamentos e competições por popularidade —, desenvolvida com tanto afinco, desapareceria no segundo que alguém as usasse contra a filha.

Ela sacudiu o telefone de Abigail na cara de Derek e gritou:

“Isso é normal? Por acaso isso é *peeeerfeitamente* normal, Derek?”

É claro que aquilo não tinha sido justo com Derek, o pai que sabia os nomes

de todos os colegas de classe de Abigail e levava donuts para as professoras. Quando leu aquelas mensagens, ele agiu de forma tão espantosamente paternal que no fundo ela achou um pouco atraente.

Sloane queria processar a Secretaria de Educação por causa do que tinha acontecido. Medidas corretivas. Proteção adequada. Consequências legais, se não a levassem a sério. Mas a Secretaria de Educação também era o empregador de Derek, o que significava que ele achava melhor que ela “pegasse leve”. Ele tinha usado exatamente essas palavras.

Os dois se mostraram unidos durante a reunião, e Sloane deixou que Derek ficasse à frente de tudo, como ele havia pedido. Insistido, na verdade. Não foi nada bom.

Ao telefone, ela o ouviu coçar o queixo áspero. Sloane continuou digitando durante a pausa porque não podia se dar ao luxo de parar.

— Sloane, sinto muito, eu...

Ao ouvir uma leve batida na porta, ela girou a cadeira. Ardie estava apoiada no batente, as calças e o blazer preto mais amassados do que de costume.

— Derek, desculpa, mas tenho que desligar. — Ela ouviu o marido suspirar e foi tomada por uma onda de remorso. — Amo você.

— Não se mate de trabalhar — disse ele antes de desligar, e Sloane sabia que o marido tinha mesmo dito aquilo de um jeito altruísta, como quem diz por-favor-não-tenha-um-colapso-nervoso, da mesma maneira que confiscava seu laptop depois das onze porque tinha lido em algum lugar que a luz azul prejudicava o sono.

Sloane colocou o telefone do outro lado do teclado.

— Está parada aí há muito tempo?

Ardie entrou e apoiou as mãos no encosto da cadeira diante da mesa de Sloane.

— Tempo suficiente para ver que você precisa ir para casa. — Ela entregou a Sloane uma pasta sanfonada marrom. — Eu trouxe a contestação de impostos da fábrica de Waco. Desculpe, eu sei que é mais uma coisa para você revisar. Mas, se faz você se sentir melhor, eu ainda nem comecei a revisar os modelos tributários para aquisição do serviço de assinatura de caixas.

Sloane largou a pasta em cima da mesa. *Plaft*. Queria falar com Ardie já fazia algumas semanas, desde que tinha ficado claro que o segredinho que vinha guardando da amiga — que não era *nada* de mais — estava se tornando uma questão duradoura. Mas aquele realmente não era o dia ideal para abrir a caixa de Pandora. Tudo bem, isso meio que soava como uma desculpa, mas não era.

Estava mais para uma estratégia.

— Fiquei sabendo que o departamento de vendas tirou o resto do dia de folga em luto pela morte de Bankole, dá para acreditar? — disse Sloane, mudando de assunto.

Ardie arregalou os olhos de forma dramática.

— Veja bem, Sloane, você não devia menosprezar essas coisas. Esses sentimentos juvenis são *válidos*. — Ela pressionou as palmas uma na outra como se meditasse. — Não podemos esperar que eles trabalhem e sintam as coisas ao mesmo tempo. *Lidere* com empatia, ok?

Uma das melhores características de Ardie era que ela sabia ser cruel na medida certa quando Sloane mais precisava. Um dos princípios mais importantes para Sloane era que mulheres não podiam ser amigas de verdade a não ser que estivessem dispostas a falar mal dos outros juntas. Era o que ela conhecia de mais parecido com um pacto de sangue que não envolvesse facas.

— Eu, tipo, peço minhas mais sinceríssimas desculpas. — Sloane colocou a mão no peito e fez a melhor cara de arrependida, ou pelo menos era o que esperava. Tinha acabado de começar uma série de aplicações de botox (estava ligeiramente acima dos quarenta, afinal) e não tinha mais certeza de como seu rosto ficava em nenhum momento. — Se fossem espertos, eles estariam tentando descobrir quem vai ser o novo presidente.

— Se fossem espertos, estariam preocupados com o preço das ações.

— Você acha que vão trazer alguém de fora? — perguntou Sloane.

— Eu sei tanto quanto você, mas quer saber o que eu acho? Trazer alguém de fora demoraria muito. Bem — suspirou ela —, a creche do Michael cobra um dólar por cada minuto que me atraso para buscá-lo, o que significa que já estou devendo... — Ela deu uma olhada no relógio. — Um zilhão de dólares.

— Achei que você fosse paga para ser boa em cálculo.

— Ah, mas é isso mesmo. Esse é um valor preciso, garanto...

Elas pararam de repente.

À porta, Katherine carregava o suéter dobrado em um dos braços. Ela olhou para as duas.

— Sloane, se você estiver de acordo, vou encerrar o expediente.

Ela fez um movimento acanhado para prender uma mecha de cabelo atrás da orelha. *Estranho*, pensou Sloane, *o cabelo de Katherine é curto demais para prender em qualquer lugar*. Era como tentar tocar um membro fantasma.

Apesar de toda a legítima indignação, Sloane tinha quase se esquecido de Katherine. Não soubera o que fazer com ela no primeiro dia de trabalho.

Katherine era tão bonita que Sloane precisava lembrar a si mesma de gostar da moça. Quanto mais envelhecia, mais se via odiando mulheres jovens e bonitas. Era um impulso terrível, que Sloane reprimia com afinco.

Ela abriu um sorriso exausto.

— Ah, sim, por favor, vá para casa, e amanhã venha falar comigo sobre as casas. Já não consigo lembrar. São bonitas? Têm camas? Travesseiros? É lá que as pessoas guardam seus pij...? — Ela se interrompeu. Tinha visto algo, uma sombra no corredor. Sloane se levantou com os pés descalços e se aproximou da porta na ponta dos pés para espiar atrás da moça. — Tem alguém *escondido* atrás de você?

Ames enfiou a cabeça pelo vão e pigarreou.

— Não, não, sou só eu. — Ele acenou para Ardie e assentiu para Sloane. — Prometi a Katherine que ia levá-la para tomar um drinque, como forma de boas-vindas, saber mais sobre sua experiência, esse tipo de coisa.

“*Prometi.*” A palavra ecoou no cérebro de Sloane. Soava tão paternal vindo dele.

Sloane sabia que deveria dizer algo. Sua mente se movia lentamente. Havia acontecido tanta coisa naquele dia. Desmond tinha *morrido*. Menos de doze horas antes, na verdade. Seu corpo mal tinha esfriado e Ames estava levando a nova funcionária — Katherine — para tomar uns drinques. Aquilo não podia estar certo, podia? Mas eles estavam parados lá, olhando para ela, esperando e, sim, ela havia escutado direito o que Ames dissera. Tinha certeza. Ames ia levar Katherine para tomar uns drinques. Naquela noite.

A memória emergiu sem que ela pudesse impedir.

Um alerta pontual que Sloane recebera de sua mentora no escritório Jaxon Brockwell, Elizabeth Moretti, no dia em que anunciou que tinha conseguido um emprego na Truviv. Nos dois anos que passou no Jaxon, Elizabeth a puxara apenas duas vezes para um canto com aquela cara, o olhar que dizia nas entrelinhas: “Sou mais velha que você, tenho mais experiência, já vi muitas coisas.” Naquele dia, ela olhou para Sloane e disse: *Tome cuidado com Ames Garrett.*

Certo. Bem, não fez diferença alguma, já que em seu primeiro dia na Truviv Sloane apertou a mão de Ames com confiança, e seis meses depois eles estavam transando.

Agora, Ames olhava para ela. Ardie olhava para ela. E Katherine olhava de um para outro sem parar, como se ainda estivesse tentando entender o que estava acontecendo. Sloane encarou a mesa. Telefonemas que precisava retornar. E-

mails que precisava mandar. Fechou os olhos com força, um sinal de que estava prestes a fazer algo de uma estupidez colossal.

— Ótima ideia — disse ela. — Vou pegar minha bolsa.

Ames e Katherine a encararam. Não era como se ela tivesse dito que ia entrar para o circo, pelo amor de Deus.

Ele parecia achar graça.

— Achei que você estivesse atolada de trabalho.

— O atoleiro vai continuar aqui quando eu voltar.

Ela também podia ter uma amnésia temporária.

Ames balançou a cabeça lentamente.

— Certo — disse ele. — Esperamos você no elevador.

E deu dois tapinhas no batente da porta ao passar, enquanto ele e Katherine saíam.

Ardie encarou Sloane.

— Tem certeza?

Sloane olhou para o teto, as palmas voltadas para cima.

— Não, é claro que não tenho certeza, Ardie.

— Então por quê...?

— Você sabe exatamente por quê.

Ardie cruzou os braços e ergueu uma sobrancelha, questionadora.

— Não sei — respondeu Sloane, exasperada. Ela apontou para a porta e abaixou a voz. — Talvez eu esteja querendo evitar o abate do cordeiro sacrificial da vez. Você deve tê-lo visto por aí. Mais ou menos um metro e sessenta e cinco. Cabelo curtinho. Rosto de boneca. Feliz? — Ela pegou a bolsa e pendurou no ombro direito. — Vai ser só um drinque.

Ela ergueu um dedo diante do rosto cético de Ardie.

— Um só — cedeu Ardie. — Você vai para o céu.

Sloane fechou os olhos, exausta. Sentiu os vincos fantasmas querendo se aprofundar na ponte do nariz. Ela sabia que se pedisse, se fizesse o menor sinal, Ardie iria com ela, independentemente do horário para buscar o filho na creche. Sloane tinha muita sorte.

— Vindo de você — disse ela —, isso significa muito.

Ela segurou o pulso da amiga por um segundo, desejando ficar ali. Elas mantinham uma garrafa de gim pela metade no arquivo, sobra da última vez que tiveram que salvar uma mulher de Ames Garrett. Só que da última vez a mulher tinha sido Sloane.

Serviço de Mensagens Instantâneas da Truviv

21/04 — 16:31

Destinatário: Sloane Glover

Remetente: [Bloqueado]

Vagabunda.

Vadia.

Putá.

CAPÍTULO 5

20 DE MARÇO

Trocávamos poucas palavras no elevador. Entrávamos, cheirando a xampu e enxaguante bucal. A suave pressão sob os pés, nos levando para cima, nos transportando para nossos andares. Toda vez que as portas se abriam, surgia um pequeno portal para outro mundo.

Viramos especialistas em classificar umas às outras pelos respectivos andares antes mesmo que o botão fosse apertado. Marketing? Bem-vinda ao oitavo andar, o cemitério de ex-animadoras de torcida no limbo enquanto decidem se fazem ou não pós-graduação. Líder do setor de vendas no décimo segundo andar? Reparávamos em suas unhas perfeitamente manicuradas tamborilando na tela do celular, a bolsa de marca pendurada no ombro anunciando que seu ano estava correndo realmente bem. Podíamos perguntar discretamente a uma coordenadora de desenvolvimento de produto onde tinha comprado os óculos novos. Ou abrir espaço para a mulher de terninho preto que entrou depois de nós e apertou resolutamente o botão do décimo quinto andar.

Mas o que sabíamos de fato umas sobre as outras? Estávamos separadas por aço e patamares. Nossos universos pareciam desconectados, esbarrando-se apenas ocasionalmente devido à proximidade. Ou era o que pensávamos.

Bastava que batêssemos na porta dos mundos umas das outras para descobrir como nossas histórias se entrelaçavam, entremeando fios em comum em um nó atado por nós mesmas.

Foi isso que aconteceu quando Rosalita e Crystal, a garota nova, estavam de pé em frente à porta de uma sala do décimo quinto andar. Alarmada, Crystal sussurrou:

— Tem alguém lá dentro.

Ela se afastou subitamente, como se a porta a tivesse queimado. Rosalita soltou um suspiro, sem esconder a irritação, o que era seu objetivo.

Eram nove e meia da noite. Juntas, Rosalita e Crystal estavam limpando os andares às escuras, aspirando e esvaziando lixeiras, passando pano em bancadas

e repondo rolos de papel higiênico. Os aquários das salas eram verdadeiros buracos negros. Lá dentro, as luzes automáticas do corredor iluminavam o cubículo no qual as duas mulheres trabalhavam. Quando saíam, as luzes se apagavam.

As luzes costumavam incomodar Rosalita. Faziam com que se sentisse sob um holofote, sendo observada. Pior: às vezes um conjunto de lâmpadas se acendia no fim de um corredor, e ela ficava paralisada, com o coração acelerado, esperando que alguém surgisse. Ninguém aparecia, e ela terminava a ronda olhando por cima do ombro de tempos em tempos.

“Mariposas”, sua supervisora lhe dissera certa vez. Isso fora anos antes, quando Rosalita tinha começado a trabalhar como faxineira, alguns meses depois de o tio ter buscado ela e a irmã no Vale em uma van abafada. Depois de um tempo, deixou que outras preocupações substituíssem as luzes.

— Não tem problema — disse Rosalita, assinalando todas as salas que já tinham limpado como “conferido” no papel preso à prancheta.

Na reunião que antecederia seu turno, ficara feliz por ser designada para limpar os andares de sempre. Um dos executivos tinha morrido e logo chegaria a hora de limpar a sala dele. Rosalita não queria nem chegar perto de lá.

— Devo bater? — perguntou Crystal.

Rosalita passou por Crystal, deu duas batidinhas na porta entreaberta e, sem esperar resposta, entrou com passos decididos na sala ainda ocupada do décimo quinto andar. Pegou a lixeira e os caixotes de reciclagem e os levou para o corredor.

Era assim que a garota nova aprenderia.

Rosalita tinha descoberto que o segredo de ser invisível não era andar na ponta dos pés. Isso só servia para chamar mais atenção e deixar todo mundo inquieto. Não, o segredo da invisibilidade era ser veloz e ter objetividade. Essas qualidades faziam com que as pessoas relaxassem e continuassem fazendo o trabalho como se ela não estivesse ali.

Rosalita esvaziou os cestos de lixo. Substituiu o saco plástico e entrou novamente na sala. A loira ergueu o olhar da tela do computador.

— Como está sua noite? — perguntou a mulher para Rosalita em um tom amigável.

Rosalita recolocou as lixeiras no canto e bateu as mãos enluvadas.

Ela reconheceu a mulher confiante de cabelo loiro. *Sloane Glover*, seu nome estava escrito na plaquinha prateada do lado de fora da porta. Rosalita a achava parecida com uma apresentadora de programa de TV, elegante e vivaz. Era bem o

tipo de mulher branca que causaria um incêndio midiático internacional se um dia fosse dada como desaparecida.

— Ótima — respondeu Rosalita. — E a da senhora?

A mulher suspirou e se reclinou na cadeira.

— Como se diz “noite de merda” em espanhol?

Rosalita soltou uma risada seca, do tipo que vem de um infortúnio em comum.

Sloane levantou a cabeça abruptamente.

— Desculpa. Meu Deus.

Ela balançou a cabeça e apertou as têmporas com a ponta dos dedos. Não parecia tão confiante e cheia de vida naquele dia. Seus olhos, Rosalita reparou, estavam avermelhados. Havia um site de compras aberto na tela do computador.

— Eu... não tive intenção. Sou uma idiota. Foi uma coisa totalmente insensível de se dizer. De supor, na verdade. — Sloane encarou Rosalita nos olhos. — Foi uma noite longa, mas isso não é desculpa.

Ela ergueu uma das mãos, como se estivesse se defendendo de uma agressão.

Rosalita esperou pacientemente até que Sloane terminasse. Ela tinha muitas palavras em mente e todas pareciam precisar sair ao mesmo tempo.

— *Noche de mierda* — disse Rosalita.

— O quê?

— Noite péssima. *De mierda*. — Rosalita franziu a testa. — Ou... *no vale mierda. De pura mierda*. Tanto faz.

Ela deu de ombros. Rosalita não via por que ficar ofendida com a suposição de Sloane. Tinha cabelo escuro e ondulado, pele morena. Falava com um sotaque carregado. Além disso, morou em Guanajuato até os doze anos. Claro, havia momentos em que Rosalita não gostava que lhe pedissem para falar espanhol — principalmente quando o pedido partia de um homem (um fetiche). Fora isso, ela não ficava muito ofendida, como algumas das moças mais jovens. Exigia energia demais.

Sloane sorriu, agradecida.

— *De mierda* mesmo. Obrigada. — Em um impulso, a loira voltou a olhar para a tela, mas então se lembrou e encarou Rosalita. Seu sorriso vacilou. — Sinto muito — desculpou-se pela segunda vez em menos de cinco minutos.

Rosalita sabia que tinha sido dispensada. Não ficou chateada com Sloane, que estava com cara de quem com certeza já deveria ter ido para casa.

Ao voltar para o corredor, assinalou o quadradinho ao lado da sala de Sloane Glover na prancheta.

— Vá pegar uma garrafa de água mineral para a sra. Glover na geladeira — pediu a Crystal. — Eu cuido da próxima sala.

A garota obedeceu. Crystal era jovem e, Rosalita supunha, possivelmente estava grávida, embora escondesse bem a barriga por baixo da camisa polo folgada da empresa.

Rosalita empurrou o carrinho da limpeza, de forma lenta e metódica, pelo corredor acarpetado. O que ela sabia com a certeza de alguém que já tinha visto aquilo muitas vezes antes era que, naquela noite, Sloane Glover estava bêbada.

Ardie Valdez

Então... Como foi? O que você descobriu? Qual é a história dela?

Grace Stanton

Como foi o quê? Do que você está falando? Quem?

Ardie Valdez

Sloane saiu com o Ames e a Katherine ontem à noite para tomar uns drinques. A Katherine é a mulher da reunião de ontem. Parece que é nova. Começou ontem. Ames contratou sem falar com a Sloane. Clássico.

Grace Stanton

Desculpa, estou por fora. Drinques... com o Ames? Sério?

Sloane Glover

Oi! Oi! Estou aqui. Acabei de voltar para a empresa. Enfim... Sim, drinques com o Ames. Sem incidentes. Comportamento exemplar. Katherine. Tem. Pedigree. Tipo, exposição de cães de Westminster. Faculdade de direito em Harvard. Advogada no escritório Frost Klein. De Boston. (Daí os sapatos?) Sem muito do “calor sulista”, se é que me entendem. Talvez leve um tempo para se entrosar. Mas que se dane, estou atolada. Graças a Tina Fey, ela é inteligente.

Ardie Valdez

Ei, o que todas as secretárias estão olhando tanto na tela da Beatrice? Parece uma planilha. Por acaso alguém está desenvolvendo algum projeto importante no Excel?

Grace Stanton

Não sei, mas ouvi as estagiárias falando de uma planilha ontem. Alguma coisa a respeito de homens canalhas em Dallas. Esqueci de contar pra vocês. Alguém tem uma barrinha? Estou morrendo de fome.

Ardie Valdez

Não, desculpa. Mas tenho salgadinho integral na minha mesa. Pode pegar.

CAPÍTULO 6

21 DE MARÇO

Estávamos sempre à procura do homem perfeito. Mesmo aquelas que não desejavam uma experiência heteronormativa tradicional ficavam fascinadas com a busca antropológica por um, como uma caça ao unicórnio. Casadas ou solteiras, estávamos à procura dele ou tentando criar um a partir do que já tínhamos disponível. Esse espécime perfeito possuiria os seguintes atributos essenciais:

Ele divide a comida e sempre pede sobremesa. Quando recomendamos um livro, ele o compra sem precisar que um amigo reforce a sugestão primeiro. Sabe como arrumar uma bolsa de fraldas sem precisar de orientação. É um cavalheiro sulista com uma mãe da Costa Leste que estimula suas sensibilidades discretamente progressistas. Diz “eu te amo” depois de dois meses e meio. Não fica bêbado. Sabe fazer o imposto de renda. Nunca questiona nossos ideais feministas quando nos recusamos a matar insetos ou trocar o óleo do carro. Não se senta no chão para calçar os sapatos. Tem dinheiro suficiente para se aposentar. Deseja com veemência um método anticoncepcional hormonal masculino. Sente um ligeiro incômodo diante do conceito de mulheres totalmente depiladas, mas não o suficiente para se posicionar contra ou a favor. Acha Mindy Kaling engraçada. Gosta de almofadas. Não se importa que ganhemos mais do que ele. Gosta de mulheres da mesma idade que ele.

Éramos razoáveis e irracionais, cínicas e ingênuas, mas estávamos sempre, sempre à procura.

É claro que esta não é uma história sobre homens perfeitos, mas Ardie Valdez infelizmente ainda não sabia disso quando, um dia depois da morte prematura de Desmond, seu telefone vibrou: uma notificação do aplicativo de relacionamento.

Caramba, aquilo ainda a deixava sobressaltada. Seu telefone passava tanto tempo vibrando que ela queria ter economizado o dinheiro gasto depois do divórcio com o brinquedinho sexual e simplesmente esperado seu telefone tocar.

Ardie olhou para a tela:

Você está com tudo. Você tem 1 nova mensagem.

* * *

Havia até mesmo um emoji de “fogo” ao lado do texto, como se o aplicativo estivesse se esforçando para lembrar a Ardie que ela era velha demais para *namorar*. O mundo agora era dos emojis, e Ardie estava apenas vivendo nele.

Ela começou a trabalhar na Truviv um ano e meio antes de Sloane. A mesma Ardie desconfiada e que não se deixava impressionar facilmente, só que com roupas muito melhores. Sloane gostava de contar para as pessoas que, se não fosse por sua saia lápis rasgada e pelo kit de costura de emergência de Ardie, elas provavelmente nunca teriam ficado amigas. Mas Ardie sabia que isso não era verdade. Sloane sabia escolher amigas muito bem, e pouco tempo depois desse episódio Ardie descobriu que ela sempre mantinha um kit de costura de emergência em uma das gavetas de sua mesa. Mas Ardie nunca lhe contou que descobriu isso.

A vida era muito mais alegre naquela época, tinha que admitir. Cheia de possibilidades e piadinhas bobas. Antes de Ardie se tornar aquela nova pessoa, uma mulher de quarenta e dois anos, divorciada.

No ano anterior, na fila da Starbucks, Ardie finalmente tinha tomado coragem e contado a Sloane que ia se separar do marido, Tony. *Meu marido está dormindo com outra mulher*, dissera, com seu jeito sarcástico característico. *Então acho que ele pertence a ela agora.*

Sloane ficou furiosa. *Como Tony pode ter feito isso? E o Michael? E a casa?*

Ardie simplesmente se virou para ela, lhe entregou o café com leite e baunilha e disse uma única palavra: *Não*.

A mensagem estava clara: não, *você* não, nem ouse começar.

Depois disso, as coisas entre as duas ficaram estranhas por um tempo.

Ela sabia sobre Sloane e Ames havia anos. Ela não era como Sloane. Para Ardie, a melhor amiga era uma pessoa, não um rótulo. Ardie não tinha uma melhor amiga do colégio, uma melhor amiga da faculdade, uma melhor amiga mãe da pré-escola e uma melhor amiga *do trabalho*, que era como Sloane se referia a Ardie quando falava com as outras melhores amigas. Então, com uma única palavra — *não* —, ela disse para sua única melhor amiga que não, ela tinha que parar, não, elas não iam conversar a respeito, não, ela não teria permissão para expressar seu pesar pelo ser humano desprezível que o marido dela havia se

revelado.

Porque, como ambas sabiam, Sloane também já tinha sido a amante. De outro homem, claro, mas que importância isso tinha? *Aquilo* era uma categoria. Um rótulo, na verdade. E havia culpa por associação.

Era incrível como, mesmo então, mesmo na privacidade de sua mente, Ardie diminuía seu papel na história. O segredo enterrado tão fundo que provocava apenas uma ínfima alteração em sua pulsação quando ela o repassava rapidamente na memória. Um espaço em branco. Uma mentira.

Mas que importância isso tinha agora? Haviām superado aquilo. Eram gins passados, por assim dizer. Na verdade, seis semanas antes, Sloane tinha insistido para que Ardie se inscrevesse no Match.com, e Ardie, como era típico, obedeceu. Deixou até que Sloane preenchesse seu perfil uma noite após o trabalho, e, pela manhã, o resultado foi apresentado como se fosse um carro novo sendo revelado na garagem.

— Derek disse que eu estava sendo agressiva demais. — Sloane falava muito rápido, descrevendo como tinha preenchido o perfil ao lado do marido na cama. — Mas ele não entende nada. Ele é homem.

(E o que os homens *sabiam* sobre encontros, afinal? Para nós, era um esporte olímpico, enquanto eles acumulavam amigas solteiras como se estivessem se preparando para o apocalipse.)

Ardie não teve coragem de dizer à amiga que ninguém se importava mais com o Match.com e que àquela altura ela já estava usando três aplicativos de relacionamento ao mesmo tempo. Mas gostou, mesmo sem demonstrar tanto, da intromissão de Sloane em sua nova vida amorosa — ainda parecia nova, mesmo um ano e dois meses depois do divórcio. Era bom ter a opinião de uma amiga.

Ardie colocou o telefone na mesa. A foto do homem que tinha enviado a mensagem parecia promissora. Seu coração estava na boca. Ela gostava dessa parte. Era como abrir um pequeno presente.

Oi. Meu nome é Colby. Sou um cara de gostos simples. Gosto de pescar e só uso calça jeans, mas juro que tenho um emprego. Vendo granito, pedras e outros materiais de construção para reforma de residências. Isso parece meio sem graça, então você sabe que não estou inventando essa parte. Nos fins de semana, levo meu cachorro para passear no lago White Rock e gosto de passar o tempo vendo Netflix. Já fui casado uma vez. Sem filhos, infelizmente.

Entre em contato comigo se quiser me conhecer.

P.S.: B/D, AMG

Ardie leu o e-mail duas vezes. Ela não costumava se interessar por “caras do campo”, mas gostou da praticidade de Colby. E não era que conseguia se imaginar aprendendo a pescar? Michael não ia adorar?

Ela não sabia o que o *post scriptum* queria dizer. Hoje em dia, os encontros on-line tinham praticamente uma linguagem própria. Ela digitou o primeiro acrônimo na barra de pesquisa. B/D.

A resposta surgiu rapidamente: bem-dotado.

Ardie ficou cabisbaixa. *Foi por pouco, Colby, foi por pouco*. A decepção foi profunda. Por mais que ela e Sloane gostassem de zombar dos *millennials*, os encontros on-line haviam lhe ensinado que as pessoas mais novas tinham um tipo estranho de resiliência: eram imunes a algumas coisas, mas completamente abertas e vulneráveis a quase todo o resto.

Ela digitou o segundo acrônimo no site de pesquisa mesmo assim. AMG.

Apreciador de Mulheres Gordas.

Ardie fez um bico. Olhou para o pneuzinho que escapava da cintura da calça e, em seguida, como referência, para a foto de seu perfil.

Ela não se incomodava com o fato de estar gorda. O que a incomodava era o fato de não saber disso, como se seu corpo tivesse mudado sorrateiramente sem que ela notasse, porque estava, de modo geral, sozinha, sem ninguém que reparasse nesse tipo de mudança além dela mesma. O que não parecia justo, o que parecia terrivelmente cruel, era que Ardie já tinha passado por todos os rituais excruciantes de um encontro antes dos trinta anos, reduzindo aos poucos a pilha de homens que iam e vinham. Tinha escolhido uma pessoa, e ele a escolhera, e isso deveria significar que ela nunca mais teria que se preocupar se coisas como ser gorda eram certas ou erradas, porque para alguém, para aquela única pessoa, estava tudo bem. Ela estava bem. Até não estar mais.

Ardie fechou os olhos. Tentou parar de pensar naquilo. Mas os pensamentos já estavam lá, como névoa se infiltrando por uma janela.

Ela sentia falta do marido. Ou sentia falta de estar casada. Não estava segura se ainda sabia a diferença. Ardie sentia falta das conversas com ele enquanto ele tomava banho. Sentia falta de verem TV juntos. Sentia falta de compartilhar com a única pessoa no mundo que se importava tanto quanto ela um relato meticulosamente detalhado de todas as coisinhas engraçadas e incríveis que Michael tinha feito naquele dia. Sentia falta de acordar no meio da noite na cama

ao lado de alguém.
Simplesmente sentia falta.

* * *

A cozinha do escritório tinha um acabamento elegante. Fora recentemente reformada com paredes verdes opacas e revestimento de pedra nas bancadas, além de eletrodomésticos chiques de aço inoxidável que Ardie não ostentaria na própria casa. Como empresa, a Truviv tinha certo complexo psicológico. Era, para os parâmetros locais, uma empresa *cool*, mas que seria ainda mais *cool* em, digamos, Austin ou Portland. Tinha uma academia bonita, mas não muito pomposa, com uma variedade razoável de aulas em grupo. Era uma marca de roupas esportivas, afinal de contas. Cultivava um discreto ar de saúde e refinamento, desencorajando os funcionários a fumar do lado de fora do prédio (os fumantes tinham que ir até uma das sacadas — havia uma imagem a zelar) e incentivando os homens a usar as camisas *dry-fit* da marca por baixo do terno. Esportivo, mas ainda assim elegante, em Dallas, onde ninguém nunca demonstrou muito entusiasmo pela febre de mesas de totó e barras de cereais das empresas de tecnologia de conceito aberto.

Ardie pegou uma caneca no armário. No ano anterior, a empresa também tinha trocado todas as cafeteiras por máquinas Keurig, então ela escolheu uma cápsula que prometia um toque de noz-pecã e a enfiou na máquina. (Ah, como adorávamos as coisas gratuitas como aquelas cápsulas de café e os frascos de álcool gel, e agradecíamos a Deus pelas bolsas que podíamos encher com eles.) Em casa, Michael adorava usar a Keurig. Ele faria quatro anos em duas semanas e ela vinha selecionando no Pinterest imagens de festas de aniversário com tema de super-heróis e se perguntando se era o tipo de mãe que faria cidades de mentirinha com caixas de papelão. A nova esposa do ex-marido, Braylee, era exatamente esse tipo de pessoa.

Aliás, que espécie de nome era Braylee? Ela nem era tão nova. Trinta e nove anos. Como a esposa desprezada, Ardie se sentia no direito de zombar da novinha burra que agora era a esposa do ex-marido. Mas Braylee trabalhava no mercado de investimentos e não era nem nova nem burra, o que só a tornava ainda mais irritante.

Braylee estaria na festa de aniversário.

Ardie vinha cultivando uma vaga esperança de que encontraria alguém para ir com ela à festa de Michael. Uma companhia! Para o aniversário do filho!

Quando a Keurig roncou e começou a funcionar, Ardie viu Katherine entrando na cozinha. A garota tinha uma postura impecável. Será que ter uma postura impecável era um pré-requisito para cortar o cabelo bem curto? Ardie lançou mão de seu sorriso educado e profissional e acenou para cumprimentá-la.

— O que está achando da empresa?

A luz azulada da geladeira iluminou as bochechas e o nariz de Katherine.

— Ah, hum, ótima. — Katherine pegou uma Coca Zero. — É só diferente, eu acho.

— Com certeza. — Ardie mal conseguia se lembrar de quando não trabalhava na Truviv. Na faculdade de direito ela já sabia que queria sair dos escritórios de advocacia para o departamento jurídico de uma empresa assim que possível. Honorários não eram com ela. — Mudanças podem ser boas. Nem que seja pela comida mexicana.

— Talvez.

— Então, você tem filhos? — perguntou Ardie.

As pessoas podiam ser completamente rabugentas no trabalho, mas bastava falar dos filhos que elas se tornavam mais humanas.

Katherine começou a abrir as gavetas da cozinha, procurando por algo que Ardie não fazia ideia do que era. Ela fez uma pausa.

— É permitido perguntar isso?

— Eu... acho que sim.

— Ah, então não. Não tenho. — Katherine encontrou um guardanapo, envolveu a lata de alumínio e fechou a gaveta com um empurrãozinho do quadril. — Também não sou casada.

A vaga insinuação de um sorriso. Ardie pigarreu.

— Nem eu. Então acho que agora só falta falarmos de religião e orientação sexual, certo?

Katherine estreitou os olhos até quase se fecharem e soltou uma risada delicada, em seguida pressionou a cabeça com as mãos.

— Ai. Desculpa. — Katherine balançou a cabeça, como se estivesse envergonhada.

A porta se abriu atrás dela, seguida do ruído de sapatos masculinos, um *chiado* contra o azulejo, pontuado de tempos em tempos pelo bater de um salto.

— Senhoritas.

Ames passou por Ardie, indo na direção da enorme jarra de biscoitos em formato de animais em cima da bancada. Ardie tinha propensão a notar os aspectos mais trivialmente humanos de Ames Garrett. Como os tufo de pelos

brancos que cresciam no dorso de suas mãos. Ou a dobra de pele flácida entre o queixo e o pescoço.

— O que achou do Savor? Legal, né? — perguntou ele a Katherine, inclinando a cabeça para trás para jogar um dos biscoitos em formato de tigre, elefante ou leão na boca aberta. — Ardie — cumprimentou ele, por educação. — Eu conheço o dono.

Ele começou a mastigar, olhando novamente para Katherine.

— Sim, muito obrigada pelo convite — respondeu ela. — Foi muito gentil da sua parte se dar ao trabalho. — O barulho de Ames mastigando soava alto entre os três. — Ainda não conheço os lugares legais da cidade — finalizou ela, com um aceno de cabeça educado.

Sloane tinha razão, como sempre. Katherine não era naturalmente calorosa ou vivaz. Parecia uma mulher tentando ser levada a sério. Ardie descobrira que esse era um problema característico das mulheres jovens e bonitas: a necessidade de se estabelecer com base em algo que não fosse a aparência, enquanto, ao mesmo tempo, tentavam tirar vantagem dela.

— Fica na minha cola, garota. — Uma explosão estelar de rugas se espalhou pelos cantos dos olhos de Ames. — Fique à vontade para passar na minha sala mais tarde. Podemos discutir os próximos passos. Podemos até falar sobre a equipe de aquisições da qual você quer fazer parte, o que acha? — Em seguida: — Seu café está pronto — disse para Ardie enquanto pegava uma lata de Coca-Cola na geladeira. Ele passou por ela novamente para sair da cozinha, os sapatos chiando, mas hesitou à porta. — De tudo o que essa aí falar de mim, só acredite nas coisas boas, Katherine.

Seu riso permaneceu no ar por um instante depois que a porta se fechou.

Ardie olhou para a cafeteira, lançando mão de sua considerável expertise na arte de parecer imperturbável. Ames deixara picadas invisíveis na sua pele e um vácuo de silêncio em seu rastro.

— Bem — disse ela, fazendo um esforço consciente para preenchê-lo e retomar o equilíbrio. — Se precisar de alguma coisa, pode falar.

E se virou para sair, deixando um rastro de vapor de sua xícara ao passar. Quando ia abrir a porta, Katherine a chamou.

— Na verdade, você tem remédio para dor de cabeça? — perguntou ela. — Desculpa, acho que estou ficando com enxaqueca. Eu tenho às vezes. Você... por acaso sabe se tem analgésico em algum lugar por aqui?

Ardie amoleceu. Ela costumava ter enxaquecas na adolescência. Experiências pavorosas. Mal conseguia fazer o básico. Embora fosse possível, pensando

melhor, que ela tivesse tomado mais do que apenas um drinque na noite anterior... Sloane não tinha mandado mensagem para ela depois de voltar para o escritório, e Ardie pegara no sono antes de se lembrar de verificar.

Sloane tinha prometido que seria apenas um drinque.

Ela observou Katherine.

— No armário de cima, à esquerda. — Ela apontou, e Katherine pressionou as têmporas, soltando um suspiro profundo de alívio.

Ardie a observou por um momento, sua expressão de dor enquanto girava a tampa à prova de crianças de um frasco de Advil.

— Katherine — disse ela, sentindo uma vontade repentina e urgente de trazê-la para o seu lado antes que Ames fizesse isso. — Vou fazer uma festinha para comemorar o aniversário de quatro anos do meu filho no próximo fim de semana. A Sloane e a Grace estarão lá. Quer ir?

Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Por favor, diga seu nome.

Ré 2: Adriana Valdez.

Sra. Sharpe: Há quanto tempo trabalha na empresa, sra. Valdez?

Ré 2: Trabalho na Truviv há quase doze anos.

Sra. Sharpe: Incrível. Há quanto tempo conhecia Katherine Bell antes do incidente?

Ré 2: Cerca de um mês, acho.

Sra. Sharpe: Qual foi sua primeira impressão da srta. Bell?

Ré 2: Ela foi bastante simpática. Parecia inteligente, jovem, determinada. Não era do tipo calorosa e animada, mas eu também não sou. Achei que a entendia.

Sra. Sharpe: A senhora diria que se tornou amiga da srta. Bell ao longo desse mês?

Ré 2: Não tenho certeza.

Sra. Sharpe: Pode explicar melhor?

Ré 2: Na época, achei que tínhamos nos tornado amigas. Só que algumas coisas vieram à tona desde então.

Sra. Sharpe: Pode ser mais específica?

Ré 2: Claro. Katherine mentiu.

CAPÍTULO 7

21 DE MARÇO

Era hora do almoço e Sloane estava quase atrasada para a sessão com a *personal trainer*, Oksana, no andar de baixo. Ela deu um pulo na sala para pegar as roupas de ginástica e os arquivos que passara a manhã inteira querendo entregar a Katherine. No bar, a garota parecera ávida, como se não conseguisse pensar em praticamente mais nada *além* do trabalho. Ela queria examinar nos menores detalhes as negociações nas quais Sloane havia trabalhado, como Sloane começara a carreira, a configuração da estrutura jurídica da empresa. Katherine fez as mesmas perguntas a Ames, e ele se deleitou com a chance de contar relatos de guerra de transações arriscadas concluídas no último minuto.

Eu quero ser como você. Será que Katherine tinha realmente dito isso, enquanto Sloane pegava um punhado de balas de menta do balcão da recepcionista na saída? Eles tinham tomado dois, talvez três drinques. Por que havia concordado em beber tanto? Ames fazia isso com ela. Então o rosto de Katherine estava próximo do seu, cheio de expectativa. Sloane deve ter ouvido errado; não queria pedir que ela repetisse o elogio. E, bem...

A sala de Katherine estava vazia agora, e a cabeça de Sloane doía.

Ela parou em frente à parede de vidro da sala de Grace. O vidro, do qual os escritórios dos cantos estavam convenientemente livres, tinha o objetivo expresso de fazer com que o prédio parecesse conceitualmente mais aberto, mas na verdade era destinado a reduzir a privacidade. A porta de Grace ficava a apenas alguns passos da de Katherine.

Sloane bateu na porta.

— Você viu a Katherine? — perguntou ela.

Grace ergueu o olhar.

— Ah...

A pele de Grace parecia um pouco acinzentada desde que ela havia retornado da licença-maternidade, como se estivesse doente ou tivesse passado um tempo vivendo em um bunker. Não que Sloane fosse mencionar isso. Ela uma vez tivera

que explicar a Derek que dizer a uma mulher que ela parecia “cansada” era a mesma coisa que dizer que ela estava horrorosa. Simplesmente melhor não fazer.

— Ela está na sala do Ames. — Grace voltou a digitar. — Como está a Abigail?

Sloane olhou para o fim do corredor, para a porta fechada da sala de Ames, Katherine atrás dela.

Fazendo o quê? Ela balançou a cabeça, frustrada. Aquilo não era nada de mais. Ames era chefe delas. *Deles*. De todos os advogados do departamento jurídico. Mas Sloane também sabia o que podia acontecer com Ames por trás de portas fechadas.

Ela voltou a enfiar a cabeça pelo vão da porta do escritório de Grace.

— Desculpe, o que foi que você disse?

— Eu perguntei como está a Abigail.

Sloane andava ligeiramente reservada a respeito de Abigail. *Bem, Grace, se imaginou dizendo, ela revirou os olhos para mim pela primeira vez hoje de manhã. Por causa de uma tigela de mingau de aveia. Para mim, dá para acreditar? Sua mãe superlegal e divertida.* E Grace ria, bem-humorada, e diria: *Ah, caramba, como eles crescem rápido, não é?* Mas isso não era verdade, porque Abigail não estava crescendo rápido. Ela estava crescendo devagar. Às vezes, dolorosamente devagar. Só andou com um ano e meio. Aos dez, ainda gostava de ver Disney Channel e fazer descansos de panela coloridos em um pequeno tear. Tinha tendência a sonhar acordada e gostava de se agachar no chão e cutucar insetos com um graveto. E Sloane deveria simplesmente *acreditar* que aquela nova e mal-humorada Abigail tinha escolhido emergir logo depois do incidente na escola, aquelas mensagens de texto horríveis e desagradáveis, por — *o quê?* — coincidência?

Ela estava exagerando, era o que as pessoas diriam. Talvez estivesse mesmo. Esse era o problema de ter filhos, não era? Todas aquelas correntes de pensamento fluando no ar — *Parem com o bullying! Seus filhos têm que estar preparados para o bullying! Xarope de milho com alto teor de frutose vai matar sua criança inocente enquanto ela dorme!* —, e era esperado que você simplesmente escolhesse uma delas e passasse a segui-la.

Ela poderia ter dito tudo aquilo a Grace, mas se conteve. Grace Stanton nunca tinha sido alvo de zombarias. Ela ganhou concursos de beleza na escola. E, embora fosse generosa, contar a ela, dentre todas as pessoas, sobre Abigail seria como trair a filha. Ela não suportava a ideia de que, mesmo que pelo mais breve momento, mesmo que apenas em sua mente, Grace menosprezasse Abigail.

— Ela está ótima. Vai tocar a *Marcha em Ré Maior*, de Bach, no recital de

piano semana que vem. — *Ou talvez fosse a Sonata em Sol Maior, de Beethoven.*
— Enfim, tenho um compromisso. — Ela se virou para ir embora, mas hesitou.
— Ah, aliás, você recebeu a tal planilha?

Grace esfregou um dos olhos e piscou.

— Não chegou nada na minha caixa de entrada. — Ela bocejou. — Mas esqueci de perguntar por aí.

— Também não recebi.

— Talvez não sejamos descoladas o suficiente. Talvez estejamos velhas demais.

— Pare com isso — disse Sloane. — Diga a Katherine que estou procurando por ela, por favor? Os documentos estão na mesa. É para revisar com comentários.

Grace apertou os lábios com força e fez uma saudação militar, mas até o braço em riste parecia flácido. Sloane disse a si mesma que era seu dever como amiga ver como Grace estava. Sloane era madrinha de Emma Kate, afinal. Deveria dizer a Grace que não via a hora de sentir o cheirinho de Emma Kate novamente. Antes que ela crescesse demais e nascessem os dentes. Ou que ela começasse a revirar os olhos.

Mas Sloane sabia que tinha uma memória péssima para essas coisas. Sua vida eram garrafas vazias de água mineral rolando pelo chão do carro caro. Envelopes de correspondência fechados em cima da bancada da cozinha. Cartões de agradecimento escritos, mas nunca enviados. No fundo de sua mente, ela já estava seguindo adiante, acrescentando aquele lembrete mental à lista de tarefas não concluídas que seria reciclada, transformando-se em um estresse secundário e servindo como combustível para alimentar seus episódios irregulares e inexplicados de insônia, espinhas no queixo e prisão de ventre.

* * *

A academia da Truviv, um espaço amplo com pista de corrida *indoor*, aparelhos de última geração e tapetes com cores vibrantes, ficava no oitavo andar, de onde zombava de nós quando passávamos por ela no elevador. Nós detestávamos a academia. Amávamos a academia. Fugíamos para a academia. Evitávamos a academia. Tínhamos uma relação complicada com nosso corpo, mas ao mesmo tempo declarávamos nosso amor incondicional. Estávamos certas de que tínhamos coisas melhores e mais importantes para fazer do que nos preocupar com ele, mas o corpo esbelto das mães que faziam ioga, vestindo roupas da Lululemon enquanto buscavam os filhos na escola, nos atormentava. Suas

silhuetas sugeriam suco verde, clubes de tênis e tratamentos vaginais. Queríamos ser como elas.

Então suávamos no transport e levantávamos pesos de quatro quilos, nos aproximando lentamente do corpo que dizíamos a nós mesmas que éramos evoluídas demais para desejar. Sabíamos que os homens nos olhavam quando vestíamos nossas leggings, sabíamos que eles achavam que essa era a razão por que usávamos leggings. Fingíamos não perceber seus olhares percorrendo nosso corpo. Se ouvíssemos “você está em forma” de mais um colega de trabalho que mexia em suas playlists por dez minutos entre cada série, bem, provavelmente esmagaríamos a cabeça de alguém com um haltere.

Sloane passou o crachá no leitor eletrônico e a porta do vestiário se abriu. Uma repetição interminável de reprises de *Keeping Up with the Kardashians* passava na TV de tela plana acima das pias.

Sloane tirou a saia preta com detalhes de renda e a pendurou em um dos armários da parte de cima. Derek tinha elogiado a saia naquela manhã, passando as mãos por seus quadris enquanto Sloane escovava os dentes. Então fizeram o bom e velho sexo entre pessoas casadas — rápido, satisfatório e objetivo —, porque ambos estavam atentos a Abigail. Sloane gozou e deixou Abigail no ensaio da banda, tudo isso antes das oito da manhã.

— *Sloane!*

Ela se virou.

A mulher de toalha e chinelos vindo na sua direção era a esposa de Ames, Bobbi Garrett. Bobbi tinha a voz rouca e o autêntico sotaque sulista de alguém que era de Oklahoma, não do Texas. Ela era dona de casa e mãe de gêmeos, dois meninos, e preenchia seu tempo com eventos de caridade por meio dos quais arrecadava quantias indiscutivelmente altas de dinheiro para causas nobres e fazia com que pessoas como Sloane se sentissem péssimas por fazerem comentários sarcásticos a respeito do espetáculo irritante que eram os eventos sociais beneficentes. Bobbi Garrett era uma pessoa perfeitamente agradável de se conviver para qualquer um que não fosse Sloane Glover.

— Vim almoçar com o Ames e ele me deixou dar uma passadinha na academia antes. — A pele dela tinha o aspecto avermelhado e manchado de alguém que tomou um rápido banho frio depois de treinar pesado. — Como está, querida? — perguntou Bobbi, apertando delicadamente o braço dela.

— Ah, você sabe, levando. — Sloane parecia um robô. Um robô idiota. Mas ela não sabia de que outra maneira falar com Bobbi; toda vez que a via, Sloane era transportada de volta no tempo para uma imagem de Ames sem camisa em

cima dela, quadril contra quadril. Era imediatamente tomada pela vergonha, seguida de algo mais difuso. A sensação das mentiras amontoadas entre ela e Bobbi lutando para sair.

— Meu marido anda tirando seu couro? — Bobbi olhava para Sloane com preocupação. — Eu juro que vou falar com esse homem. Você tem marido e filhos, pelo amor de Deus. Bem, você sabe como são os homens. Eles precisam de um *lembrete* de vez em quando.

Havia outras mulheres no vestiário, andando descalças em torno delas, se pesando, colocando brincos. Mas Bobbi não conhecia o protocolo tácito de ambientes de trabalho compartilhados. Sloane agradeceu em silêncio às malditas Kardashians falando sem parar ao fundo.

— Não, não, é só um período atribulado — disse Sloane, vestindo sua bermuda de ginástica com a logo da Truviv. — Não é culpa dele, juro.

Nunca era culpa de Ames. Sempre que surgia um problema no trabalho, Sloane era, de acordo com ele, “irracional”, “sensível demais”, “ridícula” e até, certa vez, “*dominada pelos hormônios*”. Engraçado como essas palavras nunca tinham sido mencionadas antes de ela ir para a cama com ele.

Bobbi tapou a boca com a mão. Suas unhas estavam feitas à perfeição, pintadas de vermelho-cereja.

— Desmond — disse ela, segurando o antebraço de Sloane. Bobbi fechou os olhos e balançou a cabeça, totalmente consternada. — Não consigo acreditar que ele morreu. Você está bem?

— Estou, de verdade.

— Ótimo. Meu grupo de estudos bíblicos se reuniu ontem, por pura coincidência, e nós rezamos pela pobre família desse homem.

Sloane estava tentando se agarrar à lembrança de Derek naquela manhã. O cheiro de sândalo do creme de barbear ainda no rosto. Queria que Grace estivesse ali. Grace era muito melhor do que ela naquelas situações. Para começar, frequentava a igreja, enquanto Sloane só se dedicava ao ritual dominical de sua família, que incluía bacon, ovos e ficar deitada vendo TV. De tempos em tempos, porém, Sloane era confrontada com o vocabulário característico das mulheres cristãs de classe média alta da cidade. As pessoas estavam sempre “recebendo um chamado”, ou ouvindo coisas “em seu coração”, ou estavam “rezando por” uma coisa ou outra. Sloane tinha aprendido anos antes a incluir palavras do vocabulário profissional em seu vernáculo: ela “colaborava” com alguém, ou “contatava” alguém, “detalhava” ou “resumia” um relatório. Fácil. Mas nunca se tornara fluente na língua de Bobbi. Naquele momento se

sentia em ligeira desvantagem.

— Eu queria perguntar... — continuou Bobbi. — Você sabe se as pessoas estão se organizando para levar comida?

— Não sei, mas... Tenho certeza de que a família do Desmond ficaria muito grata.

Bobbi ergueu a mão.

— Vou cuidar disso. Ouça. — Ela puxou Sloane para uma área menos movimentada do vestiário, onde havia toalhas limpas e dobradas armazenadas em nichos.

Bobbi aproximou o rosto do de Sloane, como se as duas estivessem acostumadas a compartilhar segredos.

— Tenho certeza de que o Ames já lhe contou, provavelmente antes mesmo de contar para mim. Sei como vocês dois são próximos no trabalho. — Ela se imaginou contando isso para Ardie mais tarde, e já antevia a amiga soltando um assovio, numa espécie de reconhecimento cruel. — Mas parece que o Ames está sendo cotado como um dos potenciais substitutos do Desmond. Ele foi informado pelo conselho ontem à noite. Tenho certeza de que ele seria um presidente maravilhoso.

Ames. Presidente. Sloane sentiu a mente afundar na areia movediça; concentrou toda a energia em não mudar de expressão, talento que havia exercitado uma ou duas vezes quando, por exemplo, o homem com cuja esposa ela estava falando no momento lhe lembrara que ela era melhor na cama do que como advogada, apesar de ela ter fechado na época um negócio de *vinte milhões* de dólares praticamente sozinha em um mês. Por seu desempenho naquele ano, tinha recebido apenas um presunto congelado e um porta-copos de cristal com a logo da empresa. Mais tarde, soube que Ames tinha se “esquecido” de enviar o memorando de seu bônus de fim de ano. Quando confrontado, ele justificou que Sloane o havia *usado* — palavras dele — para conseguir um cargo com salário maior, e considerou a confusão com o bônus uma solução cármica que os deixava quites.

Se ao menos tivesse parado por aí...

— Sinceramente — Bobbi dizia —, parece que tudo está se encaminhando para isso. Mas se houver alguma coisa que nós, ou melhor, que *ele* deveria fazer para aumentar as chances... Sei que ele valoriza seus conselhos, mesmo que seja orgulhoso demais para pedir. Ele só está sob muita pressão.

— Certo, bem... — Sloane jogou o peso do corpo para trás, tentando criar alguma distância entre elas. Seu rosto estava ficando quente. — Isso está um

pouco além da minha alçada.

A expressão de Bobbi congelou ligeiramente.

— Mas é claro que vou falar com ele. — Sloane se apressou em acrescentar. Ela viu a necessidade de um plano de fuga e o colocou em prática. — Bobbi, tenho que... tenho que voltar logo para o escritório, então é melhor fazer minha série.

Bobbi abriu seu grande sorriso clareado artificialmente.

— Claro, claro. Você está incrível, a propósito — disse ela, o que era uma mentira deslavada. Sloane não estava incrível, nem chegava a estar bem.

Uma mentira para a conta de Bobbi, pensou Sloane. Mais umas mil e talvez elas empatassem.

Sloane pegou a bolsa de ginástica e se trancou em um dos trocadores, o calor subindo pelo pescoço como uma febre. Deslizou pela parede até ficar sentada, ofegante, no chão. Ames, a porra do presidente da Truviv, como ela não tinha previsto aquilo? Ela mordeu os nós dos dedos. Isso não deveria importar para ela, deveria? Ela disse a si mesma que não deveria. Mas era muito injusto. Estava parecendo uma criancinha: *Isso não é justo!* Mas... não era mesmo. Mau comportamento recompensando, entre outras coisas. E de quem era a culpa? Dela, não era? Foi uma testemunha silenciosa a favor de Ames por anos. Tinha tomado a decisão de deixar que ele ficasse impune por agir da maneira que desejasse. Mas, de repente, lhe ocorreu o pensamento de que provavelmente não era a única. Ela não era a única. Certamente. Definitivamente. Estava prestes a ligar para o marido quando teve uma ideia melhor: ligou para Elizabeth Moretti, que atendeu ao primeiro toque.

— O que você tem para me oferecer, Glover?

Quando trabalhava no Jaxon Brockwell, havia um dedo de Elizabeth em todas as fofocas da firma, e Sloane logo aprendeu a moderar tudo o que contava a ela, que não era nem de longe tão discreta quanto fingia ser.

Sloane fechou os olhos e respirou fundo.

— Nada pelo que eu possa cobrar, infelizmente. — Ela ficou de pé, de costas para a porta trancada, e projetou os ombros para a frente, como se estivesse protegendo o celular. — Elizabeth — começou, em voz baixa. — O que você sabe sobre uma planilha?

— Não sei nada sobre planilhas além do fato de que fiz faculdade de direito com o objetivo específico de ficar longe delas.

Sloane conseguia ouvir Elizabeth digitando do outro lado da linha.

— Alguma coisa sobre uma planilha de homens... homens canalhas... em

Dallas. Isso...

O telefone de Sloane vibrou e ela o afastou da orelha para ler uma notificação de que a bateria estava prestes a acabar. *Merda.*

— Ah. Sim. A lista de homens CILADA.

— Homens *cilada*?

— Homens de Comportamento Infame, Libertino e Amoral de Dallas e Arredores. Homens CILADA! Talvez eu tenha visto essa planilha circulando por aí.

— Quem mandou isso para você? — Sloane tocou a tela para ignorar a mensagem que mais parecia uma reprimenda: *Controle-se!*

— Você sabe que eu nunca revelo minhas fontes.

Na verdade, Sloane não sabia.

Ela fechou um dos olhos, roendo a unha, que foi ganhando contornos irregulares entre seus dentes. Ela só queria dar uma olhada, disse a si mesma. Uma checada rápida. Então saberia.

Ela ouviu Elizabeth parar de mastigar alguma coisa do outro lado da linha e imaginou os dentes de cavalo de sua antiga mentora esfaqueando sua porção de pretzels da tarde.

— Sloane, quer que eu mande para você? Essa lista?

— Só se não der muito trabalho.

— Trabalho nenhum. Mas não diga a ninguém que conseguiu esse arquivo comigo. — As duas ficaram em silêncio. Então Elizabeth começou a digitar outra vez. — Ei — perguntou ela —, é verdade que o Bankole morreu no chuveiro?

* * *

Quando Sloane saiu do vestiário para encontrar a *personal trainer*, Ames estava na entrada da academia, encostado na parede, com os braços cruzados por cima da gravata, esperando pela esposa. Eles se encararam. Ames ergueu os cantos da boca no que poderia ser considerado um sorriso de reconhecimento sem que na verdade fosse um. E de novo, como no dia anterior, Sloane sentiu a velha fúria surgindo ao dar de cara com ele, como uma garrafa de refrigerante sendo sacudida com a tampa fechada.

Tudo começou com assentos em um camarote para assistir ao jogo dos Mavericks. Ames tinha ganhado os ingressos do chefe porque, naquela época, ele ainda não era exatamente o chefe que era agora. Os dois *detestavam* os bolinhos de siri e os canapés que eram servidos nos camarotes e tinham descido até a área

externa em meio a um debate acalorado sobre molhos apropriados para cachorro-quente. Sloane deveria ter percebido naquele momento que estava encrocada. As pessoas não discutiam questões tão mundanas quanto molhos a menos que quisessem transar.

Lá embaixo, com a multidão, eles compraram a única comida que se deve comer em um jogo de basquete e ficaram mais orgulhosos de si mesmos do que deveriam. Naquela época, Ames era engraçado. Isso era algo que as pessoas esqueciam. Também era bonito, do tipo que deixava Sloane com frio na barriga. Eles voltaram para o camarote, Ames segurando o gargalo de uma garrafa de champanhe que os dois convenceram o bartender a lhes vender. O maxilar de Sloane doía de tanto rir. Ela estava usando um reluzente anel de noivado, presente de um homem que a amava, confiava nela e dependeria financeiramente dela pelo resto da vida. Sentia-se poderosa. Ela queria se divertir.

Fez papel de idiota, é claro. Não tinha sido a primeira, como descobriu depois. Houvera mulheres de cujos nomes ela não conseguiria se lembrar nem se tentasse. Ela só fora esperta o suficiente para ficar de boca fechada. Na maior parte do tempo, pelo menos. O estrago fora controlado e Sloane obedecera às regras do jogo. Então *ela* pôde ficar. Ela pôde manter seu lugar à mesa.

Mas naquele momento era como se seu corpo estivesse revivendo uma década de experiências com Ames, experiências que a levavam até a porta fechada que havia testemunhado naquela tarde, com Katherine em algum lugar lá dentro. Katherine, que queria ser igual a ela. Até então, quando Ames saía da linha, Sloane podia colocá-lo de volta nos eixos com a sutil insinuação de que poderia, se quisesse, falar com Desmond. Ela não faria isso, mas... podia fazer. Só que agora não havia mais Desmond. E nada parecia justo. No entanto, Sloane achava que, na verdade, merecia tudo aquilo: ver Ames ascendendo na empresa e, agora, chegando ao topo, enquanto ela apenas observava. Em silêncio.

* * *

Nos quarenta e cinco minutos seguintes, Sloane canalizou todos os seus sentimentos em agachamentos, levantamentos, flexões com saltos e avanços com halteres até acabar o tempo e a *personal trainer*, Oksana, parabenizá-la por um de seus melhores treinos.

Sloane de fato se sentia melhor. Mais vazia. Mais limpa, até. Era isso que amávamos na prática de exercícios: como eram capazes de afastar tudo a não ser a questão mais urgente e presente: a dor.

Foi apenas depois de beber uma garrafa de água, tomar banho e se vestir que Sloane pegou o telefone na bolsa e checkou os e-mails. Lá estava, no topo da caixa de entrada, em letras garrafais, uma mensagem de Elizabeth Moretti. Corrente de e-mails, cópia oculta.

Homens CILADA: Cuidado com babacas. Babacas, cuidado.

Depoimentos de funcionários da Truviv

13 DE ABRIL

Lucy Davies: É claro que começou com a planilha. Aquilo foi um desastre desde o começo. Sinceramente, eu avisei todo mundo. Disse que era uma péssima ideia. Eu avisei! Fazer justiça com as próprias mãos e tudo o mais. Mas alguém me ouviu? Não. E agora vejam o que aconteceu!

Keith Tran: Não sei. Talvez. Se foi a planilha, então acho que a moral da história é que o que aconteceu poderia ter acontecido com qualquer um de nós. E é isso que me assusta.

Angie Mann: Sim, estávamos cientes de que uma planilha estava circulando e levamos a sério as alegações referentes às pessoas mencionadas. No entanto, devo acrescentar que encaramos com igual seriedade os direitos de nossos funcionários cujos nomes apareceram na lista. Toda moeda tem dois lados.

Sophia Ventura: Sim, todo mundo estava ficando meio maluco. Quem não ficaria? Era, tipo, sei lá, aqui está o nome desse cara na lista e ele fez Deus sabe o que e, ah, espera aí, agora tenho que ficar sozinha com ele na sala e perguntar se ele quer que eu recolha seus papéis? Mas também, quer dizer, pense nas coisas da seguinte maneira: isso não estava acontecendo só no nosso escritório. Os nomes estavam surgindo por toda a cidade, mas aposto que não estão fazendo perguntas em todos os outros escritórios, certo?

Alexandra Souls: Acho que todo mundo precisa começar a assumir a responsabilidade por seus atos e parar de culpar um arquivo de Excel por esse fiasco. Quer dizer, somos todos adultos aqui, não?

CAPÍTULO 8

23 DE MARÇO

Havia homens no escritório. Eles trabalhavam em mesas ao lado das nossas. Povoavam os departamentos de recursos humanos, contabilidade, *compliance* e tecnologia da informação, e trabalhavam em cargos acima e abaixo dos nossos. Mas havia uma barreira invisível entre eles e nós. Então nos unimos. Se o ambiente de trabalho era a extensão tradicional do antigo clube do Bolinha, nós respondemos formando uma sororidade secreta. Reconhecíamos o aperto de mão das iniciadas. Víamos umas às outras como companheiras de guerra.

É claro, não podemos nos esquecer dos homens bons: aqueles que riam das nossas piadas e pediam nossos conselhos sobre a redação de um texto, que não encaravam a maternidade como um problema, que tinham esposas com empregos exigentes, que se encarregavam de parte do trabalho doméstico, que eram felizes no casamento ou gays. Eles não iniciavam as reuniões reclamando de *remakes* de filmes com elenco inteiramente feminino nem nos pediam que atendêssemos a um único telefonema durante a licença-maternidade. Mas mesmo os bons — ou especialmente os bons? — fingiam não notar as diferenças: como eram tratados com mais deferência ao telefone por terem uma voz masculina. Ou como sua altura, seu tamanho e a barba por fazer davam um peso autoritário a suas ideias que as nossas nunca tinham. Se chamavam sua atenção para isso, os homens bons desconsideravam essas observações com um constrangimento humilde e nos diziam como éramos mais inteligentes e melhores do que eles. Eles eram nossos colegas e alguns até nossos amigos.

Mas as diferenças de fato existiam. E não apenas na nossa cabeça. Não importava quão habilmente fingíamos encarar numa boa as piadinhas indecentes ou como éramos convincentes ao provar que ficávamos à vontade em embates sem sermos agressivas, não importava com que precisão imitávamos nossos colegas do sexo masculino, quase sempre havia em nosso desempenho, no que dizia respeito à competência e ao pertencimento, algo que os homens em nossos escritórios não conseguiam levar a sério. Eles achavam que liam nossos

pensamentos. Achavam que nos conheciam. Achavam-se capazes de prever nossos passos. Sobretudo os passos de alguém como Grace, que com tanta frequência demonstrava exatamente o que estava sentindo.

Grace não se lembrava da última vez que tinha contado uma mentira. Uma mentira de verdade. Até aquele momento.

— Preciso trabalhar até tarde, Liam, não sei a que horas volto, sinto muito. O leite da Emma Kate está na geladeira — dissera Grace.

É claro, a reação de seu marido fora de acordo com o esperado. *Como podiam exigir isso dela? Era um absurdo. Não sabiam que eles tinham acabado de ter um filho?*

As pessoas não paravam de lembrar a Grace que ela acabara de ter um filho.

Três semanas antes, quando confessou a Liam que, na verdade, *não*, ela não achava que fosse capaz de continuar acordando para amamentar Emma Kate, que preferia deixar a filha chorar, ele apertara seu ombro de leve e dissera: “Você está exausta. Tudo bem se sentir assim.” E ela pensou, assim como todas nós: como é conveniente ter sempre um homem por perto para nos explicar nossos sentimentos irritantes! Ele a beijou na testa e disse que Grace era uma mãe incrível.

Então ela e Liam levaram Emma Kate para a consulta dos quatro meses — com algumas semanas de atraso —, e o dr. Tanaka entregou a Liam um folheto em papel brilhoso que listava todos os sinais de alerta para a depressão pós-parto: tristeza prolongada, sensação de desamparo, episódios de choro inexplicável. Aumento ou diminuição do apetite. Insônia. Preocupação de que a mãe pudesse machucar o bebê, ela mesma ou outras pessoas. Era tudo muito interessante, pensou Grace. Muito informativo. Mas... esse não era o caso dela. “Você está fazendo a maternidade parecer algo fácil. Sua filha está no caminho certo”, dissera o médico. Então era isso. Tudo estava nos eixos, porque, se não estivesse, o dr. Tanaka certamente teria notado. Ele era o melhor pediatra de Dallas. Ela havia se certificado disso.

Grace teve a ideia uma semana antes, quando Liam perguntou casualmente quando os dois começariam a considerar outro filho. Grace não era mais tão jovem, dissera ele, embora tivesse usado palavras mais gentis, é claro, porque Liam era uma *boa* pessoa. Durante toda a gravidez, ele não parava de falar no quanto ela estava bonita. Ele tinha sido o futuro pai que saía às dez da noite e voltava com milk-shakes como se merecesse uma medalha de honra por isso. Aquelas saídas tarde da noite para comprar comida fizeram com que a barriga de Liam também crescesse durante os quase dez meses que ela carregou Emma

Kate, e, para um devoto do CrossFit, Grace achava que tinha sido a coisa mais generosa que ele já havia feito por ela.

Mas aquela conversa de segundo filho a deixou alarmada. Eles nem sequer tinham transado desde o nascimento de Emma Kate. O médico a liberara para “atividades sexuais” semanas antes, mas ela ainda não havia contado a Liam. Talvez fosse mais mentirosa do que pensava.

Grace se deu conta de que simplesmente não havia diagnóstico clínico para o egoísmo. E, como aparentemente era isso que a afligia, decidiu se tratar por conta própria.

* * *

A diária do quarto de hotel custava exorbitantes seiscentos e cinquenta dólares. Alguns dias antes, ela pegara uma das ofertas de cartão de crédito na caixa de correio, um envelope no qual estava escrito “pré-aprovado” em letras garrafais. Preencheu o formulário durante um dos intervalos para tirar leite no escritório e, em seguida, guardou o cartão na carteira. Naquele momento crucial de traição, sua filha acordara seis vezes na noite anterior, sete vezes na noite anterior àquela. Ela havia lido em um artigo do *Post* que fora a privação de sono, não os afogamentos simulados, que fizera com que os integrantes da Al-Qaeda falassem. A promessa de um cochilo. Ela entendia. E desistiu. Sua filha tinha vencido.

Seu cérebro parecia feito de algodão; latejava. Grace estava tão exausta que sentia náuseas, o café da manhã deixado pela metade se revirando no estômago. O café provocou apenas um zumbido desconfortável que se espalhou sob a camada espessa e leitosa de fadiga. Ela desejava dormir mais do que jamais tinha desejado cupcakes.

Era um hotel maravilhoso, com piscina de borda infinita, restaurante de chef famoso e champanhe de graça no saguão. Ela acreditava que não havia sentido em fazer as coisas pela metade. Se Grace Stanton ia para o inferno, não seria por causa de uma noite no Holiday Inn.

Na noite anterior, Grace perambulava com as pantufas macias do hotel quando lhe ocorreu o pensamento: *Então é assim que as pessoas começam a ter casos*. No início, tinha prometido a si mesma que seria apenas uma noite. Mas depois de abrir uma garrafa de *chardonnay* (ela tampouco economizou nesse quesito, indo direto para a seção de vinhos de setenta e cinco dólares no cardápio do serviço de quarto), Grace tinha toda a intenção de dar continuidade àqueles encontros sórdidos consigo mesma.

Vou abandonar meu marido por você, disse ela à banheira preparada com aromaterapia. Vamos fugir juntas. Somos almas gêmeas. O único problema é que meus seios mantêm minha filha viva, mas me dê alguns meses para arrumar uma solução. Você vai ver. Eu prometo. Eu te amo.

Naquela manhã, ela acordou com o sol se esgueirando pelas bordas das cortinas com blecaute. Puxou os lençóis até o nariz. Eram brancos como novos e cheiravam a perfume francês caro. Um arrepio de satisfação fez com que seus dedos dos pés se curvassem quando ela pensava em como Liam devia ter sentido sua falta enquanto trocava fraldas e dava mamadeiras às duas, em seguida às três e meia e, por fim, às cinco da manhã.

Finalmente, ela se levantou e pediu o serviço de quarto — um croissant com manteiga e geleia de damasco e um cappuccino. Seus seios estavam doloridos. Pequenos nódulos se formavam sob a pele. Ela os pressionou suavemente e estremeceu.

Ia chegar atrasada ao trabalho, muito atrasada. *Aproveite o máximo possível*, ela havia pensado na noite anterior quando não programou o alarme. Mas, ao se levantar da cama, sentia-se menos rebelde. Enquanto pegava a roupa — um vestido preto liso, um colar de pérolas —, sentiu uma escuridão totalmente nova se espalhando pelo estômago, como piche.

Grace tentou pensar em Emma Kate.

Os olhos da filha ainda lhe pareciam estranhos. Duas bolas de gude em uma cabeça grande demais e toda enrugada. Sempre encarando, sempre esperando o amor ao qual ela deveria ter direito. Uma expectativa razoável, Grace admitia, para uma criança que tinha nascido em uma família estável com uma mãe saudável na casa dos trinta anos. Não era como se Emma Kate tivesse sido uma surpresa. Grace acompanhava seu ciclo de forma meticulosa. Até o gênero do bebê fora planejado. Liam achava graça, mas Grace tinha aprendido todos os truques: ela tomava uma quantidade indecente de suco Crystal Light e iogurte durante o período fértil. E Sloane, que, é claro, tivera Abigail, lhe dera o conselho de ter orgasmos depois de Liam, o que exigira algum esforço. Depois do ultrassom, quando o médico entregou o envelope a Grace, ela já sabia que seria uma menina. Liam também sonhava com uma menininha e ficou com os olhos marejados ao receber a notícia. E quando Grace deixou o envelope na mesa de Sloane para que ela e Ardie vissem, as duas soltaram gritinhos. Bem, Sloane soltou gritinhos, na verdade. Elas imediatamente começaram a fazer planos de criar as meninas juntas, de Abigail ser a babá, e de um dia casar Michael e Emma Kate. Tudo tinha sido simplesmente adorável. Exatamente como planejava.

Tudo isso e ainda assim, às vezes, ela tinha vontade de olhar nos olhos de Emma Kate e dizer: não se empolgue. Contra todos os indícios, Emma Kate definitivamente não havia ganhado na loteria parental.

Se servia de consolo, nada tinha saído exatamente como o anunciado para Grace também. Na faculdade, ela fora tesoureira da sororidade TriDelta, e desde então sentia falta da conexão natural compartilhada com um grande grupo de mulheres. Quando deu à luz Emma Kate, chorou de felicidade ao lado de Liam, e em segredo ficou até mesmo exultante. Finalmente. Ela agora fazia parte da maior e mais importante sororidade de todas: a maternidade. Imaginou-se fazendo aulas de ginástica com o carrinho de bebê e praticando ioga mamãe e bebê. Caça aos ovos de Páscoa em abril. Um lindo vestido de batizado e Grace em pé diante da igreja, segurando com cuidado a cabeça da filha, coberta com uma touquinha. A família perfeita.

Em vez disso, Grace se sentia distante, isolada de praticamente todas as outras mães. Ela observava as mães felizes e amorosas na igreja, segurando as mãozinhas adoráveis das filhas, menininhas lindas de meia-calça e sapatos de verniz, e tentava entender que diabo estava fazendo de errado.

Quando ia chegar a parte *boa*? Porque, no que dizia respeito a Grace, ela não conseguia se reconciliar com seus seios grandes e caídos, a barriga flácida, a incontinência urinária, as olheiras profundas, as mastites esporádicas e os bicos dos seios rachados. Tudo isso somado ao fato de que agora ela levava duas horas para sair de casa com a filha a tiracolo, tinha que ouvir um choro irritante toda vez que entrava no chuveiro e não era mais bem-vinda em restaurantes com toalhas de mesa. Emma Kate era muito magra, cheia de eczemas; um líquido turvo escorria dos cantos de sua boca, e ela quase não sorria. Grace queria sentir uma conexão, mas o mais perto que chegou disso foi na primeira vez que a filha segurou seu dedo, e durou apenas um instante. Grace se sentia uma idiota por acreditar que houvesse alguma magia naquela matemática. Alguma alquimia que fizesse tudo aquilo, como todo mundo dizia, valer a pena.

Se Grace sentia afinidade com alguma mãe desde o nascimento de Emma Kate, era com as que jogavam suas minivans dentro de lagos.

* * *

Grace tinha apenas uma bolsa de lona com as roupas do dia anterior, maquiagem, artigos de higiene pessoal e a bombinha manual de tirar leite. Olhou pela última vez para a cama macia, para as toalhas limpas e dobradas, para a

variedade de cápsulas de café Lavazza, temendo retornar para a própria casa, onde fraldas sujas entupiam a lixeira e as almofadas estavam manchadas de vômito.

No fim do corredor, apertou o botão, entrou na redoma de vidro e ficou surpresa ao reconhecer a outra mulher no elevador.

— *Katherine?* — Grace sentiu uma pontada de prazer, como se tivesse esbarrado em um conhecido no aeroporto, ou durante as férias em um lugar distante, ou em uma das lojas da rede Target. Uma divertida justaposição de vidas.

Katherine estava de costas para o vidro, parecendo tensa. Um brilho de reconhecimento surgiu em seus olhos.

— Oi, hum... — disse Katherine.

— Grace — completou. — Tudo bem, você deve ter conhecido umas mil pessoas nos últimos dias.

— Ah, não, eu não estava... — Katherine fez um aceno com a mão, deixando para lá o resto da frase.

Sua pele estava fresca como em um comercial de sabonete, o cabelo, cuidadosamente repartido para o lado. Ela usava brincos pequenos de brilhante, o que parecia corajosamente controlado e até fashion em meio ao mar de joias pendentes em voga entre as mulheres de Dallas.

A campainha do elevador soou no saguão. Um fluxo de água tranquilo e borbulhante fluía de um suporte de mármore e escorria em uma piscina azul cintilante cheia de carpas. O átrio tinha um cheiro que lembrava o de um cassino luxuoso de Las Vegas: ar reciclado e fragrância personalizada.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Katherine.

Grace pensou em contar mais uma mentira, mas nada lhe veio à mente.

— Eu precisava de uma noite de folga — admitiu. — Tenho uma bebê travando uma guerra contra o sono.

Mais algumas noites maldormidas em casa com Emma Kate e Grace sabia que se afundaria novamente no lamaçal da exaustão, tentando levar os dias aos trancos e barrancos.

Os cantos da boca de Katherine formaram um ligeiro sorriso.

— E qual é a arma preferida dela?

— Pulmões de aço. É uma escolha óbvia, mas impiedosamente eficiente. — Grace parou diante das portas de vidro automáticas que davam para o balcão do serviço de manobrista e para a cidade a distância. Lá fora, o sol brilhava. — Às vezes, eu simplesmente não consigo ficar perto dela. É como se eu...

Grace gaguejou.

— A odiasse?

— Eu pareço uma pessoa horrível.

E ela de fato se sentia horrível — uma mãe horrível —, mas provavelmente não se sentia horrível *o suficiente*, e isso fazia com que se sentisse ainda pior, embora ainda não *tão mal* quanto deveria se sentir. Ela achava que, já que não gostava de ser mãe — e quase conseguia admitir isso para si mesma agora —, podia pelo menos se superar em quão mal se sentia em relação a isso. Ela poderia competir nas Olimpíadas da Culpa. Talvez até ganhar uma medalha. Mas a verdade era que estava sempre tão cansada que nem tentava.

— Eu meio que não contei ao meu marido — acrescentou ela, envergonhada.

Katherine pareceu impressionada.

— Que você não ia para casa?

Grace colocou a mão na bochecha, em parte constrangida, em parte não se importando.

— Não, essa parte eu contei. Mas... — Ela fechou um dos olhos. — Talvez tenha dito a ele que ia passar a noite no escritório.

O que estava tão longe da verdade que quase chegava a ser cômico. Desde que voltara a trabalhar, tinha a impressão de que Sloane e Ardie pegavam leve com ela, poupando-a de qualquer trabalho que envolvesse urgência ou empenho, como se Grace devesse estar desesperada pensando em voltar para casa e ficar com a filha recém-nascida. Sua preciosa e esquisita recém-nascida.

— Ah! — Katherine assentiu, o ligeiro sorriso ganhando um ar zombeteiro. — Seu segredo está seguro comigo.

Grace sentiu uma comoção patética, apreciando o sabor de um segredo, que, quando compartilhado, quase sempre indicava o início de uma amizade, de acordo com sua experiência.

— E você? — perguntou Grace.

— Vou me mudar, mas o apartamento ainda não está pronto. É um edifício novo. Foi uma amiga que me arrumou. Estou aqui até poder me mudar.

— No Prescott? Que chique.

— É. É verdade. Mas me colocaram em um quarto bem lá no alto. — Ela ergueu o queixo. O centro do hotel Prescott era um vão que se projetava em direção ao teto de vidro. — Eu morro de medo de altura. E esses elevadores de vidro? É como se eu estivesse despencando para a morte.

— Quer trocar de lugar comigo? — perguntou Grace. — Terei prazer em ficar com seu quarto de hotel, e você pode ficar com meu marido enquanto tenta

negociar um acordo entre minha filha e a hora de dormir. Sloane mencionou que você é especialista nisso.

Grace esperava que o elogio não parecesse exagerado. Era complicado fazer elogios muito cedo em um relacionamento, e não era diferente em se tratando de amizades.

— Em negociações, talvez — disse Katherine. — Não entendo nada de crianças. Não me dou muito bem com elas, na verdade.

Grace olhava, distraída, para onde o mundo real a esperava. Ela já sentia o nó se formando em seu peito.

— Bem — disse ela, depois de uma breve pausa. — É melhor nos apressarmos. A essa altura Sloane já deve ter ligado para a polícia. Mais alguns minutos e ela vai chamar a Guarda Nacional.

Katherine enfiou a mão na bolsa e pegou um cartão cor-de-rosa do serviço de manobrista.

— Não podemos deixar isso acontecer. Arruinaria seu disfarce.

— Meu disfarce? — Grace girou o fecho do colar para que ficasse na nuca.

— Com seu marido? — Katherine franziu o nariz como um coelho. Era uma expressão definitivamente fofa para uma mulher de trinta anos. — Você disse que estava no trabalho.

Grace deu um tapa na testa.

— Droga, você tem razão.

Havia uma nota de riso na voz das duas. Grace sentiu uma pequena faísca. Como se tivesse finalmente se conectado a uma tomada muito distante. Ela já estava ansiosa para chamar Katherine para tomar uma taça de vinho ou fazer compras no Highland Park Village. Era por isso que sempre tinha preferido fazer amigas — ela era boa nisso. Em um momento de clareza, ocorreu-lhe que talvez o que estivesse procurando fosse não se conectar a outras mãos.

Katherine foi na frente até o balcão do manobrista. A temperatura estava incomumente quente para fevereiro. O cheiro de gordura prenunciava os almoços dos hóspedes, que sempre ocorriam no horário civilizado das onze e meia da manhã. Havia um Jaguar prateado na entrada de carros. Uma propaganda silenciosa do hotel.

Quando os dois jovens manobristas saíram apressados na direção do estacionamento, Katherine cruzou os braços e olhou para a rua.

— Faz muito tempo que você trabalha na Truviv?

Grace procurou distraidamente a chave do carro antes de se dar conta de que estava com o manobrista.

— Seis anos.

— E todo mundo é sempre *tão legal*?

Grace riu.

— Na maior parte do tempo, sim. É uma boa equipe. — As pessoas do sul do país eram simpáticas de uma maneira quase competitiva, e Grace e sua família eram consideradas excelentes nisso. — As pessoas não eram legais no seu antigo emprego?

Por um momento, pareceu que Katherine não sabia como responder à pergunta.

— Não é isso. Só quero recomeçar.

Ela ia dizer algo mais, mas o manobrista freou cantando pneu ao lado delas no carro de Grace. As duas saltaram para trás, o braço de Grace se esticando num gesto protetor na frente do peito de Katherine.

— Desculpa.

Suas bochechas coraram. Sua reação tinha sido claramente a de uma mãe que faz rodízio de carona, e ela havia tratado Katherine — Katherine, que tinha se formado em direito em Harvard — como uma criança incapaz de olhar para os dois lados antes de atravessar a rua.

— Tudo bem — disse Katherine, alisando o vestido. — Se fosse alguém do meu antigo emprego, teria me empurrado na frente do carro.

Grace riu, porque a ideia era ridícula. Claro.

DOCUMENTO DE CITAÇÃO

21 de janeiro
Srta. Katherine Bell
2337 Windsor Street
Boston, MA 02101

Prezada srta. Bell:

Seu contrato de trabalho com a Frost Klein & Roget (“Frost Klein”) está oficialmente rescindido a partir da data de hoje.

A senhorita está sendo notificada, por meio do presente documento, de que o contrato foi rescindido por justa causa.

A senhorita não receberá qualquer pagamento referente ao saldo remanescente da sua licença remunerada. Seus benefícios de assistência médica permanecerão em vigor por 0 dia(s).

Por favor, revise o contrato de confidencialidade assinado no ato da contratação. De acordo com esse contrato, a senhorita não pode revelar nenhum segredo comercial, prática ou método de operação da empresa. A Frost Klein tem o direito de tomar as devidas medidas legais caso seja constatado que a senhorita discutiu segredos comerciais durante ou após o período em que trabalhou para a empresa.

Cordialmente,
Alan Ziegler
Sócio-gerente
Frost Klein & Roget

CAPÍTULO 9

23 DE MARÇO

Nenhum dia produtivo começava com um compromisso matinal fora do escritório. Sloane sabia disso. Já havia se conformado.

Ou pelo menos era o que achava, até começar a ver os e-mails não lidos se acumulando na caixa de entrada, reproduzindo-se como moscas. O fato de que seu dia estava arruinado era uma conclusão inevitável, e ainda nem eram onze da manhã. Um recorde, provavelmente.

A secretaria da escola cheirava a queijo. As cadeiras eram pequenas demais e quadradas, e era impossível não ter a sensação de que havia toneladas de migalhas esquecidas no carpete. Um balcão de linóleo em formato de ferradura ficava entre a área de espera e os funcionários da secretaria, que estavam muito ocupados grampeando papéis e ignorando os telefones que não paravam de tocar.

Sloane estava sentada, com a bolsa esmagada no colo, e já se sentia exausta.

— Lembre-se, Abigail — disse Sloane à filha, que estava mexendo no celular.
— Você não precisa dizer nada. Se quiser perguntar alguma coisa, sussurre para mim ou para a sra. Ardie.

Aquela seria a primeira reunião com Abigail presente, e, enquanto uma coisa era ocupar o tempo de Sloane, outra bem diferente era a escola esperar que sua filha desperdiçasse o dela.

Abigail olhou além da mãe para falar com Ardie.

— Minha mãe disse que eu posso te contar qualquer coisa, e que você não pode contar para ninguém, nem para ela, porque é minha advogada.

— Não foi *exatamente* isso que eu disse.

Abigail era uma garota de dez anos com aparência perfeitamente normal: dentes tortos, lábios rosados e um punhado de sardas no nariz que Sloane achava, por experiência própria, que iam desaparecer na época da faculdade. Ela balançava as pernas com uma energia nervosa. Usava All Star novos, indecentemente caros em se tratando de tênis para uma criança de dez anos, que

poderiam muito bem ter sido incluídos na lista de material escolar obrigatório, ao lado de “caderno de redação” e “garrafa térmica Lilly Pulitzer”. Quando estava trabalhando demais, Sloane jurou a Derek que eles iam deixar a região de Park Cities e fugir para o campo. Mas havia a questão da hipoteca — obtida, graças a Sloane, a uma taxa competitiva —, seu emprego, três planos de celular, as parcelas do carro, e, além disso, Derek e Sloane realmente amavam a truta-arco-íris do Fearing’s... Parando para pensar, até que os tênis não eram tão caros assim...

— É exatamente isso, Abigail. — Ardie ignorou Sloane. — Tenho certeza de que podemos pensar em vários segredos para compartilhar.

— Tipo os meus pais, que têm segredos que não podem me contar! — Os pés de Abigail balançaram com mais força. — Só que *nós* é que não vamos poder contar.

Ardie sorriu e se recostou na cadeira.

— Vou precisar ficar a par desses segredos. Parecem interessantes.

— Só se quiser saber onde a mamãe e o papai escondem a vodca. — Sloane pegou o batom na bolsa e o aplicou sem usar espelho. — Como estou?

Ela se virou para Ardie e fez biquinho. Recentemente, Sloane notara que precisava reaplicar constantemente o batom, ou a cor penetrava nas minúsculas rugas que começavam a se formar ao redor de seus lábios.

Ardie, que quase não usava maquiagem nem pintava o cabelo grisalho, fez sua melhor cara de desagrado. Sua marca registrada.

— Você sabe que estamos na escola da sua filha, não sabe? Acho que a juíza Judy tirou o dia de folga.

Sloane inclinou a cabeça.

— Eu normalmente não tolero esse tipo de atitude de um advogado externo, sabia?

Ela estava brincando, mas não de forma convincente. A questão com Abigail era um assunto sério, e Sloane estava levando a sério. Muito a sério.

Em sua primeira reunião com o diretor, eles descobriram que Abigail não era a única destinatária daquele tipo de mensagens. Aparentemente, as meninas da turma dela estavam *experimentando novas palavras*. Isso não serviu de consolo para Sloane. Outras garotas talvez fossem capazes de lidar com aquele tipo de crueldade infantil do século XXI, mas sua sensível Abigail? “Síndrome do crânio de casca de ovo”, era como um de seus professores chamava isso na faculdade de direito. A ideia de que, mesmo que você golpeie uma pessoa na cabeça e frature o crânio dela, isso não terá importância se o mesmo golpe não fraturar o crânio da

maioria das pessoas. A inesperada fragilidade da vítima não era uma defesa válida para a gravidade de nenhum dano causado a ela. Abigail tinha crânio de casca de ovo.

Aquela era a segunda reunião, e quando Derek descobriu que não poderia estar presente — uma incompatibilidade de horário com os testes estaduais do ensino fundamental —, ele sugeriu a solução perfeita: “Leve Ardie.” Ardie *era* muito mais estável do que Sloane, a própria Sloane concordava. Por exemplo, Ardie usava o perfume de uma mulher muito mais velha, rosas desidratadas e especiarias, enquanto Sloane tinha uma vaga consciência de que às vezes demonstrava um ar de frivolidade não intencional, e isso se estendia até seus perfumes em frascos miniatura escolhidos sem nenhum cuidado, que ela alternava durante os dias da semana.

A porta à esquerda delas se abriu.

— Sloane Glover? O diretor está pronto para recebê-las.

Sloane se levantou tão rápido que ficou tonta.

— Calma — murmurou Ardie, ao lado dela.

Sloane respirou fundo, e as três entraram em um pequeno escritório cinzento com vista para o pátio.

Sloane foi a primeira a falar. Quase sempre era.

— Diretor Clark — disse. — Esta é nossa advogada, Ardie Valdez.

O diretor Clark se levantou, ajustou a gravata e estendeu a mão para Ardie. Ele era negro e alto, de cabeça raspada, mas com fios brancos salpicando a barba aparada. Sloane se viu inexplicavelmente verificando o dedo anelar dele: sem aliança. Ele e Ardie formariam um casal muito simpático. Se Sloane não estivesse furiosa a ponto de ameaçar processá-lo, é claro.

— Tenho certeza de que a presença dela não é necessária — disse Clark. — Esta é apenas uma oportunidade de nos reunirmos para discutir o progresso de Abigail.

Todos olharam para a menina, cujos tornozelos estavam cruzados sob a cadeira. Ela parecia nervosa e desconfortável, como um gato debaixo d’água.

Ardie puxou uma cadeira.

— E o progresso da escola. Não podemos esquecer essa parte.

Sloane sorriu. Ponto para Ardie logo no início da partida. Não que Sloane fosse competitiva.

— Correto. — O diretor pigarreou e olhou para a pilha de papéis em sua mesa. A própria Sloane às vezes usava a mesma tática para ganhar tempo. *Olhar para baixo, remexer, remexer e, ah, aqui está, finalmente podemos começar.* — É

melhor começarmos então — disse ele. — A escola enviou recentemente panfletos voltados para pais e alunos a fim de discutir os parâmetros de conduta que se espera dos alunos nas redes sociais. Pedimos que os pais monitorem as contas e guardem as senhas.

Um bloco de anotações surgiu no colo de Ardie.

— E quanto à punição?

Ele assentiu como se estivesse prestes a chegar lá.

— Para os alunos mais velhos, a má conduta nas mídias sociais resultará na suspensão do privilégio de participar de atividades sociais, como bailes e jogos de basquete.

— Mas a Abigail não é uma das alunas mais velhas — interrompeu Sloane. — Ela está no *quarto* ano. Ela nem tem perfil em rede social.

— Tenho uma conta no YouTube — afirmou Abigail, fazendo um aceno de cabeça decidido e adulto para o diretor Clark.

— Isso é diferente, querida — disse Sloane automaticamente. Em seguida se viu pensando: *Será mesmo?* Ela precisava verificar a conta de Abigail. Olhar seu histórico de vídeos. Desejou também ter levado consigo um bloco de anotações. Aquilo tinha sido um descuido.

O diretor Clark ignorou Abigail.

— Tudo bem. Eu sei disso. Por este lado, já pensou em mudar o número de celular de Abigail?

Sloane soltou uma gargalhada desdenhosa.

— Essa é sua solução? Por que o ônus deveria ser dela? Ou dos pais? O que vai acontecer quando esses alunos conseguirem o *novo* número? Eles não deveriam nem ter celular.

— Nesse ponto há uma questão de segurança. Hoje em dia os pais se sentem mais seguros quando os filhos andam com celular.

Sloane achava que não se importaria se um daqueles fedelhos fosse sequestrado uma ou duas vezes.

Atrás do diretor Clark, crianças corriam segurando lancheiras e garrafas de água e escalavam os brinquedos.

— Aconteceu mais alguma coisa, Abigail? — perguntou ele.

Abigail enfiou as mãos debaixo das coxas, balançando-se para a frente e para trás.

— Não sei. Talvez — disse ela, a voz baixa e sincera. — Uns garotos. Eles pediram que eu fosse pegar os sapatos deles atrás do ginásio. Eu fui, mas não tinha sapato nenhum lá. — Ela deu de ombros e arregalou os olhos azuis. — Eu

voltei, e todo mundo ficou rindo de mim. Não entendi a piada. Gritei para eles irem embora, como a mamãe me ensinou. Então eles me chamaram de louca.

Sloane fechou os olhos e engoliu em seco. Às vezes, quando ela e Abigail estavam saindo da Target ou do cinema juntas e o estacionamento estava quase vazio, ela fazia Abigail praticar seus gritos. Derek achava que aquele exercício só servia para assustá-la. Mas o que ele sabia? Derek nunca tinha sido uma garota. Sloane, sim, e se a filha um dia se visse em perigo, ela saberia exatamente o que fazer: gritar bem alto.

Agora estavam naquela situação.

— Eu não entendo — disse Sloane. — Sapatos? Por que as crianças iam rir da minha filha por causa de sapatos?

O diretor Clark parecia esconder — é sério? — um sorrisinho por trás dos dedos entrelaçados, os cotovelos apoiados casualmente na mesa.

— Tem alguma coisa engraçada aqui, diretor Clark? O que não estamos entendendo? — Ardie chegou para a frente, até a beirada da cadeira, com a caneta em punho.

Ele afastou as mãos e deu de ombros.

— Crianças sendo crianças — disse. — É uma bobagem, na verdade. — Seus olhos dispararam entre Ardie e Sloane. Elas esperaram.

— Sloane e eu adoramos bobagens.

Clark coçou a nuca.

— Não é que faça sentido. É só uma coisa que os garotos andam fazendo. É como flertar. Isso quer dizer que eles acham uma menina bonita. É um ritual, acho que podemos chamar assim. Eles pedem à garota que acham bonita para ir até os fundos do ginásio e, então, bem, nada. São *crianças*.

Ele apertou os lábios e ergueu as sobrancelhas para Abigail.

— Acho que não entendi direito. — Sloane sentiu que estava fazendo aquele negócio de ficar piscando sem parar que Derek tanto detestava, mas ela só fazia aquilo quando estava certa. E quando a pessoa com quem ela falava estava estupidamente errada. — Você está dizendo que minha filha foi submetida a uma espécie de trote pré-adolescente?

O olhar de Ardie também tinha assumido um ar mais severo, de curiosidade crítica. (Conhecíamos aquela lógica: *sempre* devíamos ficar gratas quando alguém achava que éramos bonitas.)

As duas se entreolharam. Após compartilhar experiências de trabalho por mais de uma década você adquiria um medidor de merda idêntico. Ardie foi muito sutil. Um movimento quase imperceptível dos olhos, seguido por uma leve

inclinação da cabeça. *Pode ter certeza de que não vou impedi-la*, dizia.

— Humilhação — continuou Sloane ao diretor Clark. — Era para ser um elogio? Tudo em nome da brincadeira, suponho.

— Mãe. — Abigail se remexeu na cadeira.

— Eu entendo o que você deve estar pensando. Mas garanto que é inofensivo.

— Ah! Ah! Você me *garante*? — O rosto de Sloane ficou branco de raiva.

Ardie se manteve firme ao lado dela. Ela se inclinou para a frente.

— Acho que parte do que provocou essa reação na minha cliente é o fato de que esses garotos constrangeram Abigail de forma proposital. Em seguida, a chamaram de louca. O senhor sabe por que isso é problemático, diretor Clark? — Ela não esperou a resposta. — É problemático porque, quando permitimos que meninos chamem uma menina de “louca” de forma tão casual, bem, isso dá a todas as outras pessoas permissão para que não acreditem nela. Algum desses garotos foi chamado de louco por inventar essa história sobre *sapatos*, por acaso?

O vestígio de sorriso do diretor Clark desapareceu.

Ardie continuou:

— Imaginei que não. O que torna tudo mais problemático é que a administração desta escola se mostrou conivente em relação a esse tipo de comportamento, tanto por parte dos meninos quanto das meninas. Quando na realidade parece estimular um comportamento perigoso. Não é engraçado, diretor Clark. E minha cliente está legitimamente preocupada com a segurança e o bem-estar da filha.

— Eu compreendo — disse o diretor Clark, agora sério.

Sloane conseguiu encontrar a voz e a bolsa no mesmo momento. Ela se levantou.

— Concordei com a direção da escola em fazer essas reuniões na esperança de que houvesse progresso real e não fosse necessária nenhuma medida legal. — Ela estendeu a mão para Abigail, que se levantou da cadeira e a pegou. — Mas esta reunião foi um completo desperdício de tempo. Espero que a direção leve a próxima mais a sério.

Em seguida, Ardie, Abigail e Sloane saíram da sala do diretor sem olhar para trás. Sloane sentia uma veia pulsar na têmpora.

— Mãe. — Abigail puxou o braço dela quando já estavam do lado de fora, sob o céu nublado. — Você *gritou* com o diretor Clark.

— Eu não gritei. — Elas estavam na calçada de concreto colorida da escola primária, que levava ao estacionamento dos visitantes. Gritinhos distantes atravessavam o ar, que cheirava a umidade e suor infantil. — Eu falei alto. É

diferente.

Era possível que Sloane *tivesse* chegado bem perto de gritar. A sensação de estar coberta de razão pode ser uma droga poderosa. Ela ia dizer a Derek que tinha se mantido calma e deixado Ardie fazer a maior parte do trabalho. Ardie *tinha* sido incrível, isso era indiscutível.

— Então... — Sloane se virou para Abigail e Ardie. — Quer almoçar com a gente?

— Na verdade... — Ardie semicerrou os olhos por causa da luz refletida na calçada. — Vou pegar um Uber e voltar para o escritório. Tenho que terminar aqueles relatórios, e hoje é meu dia de buscar o Michael na escola.

Ela já estava acessando o aplicativo no celular.

Os ombros de Sloane murcharam.

— Tudo bem — cedeu ela. — Mas apenas sob protesto. E que conste dos autos que eu tentei recompensá-la com a melhor refeição que algo entre cinco e... — ela contou as notas amassadas em sua carteira — ...quinze dólares poderia oferecer. — Sloane puxou Ardie para um abraço. — Mas se você não se importar, eu gostaria que essa questão da Abigail ficasse apenas entre nós. É delicado — disse ela, com uma leve pontada de nervosismo.

Mais uma vez depositava um segredo na conta de sua amizade com Ardie. Mais uma vez misturava trabalho e vida pessoal. Ela observou enquanto a filha estudava uma planta próxima e arrancava dois brotos entre as folhas. Amava muito a filha, mas, no fundo, imaginava que ela teria mais amigos. Será que isso era algo horrível de se pensar? Será que Sloane era uma péssima mãe?

— E, você sabe, com a política da empresa e tudo o mais... você, *entre aspas*, nos representar... Bem, poderia ficar um pouco confuso.

Estritamente falando, os advogados da Truviv não podiam representar ninguém além da Truviv. Isso seria, se elas fossem se ater às regras, uma violação da política da empresa contra práticas indevidas e poderia, *tecnicamente*, dar margem a uma série de questões. Embora, claro, isso não fosse acontecer. Era uma pequena infração. Como atravessar fora da faixa.

— Você entende, não é?

Ardie apertou os ombros dela.

— Fica só entre nós.

Houve um breve momento em que Sloane achou que talvez fosse a hora de fazer sua pequena, insignificante confissão, mas então o telefone de Ardie tocou, o carro que ela havia chamado surgiu na esquina e, honestamente, tinha sido uma traição mínima. Nem valia a pena mencionar. Afinal, não era exatamente

uma questão de segurança nacional. O pequeno caso social que ela estava tendo. Não, meu Deus, espere, não era um *caso*. Poderia ser considerado um caso se fosse apenas platônico? Provavelmente não. E não era como se Ardie e Sloane tivessem um relacionamento monogâmico sério. Elas *tinham* outros amigos. Eram adultas. De qualquer forma, ela poderia contar mais tarde. Ou melhor ainda: nunca.

CAPÍTULO 10

23 DE MARÇO

Rosalita colocou o envelope endereçado à “Sra. Valdez” no teclado de Ardie. Ela ficou feliz por ninguém estar na sala. Era mais simples assim.

Ardie tinha oferecido seus serviços a Rosalita *pro bono*. Na época, a faxineira não sabia o que isso significava, não exatamente, mas seu filho, Salomon, a ajudou a pesquisar no Google e os dois descobriram que significava “de graça”. Rosalita não gostava de nada de graça. Ou melhor, não confiava em nada oferecido de graça. Até uma amostra gratuita de frango com gergelim no shopping era um convite para comprar a refeição. A amostra grátis funcionava como isca. E Rosalita não queria ser enganada. Seu primeiro instinto fora recusar a ajuda de Ardie, e teria feito isso, se não fosse pela imagem incômoda de seu menino, que não lhe deixou escolha a não ser aceitar. Então ela juntou o que conseguiu economizar do pouco dinheiro que ganhava com aquele emprego e enfiou as notas num envelope.

O maior problema foi calcular exatamente quanto deveria pagar. Isso ela também pesquisou na internet, e o valor dos honorários parecia variar do caro ao exorbitante. Rosalita não podia pagar nem uma coisa nem outra, então separou o que achava justo. Uma pilha de notas amarrotadas disfarçadas em um envelope de correspondência. A imprudência de deixar aquela quantia ali fez suas entranhas se revirarem.

— O que você está fazendo?

O corpo inteiro de Rosalita se enrijeceu ao som da voz masculina atrás dela. Ela se virou e lá estava ele, o homem da sala do canto, a mecha de cabelo branco escapando da testa. Os pelos dos braços de Rosalita se arrepiaram.

— Nada. — Ela entrelaçou os dedos e segurou as mãos na frente do corpo. Ficou parada enquanto ele a inspecionava, olhando-a de cima a baixo. — Limpeza.

Ele não tinha entrado na sala, mas seu corpo bloqueava a saída. A pulsação reverberava em seus tímpanos. Ela podia falar a verdade, mas aquilo não era da

conta dele. Ou talvez fosse, mas, em todo caso, ela já tinha dito uma mentira e agora teria que mantê-la até o fim.

Ela pensou no envelope em cima da mesa e em como aquilo pareceria se ele examinasse a sala mais atentamente, em como soaria ridículo se ela dissesse que estava deixando o dinheiro ali em vez de pegá-lo. Ele não acreditaria.

— Sem produtos?

Ele coçou atrás da orelha, como se a questão não tivesse importância, embora fosse óbvio que tinha, ou aquela pergunta não estaria sendo feita.

Rosalita se recompôs, amarrando mentalmente um torniquete em torno da raiva e da humilhação que ameaçavam sangrar para sua voz. Um homem passou no corredor, lançando um olhar de soslaio para dentro da sala. Ela já estava acostumada com a suposição inerente de que ela e o restante da equipe de limpeza estavam sempre de olho na oportunidade de pôr as mãos enluvadas nos pares extras de sapato e nas pulseiras barulhentas que as pessoas deixavam em cima ou embaixo das mesas. Sua antiga parceira de limpeza, LaTisha, tinha lhe contado sobre um memorando que circulou nos escritórios do andar de cima encorajando todos os funcionários a trancar seus pertences em um lugar seguro e proteger seus computadores para evitar roubos. *Reduza a tentação evitando deixar seus pertences à vista!*

Jesus Cristo. *Tentação.*

— Eu não preciso de produto para esvaziar as lixeiras. A outra limpeza será feita no turno da noite.

Rosalita pensou em explicar melhor, mas duvidava que ele fosse prestar atenção por tanto tempo. Uma ou duas vezes por mês, Rosalita pegava um turno diurno, durante o qual havia apenas uma pequena equipe, que ficava de prontidão para cuidar do serviço de limpeza mais leve e do inevitável derramamento de uma xícara inteira de café, o que acontecia pelo menos uma vez por dia. Tudo o que ela queria era encerrar aquela interação o mais rápido possível.

Os olhos dele foram da lixeira no canto para onde Rosalita estava, bem em frente à mesa de Ardie. Ela estava mentindo e, provavelmente, os dois sabiam disso. Rosalita esperou, tensa como uma pistola engatilhada, pelo que aconteceria a seguir. Um segundo. Dois segundos.

Se ela fosse outra pessoa, será que ele teria...

— Tudo bem por aqui? — Ardie apareceu atrás do homem, e Rosalita deveria ter ficado aliviada em vê-la.

— Tudo ótimo. — Ele passou a mão nas bochechas. — Só estava checando

como estavam as coisas.

— Na minha sala? — perguntou Ardie com um ar de inocência. Ela se espremeu para passar por ele, a enorme bolsa imprensando-o, de modo que ele foi forçado, por educação, a se afastar. Seu rosto parecia visivelmente irritado. Mas ele abriu espaço.

Ele ficou parado por um momento, em seguida acenou para Rosalita e disse, antes de ir embora:

— Boa tarde.

Ardie fechou a porta sem consultar Rosalita.

— O que aconteceu? — perguntou ela, colocando a bolsa em uma das duas cadeiras em frente à mesa.

Rosalita torceu o tecido amarelo horroroso de sua camisa polo. Sentia na pele a aspereza do tecido. Seu rabo de cavalo grosso caía pelas costas.

— Nada.

Ela se sentia pequena e insignificante, como uma criança vendo os adultos trabalharem.

— Não pareceu ser nada. — Ardie se deixou cair pesadamente na cadeira de rodinhas. — Desculpa. Você estava procurando por mim? — Nesse momento, do outro lado da mesa, Ardie viu o envelope sobre o teclado. Ela o pegou. — O que é isso?

Rosalita não respondeu.

Ardie cruzou os braços e soltou um longo suspiro ao examinar o conteúdo. Em seguida, deu batidinhas com a borda do envelope na palma da mão aberta e olhou pela janela.

O fato de aquelas mulheres terem estabelecido uma relação amigável não era tão estranho quanto parecia. Havia acontecido naturalmente, ao longo de muitos meses. Anos, àquela altura. Na primeira vez que Ardie falou com ela em espanhol, Rosalita teve receio de que ela talvez fosse lésbica, mas ela tinha um filho e um marido (que mais tarde se tornou ex-marido), então Rosalita se sentiu uma babaca. *¿De dónde es usted?*, perguntara para a faxineira, e elas descobriram que Ardie, filha de médicos, era de McAllen, enquanto Rosalita cursara o ensino médio na vizinha Rio Grande City. Suas conversas nunca duravam mais do que cinco minutos, mas havia algo de agradável em falar com outro adulto em espanhol, o que era desencorajado no trabalho por receio de que os funcionários do prédio achessem que a equipe de limpeza estava fofocando sobre eles (o que era verdade). O conforto de não ter que atravessar a camada extra de tradução, de sentir que estava sendo compreendida, de soar como si mesma e inteligente

perto de uma pessoa como Ardie a preenchia com uma sensação de autoconfiança que lhe faltava durante a maior parte de suas interações no trabalho, na mercearia, no banco, com o técnico da TV a cabo...

Ardie suspirou novamente.

— Rosalita, vou aceitar este dinheiro com uma condição — disse Ardie. — Quero contratar o Salomon para ajudar na festa de aniversário do meu filho.

Rosalita encarou Ardie.

— Por quanto?

— Cem dólares — respondeu Ardie.

Isso era mais do que a quantia no envelope. Rosalita franziu a testa, quase se esquecendo do homem.

— Cento e cinquenta.

Fora sua mãe quem lhe ensinara a nunca ficar grata pela primeira oferta. Sua mãe tinha sido uma mulher pequena com um elevado grau de demência precoce causada por uma lesão na cabeça sofrida em um acidente de carro aparentemente sem gravidade. Nos anos que antecederam sua morte, Rosalita sentira o amor da mãe como arame farpado. Mas, como resultado, tinha criado calos. E, ao olhar para trás, muitas vezes ficava surpresa ao descobrir que algumas das habilidades mais importantes que aprendera na vida tinham vindo daquela mesma mãe maluca e perturbada.

Ardie fez uma pausa.

— Cento e vinte e cinco. Negócio fechado?

— Sim. Negócio fechado.

Ardie estendeu a mão, e Rosalita disse a si mesma que aquele era um acordo simples. Fora o que dissera a si mesma no passado também. Claro, na época se tratava de sua sobrevivência, e ela se forçara a reduzir o significado daquilo a fatos e números. Mas continuava a ser, até aquele dia, a pior coisa que já tinha feito. Uma transação simples que provou a Rosalita para sempre que ela era, no fundo, uma pessoa de sangue frio. Que colocaria a si mesma e a seu filho acima de tudo e de todos.

É só dinheiro, pensou ela. Mas... não tinha sido “apenas dinheiro” na última vez que fizera um acordo?

CAPÍTULO 11

27 DE MARÇO

O funeral de Desmond Bankole foi realizado sete dias após sua morte. Os dias nesse intervalo tinham se passado na habitual confusão de trabalho, carro e casa, entremeada por ocasionais telefonemas urgentes, memorandos redigidos às pressas e reuniões meramente formais. Ao chegar, Sloane se deparou com uma verdadeira coluna social em que todos vestiam preto, reconhecíveis embora ligeiramente fora de contexto. Seus saltos afundaram na grama bem cuidada quando pegou um atalho para a igreja. Sloane tinha um ódio visceral a enterros. Aos quinze anos, tivera que comparecer a três no mesmo ano. A avó materna, seguida dos dois avôs. Ela detestara apertar as mãos de pessoas idosas, o toque dos lenços amassados nas palmas de pele fina como papel. A sensação de lágrimas incontáveis, uma onda de emoção íntima à mostra — e pior: esperada.

Depois do nascimento de Abigail, ela e Derek fizeram os testamentos, e Sloane deixou instruções: desejava ser cremada, por favor, e que depois as cinzas fossem despejadas no quintal enquanto alguém fazia uma oração a Tina Fey. E, tudo bem, talvez ela tivesse incluído uma sugestão ligeiramente autoritária para que Derek considerasse se casar com Ardie, alguém que Sloane tinha certeza de que se preocuparia bastante com a educação de Abigail, se lembraria de preparar o lanche da garota e, este ponto era um pouco cruel por parte de Sloane, não a ofuscaria no quesito aparência. Mas, fora isso — as orações a Tina Fey e o casamento com uma de suas melhores amigas —, Sloane planejava ser uma esposa e uma mãe morta bem pouco exigente. De verdade.

Sentada no banco da igreja, com as costas doloridas por causa da madeira dura, ela mantinha o braço entrelaçado ao de Grace e uma pastilha Altoid grudada no céu da boca.

— É a última música. — Ardie apontou para uma das linhas finais do programa.

— Aleluia. — Sloane levantou os olhos para o céu.

Grace lhes dirigiu um olhar de reprovação.

— É assim que vocês duas agiriam se *eu* morresse? — sussurrou ela.

Ela enxugou os olhos com um lenço de papel amassado e fungou alto. A ponta do nariz tinha adquirido um horrendo tom avermelhado. Sloane acariciou o ombro da amiga. Grace usava um lindo xale preto de caxemira em volta dos ombros. Seu cabelo claro estava preso em um elegante coque-banana. Arrumada à perfeição, como sempre. Mas, por Deus, como andava *sensível* ultimamente.

— Depende — respondeu Ardie, aos sussurros. — Seria antes ou depois de você terminar a análise regulatória da aquisição dos planos de assinatura de caixas? — Ela checkou o relógio. — Para ser justa, já estamos aqui há mais de uma hora.

— Ela está brincando, Grace. Nós ficaríamos arrasadas.

Grace se desvencilhou de Sloane e cruzou os braços. Manteve os olhos atentos ao pastor, que estava fazendo as considerações finais, e abaixou a cabeça para se juntar ao restante da congregação em algum tipo de oração.

— Usaríamos preto por um ano — murmurou Sloane. — Prometo.

Para provar, ela colocou a mão em uma das Bíblias no banco. Era bastante conveniente.

Grace ergueu o queixo.

— Eu não estou sendo ridícula, sabia? Isso pode acontecer. — Ela encarou Ardie também. — Com qualquer uma de nós.

— Claro — disse Sloane, baixinho, observando a amiga. É *natural*, disse a si mesma, confrontar a própria mortalidade depois do nascimento do primeiro filho. — Mas não vai acontecer.

O órgão ressoou pela capela, e Sloane se levantou junto com a multidão de enlutados. Seu anel puxou um fio da meia-calça preta que usava por baixo do vestido. Um rasgo curto e severo correu até o topo do joelho.

— Merda — sussurrou ela, mais alto do que pensara.

— Está tudo bem? — Ardie se virou para Sloane.

— Estou ótima. — Não havia como salvar a meia-calça. Ela simplesmente teria que lidar com o problema até conseguir ir ao banheiro para tirá-la e torcer para ter se lembrado de passar hidratante nas pernas naquela manhã. Desejou que Derek estivesse lá, a mão apoiada em suas costas. Ele tinha boas mãos. Mãos de jogador de basquete. — Só quero sair daqui.

Do lado de fora, o dia estava lindo. O gramado exalava um cheiro de grama recém-aparada. Havia borboletas de verdade voando por entre as variedades de plantas que decoravam o exterior.

Enquanto a multidão se encaminhava para fora da igreja como gado, Sloane ouviu saudações amigáveis, viu apertos de mão, presenciou almoços sendo marcados. Ela também deveria estar socializando. Aproveitando o momento. Havia mesas de servir no gramado e as pessoas pegavam suco de laranja ou água em copos de plástico.

— Você quer alguma coisa? — perguntou Ardie, que não resistia a uma boca-livre, indo em direção à mesa.

— Estou bem, obrigada.

O estômago de Sloane estava inquieto. Grace tinha desaparecido, talvez para retocar a maquiagem, toda borrada depois da missa. Grace devia ser uma pessoa melhor do que ela, pensou Sloane, que não tinha chorado até então.

Alguém cutucou seu ombro. Sloane se virou e deu de cara com Elizabeth Moretti, os braços já estendidos para envolvê-la em um abraço. Elizabeth tinha um volumoso cabelo castanho e um sorriso que mostrava demais a gengiva. Mas se vestia muito bem, e naquele dia estava usando um tubinho com detalhes na barra, de aparência sofisticada, que Sloane imaginava que algumas horas antes ainda estivesse com a etiqueta.

— Imaginei que fosse encontrá-la por aqui.

Naturalmente, Sloane pensara o mesmo de Elizabeth. Embora fizesse menos sentido, já que ela não trabalhava na Truviv.

Elizabeth olhou em volta, estalando a língua. Ela era tão barulhenta.

— Trágico. Mas foi uma bela cerimônia. Flores lindas de morrer, me perdoe pelo trocadilho infeliz. Está vendo aquele cara ali?

Sloane olhou sutilmente para um ponto além de um vaso cheio de amores-perfeitos roxos e alaranjados e viu dois homens conversando sob a sombra de um carvalho. Ambos tinham quarenta e poucos anos e eram sortudos porque ainda exibiam cabelo, mas as entradas reveladoras de pele rosada e reluzente haviam começado a se alargar, fazendo incursões além da linha do cabelo original.

— O mais baixo — continuou Elizabeth. — Ele veio de outra empresa, então acho que você não o conheceu. Jacob Shor. Virou sócio do Jaxon Brockwell há alguns anos. Ele estava na lista. Achei que sabia tudo o que acontecia por lá. Mas não, bem ao lado do nome dele estava escrito “tentou transar com uma estagiária na sala”. Quase morri do coração. Desculpa. Meu Deus. — Ela fez o sinal da cruz, olhando para o campanário. — Dá para acreditar?

Dava? Sloane olhou para o homem, que parecia bastante simpático. Um rosto amigável. Ela conseguia imaginá-lo como um professor de educação física muito querido. Um predador sexual? Aí já não era tão fácil assim.

— Então... — Elizabeth pegou um estojo de pó compacto e verificou seu reflexo. Nada mais casual. — Ele estava na lista?

Sloane ficou com raiva de si mesma por ter esquecido os óculos escuros. O dia estava esquentando e ela estava com uma cara de paisagem horrível.

— Quem disse que eu estava procurando o nome de alguém? — Havia irritação em sua voz.

— Foi um palpite.

Sloane suava sob o sol quente de quase meio-dia.

Ela poderia ter acrescentado o nome dele. Era anônimo. Um documento compartilhado flutuando na nuvem nebulosa da internet. Qualquer um poderia acrescentar ou editar, e ela chegou a começar a escrever. Mas não foi até o fim. Por quê?

— Tudo bem, tudo bem, não precisa me dizer. Não é da minha conta. — Tudo era da conta de Elizabeth. Ela fechou o pó compacto. — Mas você deveria adicioná-lo. Pode ajudar alguém. Pegar o touro pelas bolas. — Ela estendeu a mão em concha para demonstrar. — Entende o que quero dizer?

Sloane não queria falar sobre o assunto naquele momento, não com ela. Afinal, Elizabeth não tinha funcionado como uma espécie de lista para ela no passado?

Cuidado com o Ames Garrett.

— Desculpa, Elizabeth. Estou com um fio puxado na meia-calça. Preciso ir ao banheiro. Você me daria licença? — disse Sloane, soando muito formal.

O que havia de errado com ela? Tinha se perdido oficialmente de Ardie e Grace àquela altura. Precisava se recompor, embora de fato detestasse funerais.

Ela abraçou Elizabeth. Sloane não gostava muito de abraçar mulheres que conhecia profissionalmente, mas ainda lembrava que Elizabeth gostava de abraços.

— Esmalte transparente — disse Elizabeth quando ela se afastou.

Sloane virou a cabeça para trás.

— O quê?

Elizabeth olhou para ela, avaliando, e colocou as mãos em concha em volta da boca como um megafone.

— Vai fazer o fio parar de correr.

Sloane acenou em sinal de gratidão.

Do lado de dentro, a igreja estava muito mais vazia do que antes, graças a Deus, com apenas alguns retardatários andando de um lado para outro e falando em voz baixa. Seus passos ecoaram pelo corredor enquanto ela seguia as placas indicando o banheiro, que, segundo lhe informaram, ficava em algum lugar da ala leste.

Sloane estava virando no corredor quando o viu. Aquela mecha branca cortando o cabelo castanho-escuro sempre a paralisava. Seu coração começou a bater mais rápido. Ames estava de cabeça baixa, como se rezasse, mas falava com Katherine Bell, cujas costas esbeltas estavam apoiadas na parede. O primeiro instinto de Sloane foi interrompê-los, mas, como acontecia com frequência em situações relacionadas ao trabalho, sua mente começou imediatamente a repassar uma série de possibilidades traiçoeiras. Ela recuou para assistir de uma distância segura enquanto um formigamento de alerta se espalhava pelos braços.

O que ele estava dizendo?

Por outro lado... será que precisava mesmo saber? Talvez bastasse que Sloane colocasse ela mesma aos vinte e oito anos no lugar de Katherine e arriscasse um “palpite”. Sloane não fazia ideia de quanto tempo havia que os dois estavam conversando, mas demorou menos de um minuto para a conversa terminar. Um fino fio de suor se acumulava em seu sutiã. Ela sentiu as narinas dilatadas daquele modo repulsivo que nunca conseguia controlar quando era tomada por um certo tipo de raiva.

Esperou. O rosto de Katherine estava impassível enquanto caminhava em sua direção pelo corredor, e Sloane se preparou para, assim que ela virasse a esquina, fingir surpresa.

— Desculpa! — disseram as duas ao mesmo tempo.

Sloane tentou ler os olhos de Katherine. Ames tinha sido babaca? Ou será que a conversa fora perfeitamente normal e Sloane estava imaginando coisas?

Aquela maldita lista. Ele deveria estar nela. As pessoas tinham que ser avisadas. Presidente. *Meu Deus*.

Katherine afastou um fio de cabelo preso nos cílios. Sloane sorriu, dando um passo para trás a fim de que elas pudessem recuperar algum espaço. Katherine parecia ser alguém que apreciava o gesto.

Sloane vinha reunindo primeiras impressões a respeito da nova subordinada. Escolhas de vestuário, pelo menos para o gosto de Sloane, um pouco fora do tom, o que ela acreditava tê-la ajudado a deduzir *algo* sobre a mulher. Ela

provavelmente não gostava de pedir a opinião dos outros. Na verdade, isso fez com que Sloane se lembrasse um pouco de Abigail: a inaptidão social complicada pela beleza. Ninguém esperava que esses dois atributos se combinassem, e isso criava um problema, porque pessoas bonitas — por exemplo, garotas loiras de olhos azuis, como a filha — não podiam ser reservadas, a menos que quisessem ser consideradas esnobes. Pessoas bonitas deveriam, de preferência, agir como Sloane, que era bonita, mas em grande parte porque já pedira muitas vezes a opinião dos outros ao longo dos anos e amava *mesmo* Neiman Marcus.

— O banheiro é por aqui? — perguntou Sloane, apontando.

— É — respondeu Katherine, um rubor visível nas maçãs do rosto.

— Estraguei minha meia-calça — disse, como se lhe devesse explicações. — Estou parecendo uma prostituta barata.

A boca de Katherine formou um pequeno “o” de surpresa.

— Eu sempre tenho uma meia-calça extra na bolsa, se precisar.

Ela já estava puxando a bolsa para o quadril quando Sloane tocou de leve seu braço.

— Não precisa. Acho que vou jogar no lixo. Minha filha diz que meia-calça me faz parecer velha, de qualquer forma.

Katherine estava usando meia-calça preta opaca. *Ela* não parecia velha com a meia. Pelo contrário, a peça modelava suas pernas de forma atraente.

— Se mudar de ideia, é só pedir — disse Katherine, passando por ela, a expressão educadamente vazia e reservada.

— Obrigada. Sim, pode deixar. — Mas ela já estava olhando além de Katherine, observando Ames sozinho no corredor vazio da ala leste. Foi um alívio ouvir os passos de Katherine se afastando. Ames passou os dedos pelo cabelo, se balançando para trás apoiado em um dos calcanhares. Em seguida, abriu a porta do banheiro masculino.

Insanidade temporária. Sloane poderia estar sofrendo daquele distúrbio raro, sabendo que era uma defesa com poucas chances de se sustentar no tribunal. Mas aquilo nunca iria parar em um tribunal.

Ela entrou no banheiro masculino atrás de Ames.

— Olá — chamou, caso houvesse mais alguém lá dentro além dele.

— Tem gente. — Era a voz de Ames.

O único reservado à esquerda estava aberto e a fileira de mictórios estava vazia, a não ser por Ames, de costas para ela.

Ele se virou, as sobrancelhas se erguendo em surpresa. Os vincos em sua testa haviam se aprofundado ao longo dos anos. (Ao passo que nós precisávamos de

cirurgias plásticas e preenchimento para nos mantermos relevantes, eles precisavam apenas envelhecer para se tornarem mais dignos. Não pense que não percebíamos.)

— Sloane? — Ela ouviu o zíper da calça dele se fechando. — O que você está fazendo aqui?

Boa pergunta. O que ela estava fazendo ali? Agindo por impulso, supunha. Derek sempre falava de sua tendência a ser impulsiva. Como quando apareceu em casa com um gatinho abandonado em um caixote do lado de fora da mercearia, e só mais tarde lembrou que Derek era alérgico. Ou teria sido responsabilidade maternal? Ou será que ela estava apenas velha demais para lidar com aquelas baboseiras? Ela estava confrontando o chefe — *merda, o chefe* — no banheiro.

— Ouvi dizer que você está sendo cotado para o cargo de presidente — disse ela, calmamente. — Parabéns. — Aquilo quase soou verdadeiro. Antes que Ames pudesse responder, ela acrescentou: — A propósito, alguns dias atrás encontrei Bobbi.

A água gorgolejava pelos canos na parede. Fora isso, o banheiro estava extremamente silencioso. Sua voz ecoou.

Ames afivelou o cinto. Ela detestou, porque inevitavelmente chamou sua atenção para a virilha. Talvez fosse exatamente essa a intenção dele.

— Ela me contou. — Havia uma mensagem nas entrelinhas: *Sim, minha esposa e eu conversamos e eu não sou um monstro, obrigado*. Ele deu de ombros. — Muitas coisas precisam ser resolvidas primeiro.

— Mas você acha que tem boas chances. Dá para perceber.

Ela se recusou a deixar que seus olhos se desviassem para o próprio reflexo no espelho.

Um meio sorriso. Uma única covinha pontuando a bochecha com a barba recém-aparada.

— Sempre tive sorte.

— O que você está fazendo com a Katherine? — perguntou ela, porque essa era a questão.

Era o nome dele que faltava naquela lista, para o bem ou para o mal.

— Ah, por favor, Sloane. — Ele revirou os olhos, inclinando a cabeça um pouco para trás, como se fosse um adolescente e ela estivesse lembrando que ele tinha que arrumar o quarto. — Eu não estou fazendo nada. O que fez você pensar que estou?

Sloane se deu conta de que pensara em Ames durante todos aqueles anos

como um vulcão adormecido, com poucas chances de entrar em erupção.

— Eu tenho olhos, para começar. E ouvidos. E... experiências relevantes. — Ela sustentou o olhar. *Você sabe o que dizem sobre o passado*, pensou.

— Isso de novo, não. — Lá estava. A irritação infantil. O incômodo. — Quando você vai *superar*? Já faz anos.

Não fazia. O caso tinha sido anos antes, mas ela estava pagando por ele desde então, e Ames sabia. Porque toda vez que ela pensava que o problema com Ames Garrett tinha entrado em hibernação, ele provava que ela estava errada. Como três anos depois do caso, quando Ames repassou uma transação importante da qual Sloane era encarregada para David Kelly porque “não podia confiar que ela não fosse trepar com o advogado da outra parte”. Cinco anos depois do nascimento de Abigail, Ames lhe disse casualmente que sua bunda ainda ficava decente em um terninho. Sete anos depois do caso, ele ficou bêbado e sugeriu que os dois “relembrassem os velhos tempos”. Dezenas de situações como essas pontuavam sua carreira. E de repente ela via os indícios de um ressurgimento. Um novo ciclo. Sem Desmond, temia que sua imunidade — que a imunidade delas — estivesse comprometida.

— Sua esposa perguntou se eu tinha algum conselho para lhe dar a fim de melhorar suas chances — disse ela, lentamente. — Eu prometi a ela que, se pensasse em algo, compartilharia com você. — Os olhos dele dançaram de divertimento, e ela o odiou por isso. — Então, aqui está: se quiser continuar cotado para o cargo, *Ames*, aconselho você a manter as mãos, e qualquer outra parte do corpo que se sinta tentado a usar, limpas. Entendido?

Ele deu uma risadinha e enfiou as mãos nos bolsos.

— Você é inacreditável, Sloane. Sabia?

Ela pensou sobre essa palavra. *Inacreditável*. Seria possível? Ele tinha escolhido a palavra certa, mesmo que não tivesse a intenção. O medo que a atormentava enquanto ela sofria com todas as injustiças, todos os desrespeitos, todo o direito de ocupar seu espaço e sua mente dos quais ele tirava o máximo proveito: o medo de que ninguém acreditasse nela. Tudo por causa daquele caso idiota.

— Minhas condolências, Ames.

Ela se virou para sair. Tinha dito alguma coisa. Tinha feito alguma coisa. Não era a lista “CILADA”, mas sua própria versão, apenas mais direta.

— Se quiser ouvir *meu* conselho, Sloane... — O coração de Sloane teve um sobressalto, e ela hesitou, as mãos espalmadas na porta. — É o seguinte: quando a maré sobe, todos os barcos sobem junto. Se me oferecessem o cargo, e não estou

dizendo que isso vá acontecer, mas, se acontecer, é lógico supor que o cargo de diretor jurídico ficará disponível, e você tem, como acho que você mesma disse, experiências relevantes.

Seu corpo se enrijeceu. Em parte porque o que Ames tinha acabado de dizer soava suspeitamente como suborno. Mas também porque ele estava certo.

Sloane havia chegado a uma idade em que a raiva não significava mais bater portas ou quebrar copos. Em vez disso, sua raiva reverberava nos órgãos. Ela saiu sem emitir nenhum som, sua mente se demorando no banheiro, repassando todas as palavras trocadas com Ames.

Por isso não percebeu de imediato Bobbi Garrett parada no corredor, com um copo de água em cada mão, olhando para ela.

Sloane se assustou ao registrar sua presença. Um estremecimento óbvio.

— Entrei no banheiro errado — disse, erguendo a mão para ajeitar o cabelo. Claro que Ames tinha levado a esposa. Já se comportava como se fossem a primeira-família da Truviv, Inc.

A risada de Bobbi soou um pouco mais aguda que o normal, e a água espirrou dos copos de plástico, pingando nos dedos.

— Eu só estava procurando meu marido.

O marido dela. Não Ames. O marido dela.

O chefe de Sloane.

— Acho que talvez ele esteja lá dentro — disse Sloane. — Tenho certeza de que, se estiver, já deve estar saindo.

Ela deveria ter disfarçado entrando no banheiro feminino. Sabia disso, mas já suportara coisas demais naquele dia, e o casamento de Ames não era sua responsabilidade. Sloane caminhou de volta para o pátio ensolarado da igreja. Alguns carros já começavam a deixar o estacionamento, os faróis acesos em plena luz do dia. O rasgo da meia-calça tinha aumentado, parecendo uma cicatriz.

Sloane detestava funerais e jurou a si mesma que nunca mais compareceria a um. *A menos que...* pensou ela. *A menos que fosse o enterro de Ames.*

Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Sra. Glover, está ciente de como e quando esses boatos infundados sobre Ames Garrett começaram?

Ré 1: Eu discordo das palavras "boatos" e "infundados".

Sra. Sharpe: Tudo bem. Você e suas amigas alguma vez falaram a respeito de Ames Garrett socialmente?

Ré 1: Com certeza.

Sra. Sharpe: Em que contexto?

Ré 1: Ele era nosso chefe. Nós convivíamos com ele diariamente. Tenho certeza de que o nome dele surgiu em vários contextos diferentes.

Sra. Sharpe: Vocês se queixavam dele?

Ré 1: Havia muitos motivos para nos queixarmos de Ames, então estou certa de que sim.

Sra. Sharpe: Com que frequência a senhora diria que se queixavam dele?

Ré 1: Não sei. Não mantive um registro.

Sra. Sharpe: Mensalmente? Semanalmente? Diariamente?

Ré 1: Não sei.

Sra. Sharpe: Durante esta investigação, falamos com dezenas de amigos e colegas de Ames Garrett que o apoiam categoricamente. Afirmam que ele tem uma excelente reputação, que o conhecem há anos e que é um homem de família, um cara íntegro. Mulheres que ele conheceu na universidade, na faculdade de direito, profissionalmente, dizem que nunca se sentiram desconfortáveis perto dele.

Ré 1: Essa lógica não faz sentido, Cosette. Se alguém é um assassino, você não aponta para todas as pessoas na vida dele que ainda estão vivas e diz: "Ele não pode ser um assassino, vejam só todas as pessoas que ele não matou!"

Sra. Sharpe: A senhora está comparando Ames Garrett a um assassino?

Ré 1: Não.

Sra. Sharpe: Já que tocamos nesse assunto... É verdade que a senhora recentemente foi interrogada como parte de uma possível investigação de homicídio?

Helen Yeh: Protesto. Peço que a última pergunta da advogada seja retirada dos autos.

Sra. Sharpe: A ré abordou o assunto.

Ré 1: Como você sabe, todos na empresa foram ouvidos. E ninguém disse nada sobre matar alguém, disse?

CAPÍTULO 12

28 DE MARÇO

Embora fosse março, a planilha transformou todas nós em papais noéis. Acrescentávamos nomes à lista, verificávamos tudo duas vezes e tentávamos descobrir quem tinha se comportado bem e quem tinha se comportado mal.

Não parávamos de atualizar a planilha. Esperávamos encontrar certos nomes que nunca apareciam. Éramos pegas de surpresa quando surgiam na tela nomes que jamais imaginaríamos. Durante aquelas semanas, andávamos de elevador, digitalizávamos documentos na copiadora e participávamos de reuniões comerciais observando tudo como se com visão de raios X. Enxergávamos através de portas fechadas e calças sociais.

Ignorávamos alguns comportamentos — não tinha problema ouvir uma piada sexual ou outra. Outros — homens que faziam questão de nos contar sobre seus casos extraconjugais, que entravam atrás de nós no banheiro, que enviavam mensagens com conteúdo sexual explícito e depois diziam que estavam bêbados demais para lembrar, que se recusavam a ouvir a palavra “não”, que retaliavam quando a ouviam, que apalpavam nossos traseiros —, não podíamos ignorar. Ficávamos aliviadas quando não acontecia conosco. E, quando acontecia, sentíamos um conforto nauseante por não ter sido *apenas* conosco, um alívio como o de vomitar depois de uma ressaca.

Nós nos inclinávamos nas esteiras da academia, teorizando sobre o que motivava os homens naquela lista, e nesse sentido fracassávamos inerentemente, porque desperdiçávamos mais tempo concentradas na vida emocional deles do que eles jamais tinham refletido sobre a nossa.

A questão nunca era por quê. A questão era...

— O que vamos fazer a respeito da Katherine?

Sloane entrou na sala de Ardie sem bater e fechou a porta, na qual apoiou as costas, como se tivesse sido perseguida até lá. Ardie estava revisando um e-mail para um dos advogados do escritório Norman, Steele & Sandoval a respeito de um litígio envolvendo impostos de propriedade, uma prática — revisão de textos

— à qual os advogados mais jovens da empresa pareciam alérgicos. Todos estavam sempre com muita pressa.

Sloane farejou o ar.

— Estou sentindo cheiro de McDonald's, Ardie. Por favor, não me diga que você foi ao McDonald's.

— Ok, eu não fui ao McDonald's.

Sloane foi até a lixeira e pegou uma embalagem de fast-food com a ponta dos dedos: o que restara de um cachorro-quente com ovos e queijo que Ardie havia comprado no caminho para o trabalho. Estava delicioso.

— Nunca vou entender você.

Sloane jogou a embalagem de volta na lixeira e se sentou na cadeira diante da mesa de Ardie.

— Bom dia para você também. Por favor, sente-se — disse Ardie, indiferente.

Como todas as outras mulheres do planeta, ela já tinha visto os memes de Kate Moss com a frase “Nada é tão gostoso quanto ser magra”, mas pensou consigo mesma: *Desculpa, mas já comeu cheesecake?* Entretanto, Ardie suspeitava que o verdadeiro problema com relação a seus hábitos alimentares não era o fato de gostar de comidas que eram ruins para ela, mas gostar de comida barata. Ardie podia pagar por produtos orgânicos, carne de animais criados ao ar livre e de forma humanizada, mas em geral não fazia questão.

— Estou com um dilema moral.

Sloane arrastou a cadeira para mais perto da mesa.

Ardie terminou de ler o e-mail e clicou em “enviar”.

— Eu tinha a impressão de que sua moral era bastante flexível — comentou, casualmente.

Ardie notou que seu terninho estava brilhante e gasto nos cotovelos. Ela sabia que esse era o tipo de coisa ao qual deveria ficar mais atenta, mas sua mãe sempre lhe dissera que não havia nenhum atributo físico mais importante para uma mulher do que a pele, e Ardie tinha uma pele ótima, então isso devia contar para alguma coisa.

— Minha moral é complicada. Tem diferença. — Sloane cruzou as mãos nos joelhos, sentando-se com a coluna ereta, como uma aluna tentando impressionar a professora. Ardie apertou os lábios e pressionou as têmporas. — Eu vi o Ames... rondando a menina durante o funeral, no qual vocês me abandonaram, aliás.

Ardie tinha pegado uns sanduíches e fugira para o carro. Ela não gostava de ficar no meio de tantas pessoas. Costumava caminhar pela vizinhança e, quando

o fazia, mudava de calçada e *evitava* uma rua sem saída apenas para não ter que acenar para outro ser humano. Era um milagre que tivesse uma amiga como Sloane.

— Eu a convidei para a festa do Michael — disse Ardie, evitando a pergunta implícita sobre seu paradeiro.

Sloane franziu a testa e inclinou a cabeça.

— Isso foi estranhamente gentil da sua parte.

— Assim você me ofende.

— Enfim. — Sloane juntou a ponta dos dedos enquanto falava, rápido demais, como sempre. — Eu confrontei o Ames e...

— Você o quê?

— Eu confrontei o *Ames* — repetiu ela. — E ele me disse, de forma muito clara, que, se for nomeado presidente, eu serei promovida a diretora jurídica.

Sloane se recostou na cadeira, erguendo as mãos abertas. A grande revelação.

Ardie franziu a testa, balançando levemente a cabeça.

— Sei...

Sloane não parecia satisfeita.

— Mas ele estava...

— Sondando.

Ardie teve uma sensação de *déjà-vu*. Veja! Os quadros nas paredes de sua sala não haviam mudado. A mesma orquídea roxa se arqueava preguiçosamente em cima da mesa e uma pequena árvore-da-borracha ainda crescia no canto, ambas cuidadas e regadas por ela. A foto de Tony tinha desaparecido desde a última vez. Como mágica. Nesse caso — o caso da fotografia desaparecida de Tony —, Ardie na verdade suspeitava de Grace, embora ela nunca tivesse confirmado.

— Sim. — Ela chegou para a frente outra vez. — Eu quero muito esse cargo.

— Você merece esse cargo.

Sloane não discutiu. (A falsa modéstia estava desaparecendo, como uma tendência cafona de moda. Mas ainda relutávamos em adotar a autoconfiança profissional — como quando jeans *skinny* estavam entrando na moda e todas dizíamos: *Mas será que nós podemos mesmo?* Sim, nós podíamos.)

— Então, a meu ver — continuou Sloane —, minhas opções são: fazer com que ele seja demitido, alertar Katherine ou matá-lo. O que você escolheria?

Ardie não queria responder àquela pergunta.

— Estou *brincando*. Claro. — Sloane retomou a conversa, se recompondo. Ardie se perguntou se o simples ato de falar deixava a amiga nervosa. — A segunda opção parece ser a menos complicada, já que não exige álibis e/ou

conspirações insanas. Acho que, se chegarmos até ela antes que ele dê o bote, o problema estará resolvido.

Ela limpou as mãos para demonstrar.

Ardie ficou em silêncio por um momento. Apoiou o queixo nas mãos.

— Eu tentei avisar você.

Isso era verdade, embora Ardie não tivesse se empenhado muito. Elas não eram, na época, o tipo de amigas que acompanhavam uma à outra em cirurgias ambulatoriais para remoção de cistos mamários.

— Você chegou um pouquinho atrasada — retrucou Sloane, com ironia.

Sloane não queria que essas palavras magoassem, mas magoaram. Não muito. Foi mais o tipo de dor fantasma entorpecida que se sente anos depois de uma cirurgia. Real e irreal ao mesmo tempo.

— E daí se você estiver um pouquinho atrasada? — disse Ardie. — Tudo que você disser pode chegar até ele. Está preparada?

Disso Sloane não zombou, porque Ardie estava trazendo à tona uma verdade que todas tinhamos que aprender em diversos graus. O escritório era um ambiente perfeitamente projetado para fomentar desconfiança. Toda confiança, todo pedido de conselho eram um salto no escuro, e todas tinhamos histórias horríveis sobre as vezes em que confiamos na pessoa errada.

Sloane inclinou a cabeça para trás e massageou a musculatura tensa da nuca. Todas tinham uma postura péssima por ficar o dia inteiro diante do computador.

— Podemos sondá-la — sugeriu Sloane, a voz rouca por causa do pescoço arqueado. — Podemos fazer com que ela se torne uma de nós. — Sloane terminou o alongamento. — Você não acha que ela já está envolvida com o Ames, acha?

Ardie pensou a respeito.

— Não. Não acho. Pelo menos ainda não.

Ardie percebeu praticamente no minuto em que Sloane começou a dormir com Ames. As pessoas eram óbvias demais quando tentavam agir com sutileza. Embora existisse a possibilidade de que Katherine fosse apenas mais discreta.

Sloane apertou os lábios, determinada.

— Há a lista.

Sloane havia encaminhado a lista de “homens CILADA” para Ardie imediatamente. Desde então, uma colega do primeiro escritório de advocacia em que ela trabalhara e até a nova esposa de Tony, Braylee, tinham feito o mesmo. Ardie não dera muita importância à planilha. Tinha ignorado, achando que não passava de fofoca. Como os cadernos de perguntas que as crianças faziam nos

anos 1990. Ela sempre gostou da ideia de cada um cuidar da própria vida. Mas tinha que admitir que se tornara uma pessoa terrivelmente intolerante na meia-idade. Talvez seus sentimentos em relação à lista fossem parecidos com o sentimento que a impedia de baixar a última atualização do sistema operacional do iPhone. Por outro lado, às vezes, as atualizações de sistema operacional eram realmente uma bosta, então ela não estava totalmente errada.

— Ele não está na lista — disse Ardie, com a maior calma possível.

— Isso pode ser corrigido — retrucou Sloane, como se fosse uma ideia proposta em uma reunião: corrigir o problema chamado Ames.

— Sloane...

Ardie suspirou. Talvez ela devesse se preocupar com o fato de ser sempre a pessoa que suspirava nos relacionamentos. Era como se o papel que lhe tivesse sido atribuído pela vontade divina fosse ouvir todos à sua volta exporem ideias enquanto só ela era capaz de prever todas as coisas que poderiam dar errado. Isso faria qualquer um suspirar. Mas ela temia que não a fizesse parecer muito divertida. Talvez Tony a tivesse deixado por isso. *Braylee* parecia uma mulher cujas respirações eram sempre profundas, calmas e regulares.

— É uma boa ideia. Você tem que admitir.

Ardie assentiu enquanto avaliava os riscos. A inserção do nome dele poderia ser rastreada até Sloane. Ela não sabia como. Sloane poderia ser processada por difamação, a não ser que o que dissesse fosse verdade. Poderia ser demitida. Mas só se os outros dois itens se realizassem primeiro. Aquilo poderia arruinar a vida de Ames.

— Não é a pior das ideias.

— Eu não fui a única. Houve outras mulheres antes de mim. Aquela estagiária. E a secretária dele, lembra? E não foi uma coisinha ou outra. Você deve se lembrar de quando...

— Eu lembro.

— Tudo bem. Então você *sabe* que o nome dele deveria estar na lista — disse Sloane. — Além disso, todo mundo está colaborando.

— Se todo mundo resolvesse pular de um prédio, você também pularia? — perguntou Ardie.

Sloane abriu um sorrisinho discreto.

— Claro que não. Eu provavelmente empurraria todo mundo. Você pode até não acreditar, mas eu não era muito popular na escola.

Ardie revirou os olhos.

— Eu, definitivamente, não acredito nisso.

— Bem. — Sloane encarou Ardie. — Talvez não.

Justamente naquele momento, atrás de Sloane, deu para ver pelo vidro Ames passando na frente da sala. Uma mistura de marrom, cinza e uma faixa branca. Terno cinza. A barba por fazer crescendo no pescoço. Lóbulos envelhecidos. Vincos nas costas do paletó. Os punhos fechados.

Ela não conseguia se lembrar da última vez que ele a olhara nos olhos ou da última vez que olhara em sua direção sem fazer uma expressão que deixava claro que todo o corpo dela dava nojo a ele.

Foda-se, pensou Ardie. Vou colocar o nome dele.

Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Sharpe: O que pode nos dizer sobre a lista, sra. Glover?

Ré 1: Que lista?

Sra. Sharpe: A Lista de Homens de Comportamento Infame, Libertino e Amoral de Dallas e Arredores. Acredito que esteja familiarizada com ela.

Ré 1: Eu não inventei a lista.

Sra. Sharpe: Não sugeri que a senhora tenha feito isso. Só pedi que nos falasse a respeito.

Ré 1: Era uma lista de homens de Dallas com registros curtos detalhando o comportamento sexualmente agressivo deles no local de trabalho.

Sra. Sharpe: A senhora achou que a lista era uma boa ideia?

Ré 1: Eu achei que era uma ideia. Não cheguei a uma conclusão sobre se era boa ou ruim. Ficou claro para mim que as pessoas identificaram uma necessidade e reagiram a ela.

Sra. Sharpe: Quando diz "pessoas", está se referindo a mulheres?

Ré 1: Até onde sei, mulheres também são pessoas.

Sra. Sharpe: Quem decidia quais homens seriam incluídos na lista?

Ré 1: Ninguém decidia nada. Se uma mulher era vítima do mau comportamento de um homem ou era informada a respeito, ela podia incluí-lo na lista.

Sra. Sharpe: Está dizendo que as mulheres, nesse caso, não apenas agiam como acusadoras, mas também como juízas e juradas.

Ré 1: Não estávamos em um tribunal. Não houve desdobramentos legais.

Sra. Sharpe: Até onde sei, sra. Glover, isto aqui são desdobramentos legais. Deixe-me fazer uma pergunta mais direta, então. Quando decidiu usar a lista para tentar sabotar Ames Garrett, seu colega?

Ré 1: A intenção da lista nunca foi sabotar. A intenção da lista era apenas alertar.

Sra. Sharpe: Sra. Glover, poderia nos explicar o que é "causa próxima", na sua compreensão, para constar dos autos?

Ré 1: "Causa próxima" significa que um evento está suficientemente relacionado a um dano, de modo que um tribunal considere esse evento como causa do dano.

Sra. Sharpe: Bem colocado. E pode nos dizer como é o teste para determinar se existe uma causa próxima?

Ré 1: A causa próxima é medida pelo teste de *sine qua non*, expressão em latim que quer dizer "se não fosse por". Y não teria acontecido se não fosse por X.

Sra. Sharpe: Neste caso, sra. Glover, uma pessoa está morta. Esse é o "Y". Minha pergunta é simples: essa pessoa estaria morta se não fosse por suas ações?

CAPÍTULO 13

28 DE MARÇO

Ardie foi a primeira a se servir das tortilhas na mesa. O restaurante era do tipo mexicano brega, com botas penduradas na parede como decoração. Luzes coloridas pendiam do teto. Grupos de homens se debruçavam sobre pratos de taco, a gravata enfiada para dentro da camisa social.

Em torno da mesa estavam Grace, Sloane e Katherine. Katherine aceitara o convite de Sloane para almoçar, mas não exatamente com “grande entusiasmo”. Ela insistiu que tinha levado o próprio almoço, e Sloane disparou de volta “Protesto, irrelevante”, o que suscitou uma reclamação de Ardie, que era fundamentalmente contra piadas de advogado.

— Então — Sloane abriu o cardápio plastificado —, será que é cedo demais para margaritas?

Grace cruzou as pernas.

— A regra na minha casa sempre foi que, depois das dez da manhã, vale tudo. Sloane chamou a jovem garçonete.

— Margaritas para todas, então? — perguntou Sloane ao grupo.

— Eu tenho que tirar leite assim que voltar do almoço.

Grace bocejou.

— Eu aceito.

Katherine ainda estava sentada com a mesma postura impecável, como se fosse equilibrar um conjunto de pratos na cabeça a qualquer momento. Sua boca, Ardie notou, tinha o hábito de se contorcer entre um pequeno sorriso e uma expressão neutra — diversas vezes —, como se estivesse pedindo permissão. Talvez a bebida fosse um sinal de que ela estava se soltando. *Dedos cruzados*, Ardie imaginou Sloane bradando alto demais; ainda bem que essa ideia não lhe ocorreu. A garçonete anotou o pedido e saiu apressada.

— Sua filha está sendo um pouco desmancha-prazeres — disse Katherine para Grace.

Os olhos de Sloane se arregalaram e ela apoiou as mãos espalmadas na mesa.

— Ah, meu Deus, você precisa *conhecer* a Emma Kate. Ela é a bebê mais linda do mundo. Poderia estar em um comercial das fraldas Pampers, de tão linda que é. Você vai odiá-la, por ela ser tão linda. Embora, claro, ninguém consiga odiar bebês.

Grace e Katherine trocaram um olhar conspiratório. Grace ergueu o copo de leve em direção a Katherine.

Sloane apontou o dedo entre elas, inclinando-se para a frente.

— Tudo bem, vocês duas, desembuchem: quando viraram melhores amigas? O que estão *escondendo*? Podem falar.

Grace desdobrou primorosamente o guardanapo de pano preto e o colocou no colo.

— Eu não sei do que você está falando. Você sabe, Katherine?

— Tudo bem. — Sloane examinou as unhas. — Também podemos participar desse jogo. Ardie e eu também temos segredos, não é? — O rabo de cavalo deslizou pelo ombro quando ela se virou para Ardie.

Ardie pousou o copo de água na mesa.

— E nós somos mais velhas que vocês, então temos mais segredos.

As margaritas chegaram, e Grace ergueu o copo de água.

— Saúde, meninas.

Ardie poderia estar sendo otimista, mas achava que Grace estava feliz, o que não acontecia havia semanas.

Sloane lambeu o sal da borda do copo.

— Caramba, Grace, você é, tipo, a mãe perfeita. Tenho certeza de que bebi vinho quando estava grávida. Quando estava amamentando, o que, vamos ser sinceras, durou só três meses, acho que nem cogitava *não* beber. — Ela espremeu o limão na margarita. — E olhe só Abigail! Está ótima!

Ardie revirou os olhos, quebrando ao meio outra tortilha.

— O que eu sempre digo? As estatísticas não significam nada no nível individual. E o inverso também é verdadeiro.

Sloane mergulhou uma tortilha no molho.

— A Ardie está sempre dando um jeito de me ensinar conceitos matemáticos, mas sou uma péssima aluna. Vamos ver. Tem esse e, ah, sim, não se deve considerar custos irrecuperáveis ao tomar decisões futuras. Hein! Hein! Muito bom, não acha?

— Alguém já disse que você deveria escrever para a *The Economist*? — perguntou Grace, ajeitando uma mecha de cabelo que havia escapado, enquanto falava com um grampo preso entre os dentes. — Além disso... — Ela prendeu o

cabelo com destreza. — Este almoço é sobre *Katherine*. Katherine, *você* tem a palavra. — Grace fez um gesto igual ao de um apresentador de TV, com Katherine como prêmio principal. — Queremos saber tudo a seu respeito.

— Ou o que quiser nos contar — completou Ardie, porque estava óbvio que, como ela, Katherine era um pouco... Bem, não exatamente tímida, Ardie não era tímida... Um pouco *reservada*. Alguém que não operava na mesma frequência que pessoas falantes e com traquejo social, como Grace e Sloane, que naturalmente não conseguiam enxergar os sinais. Sloane acreditava que dentro de toda pessoa introvertida havia um extrovertido à espera de um amigo. Sério. Ela dizia essas exatas palavras. Era como terapia de conversão, só que meio que funcionava. Pelo menos por um tempo. Mas Ardie entendia. Tudo aquilo podia ser muito intimidante. Exhaustivo. Tentar entrar em um grupo de amigos e passar a impressão de que estava enturmada, quando na verdade tudo o que você queria era ficar quieta comendo batata frita, de forma que toda a sua energia não sangrasse acidentalmente pelos ouvidos.

Ardie notou que Katherine desviava o tempo todo o olhar para algum ponto acima da cabeça de Sloane e que demorava um pouco para que seus olhos voltassem para a conversa. Katherine alisou a saia.

— Ah, bem. Vamos ver. Eu trabalhei no *Law Review*.

— Em Harvard, ainda por cima, pelo que sei — acrescentou Grace.

Um sorriso quase imperceptível brotou na boca de Katherine.

— Isso mesmo. — Katherine falava com muita precisão, enunciando cada sílaba. — Ganhei uma bolsa de estudos para fazer um curso no exterior, em Oxford. Eu...

Sloane bateu com o punho na mesa, impaciente.

— Já sabemos disso tudo. Vamos para a parte que interessa. Queremos saber sobre sua família, de onde você é. O que gosta de fazer. Essas coisas.

— Poupe seu tempo — avisou Ardie. — Em breve vai descobrir que é inútil resistir. Você vai sofrer menos.

A garçonete interrompeu a conversa para anotar os pedidos. Ardie percebeu, só depois de já ter começado, que estava fazendo uma varredura do restaurante em busca do ex-marido. Ele trabalhava ali por perto e aquele *era* um restaurante popular. A garçonete desapareceu novamente e Ardie voltou a atenção para as amigas.

— Tudo bem — recomeçou Katherine. — Eu sou de Boston. Caçula de cinco. A única menina. Eu não tinha muito tempo livre no meu último emprego. Para fazer nada.

— Eu ainda sofro de transtorno de estresse pós-traumático por causa do tempo que trabalhei em um escritório de advocacia. — Grace girou um canudo em seu copo de água. Grace sempre usava canudo, para preservar o batom. — E não é exagero.

O olhar de Katherine se ergueu estranhamente outra vez.

Depois de um tempo curto demais para que a comida fosse supostamente preparada e servida, os pratos foram colocados diante do grupo e Ardie inspirou o aroma de queijo derretido e jalapeños.

— Você tem namorado? — É claro que Sloane faria uma pergunta descarada dessas.

Katherine hesitou.

— Não.

— Ou namorada? Ou alguma coisa?

— Não — repetiu Katherine.

— Porque eu sou meio que especialista em criar perfis em aplicativos de relacionamento.

Ardie e Grace olharam para Katherine ao mesmo tempo e balançaram de leve a cabeça: *não*.

— Eu vi isso. — Sloane colocou um pedaço de enchilada na boca. Diante dela, a margarita tinha se reduzido a gelo.

O almoço transcorreu como transcorrem os almoços. Katherine beliscou sua salada, enquanto Grace descrevia como acordava todas as manhãs com dolorosos nódulos nos seios, os quais tinha que massagear no chuveiro. Sloane estava escrevendo alguma coisa no celular quando o garfo de Katherine bateu com força no prato. Ardie parou no meio de uma mordida e olhou para o rosto de Katherine, que, por um único instante, assumiu uma expressão com os olhos miúdos de raiva e o queixo projetado.

— Tudo bem? — perguntou Ardie, virando-se para espiar por cima de Sloane, onde viu uma TV atrás do bar. Um jogo de beisebol estava sendo transmitido sem som.

Ardie se recostou na cadeira e avaliou Katherine, que corou e tomou outro gole da margarita.

— Desculpa. Eu só... foi uma péssima jogada.

— Eu amo o Rangers. — Ardie enfatizou sua posição com o garfo. Ela adorava beisebol pelo ritmo tranquilo do jogo, pela oportunidade de comer cachorros-quentes cheios de mostarda, por poder gritar com desconhecidos sem ninguém se importar. Enquanto Sloane e Grace tinham aceitado o trabalho na Truviv mal

sabendo a diferença entre um *touchdown* e um gol, Ardie realmente gostava de esportes. Eles faziam sentido. E a Truviv com frequência oferecia ingressos de graça para os funcionários. Ardie sorriu. — Você torce para o Red Sox?

Katherine soltou um suspiro e ergueu a mão.

— Desculpa.

Aquilo tudo pareceu perfeitamente inocente, e nos perguntaríamos se todos aqueles momentos pareceram assim até serem deturpados mais tarde por acontecimentos que não estavam mais sob controle de ninguém.

Nós nos lembraríamos daquele momento, meses depois, e questionaríamos muitas coisas. Procuraríamos sinais. E os encontraríamos.

— Finalmente alguém para assistir aos jogos comigo! — comemorou Ardie.

— Vamos pedir mais uma rodada! — disse Sloane, antes de se debruçar na mesa e sussurrar: — Katherine, você já viu a lista de homens CILADA?

CAPÍTULO 14

28 DE MARÇO

“*Safada*” era uma palavra muito pervertida. Uma palavra pornográfica. Ainda assim, foi a primeira que veio à mente de Grace. *Ah, Grace, você está sendo tão safada.* Graças a Deus seus pensamentos não eram transmitidos ao público.

Depois do almoço, Grace entrou no lactário e trancou a porta, verificando duas vezes para ter certeza de que estava bem fechada. Entrou e tirou os sapatos de salto alto. No canto, havia guardado uma caixa de plástico com seu nome escrito na lateral a caneta. Seu pequeno contrabando. Ela deu tapinhas carinhosos na tampa.

Grace não tinha começado aquilo de propósito. Simplesmente aconteceu, depois da escapada no hotel, aquela noite selvagem de aromaterapia e serviço de quarto. Ela abriu a caixa e começou a retirar seus tesouros: uma máscara de dormir, creme francês para as mãos, meias de caxemira, pijama de seda, um travesseiro com fronha de linho limpa e um cobertor de lã. Grace vestiu o pijama e colocou as meias nos pés cansados, soltando um gemido audível. Os absorventes em seu sutiã de amamentação estavam úmidos, mas ela os deixou como estavam, deitando-se no sofá de couro rachado e afofando o travesseiro sob a cabeça. Enquanto isso, as peças da bombinha elétrica flutuavam em uma tigela cheia de água com sabão embaixo da pia da cozinha.

Para acompanhar a demanda de Emma Kate, Grace tinha que tirar leite pelo menos três vezes ao dia. Então, certa tarde, ela pensou: *Que se dane.* E decidiu tirar uma soneca. Acordou com linhas vermelhas vincando a bochecha e uma baba seca no canto da boca, mas por um curto período depois disso se sentiu *humana*.

Sua produção de leite já havia começado a diminuir, mas ela não conseguia se livrar do cochilo que se tornara diário. Todas as tardes, era como uma mulher que, prestes a começar uma nova dieta, ficava desanimada ao descobrir que sua força de vontade sucumbia ao se deparar com um cupcake de chocolate. O lactário era o cupcake de chocolate de Grace.

E como era perfeccionista, começou a aperfeiçoar sua arte. E pensar que, apenas algumas semanas antes, se sentia presa dentro daquela mesma salinha, irritada pela falta de sinal de celular e por estar perdendo seu precioso tempo.

Foi muito fácil.

Grace também conhecia seus direitos. Durante um ano inteiro após o nascimento de Emma Kate, a Truviv era obrigada a oferecer um espaço privado e intervalos suficientes para que tirasse leite. A Truviv *não* era obrigada a proporcionar tempo para soneca, mas, falando sério, não deveria ser? Talvez só um pouquinho?

Ela colocou a máscara de dormir e tentou se isolar do mundo. O melhor de tudo era que ninguém suspeitava que Grace Stanton seria capaz de mentir, muito menos no que dizia respeito a alimentar a filha pequena. Ninguém suspeitava de nada, o que a fez se perguntar o que mais seria capaz de fazer.

Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Em sua queixa inicial, a senhora alegou que a cultura de assédio sexual já durava uma década. Uma década é muito tempo. Por que não disse nada, sra. Glover? Certamente deve ter tido oportunidade de externar suas preocupações em algum momento durante esse período. Pelo menos uma vez. Devo dizer, no entanto, que não encontramos uma única reclamação feita pela senhora.

Ré 1: Eu obviamente temia pelo meu emprego e pelo futuro da minha carreira. Eu temia uma retaliação da Truviv. Um receio que, como pode ver, acabou se provando muito válido.

Sra. Sharpe: Nesse caso, a senhora manteve segredo sobre essa suposta informação por pelo menos dez anos, de acordo com seu relato. Por que se pronunciar agora?

Ré 1: Seria ingênuo acreditar que meu caso foi o único incidente de assédio sexual. Mas não fiquei confortável ao ver a mesma coisa que tinha acontecido comigo acontecer com outra pessoa bem debaixo do meu nariz. Eu não ficaria com a consciência tranquila se simplesmente assistisse àquilo sem dizer nada.

Sra. Sharpe: O sr. Garrett estava prestes a se tornar o próximo presidente da Truviv. A senhora estava ciente disso, não estava?

Ré 1: Estava.

Sra. Sharpe: Sua consciência tem um timing impecável.

Quando disse que acreditou haver outra vítima do suposto comportamento do sr. Garrett, a quem exatamente está se referindo?

Ré 1: Katherine Bell.

Sra. Sharpe: E o que exatamente a senhora viu o sr. Garrett fazer com Katherine Bell?

Ré 1: Eu vi que ele dedicou atenção especial a ela, uma atenção que não era compatível com sua posição na empresa. Eu vi que ele a conduzia para reuniões a portas fechadas em sua sala.

Sra. Sharpe: A empresa tem uma política contra reuniões a portas fechadas?

Ré 1: Claro que não, mas...

Sra. Sharpe: Então, resumindo, a senhora alega que Ames Garrett dedicou atenção a uma de suas funcionárias e teve reuniões com ela em sua sala.

Ré 1: Não, Cosette. Foi pior. Muito pior.

CAPÍTULO 15

29 DE MARÇO

No dia seguinte, do lado de fora da sala de Ames, Sloane apoiou uma pilha de pastas sanfonadas no quadril. Bateu devagar na porta, aproximando-se e ficando atenta a sinais de que ele estivesse ao telefone.

Em segundos, porém, a voz abafada de Ames atravessou a madeira.

— Pode entrar.

Sloane girou a maçaneta, as peças de metal da fechadura saindo do trinco. As persianas que iam do chão ao teto estavam fechadas, encobrindo a vista da ponte Margaret Hunt Hill e deixando a luz natural acinzentada.

Katherine estava em pé atrás da mesa de Ames, o peso do corpo na mão apoiada na superfície dura. Sloane ficou surpresa ao perceber que não ficou tão surpresa assim por encontrar Katherine ali. A outra mulher estava acompanhando o que quer que estivesse acontecendo na tela de Ames. Sloane tinha sido treinada de forma semelhante, atrás da mesa de incontáveis sócios de escritórios de advocacia, quando era uma jovem advogada, pontos de referência diferentes o suficiente para que aquele em particular não acionasse nenhum alarme. O que só provava como o contexto era importante.

Katherine ergueu a cabeça.

— Oi, Sloane.

Ela tentou ler as mensagens ocultas que poderia haver ali, mas descobriu que as persianas de Katherine também estavam fechadas, a vista encoberta.

Sloane não se apressou enquanto se aproximava da cadeira diante da mesa e se sentava, cruzando as pernas.

— Eu trouxe as solicitações de acesso à informação para a aquisição da assinatura de caixas — disse a Ames. — Destaquei os pontos aos quais acho que devemos nos opor. Você quer dar uma olhada ou prefere que eu finalize logo o acordo?

A testa de Ames se franziu, os olhos seguindo-a sem que ele movesse a cabeça. Um estoque de balas de canela estufou sua bochecha. O aroma impregnou o ar.

Quem tem medo do lobo mau?, pensou Sloane.

Porque, embora a expressão de Katherine fosse neutra, a de Ames dizia apenas uma coisa: poder.

— Posso voltar depois — disse Katherine, endireitando a postura e lançando um olhar para Ames e Sloane.

Ela não conseguia se acostumar com a forma como o cabelo curto de Katherine deixava todo o seu pescoço à mostra.

Sloane observou Ames, mas não se mexeu. Quando ele assentiu, Katherine pegou seu bloco de anotações e a caneta na mesa e saiu da sala.

As fotografias de uma dezena de atletas famosos sorriam para os dois das paredes. Ela deu batidinhas com o salto na fina camada de carpete. A cadeira na qual estava sentada não era parte do mobiliário comum da empresa. Era de meados do século XX. De couro azul-marinho. Confortável. Provavelmente cara.

Sloane, que tinha uma aversão natural a silêncios, deixou que aquele se estendesse.

Ames pigarreou.

— Quero dar uma olhada antes de serem enviadas.

Ela manteve as pastas sanfonadas no colo.

— No que a Katherine está trabalhando?

Ames se recostou na cadeira e apoiou o dedo médio e o polegar na testa.

— Estava ensinando a ela como usar o sistema — disse ele, como se tivesse ficado cansado de repente. — Estávamos dando uma olhada em alguns documentos da Comissão de Valores Mobiliários e questões regulatórias.

Ele alisou a gravata por cima dos botões da camisa.

— Quanta dedicação da sua parte.

Sloane tamborilou as unhas na pasta. Estavam curtas e malcuidadas. Ela não conseguia se lembrar da última vez que fizera as unhas sem contar as ocasiões em que ela e Abigail usavam a banheira vazia, as mãos e os pés apoiados nas laterais enquanto se revezavam passando esmalte.

Ames entrelaçou os dedos na barriga, que aparentava apenas o mais sutil indício de idade na forma de uma dobra de gordura logo acima do cinto.

— Ela está escrevendo um memorando para mim sobre as leis de divulgação de informação relacionadas à violação de segurança cibernética.

— Não era a Grace quem deveria fazer isso?

Ele juntou as mãos.

— A Grace não vai se importar. Ela acabou de voltar da licença-maternidade. Digamos que esteja sendo generoso.

Ele parecia satisfeito consigo mesmo.

Sloane chegou para a frente, apoiando o cotovelo na pasta em seu colo. O queixo no punho.

— Engraçado, achei que a Katherine ia trabalhar para mim.

Ele inclinou a cabeça e olhou para o teto. *Sim, Ames, obrigada, está bem claro que você está irritado, mas eu não vou embora.*

— Estou delegando para onde há necessidade, Sloane.

Ela estreitou os olhos.

— Você não consegue manter as mãos longe da nova mercadoria.

Ele retornou a cadeira à posição normal.

— Olhe quem está objetificando as pessoas agora.

— Você entendeu o que eu quis dizer.

— Precisa de um remédio para cólica, Sloane?

Ela trincou os dentes, a mandíbula se projetando para a frente. De fato estava menstruada, então isso a irritou mais do que deveria. Se havia uma obrigação mensal que tínhamos, não era o backup dos bancos de dados operacionais, a entrega dos formulários de auditoria nem a verificação de atualizações dos pacotes de gerenciamento — era nossa menstruação. Nem todos os comerciais do mundo em que mulheres mergulhavam em piscinas usando biquínis brancos poderiam nos convencer de que a menstruação era algo belo. Nos melhores dias, mantínhamos uma lealdade relutante a nosso corpo. Sabíamos que não deveríamos ter vergonha. *Não tínhamos vergonha.* Éramos mulheres adultas — o que é obviamente o motivo pelo qual desfilávamos para os banheiros com absorventes escondidos nas mangas do cardigã, como se fôssemos espãs transportando informações criptografadas. Às vezes, tínhamos que vasculhar o fundo de nossas bolsas em busca de moedas para alimentar as máquinas de itens de higiene feminina, que não tinham sido modernizadas nos últimos vinte e cinco anos. Tomávamos anticoncepcional na tentativa de ter o mínimo de controle sobre nossos hormônios incontrolláveis. Desabotoávamos a calça quando nos sentávamos à mesa. Chacoalhávamos o frasco de Tylenol da cozinha. Comíamos chocolate. Fingíamos que tudo isso era um mito. Que não tínhamos tubas uterinas, nem ciclos menstruais, nem seios, nem humores, nem filhos. E encarávamos como elogio quando um dos homens do escritório nos dizia que tínhamos colhões. Então, repita aí que este mundo não é dos homens.

— Mas já que tocamos nesse assunto. — Ames levantou as mangas até os cotovelos. — Acho que deveria lhe informar que a Bobbi quer você fora daqui. Depois do que você aprontou no funeral do Desmond.

— Eu não aprontei nada.

Ames deu de ombros.

— Ela acha que estamos tendo um caso, ou tentando ter um caso, sei lá, não sei que merda ela pensa. — Seu maxilar se tensionou. — A questão é que ela não confia mais em você.

Sloane soltou uma risada falsa.

— Achei que era em você que ela não deveria confiar.

— Mulheres. — Ele entrelaçou os dedos atrás da cabeça e se inclinou para trás. — De qualquer forma, nosso acordo sempre foi que eu lhe daria cobertura, contanto que você não dificultasse as coisas para mim. Achei que você tinha entendido. Estou fazendo isso por bondade, Glover. Nós temos um passado. Eu sei. Tento respeitar isso, de verdade. Mas se aprontar algo assim de novo, bem... não vou mais protegê-la. — Preguiçosamente, ele tirou uma bola de golfe da gaveta da escrivaninha, jogou-a no ar e a pegou. — Vou atirá-la aos lobos, e não vou sentir nem um resquício de culpa. Estamos entendidos?

Sloane olhou ao redor, observando o lugar onde estava, o ambiente que tinha escolhido habitar. O homem sentado atrás da mesa. Sua posição.

— Não sabia que tínhamos um acordo. — Ela chegou a uma conclusão. — Nesse caso, quero uma sala maior.

Ele deixou que as rodas da cadeira batessem no chão ao voltar para a vertical. Largou a bola em cima de uma pilha de post-its.

— O quê? — Sua bochecha se contraiu não com um sorriso, mas era algo bem perto disso. Como se tivesse acabado de ouvir uma piada ridícula.

— E quero estabilidade — continuou ela. — Um tempo de contratação com uma cláusula rescisória.

Ames cruzou os braços. Quais eram mesmo as coisas de que ela gostava nele? Sloane não conseguia lembrar.

— Você ficou maluca?

Ela o ignorou.

— Quero uma contribuição maior por parte da empresa para meu plano de aposentadoria. O dobro.

Ames rolou a cadeira de forma que suas pernas ficassem escondidas embaixo da mesa e seus braços, nos descansos. Ótimo. Ele estava pronto para negociar. Ela o conhecia bem demais e, de repente, ocorreu-lhe que ele poderia, muito em breve, passar a considerar Sloane uma ameaça.

— Se não a conhecesse melhor, acharia que está me chantageando.

— Estou negociando. Não foi isso que você me ensinou a fazer?

Ele olhou para o lado, mas não havia ninguém lá para engolir sua cara de *dá-para-acreditar-nessa-mulher*.

— Eu já disse: se eu for nomeado presidente, certamente a recomendarei para o cargo de diretora jurídica.

Ele juntou a ponta dos dedos.

— E eu estou dizendo a *você* que estou aqui para me proteger. Simples assim.

Ames bufou.

— Se proteger do quê, Sloane? De repente eu virei o bicho-papão? — Ele simulou um arrepio. Ela não achou graça. — Trabalhamos juntos há o quê? Doze anos? Acho que estamos nos saindo bem.

Ela se perguntou se ele acreditava mesmo naquilo. Se, no livro da vida dele, Ames Garrett, o protagonista, acreditava que os dois estavam se saindo “bem”. Ele não estava errado. Não de todo. Semanas, até meses podiam passar sem que Ames fizesse o sangue de Sloane ferver, sem que minasse sua autoridade, fizesse um comentário inadequado ou jogasse na cara dela que eles tinham dormido juntos. Sentia um estranho senso de lealdade ao homem com quem trabalhara durante a maior parte de sua vida profissional. E ele achava que os dois estavam se saindo bem. *Bem*.

Muitas vezes ela se pegou dizendo: *Ele não se dá conta do que faz*. Foi esse pensamento que passou como um raio por sua mente no momento em que acrescentou o nome dele à lista. *Tem dificuldade de respeitar limites físicos e interpessoais no ambiente de trabalho; teve relações sexuais com subordinadas; é sexista*. Foi isso que ela escreveu ao lado do nome dele, preocupada com a possibilidade de ter sido injusta de alguma forma. Deixando-o incapaz de se defender. Como se o fato de ele se dar conta ou não do que fazia importasse. Foi como se tivesse acabado de acordar e perceber que era ela quem estava se permitindo ficar indefesa e que é claro que Ames *se dava* conta. Ele tinha cinquenta anos. Ela o adicionara à lista como seu mea-culpa em relação a outras mulheres, mas precisava se certificar de que, se Ames se tornasse presidente, ela não seria demitida e substituída por um modelo mais novo. Então ele precisava entender que Sloane poderia dificultar as coisas para ele num momento em que ele não queria que as coisas ficassem difíceis.

— Uma sala maior, Ames. Estabilidade. Um plano de aposentadoria melhor e... seu contracheque.

— Meu *contracheque*? — Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Isso mesmo. O que você ganhava quando ocupava meu cargo. Quero isso agora. Também quero saber quanto está ganhando. Para saber quanto pedir

quando for nomeada diretora jurídica.

Ames passou a mão pelos cabelos. Ela se lembrou de quando achava aquela mecha branca — sintoma da chamada síndrome de Waardenburg — algo muito interessante. O cabelo não podia tornar alguém interessante. Nem uma sala, ou amigos famosos. Ames transava na posição papai e mamãe, como um coelho.

— Vocês sempre acham que o sistema quer foder as mulheres.

— Você é o sistema, Ames. — Sloane se levantou, olhou para ele, pensou em como seus saltos agulha poderiam perfurar os olhos de Ames, se quisesse. — E caso tenha esquecido, nós nos fodemos.

* * *

A decisão não tivera nada a ver com Derek, e Sloane deveria ter se sentido mal por isso. Era só que antes ela queria dormir com Ames, e então não queria mais. Ela decidira se casar com Derek, e precisava se afastar de Ames como se ele fosse o vírus da gripe. Tinha superado aquilo. Queria parar. Uma decisão que havia compartilhado com Ames no início daquela semana.

A resposta fora fria, na melhor das hipóteses. Irritada, na pior.

— Ah, claro, agora você não quer mais — dissera ele em uma das conversas desde então. — Você abriu as *pernas* e me *usou* para avançar na carreira, mas agora não quer mais.

— Isso não é justo.

— Ah, não é? Você era a advogada mais jovem no negócio da Tread Ops, Sloane. Está dizendo que acha que foi tudo mérito seu? Aproveite o bônus que ganhou por isso. De nada.

— Somos adultos — disse ela, como se isso tivesse algo a ver com a questão.

Eles vinham tendo aquela mesma conversa havia uma semana. Uma repetição contínua. Nesse ínterim, ela se concentrava no que era boa — no trabalho —, porque a Sloane de vinte e nove anos ainda não tinha decidido como se punir pelo caso com Ames, depois de querer o melhor de dois mundos, e agora isso estava sendo jogado na sua cara sem piedade.

Não torne as coisas constrangedoras, falou para Ames, repetindo as palavras que um dia ouvira de um namorado da faculdade.

Às cinco e meia, o telefone de sua sala tocou e era a voz de Ames do outro lado da linha.

— Você pode vir aqui?

Depois de desligar, Sloane ficou olhando para sua mesa. Era apenas um

término. Términos eram sempre desconfortáveis. Isso não mudava se você tinha dezesseis ou quase trinta anos. Então, Sloane levou um bloco de anotações para o escritório de Ames, onde ele a cumprimentou de forma bem-humorada.

— Feche a porta, por favor — pediu, acenando com a mão para demonstrar.

Ela se sentou na cadeira diante da mesa. Era de meados do século XX. Couro azul-marinho. Confortável. Cara.

Ames deu a volta na mesa e se sentou no tampo, com as pernas abertas de modo que sua virilha ficou na altura dos olhos de Sloane. Ele apoiou os cotovelos nos joelhos.

— Está tudo bem entre nós, não é?

Sloane relaxou. Eles eram adultos.

— Sim, claro. Tudo ótimo.

— Sem ressentimentos?

As sobrancelhas dele se ergueram de maneira juvenil. Ela imaginou que, de longe, poderia achá-lo charmoso novamente. Só não de um jeito que a fizesse querer beijá-lo.

— Claro que sim. — Ela sorriu, querendo deixá-lo à vontade. — Só quero que as coisas voltem ao normal.

A cabeça dele subiu e desceu, subiu e desceu.

— Eu também. É o que eu quero também.

Então ela piscou e a mão dele estava na coxa de Sloane. A boca no seu pescoço. Os dedos emaranhados nos seus cabelos.

Sloane ofegou.

— Eu não quis... — Sua voz soava ofegante... sexy? Deus, ela não queria parecer sexy. — Ames...

Ele puxou a cabeça dela para trás. Seus lábios percorreram o pescoço dela, onde sua pulsação estava descompassada.

— Para. — Dessa vez, ela sabia que não havia dúvidas sobre o que ou como dissera. O peso dele pressionava sua coxa. A gravata se arrastava no seu colo. Uma língua molhada penetrou na reentrância da sua orelha.

O som que saiu da sua garganta foi estrangulado. No fundo de sua mente, ela lembrou que estava no trabalho. Na empresa. *Não faça uma cena.*

Sloane usou a força das pernas para empurrar a cadeira para trás. O detalhe de renda na barra da saia se rasgou, emitindo o ruído repugnante de uma pequena laceração no tecido. Mas Sloane conseguiu criar espaço suficiente entre os dois para passar por baixo do braço dele. Não olhou para trás quando abriu a porta da sala. Não precisava. Já sabia como Ames ficava com o cabelo despenteado.

O caminho entre a sala de Ames e a de Sloane era uma linha reta, e ela percorreu a distância rapidamente, o queixo erguido, os olhos concentrados no alvo, como se estivesse andando na prancha com uma dignidade cautelosa. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

Mais adiante no corredor, Ardie parecia estar concentrada na leitura de uma página antes de seus olhos se fixarem em Sloane.

— Sloane? — Ardie caminhou na direção dela, mas ela não parou. Não podia parar. — Está tudo b...

Sloane a ignorou e continuou avançando pelo corredor.

Por pura inércia, chegou à sua sala e se deixou cair na cadeira familiar diante de sua mesa. A raiva rugia em seu peito, mas era silenciada por muitas outras emoções.

Ardie estava na sala da amiga, atrás da mesa, agachada ao lado de sua cadeira.

— O que aconteceu? — A voz de Ardie era um ronco baixo e ameaçador.

— Nada.

Sloane fechou os olhos. Uma torrente de lágrimas atravessou as colinas de suas bochechas.

As duas ouviram passos vindo do corredor, e Ames Garrett apareceu à porta.

— Sloane. — Sua voz oscilava entre um comando e um apelo.

Ardie se levantou lentamente de trás da mesa. Sloane se lembraria do olhar da amiga até o dia de sua morte. Era o olhar do qual os pesadelos eram feitos. À exceção dos de Sloane.

Ela se lembraria de como Ardie contornou a mesa e de como o pomo de adão de Ames saltou. Ela se lembraria de como Ames ergueu as mãos.

— Ardie. Eu não...

Nenhuma palavra foi trocada — ou foi? Sloane não se lembrava. Só que Ames começou a andar para trás. Que de alguma forma a força de Ardie foi suficiente para que ele saísse da sala de Sloane, e que, depois que Ardie fechou a porta, restaram o silêncio e as perguntas que perdurariam por meses: será que ele deixaria a esposa? Será que ele a amava? Será que a odiava? O que ia acontecer com ela? Será que ela o magoara?

Naquela noite, Ardie colocou uma bebida bem forte na mão de Sloane, e imaginou que aquilo fosse o fim.

Mas havia fases até parar de dormir com um homem de quem você não gostava mais, e a última poderia durar mais de doze anos. Mas Sloane *estava* bem. Eles “tinham se saído bem”, como Ames dissera.

Ames daria a Sloane o que ela queria. Mas, no fim, seria realmente suficiente?

CAPÍTULO 16

30 DE MARÇO

Nunca chorávamos no trabalho, quase nunca, mas, quando chorávamos — ao chegar em casa ou talvez antes disso, usando óculos escuros no carro —, geralmente era por causa do trabalho.

Tudo tinha a ver com trabalho, mesmo as coisas que não tinham: continuaríamos a trabalhar depois de ter filhos? Colocaríamos nossas metas profissionais à frente do desejo de constituir uma família? Estávamos trabalhando o suficiente? Estávamos trabalhando demais? Estávamos ganhando um salário justo? O que faríamos no fim de semana, íamos sair para jantar ou teríamos que trabalhar?

Inevitáveis espirais de pensamentos negativos que se originavam do sentimento insistente que nos tomava pelo menos uma vez por semana, espalhando-se pelas nossas entranhas enquanto descíamos de elevador até o saguão, a lenta sensação de medo que apenas crescia: medo de que tivéssemos deixado algo pendente, de que tivéssemos conduzido mal uma situação, ou de que tivéssemos ferrado com tudo de forma irreversível. Mas não conseguíamos precisar o que, exatamente, tínhamos feito de errado. E isso só piorava as coisas, porque deixava quatrocentos e oitenta minutos de possibilidades para vasculhar em busca da raiz do problema que envenenava a lembrança de cada dia.

Então, na manhã seguinte, enfiávamos palmilhas Dr. Scholl no fundo dos sapatos de salto alto e nos inscrevíamos para presidir mais um almoço da Junior League e fingir que éramos sempre felizes, agradáveis e competentes. Nada mais, nada menos.

Talvez tenha sido por isso que nenhuma de nós demos a importância que deveríamos ter dado à morte de Bankole. Estávamos muito ocupadas fazendo a dança da mulher feliz-agradável-competente, sorrindo enquanto torcíamos para ninguém notar nosso possível passo em falso.

Mas não era possível sustentar isso para sempre. O espantoso agora é pensar que todos esperavam que continuasse.

Quando Grace por fim chorou no escritório, foi pelo leite derramado — literalmente. Quando notou a mancha úmida se espalhando pelo tecido da bolsa monogramada, era tarde demais. A saia lápis e a blusa estavam molhadas, mas ela não se importava com aquilo. Caiu de joelhos no meio do corredor. A superfície áspera do carpete áspero irritava seus joelhos enquanto ela pegava o saquinho de armazenamento do qual escorria silenciosamente, através de um furo no plástico, um fio de leite materno.

— Não, não, não, não — murmurou ela.

Seu cérebro procurou por palavras, mas nenhum surgiu. Em vez disso, ela sentiu o coração sangrar enquanto colocava a mão em concha embaixo do saquinho de plástico. Tentou levá-lo até a pia da cozinha, mas ao chegar lá se deu conta de que não havia nenhum recipiente estéril no qual armazenar o leite enquanto os últimos poucos mililitros escorriam por entre seus dedos. *Ouro líquido*.

E foi isso. Uma hora tirando leite. Perdida. Por favor, Deus, arranque meus malditos seios e os entregue a alguém mais responsável. Ela culpou o fabricante dos saquinhos. Culpou o marido. Culpou até mesmo a filha. E se isso era errado, ela não se importava.

Grace gostaria de terceirizar a coisa toda — como se chamava mesmo? Ah, sim, “*fórmula*” —, mas tinha certeza de que no segundo em que o fizesse, Emma Kate desenvolveria diabetes infantil ou alergias terríveis, e o médico perguntaria para Grace: “*Você estava amamentando?*” E Liam olharia para ela com sua cara de *Eu apoio sua decisão*, enquanto em silêncio desejaria ter tido um filho com outra pessoa.

Ela apoiou os cotovelos na borda da pia de aço inoxidável e enfiou os dedos na base do coque. Sabia que, se olhasse no espelho, estaria com os olhos e nariz vermelhos. Esse era o problema de chorar no escritório. Quanto mais você desejava não chorar, mais provável era que chorasse.

— Grace? — A voz de Ames Garrett surgiu atrás dela. — Isto aqui é seu?

Ela virou a cabeça e viu a bolsa úmida e traidora com suas iniciais bordadas na frente.

— Sim. Sinto muito.

Os dois ficaram em silêncio por um momento desconfortável. Uma funcionária à beira de um colapso nervoso completamente inadequado no ambiente de trabalho e seu chefe. *Parabéns, Grace, você está sabotando sozinha a causa de todo o seu gênero*.

Antes de ela e Emma Kate serem duas pessoas distintas, Grace ficava furiosa

sempre que alguém perguntava “Você vai voltar a trabalhar depois que o bebê nascer?”. Ninguém perguntava isso a Liam, então por que deveriam perguntar a ela? Mas *vejam só!* Ali estava a Prova A.

Ames se inclinou para trás, apoiado nos calcanhares. Moedas tilintaram nos bolsos da calça dele.

— Sabe do que você precisa? — *Dormir*, pensou ela, imediatamente. *Com certeza, dormir.* — De um cigarro.

Ela virou as costas para a pia e esfregou os olhos.

— Estou amamentando. Não posso.

— Pelo que estou vendo, acabou de tirar leite. Provavelmente tem, o quê, mais três horas? Vai ficar tudo bem. — Ames tirou um maço do bolso do paletó e o bateu duas vezes na palma da mão. — Confie em mim. Eu tenho dois filhos que nunca dormiam ao mesmo tempo e uma esposa que encarava a maternidade como esporte competitivo. — Ames abaixou a voz. — Não foi nada bonito.

Grace tocou a mancha úmida na saia, perguntando-se quando teria tempo de deixá-la na lavanderia. Provavelmente não antes de precisar usar a saia de novo. Ela poderia comprar uma saia nova pela internet, o que seria mais fácil, e até mesmo pedir que fosse entregue no dia seguinte, mas Grace gostava de fingir — especialmente para si mesma — que tinha as preocupações financeiras normais de uma mulher que trabalhava. Porque a única razão socialmente aceitável para uma mulher trabalhar tanto quanto Grace era necessidade. Ela expirou devagar enquanto Ames esperava, paciente, sua resposta.

A chance de um tempo a sós com o diretor jurídico não era algo que surgia todos os dias. Mesmo que fosse, Grace não saberia como recusar a oferta. Então, deixou o saquinho plástico vazio na pia, pegou a bolsa e seguiu Ames até a sacada no décimo oitavo andar.

A Truviv tinha relegado os fumantes a sacadas, pequenos quadrados de espaço ao ar livre que lembravam os já quase extintos saguões de aeroporto e tinham o mesmo cheiro de câncer de pulmão.

O prédio projetava uma sombra no fumódromo, deixando o ar ligeiramente frio. Grace estreitou os olhos e observou a cidade banhada de sol. Mataria por um pouco daquele sol. Ela se sentia pegajosa desde que tivera a bebê. A camada de urina, fezes moles, golfada, baba e leite nunca saía completamente de seu corpo.

Ames pegou um cigarro e o entregou a Grace. Ela nunca havia fumado, mas achava que, se adolescentes de quinze anos vadiando na frente de shoppings conseguiam, uma mulher de trinta e oito com doutorado também seria capaz.

Posicionou o cilindro de papel entre os dedos indicador e médio e o colocou nos lábios, como tinha visto nos filmes. Ames passou o polegar pela pedra do isqueiro e uma chama irrompeu. Ela se inclinou para a frente e acendeu a ponta do cigarro. Uma espiral satisfatória de fumaça escapou da ponta.

Ela tragou devagar, tomando cuidado para não inalar a fumaça, enquanto Ames posicionou habilmente um cigarro na boca e o acendeu.

Era incrível mesmo. Uma baforada e seu corpo ficou visivelmente relaxado, os ombros se afastando do pescoço. Ames olhou de soslaio para ela e ergueu uma das sobrancelhas, a boca brincando com a ideia de um sorriso, como se reconhecesse o vício com um triste *O que eu posso fazer?*.

Ela lembrou que ele ainda não sabia a respeito da lista. Sentiu-se um pouco mal por estar ali, cara a cara com ele, sabendo que seu nome estava circulando por Dallas sem seu conhecimento. Mas Grace sabia que não deveria ser a mensageira.

Ames tragou novamente e deixou que a fumaça escapasse da boca.

— Uma vez, minha mãe estava ajudando a cuidar dos gêmeos e esqueceu uma mamadeira de leite da Bobbi em cima da bancada o dia todo, então ela teve que jogar tudo fora. Achei que ela ia dar um soco na cara da minha mãe. Em vez disso, apenas deixou de falar com ela por duas semanas. Foi quase tão ruim quanto o soco.

Grace riu. A fumaça fez seu nariz arder, e os olhos voltaram a lacrimejar.

— Eu teria dado um soco na cara dela com certeza.

Ela olhou de relance para o diamante — três quilates — em seu anelar esquerdo. Aquele anel definitivamente tiraria sangue se Grace socasse alguém.

Ames franziu a testa.

— Você provavelmente se sente como se tivesse enlouquecido, não é?

Ele deu outra tragada.

Grace não respondeu. Sentiu a fina camada de cinzas no piso da sacada, arenosa sob a sola dos sapatos Cole Haan.

— Tudo bem. Não precisa responder. — Ele deu batidinhas com o cigarro no peitoral, deixando as cinzas caírem. Ao perceber que as cinzas de seu cigarro estavam caindo na saia, Grace fez o mesmo. — Bobbi chorava o tempo todo. E ela nunca chora. Ela é um eterno raio de sol, sempre otimista.

Ames sorriu, e Grace viu que a esposa o fazia feliz, o que era *reconfortante*. Havia uma estranha mania entre os homens do escritório de competir para ver quem conseguia reclamar mais da esposa. *Meu Deus, que inferno, ela está me obrigando a ir à Disney com as crianças, quero morrer. Eu chego do trabalho e ela*

me entrega o bebê antes mesmo de eu tirar a carteira do bolso. Vou ter que trabalhar mais uns vinte anos para pagar pela bolsa Birkin dela. Esse tipo de coisa. Era como se fingissem que tinham sido sequestrados de sua aldeia nativa e forçados a comprar diamantes de vinte e cinco mil dólares da Tiffany contra a vontade. Tipo, quem eles achavam que estavam enganando e por que acreditavam que a ilusão de que haviam feito péssimas escolhas na vida era algo pelo qual se vangloriar?

Talvez essa fosse a verdadeira razão pela qual Grace insistia em trabalhar apesar de Liam, um investidor de risco bem-sucedido (com uma ajudinha do dinheiro dela), ter totais condições de sustentá-los. Ela não queria ser uma *daquelas* esposas.

— Pensei que invasores de corpos tinham aparecido no meio da noite e colocado outra pessoa no lugar dela — continuou Ames. — Era como um episódio de *Além da Imaginação*. Tanto choro. Não estou dizendo isso para ser cruel. As coisas pelas quais o corpo de vocês passa... Eu com certeza não aguentaria.

Grace cruzou os braços e apoiou o cotovelo direito na dobra do pulso esquerdo para sustentar o braço do cigarro. Aparentemente, agora ela tinha um braço do cigarro. A nicotina já estava circulando pela corrente sanguínea, deixando sua cabeça pesada. Uma leve dor de cabeça tinha começado em algum lugar no centro do crânio.

Mas, conforme a intensidade da frustração por causa do leite derramado diminuía, ela começou a se preocupar com o que Sloane ia achar de ela estar ali em cima com Ames.

— Você fumava com a Bobbi? — perguntou Grace, mudando de assunto.

Não queria pensar em Sloane. Ames queria passar o tempo. Com ela. E ela se sentia, tinha que admitir, especial.

— Existe alguma regra que diz que não posso incriminar minha esposa, não existe?

— Regra de Provas, Seção 504.

Grace tinha uma memória de elefante.

— Ela não acha minhas raízes operárias tão charmosas quanto deveria. — Ele piscou, um gesto que deveria ter sido brega, mas Ames tinha olhos apertados que explodiam em rugas quando sorria. Era uma imagem bonita.

Grace conhecia Ames havia seis anos e, na verdade, não ligava muito para ele. Mesmo antes. Sabia que ele e Sloane não se davam bem. Mas sempre tivera o distinto palpite de que Sloane tinha pelo menos um pouco de culpa no cartório

por confundir os limites entre os dois. Isso, e, bem, nada do que Ames tinha feito era exatamente escandaloso. Estava aberto a interpretação. Havia alguns boatos. Ok, tudo bem, definitivamente havia boatos. Mas não havia boatos sobre todo mundo? Toda pessoa tem alguém que não gosta dela. Talvez não Grace, em particular, mas a maioria das pessoas. Ames era um pouco rude às vezes, isso com certeza, mas era um executivo que fumava e usava as mangas enroladas até os cotovelos.

Grace caminhou até o parapeito e apoiou os antebraços na superfície estreita. Os gramados pareciam campos de golfe em miniatura lá embaixo. Carros do tamanho de seu polegar esperavam nos sinais, desviavam uns dos outros e desapareciam em estacionamentos. Seu ritmo cardíaco se acelerou quando ela olhou para a extensão vertical de concreto. Era impossível olhar para baixo e não pensar em cair. Momentos antes, ela talvez tivesse considerado se atirar do prédio.

— Você vai ficar bem — disse Ames. — Seu médico é bom, não é?

— Emma Kate tem o melhor pediatra que consegui encontrar. Dr. Tanaka.

Um pedaço de papel empapado voou de sua língua, e ela percebeu que estava mastigando o cigarro como se roesse a unha.

— Para você, quero dizer.

Grace deu as costas para o parapeito.

— Estou bem. Só estou cansada.

— Claro.

Ele se aproximou, ficando a uma distância respeitável, e apoiou os cotovelos no parapeito.

— Bobbi teve depressão pós-parto. — Ele deu de ombros. — É mais comum quando se tem gêmeos, acho. Ela teve que tomar remédios, e graças a Deus tomou. Vou ser sincero: pensei que fosse alguma dessas merdas hippies. Uma expressão sofisticada para “cansaço”. Mas quando o médico dela fez o diagnóstico, pesquisei. Mudanças de humor. Ansiedade. Exaustão. Suicídio. Tudo isso por causa de um bebê. Parece uma falha no sistema.

Uma falha no sistema.

Sim, Grace achava que fosse.

— Não acho que eu esteja deprimida. — Ela inclinou a cabeça. — Estou vestindo Rebecca Taylor. — O nariz dela estava ressecado por causa da fumaça. Queria desviar o assunto de seu frágil estado mental. Ficava grata pela preocupação, mas a última impressão que queria passar para o chefe era a de que estava a uma noite sem dormir de distância de uma crise nervosa. Esperou. —

Então, existe alguma coisa que você gostaria de ter feito diferente aqui na Truviv?
— Grace sabia que os homens adoravam esse tipo de pergunta e, nesse caso, a resposta poderia ser útil. Ele lhe lançou uma olhadinha. — Profissionalmente, quero dizer.

Ele apoiou o corpo no parapeito novamente e deu uma tragada no cigarro.

— Acho que não. — Ames soprou a fumaça e abriu um meio sorriso de satisfação. — Acho que estou em uma boa posição atualmente.

— Então, que conselho daria para alguém como eu? E se, digamos, eu quisesse liderar um setor maior dentro do departamento? Você me diria para fazer... o quê, exatamente?

Houve momentos na vida de Grace nos quais ela mostrara sua ambição, mas ela foi recebida como motivo de divertimento, como a atração de uma festa, a menina bonita que sabia as capitais de todos os estados e podia recitá-las de cor. Outros em que pareceu que uma rajada de vento tinha levantado sua saia, revelando sua ambição e fazendo com que todos os homens no recinto ficassem ao mesmo tempo excitados e constrangidos. Mas não se importava mais.

Ames balançou a cabeça, pensativo, jogou a bituca no chão e pegou outro cigarro.

— Ok. — Ele apontou o cigarro ainda não aceso para ela. — A primeira coisa que precisamos fazer é conseguir trabalhos mais interessantes para você. Tarefas desafiadoras. Ter certeza de que você é capaz de conduzir um negócio não apenas do ponto de vista regulamentar. Posso ajudar você com isso. — Grace sentiu a faísca de uma promessa. Um lampejo inesperado de esperança. Talvez pudesse ser uma mãe estilo Marissa Mayer. Ambiciosa crônica. Mãe nas horas vagas. — Mantenha uma pasta na sua caixa de entrada com todos os elogios que receber. — Ele acendeu o cigarro. — Sempre que alguém disser, por escrito, que você fez um bom trabalho, guarde essa informação. Envie um e-mail para mim a cada trimestre com o que houver nessa pasta e o tipo de trabalho que você tem feito nos últimos meses.

— Você quer que eu fique me gabando?

Ele coçou a testa com o polegar.

— Quero que você monte um caso, um caso mostrando por que merece uma promoção. Faça isso, e em um ano conversamos sobre os próximos passos.

Grace reprimiu um sorriso. Estava orgulhosa de si mesma. E um tiquinho menos exausta. Embora provavelmente devesse aplicar uma moratória na palavra “tiquinho”, expressão que devia ter aprendido com a babá de Emma Kate.

Houve uma breve pausa e então...

— Quer ver uma foto dos meus filhos? — perguntou Ames.

— Achei que você nunca fosse perguntar.

Estranhos estavam sempre pedindo a Grace para ver fotos de Emma Kate, como se precisassem de provas de que ela se importava o suficiente para tirá-las. Era bom estar do outro lado.

Ames ergueu o dedo e equilibrou o cigarro em um cinzeiro próximo enquanto tirava a carteira do bolso traseiro.

— Sou antiquado. Ainda gosto de levá-los aqui. — Ele folheou alguns portadocumentos de plástico e ergueu duas fotos escolares dos gêmeos. Sorrisos largos. Não eram idênticos. Um dos meninos era ruivo, o outro tinha cabelo castanho, como o pai. — Nenhum deles tem minha... — Ele apontou para a mecha. Tinha se tornado menos perceptível desde que os cabelos tinham começado a ficar grisalhos, nos últimos dois anos. — Waardenburg. 50% de chance.

Ele deu de ombros.

Seu dedo segurava a carteira de couro aberta. Um cartão brilhante atrás de uma das fotos chamou a atenção de Grace, e ela se inclinou mais para perto, fingindo admirar os filhos dele. Segurou o cabelo para trás.

— Muito lindos — disse com o tom de uma universitária contratada para cuidar de uma criança por quatro horas.

Um cartão magnético que abria a porta de um quarto de hotel havia sido enfiado em uma divisória da carteira. O nome impresso: Hotel Prescott.

Ela se endireitou e sorriu. Ele fechou a carteira e voltou a enfiá-la no bolso da calça.

— Também acho — disse ele, em resposta ao elogio dela. — Mas como eu poderia saber? Todo mundo pensa isso dos próprios filhos.

Ele voltou a pegar o cigarro e o tragou mais uma vez. Riu suavemente, expelindo fumaça branca como um dragão.

— Ei, eu estava pensando... — Ele largou a bituca do cigarro e a esmagou sob a sola do sapato de couro preto. — Será que você poderia me fazer um favor?

CAPÍTULO 17

31 DE MARÇO

Rosalita se sentou na beirada da cama de Salomon. Uma colcha do Homem-Aranha estava enfiada sob as axilas do filho e ele exalava o cheiro do sabonete amarelo da Johnson & Johnson que ela usava nos banhos desde que ele era bebê.

— Você terminou o dever de casa?

Rosalita se forçava a usar o inglês porque ele ia precisar mais do inglês do que do espanhol. Isso a entristecia, a barreira de comunicação invisível que já surgia entre eles.

Salomon assentiu, os cílios grossos como cortinas tocando as bochechas. Quando ele era bem pequeno, o tio dela e a esposa riam e diziam que, se Salomon não tivesse saído dela, ela poderia não acreditar que ele era seu filho. Mas Rosalita via características suas em Salomon em dezenas de coisas minúsculas, mas importantes. Os pontos achatados na lateral das orelhas. Sua tolerância para comidas extremamente picantes. Sua reação alérgica a sabonetes perfumados.

Ela deu um tapinha no peito firme dele.

— Fez tudo certo?

Ele assentiu novamente, e Rosalita lhe dirigiu um olhar duro, como uma bronca silenciosa.

— Fiz — disse ele em voz alta.

Às vezes precisava persuadi-lo a dizer as palavras que a perda auditiva com a qual nascera tinha tentado roubar dele, palavras que tinham lutado muito para desenterrar do fundo de seu doce menino.

No fim das contas, não fora tão doloroso pedir ao pai de Salomon o dinheiro para o fonoaudiólogo do filho e, em seguida, o aparelho auditivo caro. Rosalita era orgulhosa, mas se decidia com uma só pergunta: o que era melhor para Salomon? Então pediu e pediria de novo, quando Salomon entrasse na escola particular. E ele ia entrar, ela disse a si mesma. Porque o objetivo era tanto dela quanto dele — mais, até.

Rosalita ficava encantada ao ver as mãos de seu menino rabiscando palavras rápido pela página, perceber que ele conhecia a história americana e sabia resolver operações com frações. Rosalita não era ignorante, mas nunca aprendera a ler ou escrever em inglês tão bem quanto gostaria. Antes do emprego no prédio comercial, ela fazia faxina para mulheres que tinham o hábito de enviar mensagens de texto de última hora para dizer onde tinham deixado a vassoura ou pedir a ela que soltasse o cachorro, e Rosalita sempre ficava constrangida por causa das respostas toscas que enviava, sabendo que não estavam corretas, mas ao mesmo tempo sem ter ideia de como corrigi-las. Tinha concluído o ensino fundamental no México antes de se mudar para o outro lado da fronteira e quase terminara o ensino médio nos Estados Unidos. E ainda adorava ler. Mas essas coisas tinham se tornado partes tão pequenas dela que Rosalita sabia que as pessoas no prédio comercial onde trabalhava nunca seriam capazes de enxergá-las, nem mesmo se tivessem um microscópio.

— Tenho uma coisa para você. — Salomon se contorceu embaixo das cobertas enquanto procurava por um tesouro escondido a seus pés. — A sra. Ardie me deu isso. — Então o filho estava sorrindo com a palma da mão aberta e nela havia um reluzente broche azul e dourado. — Ela disse que todo piloto de avião tem que ter um, e que eu podia ficar com ele.

As bochechas de Rosalita coraram e ela passou uma das mãos no cabelo.

— Eu posso ser piloto um dia — afirmou Salomon. — E o bom é que eu já vou ter o distintivo.

— Talvez.

Rosalita nunca tinha entrado em um avião. Ardie Valdez andava de avião com tanta frequência que não precisava guardar o broche com asas para o próprio filho.

E que importância tinha isso? Era o que dizia a si mesma, porque era sensato e verdadeiro. Não era uma competição. Embora a parte mais cruel de sua consciência não pudesse deixar de acrescentar que a razão pela qual aquilo não era uma competição era porque Ardie Valdez já estava muito à frente.

Agora um pedaço do escritório e de Ardie moravam em sua casa. Uma coisa pequena. No entanto, coisas pequenas a tinham destruído antes.

— Ou talvez até mesmo alguém que *constrói* aviões. — Sua voz ficou repentinamente cansada, como se ela estivesse voltando para casa depois do terceiro turno, em vez de estar saindo para ele. — Mas só — ela puxou as cobertas até o queixo do filho — se você estudar muito. Me dê isso. Não quero que se espete enquanto dorme.

Ele colocou o broche na mão dela. Era apenas um objeto sem valor. Sem peso. Mas fizera seu filho sorrir, e era isso que a assustava.

A cama rangeu quando ela se levantou. Rosalita desligou o interruptor, deixando apenas o brilho da luz noturna em forma de lua no canto. Com o ouvido bom no travesseiro, ela sabia que ele não estava ouvindo quando sussurrou:

— *Te quiero*, Salomon.

* * *

Rosalita foi de carro para o trabalho e parou no estacionamento em frente ao prédio da Truviv. A equipe de limpeza não tinha permissão para estacionar na garagem do prédio, apesar de estar quase vazia àquela hora da noite. A distância impedia que os faxineiros saíssem com qualquer objeto que não estivesse pregado.

Depois de pegar o carrinho de material de limpeza, Rosalita e Crystal subiram de elevador até um andar tão desprovido de vida que ela teve a sensação de ter pousado na lua. Detectando os movimentos das mulheres, as luzes se acenderam com um estalo seguido pelo zumbido baixo das lâmpadas fluorescentes.

As meias largas de Crystal se embolavam nos tornozelos enquanto ela caminhava até a mesa vazia da recepcionista e vasculhava a tigela de doces com as unhas mal cortadas. Rosalita deu um tapa na mão da garota.

— O que foi? — Crystal levou a mão ao peito.

— Isso não é para *a gente* — disse Rosalita, voltando para o carrinho, onde estava pendurada a prancheta.

— Como assim? Por acaso eles contam?

Crystal mirou a tigela com olhos famintos.

— Talvez contem.

Crystal não insistiu.

Rosalita começou a limpar o andar com uma eficiência clínica. Quando estava em um dos banheiros, enfiou a mão no bolso enquanto Crystal se inclinava para um vaso sanitário dentro de um dos reservados, tirou o broche de Salomon e o jogou na lixeira antes de trocar o saco. Disse a si mesma que aquilo era para o bem de Salomon. Ela dizia isso a si mesma, mas também sabia mentir.

Então as duas continuaram no décimo quinto andar. As horas passavam de maneira diferente no meio da noite. A excitação e a depressão simultâneas que vinham por estar acordada quando todos dormiam. A nitidez da luz contra a

escuridão. A maneira como o tempo se tornava apenas um conceito, mas também a única coisa na qual Rosalita conseguia pensar. Isso fazia com que se lembrasse dos dias após o nascimento de Salomon, quando o segurava junto ao peito enquanto olhava para a televisão, mergulhada na escuridão, quando nunca havia nada passando que valesse a pena assistir. Pela manhã, ela ligava para a irmã e catalogava os acontecimentos da noite em detalhes minuciosos — quanto Salomon tinha mamado, quantas horas ele tinha dormido, quantas horas *ela* tinha dormido —, como se essas minúcias precisassem ser documentadas, testemunhadas. Ela sabia que a lembrança daquelas noites não deixaria seu corpo até o dia de sua morte.

Parecia que uma vida inteira havia se passado desde que Rosalita tinha sido capturada e se permitido ficar presa na teia da maternidade, que deixasse seus fios se entremear em seus cabelos grisalhos, se espalharem sob sua pele, transformando-se em veias azuis e arroxeadas, que desenhassem uma linha reluzente e retesada logo acima do osso púbico. Desde então, a teia só tinha crescido em complexidade, as necessidades de sua vida enredando-a mais e mais nos fios de seda, até que um dia fosse finalmente engolida.

Ao lado dela, Crystal ainda não era exatamente eficiente, mas estava melhorando, mantendo o carrinho organizado o bastante para que Rosalita pudesse acelerar as rondas. Àquela altura, Rosalita tinha certeza de que Crystal estava grávida, pela maneira como sua mão descansava preguiçosamente na barriga, e, quando o fazia, ela via a pequena protuberância que se projetava ali. Provavelmente um menino, porque Crystal estava pele e osso, exceto na barriga. Fora assim com Rosalita também. E seu corpo também se lembrava disso, nos veios perolados que se estendiam pelas laterais dos quadris e se projetavam de seu umbigo como um sol. O corpo se lembrava.

Rosalita esvaziou a picadora de papéis e a lixeira nas salas de Sloane Glover e Ardie Valdez e de uma nova funcionária — Katherine Bell. Quando chegou ao final do corredor, a sala do canto estava fechada, as luzes apagadas. Ela bateu duas vezes e entrou.

O erro foi óbvio. Um gemido, logo sufocado. Uma bufada irada. Rosalita viu uma mulher de cabelos escuros curtos olhando para ela boquiaberta, iluminada pela faixa de luz projetada pela fresta da porta, os olhos arregalados, brilhando no escuro como um guaxinim exposto ao fecho de uma lanterna. Rosalita perdeu o fôlego em um suspiro que quase não produziu som. Os momentos que se seguiram foram silenciosos também. Tão silenciosos que os únicos ruídos foram os de pele contra pele e tecido e engolidas em seco e um homem tossindo e saliva

e cabelo e...

Rosalita recuou, batendo o ombro tão forte no batente que viu as cores do hematoma que ia se formar estampadas no interior de suas pálpebras enquanto piscava para conter as lágrimas de dor. Um grito ficou preso em seu peito quando as costas se curvaram, e ela apertou o braço. Um formigamento disparou descargas elétricas até o cotovelo. Sua mente entrou em uma espiral de visão dupla que fez seu estômago embrulhar. Ela teve discernimento suficiente apenas para fechar a porta.

Crystal estava atrás do carrinho, segurando o frasco de limpa-vidros como uma arma.

— Você está bem?

Os órgãos de Rosalita ameaçaram sair pela garganta.

— Vamos pular a sala do canto hoje.

— Por quê? — Crystal olhou para a porta como se pudesse ver o que Rosalita tinha visto.

Rosalita engoliu em seco. Seu ombro doía.

— Tem gente lá dentro.

— Mas você disse...

— Hoje, não. — Rosalita meio que esperava que a porta se abrisse, mas, até aquele momento, nada. Seu rosto parecia febril. Ela não olhou para Crystal. — Preciso ir ao banheiro. Vá adiantando as salas deste lado.

Os ouvidos de Rosalita zumbiam. Ela estendeu a mão, deixando que os dedos tocassem a parede em busca de equilíbrio. Chegou ao banheiro. As luzes se acenderam com um clique, brilhantes e exigentes demais. Ela se inclinou na pia, apoiando o peso na porcelana branca. O suor brilhava entre as raízes escuras do cabelo e sob os folículos das sobrancelhas.

Ficou de pé ali, quase ofegante. Seus olhos castanhos eram poças de lama refletidas de volta para ela. Molhou o rosto com água fria e deixou que as gotas escorressem da ponta do nariz e do queixo. Então fechou os olhos para o próprio reflexo e secou as gotas presas nos cílios. Seu corpo, ela sabia, sempre tivera a melhor memória.

CAPÍTULO 18

31 DE MARÇO

Sloane chegou em casa depois de ir à Target, onde uma hora antes havia comprado um presente para o filho de Ardie, Michael. A festa de aniversário era no dia seguinte. Sábado. A festa a pegara de surpresa, pois ficara escondida inocentemente em seu calendário logo após uma sexta-feira infernal e, bem, lá estava ela. E aquela noite, a véspera da festa de aniversário, não parecia o momento adequado para *contar* a Ardie. Ela tentou redigir a mensagem de texto em sua cabeça como se fosse um e-mail de trabalho: *Ardie, preciso falar com você, podemos dar uma palavrinha?*

Poderia telefonar. Não era uma adolescente. Mas não tinha certeza se era uma boa ideia também. Sloane realmente era especialista em procrastinar, não era?

Sloane tinha um dilema, e, para lidar com ele, estava de pé na cozinha, descalça, devorando seus sentimentos, quando um segundo dilema moral se apresentou.

O celular de Abigail vibrou. Foi assim que tudo aquilo começou, pelo menos. Então, bem... Sloane não estava sendo *bisbilhoteira*. Ela estava sendo uma *boa* mãe. Inspeccionar era uma obrigação tão importante quanto ajudar no dever de casa. Qualquer um concordaria com isso. Na verdade, enquanto pensava a respeito, Sloane teve certeza de que tinha lido aquilo em um artigo em algum lugar. Bisbilhotar era uma forma de demonstrar amor.

Talvez merecesse uma reformulação, no entanto. Curiosidade. Pronto, assim soava melhor. Para o caso de Derek perguntar por que ela estava xeretando o celular da filha. Ela daria de ombros e diria: Ah, sei lá, fiquei *curiosa*.

Derek estava no quarto fazendo exercícios na barra fixada no batente da porta. Ela podia ouvir sua respiração ruidosa e viril da cozinha, onde, na semana anterior, ele havia instalado duas luminárias — candelabros no estilo provençal feitos sob encomenda na região do Luberon — que agora pendiam ostensivamente sobre a ilha, provocando Sloane com a consciência da fatura do cartão de crédito que em breve chegaria. Não que ela pudesse falar muito, já que

acabara de “investir” em um par de sapatos Manolo Blahnik Clizia Mesh, cuja visão quase a levava diretamente ao orgasmo. Mas mesmo assim. Antes de se casar, sua mãe lhe dissera que, para um casamento funcionar, o casal precisava ter atitudes semelhantes em relação ao dinheiro. Por consequência, Sloane passou a considerar os gostos reciprocamente caros dela e de Derek como um sinal de compatibilidade. Anos depois, seus pais estavam divorciados e ela descobriu que gostos reciprocamente caros significavam *duas* pessoas gastando o salário dela em um ritmo assustadoramente rápido, em vez de apenas uma.

O celular de Abigail vibrou de novo na bancada, com o visor virado para baixo, girando um centímetro. Eram dez e meia da noite. *Quem* estaria mandando mensagens para Abigail?

Então ocorreu a Sloane: ela era a *mãe* de Abigail, não uma namorada ciumenta. Ela não tinha que *imaginar*, podia apenas checar. Um dilema moral resolvido, e, simples assim, a preocupação em falar com Ardie antes da festa do dia seguinte passou a ser um estresse secundário.

Sloane digitou a senha de Abigail no telefone e navegou para o ícone verde e branco do aplicativo de mensagens. Lá estavam. Três novas mensagens alinhadas no lado esquerdo da tela.

Sloane as devorou:

Grady Reed

Todo mundo sabe que você foi correndo dedurar a gente pra sua mãe.
A gente nem fez nada. Nada a ver. A gente nem teria falado com você se soubesse que você era dedo-duro.

Steve Lightner

É. Meu pai disse que a gente não pode mais convidar você pra festa aqui em casa porque você é dedo-duro e sensível demais.

Grady Reed

Desculpa, Abigail, sua FOFOQUEIRA.

Sloane bateu o telefone no granito com um grunhido de raiva.

— Está tudo bem aí? — perguntou Derek do outro cômodo.

— Sim, sim. Tudo bem. Desculpa.

A decisão de não revelar o que havia encontrado no telefone de Abigail foi rápida e instintiva. Injusta, provavelmente. Imoral? Talvez. Abigail também era filha dele. Partes iguais. Embora ela sentisse que, no caso de um desempate, Abigail fosse só um pouquinho mais dela, considerando que tinha sido gestada em sua barriga por nove meses e tudo o mais. Derek certamente não tinha uma bolsa de canguru flácida abaixo do umbigo. Ainda assim, em um mundo

perfeito, ela deveria ser capaz de chamá-lo para se unir a ela em sua fúria parental.

Mas não. Sloane não podia arriscar a propensão do marido à razoabilidade. Sua filha estava sendo *assediada*. Era óbvio. E Grady Reed tinha envolvido o nome de Sloane Glover naquilo. Dissera “mãe”, e “mãe” significava Sloane. Não Derek. Não, ela definitivamente não poderia arriscar que ele a dissuadissem. Estava com raiva. Devia estar com raiva. Na verdade, raiva era a única resposta razoável naquele momento.

O status social de sua filha oscilava precariamente. Isla Lombardi não falava mais com Abigail, e pelo visto era um negócio importante, porque Isla Lombardi tinha dividido as meninas da turma em Legais e Chatas, e Abigail não tinha sido escolhida para o grupo das legais. Daí aquelas primeiras mensagens de texto horrorosas — *vagabunda, vadia, puta*. Só as meninas “chatas” receberam. A mãe de Isla — que era diretora de marketing em Irving — estava tentando convencer a escola de que a filha e as amigas estavam exibindo alguma forma de feminismo da nova geração — garotas sendo obstinadas, contundentes e sinceras. Elas só não se adequavam à narrativa da personagem feminina amável e, portanto, não deveriam ser punidas. Sloane queria que a mãe de Isla enfiasse a mão no triturador, então talvez ela também estivesse exibindo um pouco do feminismo da nova geração.

Quando Sloane virou o telefone, uma rachadura fina atravessava a tela de vidro. Ela fechou os olhos, respirando fundo, até sentir a vermelhidão das bochechas desaparecer.

— Derek. — Ela entrou no quarto deles, onde o marido estava fazendo abdominais, sem camisa, deitado no tapete persa, parabéns para ele. — Recebi um e-mail. — Como qualquer outra coisa, mentir era uma habilidade que se aperfeiçoava com a prática, e Sloane tinha experiência em enganar o marido. Não se orgulhava disso. Mas *aquilo* era para o bem de Derek. Ela o estava poupando de saber como a salsicha era feita, por assim dizer, então, no mínimo, deveria ser aplaudida por carregar aquele peso sozinha. Algumas pessoas diriam que ela era até um pouco heroica. — Preciso trabalhar um pouco mais hoje à noite. Estarei no andar de cima, no escritório.

Ele mostrou os dentes quando expirou ao fazer o abdominal. Parecia doloroso. Sloane se perguntou se os dois — Sloane e Derek — estavam sendo submetidos a um teste de coragem para ver quem desistiria de cuidar da própria aparência primeiro. Ela rezava para que fosse ele.

— Tudo bem. Vou para a cama daqui a pouco. Antes de subir, pode verificar

se todas as portas estão trancadas?

Ela assentiu.

— Tem certeza de que não quer... — Ele olhou na direção da cama king size.

— ... primeiro?

— Tenho.

Considerando que Derek tinha o corpo de um jovem de vinte e cinco anos, Sloane provavelmente deveria se preocupar com a fidelidade do marido, mas, por alguma razão, não se importava. *Como você se sentiria, de verdade, se descobrisse que Derek anda ciscando por aí?* Grace uma vez perguntou a ela. *Péssima*, respondera Sloane. *Mas depois eu superaria*. E, em seu íntimo, ela acreditava nisso de verdade.

De qualquer forma, não conseguiria fingir a respiração ofegante durante o sexo e manter seu nível atual de raiva ao mesmo tempo. Então, fugiu para o andar de cima, sua indignação começando a ferver.

No computador, usou o cursor para navegar até a área de trabalho remota, onde abriu um modelo de documento no papel timbrado da Truviv e escreveu o nome do superintendente do conselho escolar na linha de destinatário. Desde que Abigail recebera as primeiras mensagens de texto chamando-a *daqueles* nomes, Sloane vinha considerando uma ideia.

Cerca de um ano antes, tinha visto uma reportagem sobre uma garota que se enforcou no banheiro porque os colegas de classe estavam fazendo cyberbullying com ela por causa de um garoto. Tinha sido uma notícia sensacionalista, projetada para fazer com que pais em toda parte surtassem coletivamente. Fotos da menina doce e sorridente com aparelho nos dentes e almofadas felpudas na cama viralizaram, e Sloane pensou, como todo mundo: *Por favor, que isso nunca aconteça com minha filha*. Essa era a questão.

Mas, escondida sob todo o interesse humano, sob o *cerne* comovente da história, havia uma teoria jurídica que atraía a atenção de Sloane. Os estudantes que fizeram bullying com a garota foram responsabilizados nas esferas criminal e civil pela morte dela. Eles foram para a *cadeia*. E isso também suscitou uma discussão sobre a responsabilidade da escola no suicídio. Consequências *reais*, jurisprudência *real*.

Estão vendo! Sloane queria sacudir o laptop acima da cabeça em uma reunião de pais: *Eu não sou louca!*

Porque tudo tinha limite. Era assim que Sloane via as coisas.

Na tela, os casos se multiplicaram. Laney Presper, doze anos, se jogou de um prédio após reclamar de bullying meses antes. A conclusão: os supostos

agressores podiam ser acusados criminalmente quando as vítimas cometiam suicídio.

Jackson Worrall, dezoito anos, se matou por envenenamento com monóxido de carbono após uma série de mensagens de texto da namorada, que mais tarde foi condenada por homicídio culposo.

Matt Renard, quinze anos, se enforcou para escapar do cyberbullying. O resultado: aprovaram uma legislação que dava às autoridades policiais permissão de apresentar queixas tradicionais contra assediadores cujo comportamento contribuísse para que outra pessoa tirasse a própria vida.

Ela continuou pesquisando, resumindo e elaborando um argumento que finalmente convencesse a escola a fazer algo a respeito da maneira como a filha estava sendo tratada. E daí que estivesse se valendo do fato de ser advogada? Era a filha dela!

Sloane era uma excelente digitadora. Rápida e mortalmente precisa. Perdeu a noção do tempo enquanto digitava em seu teclado noite adentro, até que ressurgiu em um mundo iluminado apenas pelas luzes vermelhas, verdes e amarelas dos aparelhos de modem, alarme e DVD.

Contemplou o produto final, um memorando legal para o conselho escolar. Suas citações de caso, ela sabia, eram impecáveis. O argumento, centrado na ideia de que aqueles que praticavam bullying e aqueles que permitiam que isso acontecesse poderiam ser responsabilizados pelos danos físicos e psicológicos causados a suas vítimas parecia razoavelmente sólido. Havia apenas uma coisa que a incomodava: ela era a mãe de Abigail.

Era só que, bem, aquilo não teria um pouco mais de peso se viesse de um advogado que *não* fosse parente de Abigail? Uma fonte externa. Outra pessoa. Alguém como... Ardie.

Seus dedos pairaram acima do teclado. Era apenas um pouco de liberdade artística. Uma mentira inofensiva, na verdade. Sloane tinha certeza de que Ardie teria concordado se tivesse a chance de perguntar, mas não tinha muito tempo e a festa de aniversário de Michael era no dia seguinte. Ardie não teria tempo para pensar naquilo e, na verdade, o que ela estava propondo não era errado, não exatamente. Plágio era errado. Aquilo era o oposto. Sloane estava dando a Ardie o crédito por um memorando que ela mesma havia escrito. Na verdade, era muito legal da parte dela, não? Não tinha com que se preocupar.

Sloane tomou a decisão. Assinou o memorando: *Adriana Valdez, advogada*. E, antes de se levantar — os joelhos doendo por ter ficado sentada de pernas cruzadas em sua cadeira ergonômica —, procurou os endereços de e-mail na

internet e os inseriu na linha de destinatário. *Estou copiando nossa advogada, Adriana Valdez, digitou Sloane, para dar prosseguimento ao assunto, caso seja necessário. Envio em anexo um memorando para sua análise e consideração. Atenciosamente.*

Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Yeh: Sra. Garrett, permita que eu me apresente. Meu nome é Helen Yeh e estou atuando como advogada das rés. Vou conduzir sua entrevista formal. Em seu depoimento, farei algumas perguntas e a senhora as responderá sob juramento. O estenógrafo do tribunal tentará transcrever tudo o que dissermos. É importante que não interrompamos uma à outra e que a senhora responda a todas as perguntas verbalmente. Vamos começar. Quanto tempo foi casada com Ames Garrett?

Testemunha: Vinte e sete anos em maio.

Sra. Yeh: Como a senhora descreveria seu casamento?

Testemunha: Bem, depois de tantos anos, não é exatamente um mar de rosas todos os dias, mas eu o descreveria como um casamento feliz. O Ames sempre planejava uma viagem de fim de semana para comemorar meu aniversário. Nunca esquecia nosso aniversário de casamento. Jantávamos em família. Conversávamos. Não só coisas triviais sobre as crianças. Nós conversávamos mesmo. Ele me falava sobre o trabalho e levava a sério meus conselhos sobre a carreira, embora eu não trabalhe há anos. Sempre valorizei isso. Mas, é claro, nas últimas semanas o comportamento dele mudou completamente. Ele tem estado deprimido, mal-humorado, estressado.

Sra. Yeh: Sabe o motivo?

Testemunha: Tenho certeza de que foi por causa da lista de homens CILADA. Todas aquelas mentiras.

Sra. Yeh: Certo, então a senhora viu a lista e está nos dizendo que o nome do sr. Garrett aparece nela?

Testemunha: Sim.

Sra. Yeh: E acha que o nome dele não deveria ter sido incluído?

Testemunha: Eu sabia que o nome dele não deveria estar naquela lista desde o início, mas, assim que descobri que foi Sloane Glover quem escreveu aquilo, bem, isso me disse tudo que eu precisava saber.

Sra. Yeh: Deixando a sra. Glover de lado, que motivo uma mulher teria para mentir a respeito de assédio sexual e outras alegações que foram encontradas na planilha?

Testemunha: Atenção. Ganho profissional, financeiro.

Sra. Yeh: A lista era anônima.

Testemunha: Mas não é mais, certo? Se era para ser tão anônima, por que Sloane processou meu marido e a empresa dele, com o nome dela no processo?

Sra. Yeh: É uma pergunta válida. Vejamos. Sra. Garrett, sabe quem é Clarence Thomas?

Testemunha: Um juiz da Suprema Corte.

Sra. Yeh: A senhora sabe o nome da mulher que acusou o juiz Thomas de assédio sexual?

Testemunha: Acho que soube em algum momento, mas não lembro agora.

Sra. Yeh: E quanto a qualquer uma das mulheres envolvidas nas alegações de assédio sexual contra David Letterman? Bill Cosby? Lembra-se dos nomes delas?

Testemunha: Não, não lembro.

Sra. Yeh: Eu poderia continuar, mas é correto dizer que esses homens, Bill Cosby, David Letterman e o juiz Clarence Thomas, são mais famosos que seu marido, Ames Garrett?

Testemunha: Sim.

Sra. Yeh: Aparentemente essas mulheres não obtiveram nenhum tipo de notoriedade como resultado das acusações de assédio sexual. A senhora sabe quem é Tyson Grange?

Testemunha: Um jogador de basquete. Joga no Lakers, acho. Amigo do meu marido, na verdade.

Sra. Yeh: Isso mesmo. Ele joga no Lakers e é patrocinado pela Truviv. A senhora também deve conhecer o nome Ariel Lopez, ginasta olímpica medalhista de prata. Ela também era patrocinada pela Truviv. Seis meses atrás, a srta. Lopez acusou Tyson Grange de abuso sexual. A senhora sabe o que aconteceu?

Testemunha: Não.

Sra. Yeh: Vou lhe dizer. Nada aconteceu a Tyson Grange. A srta. Lopez, no entanto, perdeu o patrocínio da Truviv, empresa na qual seu marido trabalhava. Pode-se dizer então que ela não conseguiu muita coisa em termos de ganhos financeiros. E Tyson era, como a senhora mencionou, amigo de Ames.

Testemunha: São casos diferentes. Eu nunca disse que todas as mulheres fazem acusações de assédio sexual para obter ganhos financeiros ou notoriedade. Eu acredito nas mulheres. Na maioria delas, pelo menos. Mas sempre há uma exceção à regra. Não podemos simplesmente dar carta branca a todas as mulheres que resolvem acusar alguém, podemos? Veja bem, eu sou mulher e estou dizendo isso. Essa história de "acreditar nas mulheres acima de tudo", convenhamos, é ridícula. Sinto muito pelas palavras fortes, sei que é uma opinião impopular, mas essa é a verdade.

Sra. Yeh: Então, se Sloane Glover, como a senhora disse, acrescentou o nome do seu marido à lista, alegando que ele tinha um histórico de assédio sexual, o que está dizendo é que não acredita nela. Correto?

Testemunha: Veja bem. Algumas pessoas precisam colocar rótulos em tudo apenas para se sentirem melhores, para se colocarem como vítimas. Acredite, a Sloane é assim. A senhora deveria ver o que está acontecendo na escola da Abigail só porque a filhinha de dez anos dela não era popular o suficiente! Eram apenas crianças agindo como crianças, mas a Sloane entrou em pé de guerra, dizendo para todo mundo ouvir que era bullying. Eu sei o que aconteceu e não foi bullying. Agora ela está fazendo a mesma coisa aqui. De repente, virou "assédio sexual". Infelizmente, meu marido — minha família — foi vítima de um bullying maldoso, e quem foi a responsável por isso? Sloane.

CAPÍTULO 19

31 DE MARÇO

Michael ainda dormia de fralda. Havia poucas coisas que Ardie valorizasse tanto quanto suas horas de sono, e levantar várias vezes no meio da noite para levá-lo ao banheiro seria sacrificar um pedaço de si mesma do qual ela não estava disposta a abrir mão. *Carros 3* rugia ao fundo, o controle remoto alguns centímetros além do alcance de suas mãos, o suficiente para que não se desse ao trabalho de diminuir o volume. Ela havia apresentado argumentos convincentes em defesa de *Enrolados*, mas perdera a disputa e agora assistia ao filme por cima das caixas de papelão vazias espalhadas no chão, com as quais estava construindo prédios para a festa de super-herói do dia seguinte, prestando atenção no que os carros falantes estavam aprontando. Michael entrava e saía correndo da sala de estar, usando apenas uma fralda e uma camiseta do Homem-Aranha, agitando pompons laranja e brancos e dizendo que eram “fogo”.

As pernas de Ardie estavam esticadas, uma folha de cartolina branca estendida no chão entre elas. Com as costas doendo, ela desenhava minúsculas janelas com canetinha preta. Aquela tinta ia demorar semanas para sair de suas mãos, mas valia a pena. Bandejas de sanduíches de manteiga de amendoim e geleia cortados no formato de escudo descansavam na geladeira. Máscaras de super-heróis tinham sido espalhadas em cima da mesa do bolo. Em breve Ardie terminaria a cidade em tamanho natural — ou pelo menos no tamanho de uma criança — que seria salva pelos convidados do filho. Então ela se sentia um pouco como uma super-heroína também.

Ardie, como muitas de nós, tinha sido infectada pelo perfeccionismo, uma doença que, segundo diziam, era mais comum entre as mulheres em uma proporção de aproximadamente vinte para um. Até onde sabíamos, era transmitida pelas redes sociais e pelas reluzentes páginas das revistas expostas na fila do caixa e, uma vez contraída, aos doze ou treze anos, não podia ser curada nem com matérias do site Jezebel nem por meio de todas as comédias românticas ousadas cuja protagonista retratava corajosamente uma mulher descompensada

ou uma péssima mãe. Para nossos filhos, perseguíamos o modelo de excelência da felicidade suburbana estabelecido por nossas mães donas de casa, e ao mesmo tempo assumíamos o papel de nossos pais provedores. E fazíamos o possível para que todos soubessem que estávamos lidando com isso às mil maravilhas, escrevendo bilhetes em guardanapos cuidadosamente dobrados e guardados nas lancheiras de nossos filhos e dando festas de Halloween com queijo cortado no formato de fantasmas.

Porque, sinceramente, se isso não era sucesso, o que era?

Ardie, por sua vez, não via necessidade de psicanalisar precisamente *o que* estava tentando provar a *quem* com aquela demonstração atípica de talento doméstico. Estava tomando um gole longo de Coca Diet quando a campainha tocou.

Ela olhou para a porta da frente, irritada. Quantas vezes já tinha pedido a Tony que não tocasse a campainha nos momentos em que Michael pudesse estar dormindo? O fato de o filho estar ou não dormindo não era um pré-requisito para sua irritação.

— Michael, seu pai chegou! — gritou Ardie, odiando-se por dizer “seu pai” em vez de algo mais íntimo, como “o papai”.

Ela era uma péssima divorciada. Mas, no fim das contas, não era exatamente uma habilidade que imaginaria de que precisasse na vida. Como acender uma fogueira. Ou costurar.

Suas articulações pareceram cem anos mais velhas quando ela se levantou do chão.

— Já estou indo, já estou indo — gritou ao ver Michael passar correndo e chegar antes dela à porta.

— Oi, campeão.

Tony bagunçou o cabelo de Michael. Não era surpresa que ele não se parecesse em nada com Ardie ou Tony. Michael tinha cabelo alourado pelo sol e sardas, orelhas grandes e lindas, e pernas tão finas quanto o pulso da mãe. Quando Tony saiu de casa, ela teve medo de que ele abandonasse Michael e construísse com Braylee uma linda família biológica, que o filho que os dois tinham não fosse suficiente para segurar o ex-marido sem a força do DNA. Mas ela estava enganada. Tão enganada que quase se sentiu culpada. Na verdade, Tony estava se dedicando duas vezes mais a Michael, e aparentemente ele e Braylee não pretendiam ter filhos.

Ela achou que ter um filho adotivo em meio a um divórcio a pouparia das frequentes lembranças irritantes no estilo *você-está-agindo-igualzinho-a-seu-pai*,

mas não. Michael era como Tony em muitos aspectos, e isso tocava seu coração de uma maneira que ela nunca saberia explicar.

— Cadê a Braylee? — perguntou Ardie, porque não queria sentir a familiar pontada de ciúme se Michael perguntasse antes dela.

— Ficou em casa.

Tony estava usando uma calça de pijama xadrez. Ele tinha dirigido dez minutos e aparecido na porta dela de *pijama*, e Ardie tinha que aceitar que ela e o ex-marido não eram perfeitos um para o outro?

— Os balões estão na caminhonete. Vou lá buscar.

— Eu ajudo! Eu ajudo! — A franja de Michael caía nos olhos enquanto ele pulava em volta do pai.

— Você está sem sapato — disse Tony.

— E sem calça — completou Ardie.

Mas a batalha já estava perdida. Tony sorriu, se desculpando, e os dois voltaram com três sacos de papel-celofane cheios de balões vermelhos e brancos.

— Obrigada. Pode amarrar nas cadeiras da cozinha.

— Uau, você realmente se superou. Ele vai amar.

Ardie estava cansada da generosidade de Tony com as palavras só porque fora ele quem tinha saído de casa. Isso não dava a ela nenhuma alternativa a não ser agir de forma civilizada.

— Sim, ele vai amar — disse ela.

— Quatro anos... Como isso aconteceu?

— Mudanças são inevitáveis.

Na verdade, o que ela queria dizer era que no dia anterior Michael havia cantado todos os versos de rap da canção “De nada”, do filme *Moana*. Isso não provava que o filho deles era um gênio? Eles costumavam reunir esses pequenos relatos sobre o filho e compartilhá-los enquanto escovavam os dentes e lavavam o rosto, ainda falando sobre Michael quando se deitavam lado a lado na cama. Será que isso tinha sido parte do problema? Ou será que agora ele fazia isso com Braylee?

Ardie não fez nada para diminuir o desconforto causado pelo silêncio, embora essa fosse uma característica que vinha de muito antes da separação. Eles observaram o garotinho na frente deles até que, por fim, Tony apoiou as mãos nas coxas e seus joelhos emitiram um estalo familiar quando ele se levantou.

— Bem, já está tarde — disse ele, o que significava que estava indo embora.

Ela ainda estava tentando se acostumar com essa revelação silenciosa. Tony era uma pessoa que ia embora. Ardie, por sua vez, era uma pessoa que

permanecia.

Transcrição de depoimento

27 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Sra. Valdez, a senhora mencionou uma festa. A que festa estava se referindo?

Ré 2: A festa de aniversário do meu filho. Ele acabou de fazer quatro anos.

Sra. Sharpe: E algumas de suas colegas de trabalho compareceram, correto?

Ré 2: Correto.

Sra. Sharpe: Posso perguntar quais?

Ré 2: Sloane Glover, Grace Stanton e Katherine Bell, embora, pensando bem, acho que convidar Katherine não foi uma boa ideia.

Sra. Sharpe: Por quê?

Ré 2: Bem, por causa do que aconteceu depois.

CAPÍTULO 20

1^o DE ABRIL

Temos que admitir: nenhuma de nós achava mesmo que maternidade e trabalho poderiam coexistir de forma harmoniosa. Pelo contrário, eram duas forças diametralmente opostas. Éramos prisioneiras, amarradas ao dispositivo de tortura medieval que puxava cada membro em uma direção, tendo desfrutado o raro privilégio de amar e ter escolhido nossos torturadores. Havia apenas o pequeno inconveniente de nossas articulações estarem sendo deslocadas e nosso coração estar saltando do peito.

Acordávamos no meio da noite ao som de vozes infantis e nos arrastávamos, sonolentas, pelos corredores em direção a rostos que não se importavam se tínhamos um relatório para entregar na manhã seguinte. Prendíamos a respiração enquanto medíamos a temperatura, tateando em meio ao terremoto que um filho doente causava em nossos cronogramas e dando telefonemas urgentes para amigos e parentes em um último esforço para coordenar os cuidados com a criança ou quaisquer que fossem as exigências mínimas para que ninguém chamasse o conselho tutelar. Pedíamos aos nossos filhos que “fingissem não estar doentes” para que pudéssemos mandá-los para a creche e assim deixar todas as outras crianças doentes. Um favor que, imaginávamos, tinha sido retribuído muitas vezes. Dizíamos a nós mesmas, enquanto nosso próprio nariz escorria, a cabeça doía e o estômago recusava comida, que estávamos *bem*. Porque, o que quer que acontecesse, éramos a única opção, as encarregadas da tarefa de descobrir o que fazer a respeito de, bem, *tudo*.

Então era alguma surpresa quando uma de nós surtava? Não era exatamente isso que o sistema tinha sido projetado para fazer?

Rosalita caminhava com o filho em direção a uma casa que representava os caminhos que sua vida e a de Salomon estavam tomando, e ela se preocupava com a reação de seu coração se um dia o filho olhasse para ela não com orgulho, mas com pena. Imaginava que, no fim das contas, isso era a maternidade.

— Parece vazia.

Salomon olhou para a casa na Morningside Avenue enquanto seguia pelo caminho pavimentado com a mãe. Rosalita estava esperando uma mansão impessoal, mas a casa de Ardie parecia uma casa de campo — uma casa de campo grande e muito bonita —, com detalhes azuis e hera no muro branco. O carvalho no jardim tinha o tronco da largura de um urso e sombreava o gramado e um banco de ferro convidativo. Rosalita não conseguia entender como alguém que voltava todos os dias para um lugar tão bonito podia ter uma vida estressante. *Bom para Ardie.*

— Você vai trabalhar, Salomon. Quando a gente vai trabalhar, tem que chegar pelo menos dez minutos antes.

Enquanto caminhavam até a porta da frente, Salomon mexia nervosamente na aba do boné.

— Mas *por quê?*

— Porque você está aqui para ser útil. Não para *se divertir*. — Ela fez uma dancinha para provocá-lo e empurrou Salomon suavemente em direção à campainha. — Lembre-se de não tirar o boné, *pajarito*.

— Será que vai ter doce? — Ele se virou para perguntar, cutucando o boné.

Os dois ouviram o som de passos se aproximando do outro lado da porta.

— Eu trouxe um lanche para você. Você vai *trabalhar* — repetiu ela. — A sra. Valdez não está pagando para você devorar a comida dela.

Ela beliscou a nuca do filho.

— Talvez esteja, sim — resmungou ele, afastando a mão da mãe.

Rosalita teve apenas mais um segundo para reconsiderar aquela ideia, ir embora antes de deixar que o filho entrasse naquela casa linda. Mas aí já era tarde demais.

Ardie apareceu e pediu que entrassem, e Rosalita disse a si mesma que estava sendo ridícula. Eram cento e vinte e cinco dólares. Em um sábado. Estava tudo bem. Melhor; tudo ótimo, até.

Ao entrar, Rosalita se viu diante de preocupações mais imediatas. Por exemplo, se deveria ou não tirar os sapatos. Ela se lembrava vagamente de que aquilo era algo que as pessoas brancas faziam. Seu tio trabalhava com manutenção de aparelhos de ar condicionado e dizia que às vezes tinha que colocar sapatilhas descartáveis sobre as botas antes de entrar na casa de um cliente. Dependendo da decisão, aquilo parecia abrir a brecha para um grande constrangimento.

Ela olhou para os pés de Ardie. Ela estava usando um par de sapatos baixos — mocassins, Rosalita achava que era o nome — e não parecia nem um pouco

preocupada com os pés dela, então continuou calçada. Quando Ardie os chamou para entrar sem mencionar os sapatos, ela relaxou. Um pouco.

— Eu já deixei seu uniforme separado. Pode trocar de roupa no quarto de hóspedes — disse Ardie a Salomon, indicando o corredor. — Você vai ser um ótimo Homem-Aranha.

Salomon sorriu. Ele adorava o Homem-Aranha.

— Rosalita, o que vai querer beber? Mimosa? Coca-Cola? Água com gás? Chá gelado?

Ela seguiu Ardie até a cozinha. A casa era muito mais limpa do que Rosalita esperava. Em comparação com as outras mulheres do décimo quinto andar, Ardie Valdez era menos... composta. A maioria de suas roupas estava ligeiramente puída. Seu cabelo nunca estava penteado atrás. As mangas dos blazers eram compridas demais. Ela usava calças largas que amarrotavam quando se sentava. Mas Rosalita notou que Ardie fazia alguns investimentos. Tinha uma bolsa bonita. Lindos sapatos de couro, embora não os de bico fino e aparência perigosa que as outras mulheres usavam.

Rosalita entrelaçou as mãos na frente da barriga.

— Estou bem, obrigada.

— Estamos prestes a ter dez crianças com menos de cinco anos nesta casa, você talvez precise de algo para relaxar.

Ardie limpou a bancada com uma toalha de papel.

— Estou bem.

Ardie comprimiu os lábios finos e assentiu.

— Eu também. Vou ficar no chá gelado. Pode se servir se mudar de ideia. — Ela jogou a toalha de papel úmida no lixo. — O Salomon está se saindo muito bem nas aulas, por sinal. Ele estará pronto para o exame de admissão, não tenho dúvida.

Rosalita se animou. Não conseguia resistir quando o assunto era Salomon. As aulas particulares tinham começado assim. *Você tem filhos?*, perguntara Ardie certa vez depois de muitos meses de breves conversas entre as duas. E Rosalita ficara muito, muito orgulhosa em contar a Ardie como seu filho era inteligente, e Ardie sempre ouvia. Então, toda vez que se viam depois disso, ela perguntava: *Como está o Salomon?* E Rosalita respondia que ele estava bem, até que um dia a professora mandou um bilhete em uma letra cursiva complicada e ilegível. Timidamente, ela o mostrou a Ardie, que traduziu. Em resumo? Salomon precisava *mudar* de escola. Ele não desenvolveria todo o potencial na escola do bairro. A professora achava que ele era superdotado. Superdotado!

Rosalita chorou. Não foram lágrimas de felicidade, mas de desamparo. Alguns dias depois, no entanto, Ardie deixou algumas páginas impressas em cima de sua mesa, com um bilhete que dizia: *Para Rosalita*.

Era uma nova escola com um exame de admissão e bolsa de estudo. Ardie ia ajudar Salomon a entrar.

— Você acha mesmo que ele vai conseguir? Ele está entendendo a matemática ou só decorando?

Rosalita tocou a têmpora de leve.

Na maioria das aulas, Rosalita acompanhava Salomon até a Barnes & Noble para encontrar Ardie, que pedia uma bebida cremosa de “café” gelado com uma espiral de chantilly. Rosalita percorria os corredores, pegando guias de turismo e imaginando viagens para lugares que nunca visitaria. Muitas vezes, desde então, Rosalita quis perguntar por que Ardie a estava ajudando, mas achava que tinha algo a ver com não querer ficar em casa sozinha quando o filho estava com o pai. Rosalita não era exatamente uma pessoa abençoada, mas tinha sorte por não ter que compartilhar o filho.

— Ah, ele entende — respondeu Ardie. — Só fica com preguiça de fazer o passo a passo. Sempre digo a ele: em matemática, você tem que mostrar seu trabalho.

Rosalita assentiu.

— Vou estudar com ele em casa. E vou continuar dizendo isso a ele.

Então ela olhou por cima do ombro para ver se Salomon tinha aparecido, como se ele corresse o risco de ser engolido por aquela linda casa. Mas ele voltou, vestindo uma fantasia completa de Homem-Aranha. Ele fez uma pose e estendeu o antebraço, com os dedos abertos para lançar uma teia imaginária.

Ardie bateu palmas.

— Perfeito. Salomon, por favor, pode me ajudar a levar essas bandejas para o quintal?

Rosalita gostaria de perguntar mais sobre o progresso de Salomon. Teria gostado de ouvir elogios, na verdade. Os elogios ao filho eram o melhor tipo. Se tinha uma coisa que o pai dele tinha, era inteligência. Essa era uma das únicas fontes de conforto para Rosalita quando se tratava da paternidade de Salomon.

Logo, os convidados começaram a chegar. Nos trinta minutos seguintes, crianças entraram correndo na casa, com mães e pais em seu encalço. Rosalita permaneceu de pé, pacientemente, no canto da cozinha, a bolsa pendurada no pulso. Ela tentava não se esconder, mas ao mesmo tempo não se misturava aos outros convidados. Estava usando um vestido jeans da Old Navy e sandálias, e

ficou feliz ao perceber que fora uma escolha adequada para a festa.

Pelas janelas, observava Salomon distribuindo máscaras e capas de super-heróis para as crianças mais novas. Ele se apresentava para os adultos. Mostrava às crianças como flexionar os músculos. Estava integrado. Era o que ela queria, de verdade. Mas não deixava de sentir certo incômodo.

Mesmo de onde estava, na cozinha, não havia como não notar a chegada de Sloane. Ela usava uma camiseta justa com listras azuis e brancas, calça jeans skinny e sapatos com salto anabela forrados com uma linda estampa xadrez. Seu cabelo estava preso em um rabo de cavalo loiro reluzente que balançava na nuca. Ela falava alto, como se narrasse a entrada da família. Suas mãos estavam apoiadas nos ombros de uma menininha. O homem — seu marido — fechou a porta depois que eles entraram.

— Mas que *incrível!* — exclamou Sloane para ninguém em especial. — A Ardie se superou.

A filha de Sloane olhou para cima, sussurrou algo no ouvido da mãe e em seguida saiu correndo para o quintal. Os olhos de Rosalita a seguiram, e, em instantes, a garotinha encontrou Salomon, e as duas crianças mais velhas assumiram o papel de chefes da organização.

— É seu filho? — Sloane entrou na cozinha e pegou uma das taças de champanhe. — Quer alguma coisa, amor? — perguntou ela por cima do ombro, mas o marido já estava indo para o quintal, onde as crianças e os outros adultos estavam reunidos.

— É. O nome dele é Salomon.

Sloane serviu-se de uma taça quase cheia, a espuma borbulhando tão precariamente perto da borda que Rosalita teve certeza de que ia transbordar. Mas não; Sloane ainda acrescentou um pouco de suco de laranja.

— Eles parecem ter quase a mesma idade, a Abigail e o Sal... Salomon. — Ela gaguejou ao dizer o nome dele. — Meu nome é Sloane, aliás. Acho que não fomos apresentadas formalmente. Eu conheço você do... do... — Ela balançou o dedo no ar como se estivesse tentando pegar a palavra, então estalou os dedos. — Do escritório!

— Rosalita. — Ela estendeu a mão direita.

Naquele exato momento, porém, chegaram novos convidados, e a mão de Sloane, fria e suave, se desvencilhou quando ela olhou para a porta da frente.

— Grace! Katherine! Com licença. — Ela ergueu um dedo, se desculpando. — Só um momento. — E se afastou, equilibrando-se nos saltos e segurando a taça de champanhe. — Vocês vieram! Juntas? Olhem só para vocês.

Houve muitos abraços. Aquele tipo de abraço de costas eretas, inclinadas a partir da cintura, e pescoços arqueados, típico de mulheres como Sloane. Rosalita percebeu que Katherine era a mulher de cabelo curto, a mulher do escritório, e rapidamente virou o rosto para o outro lado.

Ela evitou olhar para o saguão de entrada e, em vez disso, deixou que os olhos percorressem a cozinha em direção ao pote de biscoitos em forma de gato, uma fruteira vazia, uma mochila de criança pendurada em um conjuntinho de mesa e cadeira.

Agora as mulheres se aproximavam a passos ruidosos.

— Vinho! — exclamou Sloane para Katherine, que segurava o gargalo de uma garrafa. — Para uma festa infantil! Gostei.

Sloane pegou a garrafa como se a casa fosse dela e a colocou na bancada da cozinha.

— Entrem, entrem, eu estava conversando com a Rosalita. — Ela pronunciou o nome dela com um sotaque carregado.

— Grace. — Outra mulher loira, um pouco mais jovem e muito bonita, estendeu a mão.

— Olá — cumprimentou Rosalita. — Meu filho está ajudando na festa. — Ela apontou para o quintal, onde Salomon carregava Michael nas costas. Ele era um sucesso.

— Acabei de ter um bebê. E estou usando a festa como desculpa para tirar uma folguinha de algumas horas. Me sinto culpada, mas...

Grace deu de ombros. Não parecia realmente sentir tanta culpa assim. Rosalita já imaginava o bebê por causa da bombinha de tirar leite que ficava guardada embaixo da mesa dela, mas fingiu que não sabia de nada.

Quando Salomon nasceu, ela não queria se afastar dele nem por uma hora, mas era obrigada. Às vezes, ouvia as mulheres no escritório se queixando de que mal podiam esperar a hora de voltar ao trabalho depois de ter um bebê. Mas Rosalita sabia que elas poderiam esperar, e esperavam.

Katherine tinha visto Rosalita. Com certeza, pois desviou o rosto quando seus olhos se encontraram — da mesma maneira que fizera naquela noite — e foi direto para onde as bebidas estavam.

— Quer alguma coisa, Grace? — perguntou, sem voltar a olhar para Rosalita. Ninguém mais pareceu notar.

Katherine ignorou o suco de laranja e, quando terminou de servir o champanhe, sugeriu que fossem para o quintal. A sugestão não incluía Rosalita. Mas Rosalita viu. Rosalita sempre via tudo. A questão naquele caso era: *o que*

exatamente tinha visto na sala de Ames naquela noite?

CAPÍTULO 21

1^o DE ABRIL

As bolhinhas do champanhe subiram direto para a cabeça de Sloane. Ela estava pensando em sugerir a Rosalita que combinassem de o filho dela — qual era mesmo o nome dele? Sal... Sal... Sal-alguma coisa — ir brincar com sua filha. Sim, devia fazer isso. Tomou mais um gole da bebida, a mão no quadril, pensando. Mas... convidar o filho de Rosalita para brincar com Abigail seria uma atitude receptiva ou condescendente?

E, na verdade, o fato de *se perguntar* isso não era em si um indício de ausência de receptividade? Aquilo era um enigma. Sloane detestava quebra-cabeças éticos. Ela *gostar* de todo mundo já não bastava? Nunca tinha conhecido uma pessoa com quem não conseguisse manter uma conversa. Mas não, aparentemente ela estava sendo ingênua. Ou, uma palavra ainda pior que havia aprendido recentemente: *privilegiada*.

No quintal de Ardie, o sol brilhava na medida certa. Os galhos balançando no alto e os gritos das crianças derrubando os prédios de papelão pareciam saídos de um catálogo de moda. Ela se preocuparia com a política que envolvia uma tarde de brincadeira mais tarde.

Realmente gostava de sentir as bolhinhas flutuando até a cabeça.

Por mais um momento, ficou atipicamente alheia à festa, observando a filha brincar de super-herói com o filho de Rosalita. Duas crianças pequenas cujas idades lhes garantia alguma importância relativa naquele contexto em particular.

Ela havia apagado as mensagens no celular de Abigail. *Puf! Sumiram!* E agora veja só! Sua filha estava brincando feliz no quintal, e fora Sloane quem tinha tornado aquilo possível. A mãe enxerida de Abigail.

Talvez o memorando que havia mandado por e-mail parecesse um pouco exagerado à luz do dia, mas a escola precisava aprender uma lição, e quem poderia censurá-la? Ela era *mãe*.

Sloane abriu o sorriso fácil de alguém que já havia bebido uma taça e meia de champanhe, então voltou para a varanda, onde Grace, Ardie e Katherine

conversavam com seu marido.

— Já está nadando em estrogênio?

Ela passou o braço pelo dele. A camisa polo macia e surrada roçou sua bochecha. Derek era um pai que fazia sucesso nas festinhas de crianças. Feito sob medida para lançar uma bola de futebol americano e carregar os pequenos nos ombros. Sloane ainda estava decidindo se deveria contar a ele sobre a carta que havia enviado para o conselho escolar. Até então, parecia inclinada a não contar. Afinal de contas, era uma queixa formal direcionada ao empregador dele, mas fora precisamente *por isso* que ela tivera que assumir as rédeas da situação. Era melhor que seu marido não soubesse de nada. Permanecesse inocente. Além disso, um memorando legal não era algo de sua alçada.

Derek inclinou a cabeça, a barba por fazer puxando o cabelo dela.

— Eu me lembrei de prender a respiração antes de mergulhar.

Sloane sorriu para o grupo.

— Excelente. O que eu perdi?

Grace segurava uma garrafa de champanhe pelo gargalo. Ela usava uma camisa de cambraia por dentro de uma saia evasê com estampa floral. Sloane nunca mais parecera tão elegante depois do nascimento de Abigail. Havia perdido o peso que ganhara durante a gestação com relativa rapidez, apesar de ter engordado vinte quilos, mas sua silhueta nunca mais fora a mesma. Era como se seu corpo tivesse se deslocado um centímetro para a esquerda e não tivesse voltado ao lugar até quase um ano após o parto.

— Só estava enchendo a taça da Katherine. — Ela fez uma pequena reverência. — Parece que as *raízes* dela estão começando a aparecer.

Grace ergueu as sobrancelhas maliciosamente.

Katherine tomou um gole agressivamente demorado do champanhe, e Sloane olhou de soslaio para ela. Era jovem demais para ter cabelos brancos.

— Ela só estava elogiando minha *bandeja de petiscos* — disse Ardie com um forte sotaque de Boston enquanto erguia uma bandeja de frutas e queijo com palitos espetados.

Sloane hesitou e então seus olhos se arregalaram, o que provavelmente era um exagero, mas ela não se importava.

— Você estava *escondendo* um sotaque de Boston? — A ideia fez cócegas nela junto com as bolhinhas do champanhe. A perfeita Katherine Bell. Mestre na pronúncia. Sloane pegou um pedaço de melancia com um palito e o colocou na boca. — Pensei que você fosse uma menina de colégio interno ou algo assim.

— Não exatamente — disse ela, tomando outro gole. — Sul de Boston. Escola

pública.

— Você está muito longe de casa, Dorothy — disse Grace.

— *Dah-thy* — brincou Katherine.

— Isso! Isso! Diga outra coisa!

Sloane bateu palmas e se limitou a revirar os olhos de leve quando, depois disso, Derek tirou a taça da mão dela. Sempre bancando o professor. Mas ela poderia arrumar outra.

Katherine estendeu a taça para Grace, que a aceitou com uma risada suave e cheia de cumplicidade.

— Acho que eu vou voltar dirigindo.

Katherine apontou para Sloane. Suas unhas eram curtas como as de uma criança. Roídas quase até o sabugo.

— Sloane *Glovah*, você é muito inteligente — disse Katherine, carregando no sotaque.

Talvez fosse o clima agradável ou o cheiro de grama recém-cortada, mas Sloane tomou a decisão impulsiva e irreversível de gostar de Katherine. Ela não era ingênua: era uma mulher que tinha se moldado a partir de fragmentos em um mosaico de graduada na faculdade de direito de Harvard e advogada de um dos maiores escritórios do país. Ela mostrava iniciativa.

Quero ser como você. As palavras que Katherine dissera — talvez tivesse dito — borbulharam até a superfície. Ou será que tinha dito *Eu quero ser você?* E isso importava? Sloane foi invadida por uma sensação sufocante e sentimentalóide de culpa, se revolvendo e atormentando-a em algum lugar de sua consciência. Estava torcendo para não ficar com ressaca.

— Tudo bem — disse Derek, colocando a taça pela metade de Sloane numa das mesas. — Uma pergunta polêmica: quem é mais babaca, Jerry Jones, do Dallas Cowboys, ou Bill Belichick, do New England Patriots?

— Bem, eu sei quem tem mais vitórias. — Katherine ergueu uma das sobrancelhas.

— Ah, fala sério. — Derek abanou a mão, rindo. Mas ele realmente amava os Cowboys. Todos os anos, em seu aniversário, Sloane conseguia dois assentos da Truviv bem na beirada do campo. — Então, o que a trouxe de Boston para cá?

Sloane suspirou e recuperou furtivamente sua taça.

— Olhem só para o meu marido, tentando ser legal — brincou ela.

Katherine esvaziou a própria taça.

— Ah, eu fui demitida.

Grace limpou a boca com um guardanapo dobrado.

A testa de Ardie se enrugou.

— Você foi demitida? Da Frost Klein?

— *Fui.*

Como chefe de Katherine, Sloane não tinha certeza de que deveria estar ouvindo aquela conversa. Mas como uma pessoa incorrigivelmente curiosa, não conseguia resistir.

— Foi um pesadelo, na verdade — explicou Katherine, olhando para o fundo da taça. — O que tem nisso aqui?

Ardie inclinou a cabeça.

— Champanhe — respondeu ela, lentamente.

— Está explicado. — Katherine assentiu, de maneira solene.

— Então, o que aconteceu? — perguntou Grace.

Sloane se lembrou vagamente de onde estavam: uma festa de aniversário infantil, pouco depois do meio-dia. Derek pediu licença para dar uma olhada em Abigail. Sempre o bom pai, Sloane registrou mentalmente com uma *leve* irritação. Mais consigo mesma do que com o marido.

Ardie tirou os sapatos e esticou os pés no piso de cerâmica da varanda por um momento enquanto ouvia.

— No ano anterior à minha demissão — contou Katherine —, o escritório havia realizado algumas análises estatísticas para uma empresa pública sobre igualdade no ambiente de trabalho que fizeram parecer que o cliente estava muito melhor do que estava de fato, porque um dos sócios, que era o chefe do setor, a propósito — ela girava a haste de sua taça —, tinha usado as estatísticas erradas. O parecer jurídico com essa análise havia sido usado, indicado e tomado como base para concluir uma fusão importante, conduzida por nosso escritório.

Ardie cobriu a boca com a mão e Grace estalou a língua.

Katherine olhou para os sapatos, depois para cima de novo. Por um instante, algo indecifrável surgiu em seu rosto.

— Eu tinha trabalhado para a empresa em outras funções, mas naquele ano fui designada para ajudar a organizar as novas finanças da pessoa jurídica resultante da fusão. Percebi uma discrepância na análise estatística e levei ao conhecimento do sócio.

Sloane havia tirado os sapatos e cruzado as pernas, os dedos dos pés descalços batendo na perna na qual seu cotovelo estava apoiado.

— Sim, claro.

Ela teve a sensação indireta do medo crescendo sob a narrativa daquela história de terror. Na Jaxon Brockwell, certa vez um advogado em seu segundo

ano de trabalho no escritório esqueceu de colocar a palavra “não” em uma frase crucial no plano de aposentadoria de uma empresa, e o erro resultou em milhões de dólares em pagamentos adicionais. Sloane não teve absolutamente nada a ver com aquele erro, mas ainda assim passou semanas sem dormir.

— Ele disse para fazer a análise daquele ano usando as estatísticas corretas — continuou Katherine. — Ninguém ia ler, mas, caso lessem, seriam informados sobre o erro naquele momento. Não me senti confortável com aquela solução... — Ela enfatizou essas palavras. — Mas ele era o chefe do setor. Na *Frost Klein*. E o sócio disse que, se a empresa perguntasse, revelaríamos o erro. — Ela passou a mão pelo cabelo. — Mas a empresa com a qual a firma original se fundiu leu o novo relatório, notou a discrepância e processou o escritório por fraude. Pensei: bom, o sócio vai assumir a responsabilidade. Fiquei nervosa, mas a responsabilidade era dele.

Grace estava boquiaberta. Ela havia tapado levemente as orelhas. Era uma pornografia do desastre, excitante e aterrorizante, para o mundo dos advogados.

— Ele teve uma reunião com a empresa, para a qual eu não fui convidada. Saí para almoçar. Quando voltei, o sócio-diretor, o chefe do setor e o chefe do departamento de recursos humanos estavam em uma sala de reunião esperando por mim. Fui demitida com efeito imediato. O cliente tinha exigido que o escritório tomasse providências em relação a mim, mas tenho certeza de que foi o sócio que sugeriu isso. Fiquei confusa. — Ela fechou os olhos, revivendo o momento. Isso fez o estômago de Sloane se revirar. — Eu estava preparada para me defender. — Seus olhos permaneceram desfocados. — Mas o sócio me encarou e mostrou alguns documentos que estavam na mesa, documentos que eles disseram ter encontrado na *minha* sala, relativos à análise do ano anterior, na qual eu nem tinha trabalhado, juro. Eram as estatísticas. O sócio disse que eu era a responsável. Disse que ia apresentar uma queixa criminal relativa aos meus atos fraudulentos enquanto trabalhava para uma empresa pública, nos termos da Lei de Valores Mobiliários. E os outros advogados presentes, bem, percebi que era isso que eles queriam. Então deixei a firma. Não havia nada que eu pudesse fazer. Eles ameaçaram revogar minha licença para exercer. — Sua voz ficou rouca. — Foi assustador. Eu quase não consigo acreditar que saí de lá viva.

— Meu Deus — disse Ardie, por fim largando a bandeja de petiscos e limpando as mãos. — Você poderia estar ganhando, o que, setecentos e cinquenta mil dólares por ano, se tivesse ficado e se tornado sócia do Frost Klein.

Isso era muito mais do que um advogado que trabalhava no departamento jurídico de uma empresa costumava ganhar. Mais precisamente, centenas de

milhares de dólares de diferença.

— Sim. — A pele de Katherine parecia úmida. Se por causa do suor, do álcool ou do sol, Sloane não sabia.

Mas Katherine não tentou contornar o problema dizendo que não era sobre o dinheiro. (Paramos de engolir essa história de “sucesso não é sinônimo de dinheiro” anos atrás, quando percebemos como ganhávamos salários menores e, por extensão, tínhamos menos sucesso. Aprendemos da maneira mais difícil que dinheiro pressupõe sucesso, não o contrário. Dinheiro significa opções. Dinheiro significa capacidade de assumir riscos. Para passar ao próximo nível. *Dinheiro não compra tudo*, sempre nos disseram. *Dinheiro não compra seu tempo*. O que é uma grande mentira. Tínhamos contas em sites de contratação de babás e no serviço de entrega de compras para provar. *Dinheiro* era o que a gente queria.)

Grace fez uma careta de repulsa.

— Quem era o sócio?

— Jonathan Fielding — respondeu Katherine, sem hesitar.

— Uau. — Sloane estalou a língua. — Você deve ter ficado com vontade de matá-lo.

— Sloane... — alertou Ardie.

Os olhos de Katherine, no entanto, brilharam.

— Se tivesse a chance, acho que teria feito isso.

— *Merda*. — Ardie olhou para o quintal, onde a metade infantil da festa estava se transformando em um território rebelde enquanto pequenas mãos e pequenos pés rasgavam e pisoteavam a cidade de papelão. Fragmentos tinham começado a cobrir a área cercada. — Tenho que servir o bolo.

— Eu ajudo!

Sloane ergueu a taça e seguiu Ardie até a cozinha. A porta de tela se fechou com um ruído metálico depois que as duas passaram.

Ardie abriu a porta da geladeira, e Sloane, que na verdade não era particularmente prestativa em reuniões sociais, se recostou na ilha da cozinha.

— A Katherine está um pouco nervosa hoje, você não acha? — sussurrou Sloane, olhando por cima do ombro, pela janela. — Será que foi isso mesmo que aconteceu?

— Acho que foi.

Ardie tirou um bolo vermelho, branco e azul da prateleira do meio. Ela o depositou cuidadosamente ao lado de Sloane.

— Ela é sempre tão cética... Foi só isso?

Ardie abriu a gaveta e começou a enfiar as velas na cobertura do bolo.

— Foi só isso.

— Como se diz quando os homens falham? *Falhar para cima?*

Sloane olhou para o glacê e considerou passar rapidamente o dedo pelas espirais azuis. Ela acendeu um fósforo na lateral da caixa, e uma chama laranja irrompeu no palito. Sloane o inclinou para encontrar os pavios das velas e viu a cera pingar no bolo, até que a chama ficou próxima demais das pontas de seus dedos e ela soprou o fósforo. Um fio de fumaça cinza espiralou e se dissipou.

— Tenho que dizer uma coisa — comentou Sloane. — Este é o aniversário de criança com mais bebida alcoólica que eu já vi. Bem, a não ser pelo primeiro aniversário da Abigail.

Ela segurou a porta para Ardie, que levava o bolo. Os convidados irromperam em um “Parabéns para você”, que Sloane cantou com convicção. Ela percebeu que Rosalita não estava por perto, mas deixou para lá.

Quando a cantoria terminou, fatias de bolo foram cortadas e servidas. O calor do sol tinha começado a ficar desconfortável. Mas isso talvez se devesse ao fato de ela ter deixado a taça de champanhe na cozinha. Os adultos começaram a circular, inquietos, enquanto tentavam se retirar da festa a tempo de cuidar de algumas pendências, se preparar para receber a babá naquela noite ou tirar um cochilo.

Foi com a mente na própria casa e numa calça de moletom que Sloane localizou Derek e se pôs a conduzi-lo na direção de Ardie para se despedir. Grace já estava recolhendo pratos de papel e enfiando-os em um saco de lixo. Sloane pensou que talvez fosse mais fácil se cada um simplesmente contribuísse com uma quantia para pagar pela limpeza. Isso também não seria uma gentileza? Talvez ainda maior, pensou ela.

Abigail veio mostrar a ela um dente-de-leão que tinha encontrado na grama antes de fazer um pedido. Estava tudo tão confuso e turvo que ela só percebeu quem disse “Foi uma festa maravilhosa!” a Ardie quando Braylee e Tony apareceram diante deles e Tony começou a falar com Derek.

— Vai ter uma degustação de uísque e chocolate no clube mês que vem, se estiverem interessados. A Braylee pode explicar para a Sloane os detalhes.

E, bem, Sloane por acaso estava com desejo de comer chocolate naquele exato momento, então concordou com entusiasmo e prometeu falar com ela em breve.

Quando se virou, deu de cara com o rosto de Ardie colado no dela, a expressão impassível.

— Você vai falar com a *Braylee* para saber os *detalhes*.

Não foi uma pergunta.

Sloane estava prestes a dar um tapa na testa e maldizer os efeitos do excesso de champanhe. Mas teria que fazer isso em casa com Derek, porque Ardie Valdez, ela percebeu, não queria ouvir mais nada.

— Foi só uma ou duas vezes. — *Talvez três ou quatro*, pensou Sloane. *Ou cinco*. — O Derek esbarrou com o Tony no mercado. — Ela tentou incutir na voz um tom de surpresa, uma história do tipo “olha que coincidência”. — E o Tony o convidou para jogar tênis no clube. O Derek está sempre querendo jogar tênis, e você sabe que eu nunca vou deixar que ele fique sócio de um clube.

Na verdade, havia um envelope com os documentos para se associarem em cima da bancada, e Sloane estava considerando seriamente a possibilidade.

Ardie ouviu, entregando sacolas com lembrancinhas sem dizer uma palavra.

Sloane tinha começado a falar sozinha.

— Uma coisa levou a outra e... Eu ia te contar.

A boca de Ardie era uma linha fina.

— Mas você não encontrou tempo nas dez horas em que trabalhamos juntas, cinco dias por semana, é isso, Sloane?

Sabe o que é pior do que uma mensagem de texto? Isso. Isso é pior!

Sloane suspirou, os ombros murchando instantaneamente.

— Não fique assim. Sei que você odeia o Tony. — Ardie dirigiu um olhar severo para Sloane. — Mas o Derek quase não tem amigos homens. Ele trabalha com um monte de *mulheres*. Ficou tão feliz por ter sido convidado, eu acho. — Derek estava junto ao portão, a mão apoiada na nuca de Abigail. Ela balançava a sacola com as lembrancinhas na altura do joelho. *Vamos*, acenou ele. — Eu só estava tentando, não sei, dar *apoio*.

— A quem?

Sloane ergueu o dedo para Derek. *Um segundo*.

— Ardie, por favor, não fique chateada. — Sloane sempre tivera a impressão de que pessoas de meia-idade *não* ficavam chateadas umas com as outras. Então, a ligeira frieza na voz da amiga foi uma surpresa desagradável.

— Não estou chateada.

— Não era minha intenção esconder de você.

Depois disso, Sloane não sabia ao certo o que mais poderia dizer. As duas já estavam velhas demais para ressentimentos mesquinhos... não estavam? E eram amigas e colegas de trabalho havia muito tempo. Eram, acima de tudo, mulheres profissionais. Não deveriam ter tempo para *drama*.

— Sloane! — berrou Derek.

— Tenho que ir. Falamos sobre isso na segunda-feira. Ou antes disso. Quando

você quiser.

Sloane seguiu Derek e Abigail pelo portão, dizendo a si mesma que não tinha sido nada, que tudo estava bem, que Ardie não a culpava pelo que tinha acontecido, mas não engoliu a própria mentira. Ardie *estava* chateada. Ela se sentia péssima, e usando sapatos bonitos, ainda por cima. Sua animação murchou. Sloane entrou no carro de Derek, sentindo uma pontada de dor bem no meio da testa. Olhou pela janela — o dia de repente tinha ficado quente demais, os pássaros muito barulhentos, os aspersores um desperdício de água. Sloane tinha outros segredos. Adormecidos sob a superfície, a salvo daqueles que amava. Sempre acreditara que os mantinha guardados para não magoar ninguém. Mas talvez, apenas talvez, isso fosse outra mentira que um dia ia se voltar contra ela.

CAPÍTULO 22

3 DE ABRIL

Nossas segundas-feiras chegavam com sentimentos contraditórios — culpa, medo, estresse, fadiga e alívio. Quando o fim de semana terminava, estávamos loucas para entrar na internet. Salivávamos diante da oportunidade de navegar por sites de compras e tomar o café fornecido pela empresa sem sermos interrompidas. Sabíamos que havia mais pendências a serem resolvidas no domingo. Que deveríamos ter trocado a lâmpada do banheiro e pagado a conta do médico que já estava na bancada da cozinha havia um mês. Às segundas-feiras, tínhamos a consciência amarga de que fazia tempo que havíamos abandonado as férias de verão, que a monotonia do trabalho fluía ao longo das quatro estações, que um fim de semana era, em sua essência, apenas um dia de folga de fato, seguido de outro dia em que nos fortalecíamos para enfrentar o massacre iminente da semana seguinte, porque não tínhamos usado nosso tempo livre para nos atualizar em relação aos relatórios de despesas como havíamos planejado. Em vez disso, tínhamos nos dedicado a uma maratona de episódios de *Jane the Virgin*. As segundas-feiras chegavam com a mesma promessa das resoluções de Ano-Novo: íamos nos alimentar melhor, fazer mais exercícios, procrastinar menos, não deixar que nossos filhos vissem tanta TV. Elas chegavam com a certeza modesta e intuitiva de que até sexta-feira teríamos fracassado em pelo menos metade dessas metas.

Naquela segunda-feira em particular, ligamos nossos monitores, ouvimos nossas mensagens de voz, checamos os e-mails, reabastecemos nossos grampeadores, fizemos anotações em post-its, indiferentes às rachaduras que se espalhavam pelo vidro sob nossos pés. Aquele dia chegou sem alarde, sem nada indicando que se tratava da última segunda-feira de normalidade.

* * *

Grace Stanton tinha uma linda caligrafia. Tinha sido titular das equipes

principais de futebol e tênis no ensino médio. Cozinhou bem o bastante. Tinha estudado na faculdade de direito da Universidade do Texas e se formara não como a melhor da turma, mas definitivamente entre os vinte melhores. Limpava a geladeira regularmente. Lia um livro por semana. Falava francês.

A verdade era que Grace Stanton era boa em quase tudo.

Então por que chegou ao escritório na manhã de segunda-feira se sentindo um fracasso?

Grace simplesmente não conseguia explicar. Tentou mentalizar o quealaria para uma amiga: *Você está sendo muito dura consigo mesma. Você é maravilhosa. Pare de se martirizar por coisas sem importância. Ninguém nem percebe.*

O problema era que, quando dizia essas coisas para uma amiga, estava sendo sincera.

Grace fechou a aba de The Skimm, uma newsletter para mulheres que explicava as notícias mais importantes do dia, e acessou um blog de design de interiores que gostava de acompanhar, até que não pôde mais evitar o dia.

Um aquecedor portátil contrabandeado zumbia a seus pés quando ela se voltou para um resumo das atualizações regulamentares mais recentes e começou a avaliar os arquivos para verificar se alguma das alterações propostas impactaria a Truviv. Fez algumas anotações em um documento do Word sobre questões a serem encaminhadas a um advogado externo, que faria as pesquisas adequadas por ela.

Estava finalmente absorvida no fluxo de trabalho quando ouviu um baque na porta. Ergueu a cabeça e viu a mão de Ames no batente, como se ele estivesse passando pelo corredor e então se segurando ali antes de perder a saída.

Ele deu um passo para trás.

— Ah, oi — disse, estalando os dedos antes de socar a mão com o punho. Seu pai costumava fazer a mesma coisa. — Por acaso você teve tempo de dar uma olhada naquele favor que discutimos na semana passada?

Ames coçou a bochecha, onde fios brancos salpicavam a barba por fazer do fim de semana.

Grace estava acostumada a homens aparecendo em sua sala com certa frequência e sabia que acontecia mais com ela do que, digamos, com Ardie. E se isso lhe causasse mais do que uma leve irritação, talvez considerasse mudar o visual. Mas vinha de uma família de mulheres sulistas que usavam salto alto até para ir ao mercado. Velhos hábitos não eram difíceis de mudar. Simplesmente não mudavam.

— Na verdade, ainda não. — Ela se esforçou para manter o tom

despreocupado de Ames.

Ele passou a mão no cabelo, fazendo com que a mecha branca no topete desaparecesse por um momento.

— Entendo.

Os dedos de Grace ainda pairavam sobre o teclado.

— Mas está na minha lista de prioridades.

Não era que ela tivesse se esquecido do favor que Ames lhe pedira. E não era que não quisesse fazê-lo.

Por que não deveria? Era uma coisa tão pequena... Ela gostava de Ames, e ele via algo nela. Ela podia gostar de Ames, não podia?

Grace sorriu para o chefe, lembrando-se de como deixar um homem à vontade. Era simples, na verdade: um sorriso caloroso, uma risada fácil e — pronto — não importava o homem com quem estivesse falando, ele se sentia instantaneamente mais feliz. Na verdade, já estava funcionando.

Ele cruzou os braços e apoiou o ombro no batente da porta.

— Você sabe que eu nunca iria querer que você fizesse nada que a deixasse desconfortável.

Ele apoiou o nó de um dos dedos na boca, estudando-a.

— Claro. — Grace afastou as mãos do teclado e as apoiou no colo. — Claro que não.

E, pensou ela, ele provavelmente nunca iria querer que ela fizesse nada que o deixasse desconfortável também.

Ela poderia mentir. Era uma opção. Mas uma boa opção? Provavelmente não.

— Enfim, tenho que ir. O pessoal da comissão de remuneração marcou uma reunião agora.

Em um momento de puro cinismo, ela se perguntou se a menção à remuneração era uma coincidência ou uma indireta. Então se lembrou de como Ames tinha sido legal com ela quando estavam na sacada, do plano deles para alavancar a carreira de Grace na empresa, e se arrependeu.

— Mas... — Ele estalou os dedos e apontou para cima. — Talvez, depois que você terminar hoje, possamos ir até a sacada para um... — Ames fez um gesto como se estivesse fumando. — Tenho alguns projetos em vista que talvez interessem a você. E adoraria ouvir sua opinião sobre algumas questões regulatórias.

— Bem, você sabe como eu adoro... questões regulatórias.

Uma conversa de trabalho inofensiva. Ela cedeu.

— Foi bom conversar com você, Grace. — Ele piscou. — A gente se fala mais

tarde.

Ao sair, deu duas batidinhas na porta.

A tela do computador diante dela tinha entrado em modo de espera. Ela mexeu no mouse para trazê-la de volta à vida. Pensou naquela conversa, pensou e não viu escolha a não ser fazer o que Ames havia pedido. Mas seria errado? Em se tratando de negócios, o objetivo não era sempre conseguir o máximo que achava ser possível impunemente?

Grace encarou a questão de outro ângulo e perguntou a si mesma: se tivesse escolha, uma escolha sem consequências, o que faria?

Talvez a resposta não mudasse. E se fosse realmente o caso, então isso deveria ser um conforto. Ames era casado, com filhos... Tinha um passado complicado com Sloane, sim, mas isso não fazia dele um monstro.

Ele *podia* ser babaca, não havia dúvida. Não com ela, mas, tinha que admitir, às vezes era. Mas duvidava que Sloane e Ardie, por exemplo, tivessem tanta experiência com homens de determinado feitio quanto ela. Porque Grace tinha crescido em Cotillion, tinha debutado, participara de uma fraternidade na faculdade e, em cada parada, tinha compreendido o discreto alicerce no cerne do comportamento desses homens: prerrogativa.

De qualquer forma, “prerrogativa” não era uma palavra tão obscena assim, a menos que você permitisse que fosse. Significava apenas que você achava que tinha direito a algo valioso.

Grace achava que merecia mais dinheiro e reconhecimento. Na verdade, acreditava que tinha *direito* a isso. E se perguntou se aquilo era o que precisava fazer para conseguir. Para ser algo além de uma “mãe de primeira viagem”.

Ela abriu um documento em branco, digitou a data no canto superior esquerdo. Hesitou. Seus dentes perfuraram o interior rosado da bochecha. Ela verificou a hora. O cursor piscou.

Havia apenas um fio solto que ela precisava amarrar.

* * *

— Katherine?

Grace enfiou a cabeça na sala da colega. Lá dentro as paredes ainda estavam brancas, brancas como alabastro, sem uma foto ou um diploma sequer para quebrar a monotonia estéril do ambiente. Mais parecia um hospital psiquiátrico.

— Como está se sentindo? — perguntou Grace, entrando sem ser convidada.

— Fisicamente? Ótima. — Katherine fechou os olhos por um segundo. —

Emocionalmente? Um pouco envergonhada. Fiquei bêbada na festa de aniversário de uma criança de quatro anos.

Ela apertou a ponte do nariz.

Grace fez um gesto com a mão, minimizando a questão.

— Não fique. Estou contando os dias até meus peitos ficarem livres e eu poder consumir álcool à vontade.

Grace olhou para os próprios seios, que já estavam começando a inchar de leite. A contagem regressiva para o temido processo de se trancar naquela sala minúscula que mais parecia uma cela e acoplar no corpo aquele equipamento laboratorial começou a correr silenciosamente em sua mente. Embora tivesse substituído uma das sessões de ordenha por um cochilo, ainda tentava manter o compromisso de tirar leite com a bombinha. Compromisso com tudo, na verdade. Com a perfeição. Era apenas um *pequeno* deslize. Não era como se Grace tivesse dado uma *chupeta* para Emma Kate nem nada do tipo.

— *Hashtag* “libertem os peitos da Grace” — disse Katherine. — Isso deveria estar impresso em camisetas.

— Hum... — Grace estalou os dedos. É sério. Igual a Ames. Ela juntou as mãos, controlando-se. — Eu queria perguntar uma coisa: você ainda está hospedada no Prescott?

— Não. — Katherine empurrou o mouse e se recostou na cadeira ergonômica. Onde Katherine estava morando de alguma forma não tinha sido mencionado durante o fim de semana e isso parecia estranho, agora que Grace pensava no assunto. — Acabei de me mudar para meu apartamento novo. Você... Você devia dar um pulo até lá qualquer dia desses.

Grace notou que Katherine desviou o olhar ao dizer isso, e só voltou a encará-la quando terminou de falar. Ela poderia estar enganada, mas achava que Katherine estava prendendo a respiração.

— Eu adoraria — respondeu ela logo, e foi sincera. O sorriso de Katherine foi rápido e fugaz. — Mas na verdade o que eu queria perguntar... Quem arrumou o quarto para você mesmo? No... No Prescott.

Ela estava sendo óbvia, não estava? Ela se sentia óbvia. Mas em relação a quê? Nada seria óbvio se não houvesse nada a esconder. Grace relaxou.

Katherine voltou a atenção para a tela, deslizando a cadeira para mais perto da mesa.

— Uma amiga. Por quê?

Uma rápida olhada para Grace, depois de volta para a tela.

— Ah, por nada. — Grace nunca tinha gostado de ficar na sala de outra

pessoa, com as costas completamente expostas para o painel de vidro. — Eu só estava curiosa. Procurando um contato também, talvez. Nada de graça, é claro. Qual é o nome dela?

Os olhos de Katherine percorreram a tela. Sua boca se moveu discretamente, lendo em silêncio o que quer que houvesse lá.

— Alice. — Outro rápido olhar na direção de Grace. — Alice Baxter.

— Alice... — repetiu Grace.

— Mas não sei se ela ainda tem o contato de lá. — Katherine fez Grace parar quando ela estava se virando para sair. — Mas posso verificar, é claro.

— Seria ótimo. Obrigada.

Grace viu seu contorno fantasmagórico no vidro enquanto se dirigia para a porta e, momentos depois, estava de volta à sala — sua base —, onde podia se esconder atrás da própria tela de computador.

Alice Baxter. Será que Katherine estava falando a verdade? Ela deveria ter perguntado sem rodeios: Ames Garrett estava pagando pelo seu quarto no Prescott? Não, isso teria sido grosseiro.

Ela pensou na mentira que contara a Liam, como tinha sido fácil dizer que ia trabalhar a noite toda. Talvez as mulheres fossem simplesmente ótimas mentirosas.

Grace se sentou e pensou por um momento. O Facebook era bloqueado nos computadores da Truviv, mas ela pegou o celular e abriu o aplicativo. Digitou o nome de Katherine, procurou a pessoa correta na lista e enviou uma solicitação de amizade. Conseguiu se concentrar no seu trabalho por quinze minutos, até seu telefone a alertar que ela agora era amiga de Katherine Bell. A amizade era oficial.

Grace passou o indicador pela tela e acessou a lista de amigos de Katherine. Era curta. Muito curta, para uma mulher da idade dela. Mas lá, no topo, estava o nome: Alice Baxter.

Grace largou o telefone. *Pronto*. Confirmado. Ela se sentia melhor agora. Consciência tranquila. Abriu o documento do Word, inseriu a data no topo da tela e começou a digitar.

Transcrição de depoimento

27 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Diga seu nome, por favor.

Ré 3: Grace Stanton.

Sra. Sharpe: Qual é sua ocupação, sra. Stanton?

Ré 3: Eu sou advogada do departamento jurídico da Truviv. Cuido de questões regulatórias, principalmente as que envolvem a Comissão de Valores Mobiliários.

Sra. Sharpe: Há quanto tempo trabalha na Truviv?

Ré 3: Seis anos.

Sra. Sharpe: E quem é seu chefe?

Ré 3: Sloane Glover, vice-presidente sênior de assuntos jurídicos para a América do Norte.

Sra. Sharpe: E Ames Garrett?

Ré 3: Sim, ele era um dos meus superiores. Diretor jurídico da empresa. Todos no departamento jurídico tecnicamente se reportavam ao sr. Garrett.

Sra. Sharpe: Você conhecia bem o sr. Garrett?

Ré 3: Apenas profissionalmente.

Sra. Sharpe: O sr. Garrett alguma vez a assediou sexualmente, sra. Stanton?

Ré 3: A mim, não. Minha queixa diz respeito ao artigo VII da Lei dos Direitos Civis, e se baseava em um ambiente de trabalho inseguro.

Sra. Sharpe: Sim, estou ciente da fundamentação jurídica de sua queixa. Minha dúvida é com a questão factual. Sra. Stanton, pode, por favor, examinar a Prova 13, que acabo de colocar na sua frente? Eu espero.

A senhora escreveu essa carta?

Ré 3: Escrevi.

Sra. Sharpe: Pode, para que conste dos autos, descrever a carta para nós?

Ré 3: É uma carta de recomendação, acho que poderíamos chamar assim. Uma recomendação ao conselho de diretores.

Sra. Sharpe: Uma recomendação em favor de quem?

Ré 3: Ames.

Sra. Sharpe: Uma recomendação... ou carta de recomendação... em favor de Ames Garrett para o cargo de presidente da Truviv, correto?

Ré 3: Sim, correto.

Sra. Sharpe: A senhora escreveu, e vou citar: "Ames Garrett foi um mentor. Ele é brilhante e ambicioso e sua porta está e sempre esteve aberta para mim todas as vezes que tive um problema, fosse pessoal ou profissional. Valorizo meu relacionamento com Ames e estou ansiosa para dar continuidade a essa relação em qualquer cargo a que possa vir a ocupar na Truviv no futuro." São palavras bastante elogiosas para descrever um homem que a senhora processou não mais do que... hum... duas semanas depois.

Ré 3: Não acho que o número de dias ou semanas seja tão importante

quanto o que aconteceu nesse meio-tempo, assim como a razão que me levou a escrever a carta em primeiro lugar, não concorda?

Sra. Sharpe: Por que escreveu a carta?

Ré 3: Eu me senti pressionada. Achei que seria bom para minha carreira ajudá-lo com esse favor que ele havia pedido.

Sra. Sharpe: O que exatamente ele fez para pressioná-la?

Ré 3: Ele pediu. Como era meu superior, senti que tinha que fazer o que ele pediu. Ele poderia determinar o futuro da minha carreira e da minha remuneração.

Sra. Sharpe: A senhora tem o hábito de mentir quando está sob pressão?

Ré 3: Não.

Sra. Sharpe: Nem se for bom para sua carreira?

CAPÍTULO 23

3 DE ABRIL

Ardie havia prometido se concentrar no trabalho naquele dia. Pela manhã, a casa ainda parecia ter sido atingida por um tornado. Michael tinha dormido na casa do pai, então ela não podia nem usá-lo como desculpa. Tinha chovido, e os restos da cidade de papelão estavam se dissolvendo em uma papa de celulose no quintal. Ela pensara em guardá-los. Ficara tão orgulhosa da festa no sábado de manhã.

E então acabou. Tony foi embora, levando Michael para que “ela tivesse tempo de descansar”. Não havia ninguém com quem recapitular o sucesso da festa ou falar sobre o que Michael tinha feito e dito, quais haviam sido suas partes favoritas, rir das fotos dele enfiando bolo de “chocolhate” na boca, porque era assim que ele ainda chamava; era assim que chamava desde bebê. Sábado à noite, ela se encolheu no colchão king size (*venda essa cama*, amigas lhe disseram depois do divórcio; ela nunca havia feito isso) e não se preocupou em colocar uma roupa até aquela manhã. Era uma segunda-feira monótona de volta ao trabalho.

Agora havia novos pareceres da Receita Federal para revisar. Havia linguagem a interpretar. Problemas solucionáveis para analisar. Ardie gostava de ocupar a mente de forma produtiva.

Um véu cinzento se estendia do lado de fora da janela do escritório, cuspidando chuva sobre o vidro. Quando o vento soprava, parecia que uma saraivada de chumbinho crivava a vidraça. O escritório tinha uma energia diferente quando chovia, e naquele dia parecia subjugado. Aprisionado. Energia silenciosa. Vibrações faziam o chão estremecer a cada trovão.

Às onze, o telefone fixo tocou, chamada de um número local, e Ardie atendeu.

— Adriana Valdez.

— Sra. Valdez — disse uma voz calorosa do outro lado da linha —, aqui é Tonya Loughlin, do Distrito Escolar Independente de Highland Park. Estou ligando para marcar uma entrevista formal com sua cliente, Abigail Glover, a

respeito da recente queixa de assédio apresentada por ela.

Fantástico, justamente o tipo de coisa na qual Ardie estava tentando *não* pensar. Que *timing* perfeito. Ardie se recostou na cadeira e apoiou a mão na dobra do cotovelo enquanto segurava o telefone.

— Veja bem, a política da escola exige que façamos entrevistas formais com todas as partes envolvidas na suposta conduta imprópria. Como advogada da família, a senhora, é claro, tem o direito de estar presente. Poderia me informar o melhor horário para a reunião?

A pergunta ficou no ar enquanto Ardie procurava um bloco de anotações em cima da mesa. Ela encontrou um e virou a folha. Pontuava seu ressentimento esmurrando o topo da caneta, a ponta perfurando a página.

— Obrigada, Tonya. Vou falar com a mãe da Abigail e em breve lhe dou uma resposta sobre o melhor horário. Pode me passar seu contato, por favor?

Tonya obedeceu, e, depois de recolocar o telefone no gancho, Ardie arrancou a folha do bloco e a dobrou com um vinco afiado.

Durante o fim de semana, Sloane inundara o telefone de Ardie com uma infinidade de mensagens de texto e de voz, diligentemente ignoradas. Era típico de Sloane pressioná-la a esquecer o que tinha acontecido, deixar pra lá o caso platônico que Sloane e Derek aparentemente estavam tendo com seu ex-marido. Agora, a impaciência de Sloane para esquecer a situação e fazer as pazes tinha relegado Ardie à posição de rancorosa. Sloane queria *conversar sobre o assunto*. Mas, sério, o que esperava que Ardie *dissesse*? *Sim, você me magoou*. Elas não estavam no jardim de infância. Tony era adulto. Derek e Sloane eram adultos. Podiam ser amigos de quem quisessem.

Mas que *merda*. Sloane nunca deveria ter saído com Tony, e ela sabia disso. Sloane *tinha* que se sentir mal. Péssima, de preferência.

Embora provavelmente já estivesse se sentindo.

— Tome, isso é para você — disparou Ardie quando chegou à sala de Sloane e entregou a ela a folha de papel na qual tinha anotado cuidadosamente os contatos de Tonya. — É para o caso da Abigail. Não sou sua secretária, a propósito. Nem sua advogada de verdade.

Ah, sim, além de Tony, Sloane aparentemente também se sentira no direito de escrever um memorando legal... No. Nome. De. *Ardie*.

E nem estava bom.

Tudo bem, talvez estivesse razoável.

Isso era irrelevante. Ardie nem sequer tivera a chance de ler o documento, e ela não agia de forma leviana. Sloane sabia muito bem disso.

Sloane se levantou e pegou cuidadosamente o papel com os contatos.

— Ah, merda, Ardie. Desculpa, você não precisava...

— Bem, você é a chefe. — Ardie não queria ter dito em voz alta. Era um comentário cruel. Merda. Não queria soar cruel. Isso fazia com que parecesse imatura e mesquinha. Por isso que ela nunca dissera nada de ruim a Tony. Quanto melhor ela fosse, pior ele se sentiria. — Você sabe que eu amo a Abigail — acrescentou, pressionando a ponta dos polegares.

Estava sendo sincera. Faria qualquer coisa por Abigail. Como Sloane e Derek tinham criado uma menina tão encantadoramente estranha, ela não fazia a menor ideia, mas Abigail era simplesmente maravilhosa, e Ardie esmagaria de bom grado qualquer garoto, ou garota, que mexesse com ela, da mesma maneira que Sloane faria.

— Ardie, sinto muito. — Sloane se inclinou na mesa, exalando perfeição com sua blusa de seda com estampa geométrica que certamente era de grife. — Confraternizei com o inimigo... — disse ela com um tom solene.

— Eu nunca disse que ele era o inimigo. O problema foi você ter mentido para mim.

Sloane ergueu um dedo.

— Tecnicamente não menti.

Ardie arqueou as sobrancelhas.

— Não. Você está certa. Não fui honesta. Fiquei tentando achar o momento certo de contar, mas...

— Mas não contou. — Ardie completou a frase.

— Não contei — concordou Sloane. — Mas também não lavo meu carro há nove meses, ou seja...

Sloane sempre foi uma ótima negociadora. Tinha aquela capacidade de “atrair mais abelhas com mel do que com vinagre” que fazia com que as pessoas *quisessem* concordar com ela. Grace certa vez perguntara a Ardie se o fato de Sloane ter sido promovida antes dela a incomodava, mas isso nunca a chateou. O cargo de Sloane exigia que fosse boa no trato com as pessoas. Ardie, por sua vez, preferia evitá-las a todo custo e até se perguntou se haveria algo de errado consigo. Algum diagnóstico. Um transtorno de personalidade. Algo mais concreto do que apenas “pessoa naturalmente introvertida”. Mas, bem, para descobrir, teria que conversar com alguém que mal conhecia por um período considerável, o que estava fora de cogitação.

Sloane espalmou as mãos na mesa, como se fosse expor seus argumentos.

— Bem, saiba que a Braylee é péssima.

— Não é nada — retrucou Ardie, impassível.

A boca de Sloane se contraiu.

— Tem razão, não é. Não no sentido tradicional. Mas de qualquer forma.

De qualquer forma *o quê?* Ardie queria saber. Era uma maneira tipicamente irritante de Sloane finalizar um pensamento. Será que Sloane queria continuar a sair com Braylee, mas de qualquer forma não iria, porque magoaria Ardie? Ou talvez Sloane achasse que Ardie estava sendo irracional, mas de qualquer forma respeitaria os sentimentos da amiga? Ou: o marido de Ardie a deixara por outra mulher, mas de qualquer forma Ardie ainda o amava.

Este último pensamento era de Ardie.

Na noite anterior, ela usara o código para que seu número não fosse identificado, e ligara para Tony. Ela ficou deitada na cama com o telefone apertando o ouvido, ouvindo-o dizer “Alô? Alô?”, enquanto ela prendia a respiração. Desligou e ligou mais uma vez, em seguida adormeceu com o som da voz do ex-marido ressoando nos ouvidos.

— Tudo bem. — Ardie ergueu os dedos. *Bem.*

— Não está tudo bem.

Ok, então não estava, mas Ardie não via sentido em discutir tudo aquilo exaustivamente com Sloane. Ela podia optar por superar ou não aquela história e, é claro, teria que escolher a primeira opção. Ela e Sloane *ficariam* bem. Em algum momento. De modo geral. Embora ainda se lembrasse do tempo em que pensava o mesmo sobre seu relacionamento com Tony.

Sloane soltou um suspiro.

— Você nunca se arrependeu de nada?

Sim, pensou Ardie imediatamente. *Não*. Será? *Sim*. *Uma vez*.

Em todo caso, não era algo que ela fosse — ou pudesse — compartilhar com Sloane.

No caminho de volta para a sala, viu pelo vidro Katherine trabalhando, a cabeça inclinada sobre o teclado. Quase seguiu adiante, mas no último momento se deteve, lembrando-se de algo e engolindo em seco. Bateu suavemente com os nós dos dedos na porta aberta, e Katherine sorriu para ela. Um par de óculos de leitura que Ardie não sabia que ela usava refletia telas gêmeas.

— Olá, Katherine. — Ela tentou passar um ar despreocupado. Não era exatamente o forte de Ardie. — Queria trocar uma palavrinha com você...

Ardie enfiou as mãos nos bolsos das calças largas. *Droga*, por que dissera aquilo a Katherine no sábado? Grace tinha saído para tirar leite e, caramba, Ardie estava muito zangada com Sloane. Pega de surpresa por Braylee, tinha acabado

de ver o e-mail com o memorando que ela *supostamente* escrevera e só *agiu por impulso*.

Hesitou, sem jeito.

— Você se importaria de manter o que discutimos depois da festa de aniversário do Michael, você sabe, sobre a Sloane, em segredo?

O sorriso de Katherine se desfez.

— É só que... Não era sério, eu só estava desabafando.

CAPÍTULO 24

3 DE ABRIL

Ela estava flertando. Estava dormindo com alguém para tentar subir na empresa. Conhecemos uma pessoa na faculdade de direito que disse que ela já tinha feito esse tipo de coisa antes. Que tipo de coisa ela estava fazendo mesmo?

Ela estava indo longe demais. Alguém estava se aproveitando dela. Ela era inocente. Ela era uma *femme fatale*. Casos amorosos eram uma realidade. A gente não deveria ser tão moralista. Estávamos sendo ingênuas. Muitos relacionamentos legítimos começavam no trabalho. Era proibido ter amigos do sexo oposto? Ela era talentosa. Ela estava compensando a falta de talento. Ela era uma vadia. Ela gostava de provocar. Nós gostávamos dela. Nós gostávamos do trabalho dela. Provavelmente não seríamos amigas dela. Ela era uma de nós.

Com tudo isso, aprendemos que quem tem teto de vidro não deve atirar pedras. Mas ninguém disse nada sobre como nos comportar nas salas de reunião envidraçadas e nos edifícios formados por milhares de olhos de vidro sem alma. Em nossas mãos, não pedras, mas o peso elegante de um smartphone. Ver e ser visto. *Essa* era a natureza de nossa casa de vidro. E estávamos tão acostumadas às gaiolas de vidro que desconfiávamos de qualquer coisa que acontecesse além do alcance de nossa visão periférica. Talvez a curiosidade fosse uma adaptação biológica. Sobrevivência dos mais bem informados.

Quem somos nós para julgar? Ou melhor, quem somos nós para *não* julgar?

Sloane julgou sua imagem no metal embaçado das portas do elevador a caminho da sessão, mas Oksana *não aceitava* cancelamentos, e havia a chance de o treino servir para alguma coisa. Ela estava se sentindo péssima. Em grande parte por causa da situação com Ardie, mas não só por isso.

O elevador desacelerou até parar. A boca de aço se abriu e Chrissy Ladner, contadora sênior da Truviv, entrou segurando uma garrafa de água com a logo da empresa. Elas se cumprimentaram com bom humor, e Chrissy parou ao lado de Sloane, ombro a ombro.

— Como estão as coisas na contabilidade?

Chrissy, pequena em estatura, grande em ousadia, deu de ombros.

— Na mesma. E no jurídico?

Sloane se remexeu, inquieta.

— Na mesma.

O que era verdade, da pior maneira possível.

Chrissy bufou.

— Não sei como você consegue trabalhar com aquele cara — disse ela, olhando para os números vermelhos mudando rapidamente no topo do elevador.

— Quem? — perguntou Sloane, já sabendo a resposta. *Como você consegue trabalhar com aquele cara?* parecia mais uma acusação do que uma frase de compaixão.

— Ames. A gente estava se perguntando quando você ia adicioná-lo à lista.

Os cantos da boca de Sloane se curvaram para baixo.

— Quem disse que fui eu?

Chrissy ergueu a garrafa como se estivesse se rendendo. Ela nunca teve papas na língua, e Sloane gostava de encontrá-la nos eventos da Truviv. Se trabalhassem no mesmo setor, seriam boas amigas.

— Enfim, pode ser que todas nós estejamos trabalhando para ele em breve.

— Você acha mesmo?

Chrissy ergueu as sobrancelhas delineadas.

— Eu queria não achar. Mas você não ficou sabendo? A diretoria se reuniu hoje de manhã. Ao que parece, o cargo praticamente já é dele.

Chrissy saiu do elevador no andar seguinte, deixando que Sloane absorvesse aquela notícia sozinha.

A realidade era que Sloane, acostumada a operar no limite do caos, de repente se sentiu sem equilíbrio, escorregando da borda do precipício em direção a um turbilhão real e genuíno. Claro, ela vinha sentindo as rédeas sendo puxadas já fazia algum tempo, mas achava que ainda estava no controle, de forma que poderia recolocar tudo no rumo certo se fosse preciso. A notícia que Chrissy lhe dera não deveria ter sido uma grande surpresa. Mas percebeu que não estava preparada para aquilo.

Acreditava que estava vendo, pela primeira vez, a torre frágil na qual sua vida fora construída. Sloane se preocupou com coisas pequenas. Sentia como se tudo aquilo — sua vida — pudesse desmoronar. Ardie, Abigail, o conselho escolar, Ames, seu emprego, a fatura do cartão de crédito, a lista de coisas que tinha para fazer e até mesmo Katherine. Katherine, que representava algo para Sloane, algo

desconfortável: *Quero ser como você.*

Qualquer brisa poderia derrubar aquela torre.

No oitavo andar, ela passou o crachá no leitor eletrônico, e a porta de vidro da academia se abriu. Sua treinadora, Oksana, já estava esperando junto à mesa da recepção e não parecia nem um pouco feliz. Sloane tinha esquecido completamente que estava atrasada.

— Se ajudar — disse Sloane, fazendo um rabo de cavalo —, eu só comi uma barrinha de cereal hoje.

Na verdade, tinha comido duas, uma no café da manhã e outra no almoço, e, embora fossem saudáveis, provavelmente não se destinavam a substituir refeições inteiras.

No passado, Oksana tinha sido lutadora de MMA. Isso quando as mulheres lutavam dentro de gaiolas, tentavam quebrar os braços e os narizes umas das outras e rolavam pelo chão enquanto chutavam as costelas da adversária até a morte.

— Vinte flexões. — Oksana apontou para o chão na frente dela.

Sloane não tinha conseguido passar no vestiário e ainda vestia o terno justo e os saltos Dolce & Gabbana. Ela hesitou até a professora estalar os dedos e, obedientemente, largou a bolsa e ficou de joelhos, começando a arquejar em meio a uma série de flexões. Era como se estivesse numa escola militar, não em um treino pelo qual pagava uma quantia exorbitante por hora para ser castigada por atrasos.

Nas três últimas flexões, Oksana apoiou o pé nas costas dela, tornando o exercício ainda mais difícil. Sloane ficou mortificada ao perceber que estava suando no terno de lã.

— Vinte! — anunciou Sloane, sem fôlego.

Por fim foi liberada para correr até o vestiário e colocar as roupas de ginástica. Contanto que não demorasse mais de dois minutos.

Sloane costumava gostar de pessoas que levavam o trabalho a sério. Como a mulher que fazia sua sobancelha, que afirmava ser uma “artista visual”. Isso demonstrava espírito empreendedor. Assim, durante aquelas sessões de uma hora, Sloane estava disposta a se entregar, totalmente, ao mundo de Oksana.

Quando voltou, a treinadora lhe informou que naquele dia fariam trabalho de perna, e Sloane soube que tinha se dado mal. Agachamento afundo duplo seguido de agachamento com barra, finalizando com afundo reverso com peso. No fim da primeira série, o ácido láctico já penetrava nos músculos das coxas de Sloane como veneno de cobra.

— Isso dói tanto que eu realmente não sei por que minhas pernas não estão iguais às da Carrie Underwood — disse ela, ofegante.

Oksana fez uma bola com o chiclete.

— O que foi? — Sloane parecia ofendida. — Vai me dizer que as pernas da Carrie Underwood doem mais do que as minhas? Estou sofrendo, Oksana. Não faça pouco do meu sofrimento. Está fora de moda.

— Você acha que é a primeira cliente que tenta me enrolar para não trabalhar pesado?

— Não, claro que não. Só acho que sou a melhor nisso.

Era verdade. Sloane de fato usava sua tagarelice como um escudo contra o sadomasoquismo de Oksana. Talvez fosse por isso que contava mais coisas para a *personal trainer* do que para seu terapeuta. Isso e o fato de que só tinha ido ao terapeuta uma vez, e já fazia cinco anos. Ela achava que treinadores eram como cabeleireiros: você podia contar qualquer coisa a eles. Naquele momento, no entanto, Sloane queria não só distrair Oksana, mas também a si mesma. Ainda estava pensando em Chrissy. Em Ames.

— Agachamentos de sumô. Vamos.

Oksana acionou o timer do relógio. Sloane nunca sabia quanto tempo ela programava, e isso a deixava maluca.

— Mas eu queria mesmo perguntar uma coisa.

Oksana bufou, exasperada.

— Desculpa, vou agachar e falar ao mesmo tempo. — Sloane abriu as pernas e tentou não pensar na queimação enquanto imitava plié de bailarina. Oksana olhou para o relógio. — Tudo bem. — A voz de Sloane estava tensa. — Minha pergunta é a seguinte. — Ela abaixou a voz, consciente dos homens suados puxando ferro e desenvolvendo hérnias perto dela. — Algum dos homens aqui já... você sabe, *tentou* alguma coisa?

Oksana riu.

Sloane colocou as mãos na cintura enquanto se agachava. Estava começando a sentir pontadas na lateral do corpo.

— Essa risada quer dizer “sim” ou “não”?

— O que *você* acha?

— Sim.

Oksana foi misericordiosa e permitiu que ela parasse os agachamentos de sumô, mas no lugar deles ela teve que fazer a transição para passadas. Oksana mantinha o ritmo ao lado dela.

— Tem os relativamente inofensivos — explicou ela. — Aqueles que passam

por mim e me dão conselhos enquanto estou malhando, como se eu devesse me importar com a opinião de um cara que fez CrossFit uma vez na vida.

Esse era o número de vezes que Sloane tinha feito CrossFit também.

— Mas tem os outros. — Ela olhou de soslaio para Sloane. — Eles ouvem um “não” e pensam que é uma ótima oportunidade de ser “persistente”, “implacável” ou qualquer outra palavra da moda no mundo corporativo que acabaram de aprender no último TED Talk que viram no YouTube. É com esses caras que a gente tem que tomar cuidado. Muito conservadores. *Estabelecidos*. Isso sem falar nas mensagens privadas que recebo no Instagram.

— Nojentas? — perguntou Sloane, as pernas trêmulas.

— Mais imundas que um banheiro químico no Coachella.

— Entendi. E você simplesmente aceita essa situação?

Oksana riu.

— Não. É tudo bastante organizado, na verdade. As treinadoras aqui da academia têm um sistema. Primeiro, contratamos recepcionistas mulheres. Só mulheres. Isso é fundamental. — Sloane olhou para a jovem ruiva atrás do balcão da recepção. — Se um cliente começa a dar problema, pedimos à recepcionista que destaque o nome dele em amarelo no arquivo. Se esse cliente solicita treinamento à noite ou de manhã cedo, a recepcionista diz que as treinadoras estão com a agenda cheia ou não trabalham naquele horário. Se um cliente problemático passa muito do limite, destacamos o nome dele em vermelho. Quando isso acontece, todas as treinadoras ficam ocupadas demais para trabalhar com ele.

— Isso é genial.

— Mas por que está me perguntando isso? Tem alguém incomodando você?

— Não mais do que o normal. Um código amarelo, pode-se dizer.

Ela esperava que fosse verdade. Sentia que estava comprometida a fazer com que fosse verdade. Tinha tentado deixar para trás a conversa com Ames na sala dele, durante a qual tinha concordado com vigor em ignorar o que quer que estivesse acontecendo ou não com Katherine. E o que quer que *definitivamente* tinha acontecido nos anos anteriores a Katherine. Mas era como o cesto de roupa suja em casa: não importava quantas vezes ela empurrasse as roupas para dentro, uma hora elas transbordavam de novo. No entanto, Sloane tinha aprendido a ignorar a roupa suja.

Sala mais espaçosa. Salário maior. Benefícios melhores.

Ela tentou encarar as coisas da forma prática, como Ardie faria.

— Certo. Bem, lembre-se: mãos nos ombros. Pé direito plantado firme. Mire

mais alto do que você acha que deveria.

Oksana demonstrou no ar: joelhada nos testículos.

— Ainda estou em busca de algo um pouco mais sutil, mas obrigada. — E ela foi sincera.

Depois de tomar banho e vestir novamente o terninho, Sloane voltou para o escritório. Os telefones tocavam. As impressoras engasgavam. As secretárias digitavam. Tudo estava normal, exceto por uma coisa: Ames Garrett estava prestes a se tornar o próximo presidente da empresa.

Depoimentos de funcionários da Truviv

13 DE ABRIL

Marvin Jefferson: Ames era um cara exemplar. Qualquer um que o conhecesse sabia disso. Tinha uma família linda. Trabalhava duro por esta empresa. Todo funcionário que tem opção de compra de ações deveria se curvar de gratidão diante desse homem. Essa é a verdade. Quando fiquei sabendo que o nome dele havia sido acrescentado àquela lista idiota que anda circulando, bem, isso para mim foi a prova imediata de que a coisa toda era uma grande mentira. Nenhuma boa ação fica impune, disso eu tenho certeza. Ames aprendeu isso da maneira mais difícil.

Bob Rogers: O que eu quero saber é: onde está a lista das mulheres? Uma coroa da contabilidade me chamou para tomar um drinque, e eu não a denunciei para a polícia. Ela é sete anos mais velha que eu. Você acha que eu queria esse tipo de atenção dela? Não mesmo.

Zane Spivey: É muita ingenuidade não imaginar que o tipo de coisa detalhado na lista CILADA estava acontecendo. Quer dizer, eu já encontrei um preservativo e uma calcinha no banheiro masculino. Se eu sabia pessoalmente sobre o comportamento de Ames? Prefiro não dizer.

Josiah Swift: Quer saber o que eu acho? Acho que alguém – alguém importante, que não queria que Ames fosse presidente – pagou àquelas mulheres para colocar o nome dele na lista. Aquela lista pode arruinar vidas. Aposto que esse tipo de coisa acontece com mais frequência do que imaginamos. Espionagem corporativa, traição e tudo o mais. São cargos que envolvem muito dinheiro. Será que é realmente tão louco assim pensar que o propósito da criação da lista era prejudicar a carreira de determinadas pessoas? Acho que vale a pena investigar. Vocês estão anotando isso?

CAPÍTULO 25

3 DE ABRIL

O que iríamos perceber, pelo visto tarde demais, era que quando um prédio está em chamas, ninguém sussurra “Fogo”. Ninguém fica sentado em silêncio diante da mesa, concluindo diligentemente o trabalho e corrigindo erros de digitação enquanto a fumaça entra na sala. Ninguém pede “socorro” com delicadeza, em voz baixa, para não perturbar os colegas.

Então, por que fazíamos isso?

Shhh, não diga nada, mas... Por favor, mantenha segredo, mas... Nós não contamos para mais ninguém, mas... Isso fica entre nós, mas...

Talvez as pessoas mais próximas conseguissem escapar, e as pessoas mais próximas destas, e assim por diante, mas sussurros têm alcance limitado. É este o propósito de sussurrar: garantir que nem todos ouçam.

Não comente com ninguém, mas o prédio está pegando fogo.

Rosalita nunca tinha entendido por que o filho não conseguia escutar com um dos ouvidos. Ela pensava muito nisso enquanto passava o aspirador pelo carpete, tentando imaginar como seriam as coisas dentro da cabeça de seu garotinho. Barulho e silêncio, ele dissera certa vez.

Ela detestava os dias de passar aspirador, quando tinha que chegar à empresa duas horas antes, embora só fosse trabalhar no terceiro turno. O pagamento, no entanto, era melhor.

O relógio do telefone mostrava 19h01 quando ela terminou de passar aspirador no saguão. Apertou o botão e o rugido da máquina morreu. Enrolou o fio em torno da dobra da mão e do cotovelo, satisfeita com a protuberância firme do músculo saliente de seu bíceps. Ela vinha se exercitando com vídeos no YouTube.

Empurrou o aspirador até a tomada seguinte e conectou o plugue. Crystal não tinha ido trabalhar naquele dia. Era um fato que aborrecia Rosalita, principalmente porque ela não receberia o dobro por fazer a metade do trabalho que cabia à colega. Se devia se preocupar com Crystal, que era jovem, estava

grávida e ainda não tinha chegado ao trabalho àquela hora, estava deliberadamente tentando não fazê-lo. Ela não era a mãe dela.

Os corredores estavam praticamente vazios, as secretárias e os portadores já tinham ido todos embora. Rosalita cantarolava uma música enquanto trabalhava, não porque se sentisse feliz, mas porque estava entediada e frustrada. Ela sabia que muitas pessoas ficariam gratas por aquele emprego. Rosalita não sabia como se sentir grata por um trabalho que exigia que ela desligasse o cérebro por períodos de oito a dez horas seguidas, que se comportasse como uma máquina. Nem ao menos uma máquina, porque tudo o que tinha que fazer era empurrar uma coisa para a frente e para trás, para a frente e para trás, até embalar a si mesma em um estupor que só foi quebrado pelo som de uma voz masculina, entrecortada, falando ao telefone.

Quando o ouviu se aproximando — as portas de vidro do saguão se abrindo, as pernas da calça roçando na parte interna das coxas —, Rosalita teve impulsos conflitantes: não sabia se abaixava ou não para fingir que mexia no fio do aspirador. O resultado acabou sendo algo entre uma coisa e outra.

Ela estava na linha de tiro. A voz, com um ligeiro sotaque do oeste do Texas, um traço que reconhecia por conta da esposa do tio, nascida em Rule, intervinha e silenciava no ritmo da conversa, soando mais nítida a cada momento.

Ames Garrett. Ela só se lembrou do nome completo dele depois.

Ele tirou o telefone do ouvido e imediatamente passou a digitar. A mecha branca serpenteava pelo cabelo escuro. Havia manchas vermelhas em seu rosto por causa da lâmina de barbear, pontinhas de sangue seco no pescoço.

As pessoas dos andares superiores caminhavam com uma rapidez diretamente proporcional à importância que acreditavam ter. Quando Ames andava, papéis soltos flutuavam das mesas das secretárias.

Ela torcia para que ele não notasse sua presença. Mas então houve um olhar ao acaso, instintivo, para não colidir com alguma coisa — ou com alguma pessoa — que estava no caminho. Ela se esquivou e se encolheu junto à parede, que tinha a textura de impressões digitais frias apertando a parte de trás de seus braços.

Ames parou diante dela. A bainha de sua calça terminava no tornozelo.

— Ah, oi — disse ele, estalando os dedos. Duas vezes. Isso a fez pensar em um polegar pressionando o acendedor de um isqueiro. — Que bom que te encontrei. Você se importa de esvaziar minha lixeira? — Ele fez um gesto de “siga-me” com o braço. — Pedi meu almoço no UberEats, e não aguento mais o cheiro de churrasco coreano.

Você se importa?

Era uma formalidade. Criava a ilusão de escolha e decência. Tinha ficado surpresa quando ele falou com ela naquele dia no escritório de Ardie. Será que teria sido apenas um aquecimento para aquilo, o que quer que “aquilo” fosse?

Rosalita o seguiu sem dizer nada e foi direto para o canto atrás da mesa, onde ficava a lixeira de Ames. Seu corpo esperou pelo clique da porta se fechando.

Mas Ames não se preocupou em fechá-la. Ele pegou uma lata de Coca-Cola em cima da mesa e a abriu. Inclinou a cabeça para trás e estalou os lábios de satisfação depois de tomar um longo gole. Estava de bom humor.

— Há quanto tempo trabalha aqui? — perguntou, como se fossem velhos amigos que tinham se esbarrado depois de muito tempo.

Ela estava de pé, com os pés afastados, a lixeira cheia apoiada na cintura. O diferencial de poder era imenso. Ela não sabia o suficiente sobre comida coreana para dizer se ainda havia alguma coisa lá dentro.

— Nove anos, sem tirar nem pôr. — Ela sempre gostara dessa expressão, assim como gostava da maioria das expressões idiomáticas que aprendia. *Pegar o jeito. Chutar o balde. Bola pra frente.*

Ames forçou para baixo os cantos da boca, como se estivesse impressionado. Em seguida, deu outro gole na Coca-Cola.

— Talvez você tenha ouvido que estou prestes a ser promovido a presidente da empresa.

Ela teve o cuidado de manter o rosto impassível.

— As paredes aqui são grossas.

Rosalita não sabia disso. Para ela, o trabalho dos homens e das mulheres naqueles andares consistia em digitar coisas sem sentido, gritar ao telefone no viva-voz e embaralhar papéis. Em essência, era um buraco negro para Rosalita, como ela imaginava que fosse seu mundo para eles.

— O Desmond foi uma grande perda, sem dúvida. — Ames enfiou a mão no bolso. — Fiquei muito triste. Passamos por muitas coisas juntos. — Ele observou Rosalita, que imediatamente compreendeu que havia um roteiro para aquele encontro que ela não tinha recebido. Então não disse nada. — Espero não ter problemas com a equipe de limpeza. Está claro?

Ela passou a lixeira para a outra mão.

— Não vejo por que haveria problemas com a equipe de limpeza além dos problemas normais de gerenciamento — disse ela, satisfeita com a firmeza na voz.

Ela sabia que tinha permissão para ir embora. A dispensa estava implícita.

Ames já tinha dito o que precisava dizer. Ela, porém, ainda não tinha terminado.

Rosalita olhou para a escrivaninha, onde havia um porta-retratos com fotos de duas crianças pequenas.

— São seus filhos? — perguntou, pegando uma das fotos.

Um dos garotos se parecia com Ames, mas sem a estranha mecha no cabelo.

O barulho de uma impressora cuspidor papel soou no fim do corredor. Ele afastou da boca a lata de refrigerante, dessa vez sem dar um gole.

— São.

— Ainda está casado?

Seus olhos se estreitaram.

— Sim. Estou.

Ela assentiu. Os dois ficaram um de frente para o outro. Rosalita e Ames. Ele ainda usava o relógio de elos prateados e dourados, o mesmo que deixara um arranhão de um palmo no braço dela.

— Que bom — disse ela. — Isso é muito bom.

Transcrição do interrogatório de Adriana Valdez

Parte I

18 DE ABRIL

PRESENTES:

Detetive Malika Martin

Detetive Oscar Diaz

AUTOS

DET. DIAZ: Este interrogatório é referente a um óbito citado no Relatório da Polícia do Condado de Dallas número 14-83584. A pessoa interrogada é Adriana Valdez. Certo, hum, sra. Valdez, falamos antes deste interrogatório sobre os acontecimentos do dia 12 de abril. Pode nos dizer, em suas próprias palavras, do que se lembra?

SRA. VALDEZ: Foi um dia normal. Cheguei ao trabalho por volta das oito e meia, depois de deixar meu filho na creche.

DET. DIAZ: Qual creche seu filho frequenta?

SRA. VALDEZ: A Children's Courtyard, no Preston Center.

DET. DIAZ: Continue, por favor.

SRA. VALDEZ: Eu fui para a minha mesa e trabalhei em algumas contestações de impostos imobiliários em andamento, o que me tomou quase a manhã inteira. Peguei uma salada e um croissant no café do andar de baixo – o Al's – e levei para comer na sala.

DET. DIAZ: E a que horas foi isso?

SRA. VALDEZ: Não sei, provavelmente por volta das onze e meia ou onze e quarenta e cinco da manhã. É quando costumo almoçar.

DET. DIAZ: E por acaso tem o recibo desse almoço, se necessário?

SRA. VALDEZ: Tenho certeza de que posso conseguir. Passei meu cartão em um daqueles negócios do iPad, aqueles que pedem a você que dê gorjeta para cada coisinha comprada direto no balcão.

DET. DIAZ: Obrigado, vamos verificar. Continue.

SRA. VALDEZ: Trabalhei durante o horário de almoço. Essa época do ano é sempre de muito trabalho. Apenas tempo suficiente antes do recesso de verão para de fato adiantar as coisas.

DET. DIAZ: Onde estava por volta da uma e meia da tarde naquele dia?

SRA. VALDEZ: Nesse horário, fui pegar uma folha de pagamento assinada.

DET. DIAZ: Alguém a viu lá?

SRA. VALDEZ: O responsável pela folha de pagamento. Depois disso, voltei para minha mesa.

DET. DIAZ: A que horas?

SRA. VALDEZ: Não lembro exatamente.

DET. DIAZ: Alguém que possa confirmar isso?

SRA. VALDEZ: Grace Stanton ou Sloane Glover, talvez.

DET. MARTIN: Mais alguém?

SRA. VALDEZ: Não sei. Talvez minha secretária, Anna Corlione.

DET. DIAZ: Sra. Valdez, quando foi a última vez que viu a vítima?

SRA. VALDEZ: Detetive Diaz, a quem exatamente está se referindo quando diz vítima?

CAPÍTULO 26

3 DE ABRIL

Ardie costumava pensar que era uma fase. Aquele desejo de se fechar em si mesma, de se esconder na própria pele como um caramujo em sua concha. Sempre tinha sido assim. No ensino médio, ela chegava cedo à sala de aula e esperava junto à porta até que o professor a convidasse a entrar. Quando seus colegas de turma começavam a chegar, ela fingia ler um livro ou, pior, fazia com que seus olhos ficassem estranhamente fora de foco, como se estivesse sonhando acordada, apenas para evitar qualquer conversa. Isso não acontecia o tempo todo, mas esse estado de espírito e esse desejo a invadiam inesperadamente, como um vírus gastrointestinal, e ela era forçada a atender seu chamado. Na faculdade, decidiu que esse distúrbio em particular não era uma fase, mas uma doença transmitida pelo pai. Algo apenas semidebilitante, mas sem cura nem esperança de melhora significativa.

Então, quando Ardie entrou no elevador vazio e momentos depois ouviu passos e viu alguém estendendo a mão para evitar que as portas se fechassem, a frustração a invadiu. Havia muito tempo que desistira de esperar que o botão de “fechar” fizesse qualquer coisa além de oferecer conforto psicológico.

Ames entrou no elevador e a viu parada lá. Os olhares gêmeos de decepção deviam ser a única coisa que os dois tinham em comum. Ele fez menção de abrir a boca, soltou um suspiro como forma de cumprimento e, em seguida, de maneira quase imperceptível, balançou a cabeça enquanto se virava para as portas que se fechavam. Ardie imaginou uma daquelas luzes negras da polícia que mostravam respingos de sangue e pensou que, se houvesse algo similar que mostrasse desprezo mútuo, o elevador ficaria totalmente iluminado.

Ardie olhou para a nuca de Ames Garrett. Ele tirou a mão do bolso direito. Por um momento, seu indicador pairou sobre o botão de emergência. Em seguida, foi até um número menor. Hesitação. Então voltou a colocar a mão no bolso. Outro suspiro.

A agitação emanava dele em ondas. As mãos estavam fora dos bolsos agora.

Cabeça baixa, segurando o pulso esquerdo. Deslocando o peso de um pé para o outro. Ele esperava no centro do elevador, tão perto das portas que as pontas dos sapatos quase a tocavam. Ardie olhou para o canto superior do elevador. A câmera observava.

Um pequeno fato sobre Ames: ele passou a disfarçar melhor o temperamento. Antes de Grace ou Sloane começarem a trabalhar na Truviv, Ardie havia testemunhado quando ele atirou um grampeador na parede depois de uma ligação a respeito de um acordo de compra, e mais tarde ouviu um advogado mais novo relatar esse caso em tom reverente e impressionado, a moral da história tendo se transformado em algo sobre como Ames levava seu trabalho a sério.

Agora, no entanto, conseguia detectar essa agressividade sob a superfície, como se segurasse a palma da mão sobre a água prestes a ferver. O elevador descia rapidamente, e nenhum dos dois disse nada. Na última hora, ele apertou o botão do oitavo andar e esperou que as portas se abrissem.

— Vocês são todas malucas, sabia? — disse, logo antes de as portas estremecerem e se fecharem novamente.

* * *

Quinze minutos depois, Ardie voltou à cozinha do escritório com um sanduíche e encontrou Katherine procurando uma garrafa de água com gás. Katherine se assustou ao ouvir o som da porta.

— Nossa, desculpa. — Ardie andou mais devagar. — Não quis assustar você.

Katherine soltou o ar, a mão no peito.

— Está tudo bem?

Ardie semicerrou os olhos, examinando-a.

Katherine encostou uma das latas frias na nuca, depois nas bochechas, parecendo chateada e nervosa.

— Estou bem — disse ela com a voz rouca. — Só achei que talvez fosse...

CAPÍTULO 27

3 DE ABRIL

— O Ames.

As forças que tinham feito com que quatro mulheres se reunissem em um lactário para falar sobre um homem cuja presença parecia inflamar e supurar entre elas, como um caso de herpes não tratado, estavam além da compreensão de Ardie. Ela sabia apenas que, algumas semanas antes, estivera sentada praticamente no mesmo lugar, falando sobre o mesmo homem, e achava que havia algum tipo de força gravitacional agindo ali. Como os buracos negros.

Sloane fechou os olhos enquanto andava de um lado para outro.

— Calma... Conta pra gente exatamente o que aconteceu — pediu ela.

Respire, Ardie queria dizer a Katherine. *Você não pode se esquecer de respirar.*

Ardie precisava de um lugar seguro para levar Katherine e de segundas opiniões confiáveis. O lactário agora parecia um abrigo nuclear, escuro, úmido e isolado de qualquer calamidade que estivesse acontecendo do lado de fora. (“Aquela vela é da Anthropologie?”, perguntara Sloane a Grace ao chegar.) Pelo menos por enquanto, Grace mantinha os seios guardados. Provavelmente seria mais fácil acompanhar a conversa assim. E Ardie tinha deixado os próprios sentimentos de lado e chamado Sloane, reconhecendo suas deficiências no departamento de consolar Katherine.

E assim as quatro mulheres se reuniram para discutir como resolver um problema insolúvel.

— Eu... o magoei. — Uma nota inconfundível de amargura saturava as palavras de Katherine. Mas elas já tinham ouvido essa parte. — Acho que tínhamos ideias diferentes sobre a natureza do nosso relacionamento e o rumo que estava tomando.

Havia algo automatizado no que ela dizia, como se tivesse repetido tudo aquilo para si mesma várias vezes.

— Bem, parece que ninguém aqui vai passar no teste de Bechdel tão cedo.

Grace havia tirado os sapatos de salto e, como uma bailarina, estava

flexionando os pés descalços no piso.

— Eu o encontrei no elevador mais cedo — confessou Ardie. — Ele disse: “Vocês são todas malucas, sabia?” — Ela fez uma voz baixa e rouca para imitá-lo.

É claro que Ardie deveria ter se dado conta naquele momento de que o comentário era uma jogada preventiva. A tentação, alimentada por pessoas como Ames, sempre tinha sido invocar uma imagem de donas de casa entediadas usando terninhos, brincando de telefone sem fio nas linhas da empresa. Éramos sempre as exageradas, as histéricas, palavra literalmente derivada do latim “*hystericus*”, ou “do útero”. Na verdade, uma grande quantidade de tempo e de palavras tinha sido dedicada à arte do descrédito. Adjetivos como “mandona”, “briguenta”, “nervosa” e “intensa” se tornaram desculpas sutis destinadas a ajudar a justificar a perda de audição seletiva.

Quando encontrou Katherine na cozinha, Ardie viu a mesma expressão que tinha visto no rosto de Sloane anos antes: *O que eu faço agora?* Estava tudo começando de novo. Era como perceber de repente que, embora acreditasse que estava disputando uma corrida, você na verdade estava o tempo todo numa esteira.

— Mas... você não viu a lista? — arriscou Sloane.

Todas elas tinham se agarrado à promessa da lista de homens CILADA como se fosse um pequeno bote salva-vidas nos mares da internet. Era o aviso na entrada da montanha-russa do parque de diversões. *Entre por sua própria conta e risco*. Depois que o aviso era dado, tinham cumprido sua responsabilidade legal. Mas só naquele momento elas se deram conta de como tinham sido ingênuas.

— Vi. — As bochechas de Katherine se inflaram. Ela puxou as pernas para cima do sofá. — Quando você enviou. Mas não sabia o que deveria *fazer*. Foi o Ames quem me arranhou o emprego aqui. Eu não sou idiota. — Ela olhou ao redor, desafiando cada uma delas a discordar. — Você não estava me contando nada que eu já não soubesse em alguma medida. Sabia que era um equilíbrio precário. Sim, sou qualificada. — Como se o fato de ter estudado em Harvard e trabalhado na Law Review fossem informações menos importantes a respeito dela. — Mas não tinha nenhuma recomendação. Pior: meu antigo empregador me detesta de verdade. Conheci o Ames em um *bar* em Boston. Percebi que ele provavelmente estava, vocês sabem, interessado em mim. Mas me esforcei muito para chegar aonde cheguei. E precisava de um recomeço. Em um lugar que não parecesse que estava dando um passo para trás. Isso soa péssimo. — Ela afundou as costas nas almofadas do sofá. — Mas que mulher não faz isso um pouco? Você fica sem gasolina no meio da estrada e, bem, de repente, não parece tão ruim

usar um pouco do... Vocês sabem, charme, para conseguir uma carona. Não olhem para mim desse jeito. Nós todas fazemos isso.

Sloane assentiu.

— Estamos em uma zona livre de julgamento. Você é uma de nós.

— Enfim. — Katherine suspirou. — Achei que, depois que conseguisse a oportunidade, eu poderia ir estabelecendo aos poucos alguma distância, e isso deixaria de ser um problema. O Ames demonstrava interesse, mas, sinceramente, parecia inofensivo. Ele estava me ajudando e não pedia nada em troca. Achei que tudo estivesse sob controle.

Grace deixou os sapatos de salto caírem no chão e a encarou.

— E o Prescott? — perguntou ela.

Katherine olhou para Grace, que estava perto da TV. Havia um reflexo em miniatura de Sloane e Katherine na tela escura.

— O Ames pagou pelo quarto — respondeu ela lentamente. — Ele me pediu que não contasse a ninguém. Sinto muito. Ele disse que a empresa não costuma cobrir as despesas de mudança, mas que eu poderia considerar a ajuda dele parte do meu pacote de contratação. Ele inclusive usou um cartão de crédito da empresa. Falei para ele que tinha encontrado você, e essa foi a primeira vez que a coisa toda pareceu um pouco, não sei, suspeita.

A pele ao redor dos olhos de Grace se franziu. Ela cruzou os braços, num impulso de autoproteção.

— Mas juro que nada *aconteceu* no Prescott.

— Tudo bem, então nada aconteceu no Prescott. — Sloane girou as mãos no ar: *continue*. — O que aconteceu depois?

Katherine engoliu em seco.

— Ele me pediu que ficasse até mais tarde para ajudar com... nem lembro mais o quê... Então fui até a sala dele, começamos a conversar e ele foi meio que chegando... — ela inclinou a cabeça para o lado, como se examinasse o episódio em sua mente — ... mais perto, acho, e... Isso vai parecer estranho, mas a luz estava desligada porque ele disse que assim era mais confortável para os olhos dele à noite. Então as coisas ficaram... Pensei que fosse outra coisa, mas ele... Ele me *beijou*. E aí. — Sua boca tremeu com uma lembrança desagradável. — No começo, fiquei *surpresa*. Não no bom sentido. Tentei me desvencilhar, sabe, delicadamente. Mas ele é persistente. O Ames tentou... Ele ficava, sabe... Então eu tentei... Enfim, ele pegou minha mão e colocou no... — Ela lançou um olhar para que todas entendessem. Havia uma infinidade de lacunas nas frases de Katherine, mas, ainda assim, Ardie sabia exatamente o que ela estava dizendo. —

Alguém nos pegou na hora, na verdade. A faxineira.

Ardie piscou, confusa.

— Rosalita?

— Não tenho certeza. Acho que sim. Não sei. — Katherine se inclinou, segurando a cabeça apoiada nos joelhos. — Eu disse qualquer coisa relativamente inofensiva para ele. Algo como: “Ah, sinto muito, mas não quero me envolver com ninguém do trabalho.” Ele jogou uma caneta no chão e disse que eu só podia estar de brincadeira. Fui embora. Achei que poderíamos resolver as coisas depois, quando não estivessemos com a cabeça quente.

— Talvez você tenha demonstrado interesse? Será que ele não pode ter interpretado mal... — Em sua defesa, Grace não soou como se a estivesse julgando, não exatamente. Embora tampouco parecesse como se a apoiasse. — Casos no escritório estão na moda, né?

Ela não olhou para Sloane, mas poderia muito bem ter olhado.

— Grace. — Sloane se virou. — Ela tem... Eu não sei, quantos anos você tem, Katherine? Não importa... Você não acha que ela *sabe*?

Grace não respondeu.

Porque Sloane estava verbalizando algo em que todas nós acreditávamos, que era o fato de que *sabíamos* a diferença. Como sabíamos quando um comportamento era inapropriado? A gente simplesmente *sabia*. Qualquer mulher com mais de quatorze anos provavelmente sabia. Acredite ou não, não *queríamos* ser insultadas. Não ficávamos sentadas, torcendo os dedos, esperando que alguém aparecesse e nos insultasse para que tivéssemos o que fazer naquele dia. Na verdade, usávamos dezenas de desculpas para evitar a fadiga. Dávamos o benefício da dúvida. Encarávamos o comentário de um homem sobre como nossos saltos destacavam nossas panturrilhas como algo *bem-intencionado*. Entendíamos o desejo de que traçássemos um limite claro — isso pode, isso não pode. Essa linha não existia, ou pelo menos não de forma que pudéssemos traçar. Mas acredite que, quando começávamos a trabalhar, nossos medidores já tinham sido testados dezenas de vezes. Éramos especialistas em nosso campo.

— Foi o que pensei.

— Sinto muito, Katherine — disse Grace suavemente. — Só estou tentando entender o que aconteceu. Eu não... *não conheço* esse lado do Ames, só isso.

— E aí? — perguntou Ardie.

— Ele não está aceitando bem a rejeição — interveio Sloane.

— No começo, achei que estava. Parecia, pelo menos... Tudo bem, aquilo aconteceu. Foi lamentável, mas, sabe, talvez eu estivesse *mesmo* demonstrando

interesse. — Ela lançou um olhar para Grace. — Ou algo assim. E poderíamos ser adultos razoáveis. Então ele soube da lista.

— O quê? — Os olhos de Sloane se arregalaram.

Olá, lista, pensou Ardie. *Fico feliz que você tenha finalmente sido desenterrada.*

— Hoje, na verdade. E ele acha que fui eu que coloquei o nome dele.

Sloane apertou a cintura, curvando o tronco enquanto caminhava pela sala.

— Ah, merda — disse ela. — Merda, merda, merda, merda.

Ela andava em círculos agora. Círculos pequenos, minúsculos e tristes. Ardie se perguntou exatamente qual porcentagem daquilo poderia ser considerada culpa dela.

— Não foi *você* que colocou o nome dele — afirmou Sloane. — Você contou para ele? Disse que não foi você que adicionou o nome dele na lista?

— Claro que disse.

— E o que ele respondeu? — perguntou Ardie, o tom suave.

Elas estavam reunindo os fatos. Só isso. Estavam em uma missão de averiguação. Pesquisa. Era uma sala cheia de advogadas. Somando todas, havia trinta e dois anos de educação superior ali. O objetivo: esclarecer as coisas e ajudar sua colega a sair de uma enrascada com seu emprego intacto.

Talvez “enrascada” não fosse a melhor descrição.

Katherine cruzou os braços e as pernas. Ao fazer isso, ela ficava com uma postura péssima. Ardie nunca a tinha visto com nada menos que um porte físico perfeito, e aquele parecia um sintoma particularmente óbvio e alarmante.

— Ele não acreditou em mim — disse ela, falando mais para os próprios joelhos do que para as outras três. — Disse que eu estava sendo desonesta. Disse que tinha trabalhado com todas as pessoas neste escritório durante anos e anos, que fui eu que comecei nosso caso e que eu tinha, sei lá, mandado sinais contraditórios para ele. — Ela fez um gesto de aspas com os dedos. — Aí, de repente, a culpa é toda dele, tem uma lista circulando por aí com o nome dele e isso claramente não é coincidência. Palavras dele, não minhas.

Os olhares de Sloane e Ardie se encontraram. Procuraram imediatamente uma à outra. No dia anterior, Sloane tinha aparecido na sala dela declarando: *Não tenho um ramo de oliveira para selar a paz, então trouxe comida do Olive Garden, que dá no mesmo.* E embora a trégua fosse acontecer de qualquer maneira, os *grissini* certamente aceleraram o processo. Elas eram, claro, aliadas outra vez. Velhas aliadas. Experientes. Esse era definitivamente o melhor tipo. E Sloane era sua melhor amiga. Ela aguçou os ouvidos para ouvir seu coração de modo a saber se isso ainda era verdade, e esperou muito que fosse.

O raciocínio de Ames na verdade era bastante razoável. Sloane e Ardie trabalhavam com ele havia mais de uma década. Por que, de repente, decidiriam denunciá-lo, especialmente considerando que a promoção de Sloane na empresa estava em jogo?

Ele as subestimara.

— Bem — disse Grace —, isso é definitivamente um problema.

— Meu Deus. Eu deveria ter alertado você de forma mais clara, Katherine — confessou Sloane, parando subitamente de andar de um lado para outro. — Desculpa. Eu só pensei que... — Ela balançou a cabeça. — Eu não sei o que pensei. Eu deveria ter contado a você sobre o Ames pessoalmente.

Katherine ergueu o queixo.

— Foi *você* que acrescentou o nome dele à lista?

A sala ficou em silêncio por um instante. Uma onda de raiva atravessou o rosto de Katherine.

— Foi — respondeu Sloane.

Ela não incriminou Ardie. Ardie *estava* lá. Ardie não tinha impedido Sloane de acrescentar o nome de Ames. Mais do que isso, ela havia concordado.

— Porque eu já estive no seu lugar.

Katherine avaliou Sloane, ou pelo menos foi assim que Ardie interpretou. Levando em conta a diferença de idade e as disparidades estéticas. Uma não se parecia em nada com a outra. Mas desde quando esse tipo de coisa tinha a ver com aparência?

— Ah, meu Deus, isso aconteceu anos atrás. Séculos, na verdade. — Sloane abanou a mão. — Foi só *uma* vez, para falar a verdade. — Os segredos mais mal guardados de Sloane Glover costumavam ser os que escondia dela mesma. — Mas ainda temos nossos... desentendimentos.

— Não foi *exatamente* a mesma coisa — observou Grace, mas as outras três a ignoraram.

Katherine inclinou a cabeça para trás e olhou para o teto.

— E agora? — perguntou ela. — Tenho quase certeza de que minha carreira não tem sete vidas. Talvez não tenha nem duas.

Como devia ser abrir caminho de South Boston até Harvard, depois descobrir que aquela não tinha sido a parte difícil?

— Você quer registrar uma queixa? — perguntou Sloane. — Porque nós vamos apoiá-la, se quiser. Não tenha dúvida.

Katherine se empertigou, assustada.

— O quê? *Não*. Não. Vocês não podem contar pra *ninguém*. Precisam me

prometer. Eu já perdi um emprego.

Ardie sentiu um desconforto na boca do estômago.

— Aquilo foi diferente. — Sloane falou com Katherine da mesma maneira que Ardie já a ouvira falar com Abigail.

Grace apenas observava.

— Uma queixa parece uma boa opção. Acho que tem até uma linha direta.

— É a minha palavra contra a dele. Não me parece tão diferente assim.

— Tudo bem... — Ardie observou a cabeça de Sloane, o cabelo loiro repartido em uma linha bem marcada. — Ardie?

Sloane se voltou para ela em busca de ideias.

— Eu não sei o que fazer. Qual é a melhor saída nessas situações? — perguntou Ardie. — Vocês se lembram de quando a Debra ainda trabalhava na empresa? Provavelmente nem estavam aqui ainda. Talvez você estivesse, Sloane. Era de outro andar. Ela registrou uma queixa de assédio no RH contra um de seus supervisores. Alguns meses depois, houve uma leva aleatória de demissões, pouca gente. Ridiculamente pouca. Ela foi mandada embora. Com uma mão na frente e outra atrás. Sem mais nem menos.

Havia outros exemplos que ela estava deixando de fora.

— Isso pode ter sido coincidência — interveio Grace. — Nós não devemos tirar...

— Ele vai ser presidente — interrompeu Sloane. — O conselho diretor já se reuniu. Fiquei sabendo que está decidido. Depois que for anunciado, haverá ainda menos opções. Talvez nenhuma.

— Vocês deveriam ter visto a cara dele. — Katherine afastou o cabelo da testa. — Eu sou muito idiota. — Ela já havia passado ao estágio de censurar a si mesma. Sloane tinha seguido a mesma trajetória. — Isso não aconteceu exatamente do nada.

Ninguém perguntou o que aquilo significava. Se alguém fosse perguntar, teria sido Sloane, mas ela deixou o comentário no ar. De quanta informação elas precisavam de fato? Ou acreditavam em Katherine ou não acreditavam. Será que ela teria que detalhar cada interação apenas para que elas decidissem por si mesmas quão problemático determinado comportamento tinha sido? Ou talvez até: de quem era o problema?

Ardie e Sloane se entreolharam. *Quanto mais as coisas mudavam, mais elas permaneciam as mesmas.* De onde vinha isso? Uma canção? Ardie achava que os versos estavam errados. O correto seria: *Quanto mais as coisas não mudavam, mais elas permaneciam as mesmas.*

Sloane massageou a nuca.

— Bem... — Durante a pausa, Ardie sentiu que dali a pouco elas teriam que se dispersar, voltar ao mundo onde tudo aquilo estava acontecendo e importava. Estava acontecendo, Ames existia, bem ali do outro lado daquela porta trancada. — Acho que não podemos mais cruzar os braços e rezar para que ele seja atropelado por um ônibus.

Nossa, pensou Ardie, *mas não seria uma bela coincidência?*

CAPÍTULO 28

3 DE ABRIL

— Você quer processar seu chefe.

Derek ignorou os dois dedos de uísque que Sloane tinha servido para ele antes de iniciar aquela conversa. Eles estavam sentados na enorme cama deles. Por alguma razão, todas as conversas importantes dos dois aconteciam naquela cama. Era multiuso. Como anunciado.

— E a Truviv — completou ela.

Sloane estava no limite entre explicar devidamente, porque Derek não tinha formação legal, e resvalar para a condescendência.

Ele apoiou a cabeça numa das almofadas da cabeceira.

— Ah, isso melhora muito as coisas.

— O sarcasmo não combina com você.

Sloane abraçou um travesseiro. Ela estava deitada de lado, as pernas dobradas. Derek estava usando camiseta e cueca samba-canção. Uma hora antes, ela solicitara uma “reunião familiar”, embora Abigail já tivesse ido dormir, porque Derek gostava daquele termo. Tinha ouvido aquilo em um audiolivro para pais, algo que ela teria ouvido para *parecer* uma mãe melhor, mas que ele ouvira para, de fato, ser um pai melhor.

Ele levantou a cabeça. Seu cabelo era lindo para um homem com mais de quarenta anos. Sloane só podia imaginar o que as garotas do ensino fundamental diziam sobre ele.

— Olhe só para esta casa, Sloane. — Ele estendeu os braços. Na verdade, a casa para a qual ela deveria estar olhando não era particularmente grande, mas “localização é tudo”, como diziam. — Quanto você acha que eu ganho?

Sloane farejou uma armadilha. Ela havia se casado com um homem que não se importava que a esposa ganhasse mais do que o triplo do seu salário, contanto que isso nunca fosse mencionado.

— Estou falando sério, Sloane. O que você acha que vai acontecer se tudo acabar mal? Se você, sei lá, perder o emprego, em vez de Ames? Caso não tenha

notado, dinheiro não nasce em árvores.

Ele apertou e massageou a nuca.

— Só porque nós gastamos como se nascesse — retrucou ela. — Não *precisamos* reformar o banheiro com azulejos Ann Sacks.

Ela jamais teria desconfiado que o hábito mais caro do marido seria sua paixão não assumida por design de interiores, mas ali estavam eles.

— Também não precisamos de cinco pares de Louboutins.

O que não era exatamente justo, na opinião de Sloane, porque *ela* ganhava o suficiente para pagar pelos Louboutins, e *ela* não dava a mínima se o banheiro deles fosse revestido com azulejos mais baratos. Nunca diria isso a ele, porque sabia que, se fosse um *homem* trabalhador que dissesse isso à esposa, ela teria achado de uma indecência terrível, então se impunha o mesmo padrão. O dinheiro era dos dois. E Derek estava certo. Se ela perdesse o emprego, haveria um efeito dominó: primeiro um dos carros, depois as viagens de férias e, por fim, a casa. A menos que ela encontrasse uma maneira de estancar a sangria.

Ainda assim, um trabalho deveria pagar ao funcionário, não sacrificá-lo. A realidade de sua situação era que, se quisesse fazer algo em relação a Ames, era agora ou nunca.

Ela abraçou o travesseiro com mais força.

— Que tipo de exemplo estamos dando a Abigail?

Derek jogou a almofada de quase duzentos dólares, pintada a mão, para fora da cama, sem pensar.

— Nenhum. Porque ela não sabe que isso está acontecendo. É você que está colocando isso sob os holofotes. — Ela o encarou. — Faça um acordo fora do tribunal.

— Talvez eu faça. Mas a única maneira de isso acontecer é se eu *abrir* o processo primeiro. Sem processo, sem acordo. — Era bom ser a pessoa sensata, razoável. Ela deveria tentar mais vezes. A cabeça dele pendia para trás. — Se eu entrar com um processo por assédio sexual, eles não podem me demitir.

Demitir, não. Reduzir suas responsabilidades? Deixar de promovê-la? Ocupá-la com revisões de processos? Transformar sua vida num inferno? Forçá-la a pedir demissão? Sim, mas não parecia prudente entrar em detalhes.

— É por isso que o processo é melhor do que simplesmente uma reclamação. Eu já contei sobre a vez que o Ames disse ao advogado da outra parte que eu era emotiva demais para ser uma boa negociadora? “Com licença, querida, nós vamos nos encarregar de fechar o negócio.” — Sloane imitou um sotaque do meio-atlântico antiquado, o tipo de coisa que costumava arrancar um sorriso do

marido. — *Meu negócio*, Derek — disse ela, com mais seriedade.

— Você... mencionou, para falar a verdade.

— Nós podemos *ganhar* dinheiro com isso. — Ela não sabia em que momento a ideia tinha deixado de ser apenas uma ideia para se tornar algo que ela realmente queria materializar. Provavelmente enquanto tentava convencer Derek. Era persuasiva a esse ponto, honestamente. — Eu estava concordando com essa história do Ames se tornar presidente porque pensei, tudo bem, ele vira presidente, eu me torno diretora jurídica, aceito tudo isso calada, recebo um belo aumento e fico torcendo para tudo ficar bem. Mas... mas... e se não ficar? Desse jeito, o Ames chega à presidência. Ainda há uma vaga para eu negociar. Existem leis contra a retaliação por parte do empregador. Mas o principal é que eu vou parar de ver aquele homem ter o mesmo poder sobre outras mulheres que ele tentou ter sobre mim. Podemos controlar essa situação se assumirmos o controle dela. Agora ele tem o controle. De tudo. Você entende isso, não entende? Vai ficar ainda pior se ele se tornar presidente, o que vai acontecer, a menos que eu, a menos que *nós* façamos alguma coisa a respeito antes de a promoção ser anunciada. — Sloane se arrastou pelo colchão para mais perto do marido. — Você acha que eu sou uma boa advogada, certo? Que eu mereço isso?

— Você está na minha lista dos cinco melhores, com certeza.

Os ombros dela relaxaram um pouco.

— Você tem uma lista dos cinco melhores?

Ele riu.

— Claro que tenho. Está brincando? Vamos ver. — Ele contou. — Johnnie Cochran. John Adams. Robert Kardashian. Sloane Glover. Ruth Bader Ginsburg. Ela abriu um sorriso.

— Hum... Então venho antes de RBG, mas depois de Robert Kardashian.

As coisas ainda podiam ser engraçadas. Seu marido era uma delas. Ela precisava disso. Precisava dele, na verdade.

— Ei, a lista é minha.

Derek estava arrancando as penas do edredom, extraindo-as pela haste. Nunca era uma disputa justa. Sloane conseguia o que queria em quase todos os seus relacionamentos. Não que Derek não tivesse opiniões; era só que Derek a amava. Ele era uma boa pessoa, e ela não se importava de ceder essa vitória para ele, contanto que fosse *apenas* essa vitória.

Ele franziu a boca, formando vincos profundos.

— Tudo bem — disse. — Tudo bem. Se é isso que precisamos fazer para seguir em frente, então é isso que precisamos fazer para seguir em frente. Você é quem

manda.

Sloane tentou muito não tomar isso como uma alfinetada.

— Obrigada, Derek.

Ela deslizou para fora da cama. Já era tarde, mas ainda estava com as roupas do trabalho, amarrotadas e parcialmente desabotoadas. Sentia-se, de modo geral, aliviada. Se parte dela se preocupava com o fato de estar agindo por impulso, ela argumentou que o caso contra Ames já vinha tomando forma havia anos. Sabia que tinha razão, e Sloane amava estar com a razão mais do que praticamente qualquer outra coisa. Essa havia sido uma das razões que a levaram a se tornar advogada.

Ela abriu a gaveta e pegou um pijama de seda tailandesa. Derek estava lendo algo no telefone enquanto ela se trocava.

Sloane respirou fundo.

— Só tem uma coisa que acho que preciso contar a você, caso seja mencionada — disse ela enquanto colocava pasta de dente azul na escova.

Cinco anos antes, ela não teria sequer considerado contar a ele, porque teria sido cedo demais. Mas agora, com seu casamento na casa dos dois dígitos, parecia que tinha sido uma vida inteira atrás. Ela se pegou se perguntando coisas como: quando o Derek me pediu em casamento, março ou novembro?

— Hum? — Ele não tirou os olhos do telefone.

Aquele era o momento de desistir. Mas ela observava o marido, seus pés descalços familiares, seus dedos longos e tortos. Eles tinham assistido a tantas séries policiais nas quais uma criança era raptada e um dos pais estava ocupado escondendo um caso extraconjugal, e sempre diziam um para o outro: *Pelo amor de Deus, se você estiver tendo um caso quando tem algo mais importante acontecendo, fala logo de uma vez!*

Sloane era uma mulher moderna com um marido moderno. Ela negociava em concessionárias de automóveis. Ganhava dinheiro e tomava decisões. Fazia corpo mole para sua parte das tarefas domésticas. Não cozinhava. Ela tinha *transado*. Seu caso não era um motivo para deixar que outras mulheres fossem abusadas ou assediadas, era?

— O Ames e eu já tivemos um caso. — Derek se voltou para ela, que ergueu a mão. — *Antes* de nos casarmos.

Ele ficou ligeiramente aliviado.

— *Quando* antes de nos casarmos?

Era quase como se ele fosse casado com uma advogada.

Ela enfiou a escova de dentes na boca.

— Alguns meses antes.

— Então, nós estávamos namorando.

Derek largou o telefone para que ela tivesse toda a sua atenção. Ela poderia viver sem isso. Só daquela vez.

— Noivos. Tecnicamente — disse ela.

— Noivos — repetiu ele.

Ela cuspiu na pia e enxaguou a boca com água.

— E ele era casado?

— Ele definitivamente era casado. Foi logo depois que você me pediu em casamento. Não tinha certeza do que queria. Estava passando por uma crise de consciência.

Ela achou que seria bom colocar um rótulo. Era como um diagnóstico. Todo mundo tinha que apoiar quando você recebia um, sob o risco de parecer uma pessoa horrível, egoísta e preconceituosa em relação a problemas de saúde mental. E Derek definitivamente não era nada disso.

— Bem, é reconfortante ouvir isso. — Ele finalmente pegou o uísque da mesa de cabeceira, cheirou e tomou um gole. Era um uísque muito bom. Ela achava que isso deveria importar. — Desculpa, mas o que exatamente você quer que eu diga? — Havia uma rispidez nítida em seu tom de voz.

Tudo bem, pensou Sloane. Eu mereço.

Sloane guardou a escova de dentes. Começou a responder e em seguida franziu a testa, só que, é claro, sua testa não se franziu nem um pouco.

— Estou pensando — disse ela. — Você não vai perceber porque escolhi envenenar meu rosto para me adequar a padrões sociais de beleza injustos. — Ela passou o dedo pela testa com cuidado. — Essa deve ser a sensação de ter paralisia facial.

Sloane estava falando demais. Era sua principal tática para enrolar, e Derek sabia disso. Acontece que, em sua mente, ela não tinha articulado exatamente o *que* achava que Derek ia dizer depois de sua confissão. Havia imaginado vagamente o marido expressando a decepção de um pai rigoroso ao saber que sua filha de quarenta anos costumava sair escondida e beber cerveja quando estava no ensino médio. O rosto de Derek contava uma história diferente: mágoa e raiva travando uma luta acirrada por domínio.

— Realmente importa, se foi antes de nos casarmos? Pense bem. É por isso que dizemos “sim”. — Tinha medo de falar isso agora, mas sempre teve a sensação de que qualquer coisa que acontecesse antes do casamento era, sei lá, parte do jogo? Prática? Ou talvez só estivesse dizendo aquilo a si mesma porque

era assim que tratava seus relacionamentos antes de Derek. — Fui fiel depois que trocamos nossos votos.

— Que honrado da sua parte, Sloane. *Porra.*

Os dois falavam palavrão. Nunca *um para o outro*, no entanto. E ela precisou se controlar para não assumir o papel de pessoa ofendida. Ela era muito melhor nisso.

— Derek. — Sloane voltou do banheiro, um pouco de creme antirrugas na ponta dos dedos. — Isso aconteceu há doze anos. Eu sei. Eu era jovem, horrível e idiota. Mas...

As molas do colchão rangeram. Derek pegou seus dois travesseiros e arrancou um dos cobertores da cama. Ele teve que torcê-lo ao redor do antebraço para conseguir carregar tudo.

— Derek? Derek, aonde você vai? — Ela o seguiu pela sala de estar enquanto ele subia as escadas em direção ao quarto de hóspedes. — Pensei que você tinha dito que a gente estava no mesmo time.

Ela passou o creme na perna. Trinta gramas daquilo custavam quarenta e três dólares, e Sloane não podia acreditar que tinha acabado de desperdiçá-lo. Seus pés bateram com força nos degraus. Ia acabar acordando Abigail se não tomasse cuidado.

Derek olhou para ela do alto das escadas.

— Sim, acho que na verdade é por *isso* que dizemos “sim”.

E desapareceu no quarto de hóspedes, onde ela o ouviu trancar a porta.

Os passos de Sloane foram mais suaves ao descer as escadas. Ela se encolheu no lado de Derek da cama e pegou o copo de uísque ainda quase cheio. Tudo ia ficar bem, disse a si mesma. Com trinta e poucos anos, uma briga semelhante teria envolvido portas batendo, longas mensagens de texto picotadas, um dos dois indo embora — provavelmente ela — e em seguida voltando para gritar mais um pouco.

Agora a casa estava silenciosa. Ela engoliu o resto do uísque. O sabor terroso de turfa invadiu seu nariz. *Você definitivamente merece isso*, pensou.

Ela e Derek tinham planejado ver o episódio final da série *Orphan Black* naquela noite. Em vez disso, ela foi até a cozinha se servir de mais uma dose.

Transcrição de depoimento

27 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Sra. Glover, quanto a senhora ganha por ano na Truviv?

Ré 1: Qual é a relevância dessa informação?

Sra. Sharpe: Se couber um protesto, seu advogado poderá justificá-lo perante o tribunal. Quanto ganha por ano na Truviv?

Ré 1: Meu salário base é de trezentos e dez mil dólares anuais, além do bônus discricionário.

Sra. Sharpe: A senhora está ciente de que esse salário está entre o 1% dos salários mais altos do país?

Ré 1: Continuo sem entender a relevância disso. Não se trata de maneira alguma de uma quantia exorbitante para uma pessoa com meu nível de experiência.

Sra. Sharpe: Consegue viver confortavelmente com essa renda, sra. Glover?

Ré 1: Isso é relativo. Por exemplo, comparada a você, Cosette? Provavelmente não. Mas, de modo geral, sim, estamos bem.

Sra. Sharpe: Então, sua única motivação ao entrar com uma ação contra a Truviv e o sr. Garrett foi se unir à luta contra o assédio sexual, correto? Não se tratou de um esquema para ganhar dinheiro?

Ré 1: Claro que não. E com isso quero dizer que é claro que não se tratava de um meio de ganhar dinheiro, a não ser pelo fato de que forçar uma corporação a pagar é uma das formas mais eficazes de encorajar essa corporação e os funcionários dela, de modo geral, a mudar de comportamento.

Sra. Sharpe: Estava enfrentando alguma pressão financeira indevida que pudesse ter alterado seu comportamento no momento do processo, sra. Glover?

Ré 1: Nada fora do comum.

Sra. Sharpe: Interessante. Sabe, tenho um extrato bancário aqui. E ele me diz que a senhora estava bastante endividada.

Ré 1: Nada mais natural. Sete anos de empréstimos estudantis. Uma hipoteca. Cartões de crédito. Dois carros. Faça as contas.

Sra. Sharpe: Então a senhora não queria mais dinheiro? Mais dinheiro não teria sido útil para a senhora?

Ré 1: Sinto muito, Cosette, mas quanto a Truviv está lhe pagando para fazer perguntas contundentes como "Mais dinheiro não teria sido útil?". Cosette, eu quero continuar trabalhando na Truviv. Como você mesma disse, eu ganho trezentos e dez mil dólares por ano e minha família e eu desfrutamos certo padrão de vida. Eu não estava exatamente planejando me aposentar na Riviera Francesa com o pagamento que recebesse da ação judicial. Mas, por favor, me escreva um cartão-postal de qualquer que seja a casa de férias cuja entrada esse processo vai financiar, pode ser?

CAPÍTULO 29

3 DE ABRIL

Grace voltou para casa cedo naquela noite e largou a bolsa em cima da mesa da cozinha. Liam já estava em casa, colocando os pratos e os talheres sujos no lava-louça. O micro-ondas zumbia, o esterilizador girando lá dentro. Mamadeiras — com gotas d'água no interior — estavam em pé no tapetinho plástico que imitava grama ao lado da pia. Grace acreditava que a principal razão para Liam ser tão prestativo em casa era, na verdade, o fato de ele ganhar muito dinheiro. Diante daquelas profissionais que Grace conhecia reclamando de como *elas* sustentavam a família e mesmo assim os maridos não faziam as compras, ela pensava: É porque elas se sentem ameaçadas! Tinha sido, e ainda era, uma teoria em construção.

Grace cumprimentou Liam e foi até a sala de estar, onde se ajoelhou ao lado de Emma Kate. Ela estava brincando, deitada de costas em seu tapetinho de brincar, olhando para a variedade de elefantes, leões e tucanos que tinham sido pendurados acima de sua cabeça para distraí-la. Ela segurou o pezinho da filha, e Emma Kate chutou. Não conseguiu pensar em nada para dizer, então voltou para a cozinha e pegou um pacote de biscoito na despensa.

Ela se apoiou na bancada de granito, ainda de salto alto.

— Liam, por que você acha que nunca sofri assédio sexual?

Grace se perguntou se a premissa de sua pergunta era mesmo verdadeira. Homens já tinham assoviado para ela na rua, já haviam pedido que ela desse um sorriso na fila do almoço, já tinham olhado fixamente para seus seios durante reuniões. Seu instrutor de tênis do colégio certa vez até sugerira que ela se sentasse em seu colo durante um passeio de carro lotado (ela recusou, escolhendo o colo de uma de suas colegas de equipe). Mas não tinha ficado *traumatizada* por causa de nada disso.

Liam pendurou o pano de prato no ombro e fechou a porta do lava-louça. Ele era alto e forte, um ex-jogador de lacrosse da equipe da Universidade Vanderbilt.

— Você também nunca teve catapora.

Emma Kate balbuciou no outro cômodo.

— Acho que não é tão aleatório assim. Quer dizer, eu não sou imune, sou? Estou correndo o risco de parecer uma grande babaca. — Grace provavelmente *era* uma grande babaca. — Você sabe, eu sou bonita. Mais do que algumas das mulheres que conheço que foram assediadas.

Liam estendeu a mão. Ela lhe entregou um biscoito.

— Você está se sentindo excluída do assédio sexual?

— Claro que não. — Talvez estivesse. — Estou tentando entender.

— Não sei. — O *timer* do micro-ondas apitou e foi Liam quem pegou o esterilizador e começou a esvaziá-lo. Grace tirou os sapatos. O piso estava gelado. — Você está me pedindo para entrar na mente de pessoas com quem não tenho muito em comum.

Ela torcia para que isso fosse verdade. Acreditava que era. Incomodava-a não saber se a esposa de Ames, Bobbi, achava o mesmo.

Liam ponderou.

— Mas provavelmente tem algo a ver com instinto animal. Atacam os mais fracos do rebanho. Os jovens. Os vulneráveis.

Grace bufou. Migalhas de biscoito voaram, e ela tapou a boca.

— Desculpa. A Sloane não é o que eu chamaria de vulnerável.

Na ponta dos pés, ela foi até a porta — uma mãe tão boa, como diria Liam! — para dar uma olhada em Emma Kate, que agora estava quieta, mordendo o próprio punho.

— Sim. — Liam ergueu um dedo. — Mas ela ficou vulnerável quando teve o caso, né? Ele tinha algo que podia usar contra ela.

Grace não sabia as regras a respeito de ter ou não permissão para contar ao marido sobre o caso de Sloane. Como adulta, acreditava que, se uma amiga lhe conta um segredo, você pode contar ao seu cônjuge. Mas nunca havia confirmado isso com nenhuma de suas amigas, para o caso de estar errada, e só isso provavelmente já significava que estava.

— Então, a culpa é das mulheres? Eu não fui assediada porque não sou assediável?

— Não é isso. — Liam estremeceu. — É como um crime de oportunidade, acho. Você não culparia uma vítima de assassinato. O assassino só está tentando cometer um crime do qual ele consiga se safar.

— Isso é macabro.

— Vamos pedir comida ou você vai cozinhar?

* * *

A mensagem de Sloane chegou um pouco antes das dez, depois que Liam já tinha ido para a cama. Grace estava esperando para praticar uma técnica chamada “mamada dos sonhos” e que planejava colocar em prática aproximadamente às dez e meia. Uma mamada dos sonhos envolvia pegar Emma Kate e, sem acordá-la completamente, colocá-la no peito e encorajá-la a mamar o equivalente a uma refeição completa, de modo que dormisse o restante da noite. Esse era o plano. Em geral, a realidade era que Emma Kate ficava irritada por ter sido despertada, os pequenos punhos fechados, os olhos apertados com força. Mas Grace não podia abrir mão da promessa de seis horas de descanso ininterrupto. O fato de isso ainda não ter acontecido não fazia diferença.

Ela estava na Netflix, dando uma olhada na sua lista de filmes e séries, cada vez menor com todo o tempo que passava diante da TV desde o nascimento de Emma Kate, quando seu telefone apitou.

Sloane Glover: Vou entrar com um processo. Público = única maneira de ter proteção + impedir o Ames de assumir a empresa. Falei com a Katherine. Ela está com medo: o que aconteceu na Frost + me sinto um pouco responsável. Cansada de ignorar tudo! Bjos.

Grace esperou que Ardie, também incluída na conversa, respondesse, mas como não houve resposta, ela se deu conta de que a amiga já devia ter ido dormir. Grace resolveu fingir que tinha feito o mesmo. O que exatamente Sloane queria que elas dissessem?

É isso aí, garota!

Na verdade, Grace estava pensando em como um processo movido por Sloane prejudicaria o trabalho delas. Alguém estava preocupado com *isso*?

Vinte minutos depois, ela estava sentada dentro da cratera escavada em seu sofá de tanto se aninhar ali de pernas cruzadas, a almofada em forma de “U” equilibrada em torno dos quadris. Emma Kate tinha parado de gritar e estava mamando quando Grace percebeu que tinha se esquecido de colocar o copo d’água na mesinha ao lado. Ela era acometida por uma sede desesperadora toda vez que Emma Kate mamava. Precisava se distrair. A TV estava em um volume baixo e o controle remoto, centímetros além do seu alcance. Ela pegou o telefone. A mensagem de Sloane ainda estava na tela, e Grace sentiu a mesma pontada de irritação que a afligia quando sua mãe mandava mensagens toda hora.

Queria falar com alguém que concordasse com ela. Era tarde, mas ela acessou

a lista de contatos e ligou para Emery Bishop, uma de suas amigas mais próximas na fraternidade. As duas ainda faziam uma viagem só de garotas a Fredericksburg todos os anos. Emery morava em Houston. Ela não trabalhava “fora” e fazia parte dos conselhos de uma fundação de combate à aids e de um teatro local. Atendeu no segundo toque.

— Está tudo bem? — Emery sofria de rouquidão crônica, causada por nódulos nas cordas vocais, e tinha um leve sotaque sulista.

— Sim, sim — respondeu Grace baixinho, para não acordar Emma Kate. — Desculpe, você estava dormindo?

— Pelo amor de Deus, não. — Emery sempre fora notívaga. Quando estavam na faculdade, ela jantava pela segunda vez à meia-noite. — E a Emma Kate?

— Também está bem. Está mamando agora.

A luz azulada da televisão se derramava na cabeça de sua filha.

— Cristo. — Emery fazia a palavra ter mais sílabas que o normal. Grace imaginou a amiga. Os cabelos descoloridos, uma predileção duradoura por joias turquesa. — Eu me lembro desses dias. Não tenha quatro filhos, Gracie.

Grace sorriu ao telefone. Havia poucos amigos feitos depois do ensino médio para quem você poderia ligar só para conversar. Emery era uma das últimas que restavam.

— Você acha que as mulheres são sensíveis demais? — perguntou ela, após uma breve pausa.

Emery murmurou. Grace ouviu um farfalhar do outro lado da linha, seguido pelo barulho da geladeira sendo aberta.

— Depende de quem está dizendo isso. Tipo, se o Clark disser que sou sensível demais, eu corto o saco dele e dou para o Willie comer.

Grace riu, mas se conteve ao sentir que Emma Kate quase parara de mamar.

— Algumas mulheres no trabalho estão reclamando que sofreram assédio sexual. Não com essas palavras, mas essa é a essência.

— Ah. — Uma gaveta se abrindo. Talheres. — Não sei. Nem todas as mulheres são como nós, sabe? Minha mãe sempre diz: nada muda de fato depois do colégio.

— Isso é deprimente.

— Algumas garotas precisam chamar atenção de um jeito ou de outro. Não estou dizendo que elas fazem isso *intencionalmente*. Em algum nível, devem acreditar que isso está acontecendo. Você entende?

Grace não respondeu.

— Sempre me preocupo com a possibilidade de o Clark ser acusado de algo

que ele não fez. Ou o Tyler e o Mason, quando ficarem mais velhos. Morro de medo. O que vou dizer aos meus filhos? *Nunca* fiquem sozinhos em um cômodo com uma garota em quem vocês não confiam? Será que isso é suficiente?

Grace prendeu o celular entre o ombro e o ouvido, usou o dedo mindinho para tirar a boca de Emma Kate do peito, como a consultora de amamentação ensinara, e a colocou no seio esquerdo.

— Hum, não sei — disse ela, distraída, tentando imaginar Ardie tendo a mesma conversa a respeito do filho, Michael.

— Quando o Clark estava na Academia da Força Aérea, ele me contou histórias de cadetes que foram expulsos porque uma mulher *alegou* conduta imprópria. Aquelas mulheres tinham o poder de arruinar a vida daqueles jovens, e optaram por usar isso.

Parecia que Emery estava tomando sorvete, pelo tilintar de uma colher nos dentes.

Grace ouvia, imaginando a esposa de Ames, Bobbi, dizendo aquilo. O que a fez pensar: e se alguém a procurasse e dissesse que Liam estava assediando mulheres? O que faria?

Grace ouviu Emery falar sobre o time de futebol americano de Tyler — ele tinha onze anos —, sobre o futebol de Mason, o balé de Annabelle e a fisioterapia de Finley até Emma Kate terminar de mamar. Quando não conseguiu mais manter os olhos abertos, disse boa noite a Emery, enrolou Emma Kate na manta e deu tapinhas em suas costas até que ela concordasse em ir de bom grado para o moisés, que ainda ficava no escritório do primeiro andar, e não no quarto de bebê no andar de cima, que nunca havia sido usado.

Grace acordou com a filha chorando. Tinha lido em algum lugar que o choro de um bebê soava fisicamente mais alto para a mãe. Liam continuava dormindo. A sensação era de que tinha dormido apenas vinte minutos, mas tinham sido três horas. Um pequeno consolo. Logo estava desperta e já havia amamentado a filha, embalando-a. Embalando, embalando e embalando, mesmo depois que os olhos de Emma Kate se fecharam e suas bochechas ficaram flácidas.

Grace pegou o celular, que estava grudado à pele na parte de trás de sua perna. Desbloqueou a tela e digitou uma mensagem para Sloane.

Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Sra. Glover, não estou dizendo necessariamente que a senhora estava determinada a arruinar a vida de Ames Garrett. Não estou dizendo que essa era sua intenção, seu objetivo principal.

Ré 1: O fato de não se tornar presidente de uma empresa pública, que está na lista das quinhentas maiores do mundo da revista *Fortune*, significa que a vida de alguém está arruinada? Espero que não, caso contrário muitos de nós têm uma vida bem de merda.

Sra. Sharpe: Só estou dizendo que eu sei que essas questões são difíceis de discutir de forma objetiva. Sei que há questões delicadas enterradas nos detalhes obscenos dessa queixa. Não estou tentando minimizar a gravidade das alegações. Sou mulher. Mas também sou advogada e, como advogada, busco fatos. Provas. A Truviv realizou uma investigação independente, e vou lhe dizer o seguinte: nenhuma outra mulher se apresentou para reclamar do comportamento de Ames Garrett.

Ré 1: Além das três que já se apresentaram? Quantas seriam suficientes para você?

Sra. Sharpe: Sim, temos três mulheres com motivos complicados. Pode me explicar seu raciocínio no dia em que decidiu tomar medidas legais?

Ré 1: Katherine nos disse que Ames havia se tornado sexualmente agressivo com ela e que parecia pronto para algum tipo de retaliação profissional depois da rejeição. No mesmo dia, ele disse a Ardie que todas as mulheres eram loucas. Algo finalmente se encaixou. Percebi que não podia mais continuar do jeito que vinha agindo havia tantos anos. Nada ia mudar a maneira como Ames agia, a menos que eu mesma fizesse isso.

Sra. Sharpe: Então você entrou com uma ação e todos sabemos o que aconteceu em seguida.

Ré 1: Sabemos?

Sra. Sharpe: Uma tragédia.

CAPÍTULO 30

6 DE ABRIL

A gente só queria fazer nosso trabalho — era pedir demais? Estávamos cansadas de interrupções planejadas do servidor e de sessões de treinamento obrigatórias para descobrir as atualizações mais recentes do Adobe Acrobat Pro. Sentíamos um pouquinho de ódio quando as pessoas levavam bolo, e quando alguém nos obrigava a comer com elas, apesar de já termos anunciado para quem quisesse ouvir que estávamos tentando fazer a dieta paleo naquele mês. Não conseguíamos entender *quem* ainda clicava naqueles e-mails de vírus que causavam uma profusão de *outros* e-mails cujo único objetivo era nos encorajar a parar de clicar, mas, invariavelmente, um deles aparecia no canto direito de nossa tela no exato momento em que estávamos tentando fechar o Outlook para fazer o trabalho de verdade. (E-mails eram trabalho de verdade?)

Estávamos sempre assinando formulários de beneficiários do ano anterior, do ano corrente ou do ano seguinte, com uma frequência que desafiava o calendário e nossa capacidade de lembrar os números do seguro social de nossos dependentes. Suspeitávamos que a exigência de reuniões presenciais eram um instrumento de tortura. Preferiríamos gastar 65% menos tempo estabelecendo contatos, mas provavelmente precisávamos dedicar pelo menos 50% mais tempo a isso. Havia uma centena de coisas pequenas e grandes que se interpunham entre nós e nosso trabalho todos os dias, coisas que variavam do incidental ao nefasto. Por isso, quando falávamos que preferíamos que não nos pedissem para *sorrir* durante o trabalho, queríamos dizer: gostaríamos de fazer nosso trabalho, por favor. Quando falávamos que preferíamos não ouvir comentários sobre o comprimento da nossa saia, queríamos dizer: gostaríamos de fazer nosso trabalho, por favor. Quando falávamos que preferíamos que não tentassem nos tocar em nosso escritório, queríamos dizer: gostaríamos de fazer nosso trabalho. Por. Favor.

Queríamos ser tratadas como homens no ambiente de trabalho pelo mesmo motivo que as pessoas têm smartphones: porque isso facilita a vida.

Naquela manhã, Ardie estava tentando fazer seu trabalho enquanto lutava contra a conexão lenta do computador quando dois homens de terno passaram pela parede de vidro de sua sala a caminho do escritório de Ames Garrett. Fazia um dia que Sloane contratara Helen Yeh para entrar com uma ação contra a Truviv e contra Ames, uma ação da qual Ardie havia decidido se tornar uma das partes. Com a iminente possibilidade de Ames ser anunciado como o próximo presidente a qualquer momento, a questão do tempo era crucial.

Duas horas depois de os homens de terno passarem por sua sala, um convite de reunião apareceu na tela solicitando sua presença no RH em vinte minutos. Ela clicou em “aceitar”, e a reunião foi acrescentada à sua agenda.

Ardie era mãe solteira — isso significava que ela tinha menos ou mais a perder?

Os dois homens de terno ficaram na sala de Ames por aproximadamente quarenta e cinco minutos. Se isso era muito ou pouco tempo, Ardie não sabia. Ela olhou para o relógio. Seus próprios vinte minutos também conseguiam ser ao mesmo tempo muito e pouco tempo.

Ela se levantou, tirou o blazer da parte de trás da porta e o vestiu. Sloane esperava por ela no saguão dos elevadores.

— É isso — disse Sloane. — Está preparada?

Ardie nunca tinha entendido a estratégia de concentrar toda a energia na aparência quando algo importante estava acontecendo, mas esse era claramente o *modus operandi* de Sloane. Ela usava um *tailleur* azul-royal com uma blusa branca, o cabelo preso em um rabo de cavalo baixo e elegante, sem um fio sequer fora do lugar. Era como se ela fosse a Mulher-Maravilha Corporativa e aquele fosse seu traje de super-heroína.

— Só tenho certeza de que não vou deixar você fazer isso sozinha.

A afirmação era parcialmente verdadeira. Ou, talvez, algo pudesse ser totalmente verdadeiro sem ser a verdade completa, e nesse caso era isso que ela queria dizer.

Sloane chamou o elevador. Momentos depois, saindo do banheiro, Grace apareceu.

— Bem — disse ela —, se precisarmos de alguém para empunhar um absorvente ensanguentado na cara deles, acabei de ficar menstruada pela primeira vez em quinze meses. — As três entraram no elevador vazio. — Achei que não era para eu ficar menstruada enquanto estivesse amamentando. O que diabos está acontecendo?

Você vai precisar de mim.

Essa foi a mensagem de texto que Grace enviou na noite em que Sloane decidiu abrir o processo. Ela se perguntou se Grace sabia quanto ela a havia julgado mal, e se isso estava estampado no seu rosto.

Após um breve período no elevador, as três se depararam com um homem careca, que não tinha nem manchas de mostarda na camisa nem usava óculos, mas parecia o tipo de pessoa que teria ambas as coisas, esperando por elas no saguão.

— Al Runkin. — Ele apertou a mão de cada uma delas com ambas as mãos. — Venham comigo, vamos ver o que podemos fazer por vocês.

Sloane e Ardie se entreolharam. Havia diferenças físicas entre a paisagem do nono, onde ficava o RH, e do décimo quinto andar. Era como pegar o trem do Upper West Side para um bairro apenas parcialmente gentrificado do Queens. A maioria dos funcionários tinha cubículos, não salas individuais. A equipe era de modo geral mais jovem, a não ser pelas exceções, que, por causa da discrepância de idade, pareciam estagnadas.

Al Runkin as conduziu para uma sala de reunião. Ele se sentou em uma cadeira ergonômica de couro rachado de frente para elas e entrelaçou os dedos atrás da cabeça. Manchas úmidas de suor nas axilas assombravam sua camisa.

— Então... — Ele olhou para a pilha de papéis sobre a mesa. — Vocês estão cientes do motivo desta reunião, correto?

Al Runkin aproximou o queixo do pescoço, a pele se dobrando.

Sloane cruzou as mãos sobre a mesa.

— Provavelmente é melhor passarmos logo pelas partes óbvias. Sim. Abrimos um processo em coautoria contra Ames Garrett, na qualidade de diretor jurídico, e contra a Truviv, Inc., de modo geral, nos termos do artigo VII da Lei de Direitos Civis. Embora eu tenha sofrido assédio direto enquanto Ames Garrett estava no cargo de diretor jurídico desta empresa, minhas colegas Ardie e Grace apresentaram suas alegações nos termos do mesmo artigo sob o enquadramento de ambiente de trabalho inseguro, que permite queixas nas quais os funcionários foram indireta porém negativamente afetados pelo comportamento do assediador. Pronto. Isso deve nos poupar algum tempo, não acha?

— Advogados... — Os lábios do homem, já finos, formaram uma linha quase imperceptível. — Que revigorante. — Ele endireitou a postura abruptamente. A cadeira rangeu. — É o seguinte: temos procedimentos para esse tipo de acusação. Uma ação judicial? Bem, sei que todas vocês são advogadas, então esse é, como se diz, seu *modus operandi*, mas isso não é necessário. — Ele fez uma careta como se tivesse sentido um cheiro ruim. — Na verdade, uma investigação já está em

andamento. No futuro, teremos uma linha direta para registrar esse tipo de reclamação. Ajuda a evitar despesas com advogados, procedimentos legais e coisas do tipo, para todos.

Ardie uniu as mãos em torno do joelho. Ela não sabia como se sentir naquela sala. As luzes fluorescentes no teto. As canecas de café cheias de lápis.

— Uma linha direta — disse ela —, que muitas vezes é redirecionada para a pessoa sobre a qual você faz a reclamação. Não é preciso ter doutorado para descobrir quem está fazendo a queixa.

Pronto, naquele momento Ardie soava como ela mesma. Seu coração começou a bater. Era de esperar que estivesse batendo o tempo todo.

— A política da Truviv permite que os funcionários que desejem fazer uma reclamação pulem as etapas habituais e recorram diretamente a um quadro superior.

— A pessoa sobre quem estamos reclamando é o quadro superior — retrucou Grace.

Ele ergueu as mãos. Sua testa era uma bola brilhante de cera; o reflexo da luz se movia na superfície.

— O que querem que a gente faça?

Sloane, que estava sentada no meio, pôs as mãos no braço das cadeiras das outras duas.

— Para começar, achamos que o contrato de trabalho de Ames Garrett deveria ser encerrado.

— Como disse, há uma investigação em andamento.

— Quanto tempo acha que essa investigação vai levar?

Ardie temia que “investigação” fosse um estágio que durasse até que qualquer pessoa que antes se importasse tivesse perdido a vontade de continuar se importando. Vinha com uma imagem de pastas sanfonadas intermináveis, empilhadas no chão de almoxarifados, repletas de papéis inúteis. Talvez isso fosse ofensivo para o trabalho duro que os funcionários do departamento de recursos humanos realizavam, mas esse era o preconceito particular de Ardie, e ela se permitiu mantê-lo.

— É difícil dizer. Talvez uns três dias, uma semana no máximo.

Al deu de ombros.

— Ótimo — disse Sloane, num tom de voz que indicava que ela não achava aquilo particularmente bom. — Então, esperamos notícias a respeito da investigação nesse prazo. Enquanto isso, tenho certeza de que nossa advogada entrará em contato.

Nossa advogada. Ardie podia imaginar uma pessoa que não fosse advogada se sentindo mais poderosa ao usar essa frase, mas Ardie tinha visto o Mágico de Oz por trás da cortina.

Elas se levantaram juntas. A etiqueta determinava que Al também ficasse de pé, mas ele ficou preso entre a cadeira e a mesa, então se agachou desajeitadamente enquanto tentava se levantar e acenar.

— Ardie. — Ele empurrou a cadeira de rodinhas, que bateu na parede. Ardie parou à porta. — Foi bom vê-la de novo. Já faz um bom tempo — disse ele, em voz baixa.

Ela hesitou.

— Sim. Acho que você tinha cabelo naquela época.

Ardie Valdez odiava Al Runkin.

Depoimentos de funcionários da Truviv

14 DE ABRIL

Kimberley Lyons: Não, eu não estava lá quando aconteceu. Eu cubro as secretárias durante a hora do almoço, o que significa que minha pausa para almoçar é mais tarde, então eu tinha acabado de sair, uns quinze minutos antes. Sinto muito. Para mim é difícil falar sobre isso. Nunca tinha conhecido ninguém que tivesse morrido antes, além dos meus avós, e quando isso aconteceu eu era pequena demais para lembrar. É um choque para todos no décimo quinto andar. Nós somos como uma família.

Kunal Anand: As mulheres ficaram malucas. Se alguém disser que não foi isso que aconteceu, estará mentindo ou tentando ser politicamente correto ou sei lá o quê. Elas viraram cães raivosos, sedentas por lágrimas masculinas. A raiva deixa a pessoa sedenta, caso não saiba. Eu vi no Viceland.

Katherine Bell: Acabei de entrar na empresa. Na verdade, me mudei para cá de Boston, então a área de Dallas também é nova para mim. Esta é uma primeira impressão difícil, pode-se dizer. Eu realmente não estava envolvida na política do escritório.

Al Runkin: Não tenho conhecimento de ninguém que tivesse exibido comportamento violento. Nosso departamento leva os funcionários e, particularmente, os problemas de saúde mental muito a sério. Pense em nós como orientadores para adultos. Homicídio? Duvido.

CAPÍTULO 31

7 DE ABRIL

O bar onde Sloane estava sentada, segurando uma taça de Merlot de treze dólares, era repleto de couro preto e objetos de cobre. A atmosfera era luxuosa e convidativa, embora ela o tivesse escolhido principalmente pela proximidade — ficava no mesmo quarteirão do prédio da Truviv — e pelo fato de a iluminação fraca deixá-la pelo menos dez anos mais jovem. Sloane via seu reflexo no espelho atrás do bar, entre as garrafas pela metade, com bicos de plástico, prometendo drinques complexos preparados por homens barbudos com braços cobertos de tatuagens e alargadores nas orelhas.

Ela deveria ir para casa. Seu telefone não tinha tocado durante todo o dia. Derek já havia saído quando ela acordou e não respondera a nenhuma de suas mensagens. Isso fez com que ela se sentisse uma adolescente, insegura, com acne no queixo e um monólogo interno cruel que surgia do nada. *Ele pode arrumar alguém mais jovem, Sloane. Homens têm condição de fazer isso. E mais bonita também. Sempre tem uma pessoa mais bonita. E agora você deu permissão a ele para fazer isso com a consciência tranquila. Parabéns.*

Sim, mas ele não vai encontrar a mãe da Abigail, disparou ela de volta. *Ele não vai me encontrar.*

— Posso lhe oferecer outra taça?

Ela provavelmente ficou com um olhar surpreso, os músculos no pescoço se retesando como um réptil. O homem que tinha se sentado ao lado dela não podia ter mais que vinte e poucos anos. Tinha uma beleza juvenil, barba recém-feita, esbelto, com cabelo escuro e cheio o bastante para reparti-lo para um dos lados. Usava uma camisa rosa de mangas curtas com colarinho, estilosa, mas sem se esforçar demais.

Ela notou com uma ligeira surpresa que restavam apenas alguns goles em sua taça.

— Sou casada.

E tenho quase o dobro da sua idade, embora não tenha considerado necessário

acrescentar essa parte.

— Que bom que minha pergunta não foi “Quer casar comigo?”. — Ele tamborilou os dedos no balcão. — Porque nesse caso eu ficaria devidamente constrangido.

O homem tinha covinhas nas bochechas, porque é claro que tinha que ter.

Sloane o ignorou. Detestava quando os homens faziam isso, fingiam que ela estava sendo presunçosa — pior, convencida — por supor que lhe pagar uma bebida era uma maneira de dizer “Você está interessada em mim?”.

Eles ficaram sentados em um silêncio desconfortável.

— Sloane Glover, certo?

Pelo canto do olho, ela viu que ele estava estendendo a mão direita.

Ela se virou devagar e olhou para o barman que estava secando copos na outra extremidade do bar.

— Isso — respondeu, apertando a mão dele.

— Cliff Colgate. *Dallas Morning News*. — Ele deslizou um cartão de visita pela madeira lisa na direção dela. A palavra “Repórter” aparecia embaixo de seu nome. — Você tem um minuto?

Sloane não fez menção de sair.

— Estou trabalhando em uma matéria sobre uma planilha que anda circulando por um grupo de mulheres profissionais na área de Dallas. A lista de homens CILADA, que detalha o comportamento sexualmente predatório de homens em cargos de poder aqui na cidade. Tenho certeza de que estou lhe contando algo que você já sabe.

— Interessante.

Ela girou a base da taça de vinho, o líquido remanescente dando voltas em torno das bordas.

Um caderninho surgiu, junto com um daqueles lápis que as pessoas usam para registrar suas pontuações no minigolfe.

— Gostaria de comentar?

— O quê? — A mente de Sloane estava calculando os riscos.

— A lista de homens CILADA, seu conteúdo, sua utilidade, sua ética, qualquer coisa.

O cotovelo dele estava confortavelmente apoiado no bar, o lápis preso entre os dedos. Ela imaginou vagamente como seria transar com ele, mas foi apenas um pensamento passageiro. Sloane já havia passado da idade em que poderia ter uma transa casual sem nunca ter feito isso. Ela não sabia se deveria lamentar ou ficar grata.

Tomou outro gole do vinho. Estava acabando, e ela ainda não decidira se devia ou não pedir outra taça, agora que tinha companhia.

— O que faz você pensar que eu teria algum comentário a fazer?

— O nome de Ames Garrett apareceu na lista. — Ele tinha um ar de estudante, talvez um pouco puxa-saco. — Não muito tempo depois, você e suas colegas, Adriana Valdez e Grace Stanton, entraram com um processo contra ele por assédio sexual. — Ele deu batidinhas na têmpora com a ponta do lápis. — O poder da dedução.

Estava brincando, é claro.

— Parece que você andou investigando. — Ela tomou mais um gole do vinho. As gotas vermelhas que restavam no fundo da taça eram tão poucas que ela pareceria desesperada se tentasse bebê-las. — Sinto muito, mas você não me parece uma “mulher profissional”, como você mesmo colocou.

Sloane mudou de posição no banco; sua saia subiu, expondo um ou dois centímetros a mais da coxa, mas por puro acidente.

Ames tinha descoberto sobre a lista — ela não sabia exatamente como —, então ela deveria supor que qualquer um poderia ter visto, mas, ainda assim, não esperava um repórter. De repente, sentiu que estava na linha de largada de uma corrida; o tiro acabara de ser dado e ela não tinha ideia da distância que teria que correr.

— Mais de três mil pessoas tiveram acesso a essa lista, Sloane. — Ele usou seu primeiro nome. Os pelos de sua nuca se arrepiaram de leve. — Você realmente acha que três mil pessoas podem guardar um segredo?

CAPÍTULO 32

11 DE ABRIL

O pavimento molhado se estendia como uma língua da estação de carregamento aberta no porão. O bloco de cimento cavernoso cheirava a gasolina e adubo velho. Homens transportavam engradados de latas de refrigerante em carrinhos.

— Preciso da chave do almoxarifado — disse Rosalita ao supervisor.

Crystal esperava junto ao elevador, vigiando o carrinho de limpeza. Ela estava de volta.

O supervisor estava sentado em uma pilha de caixas de papelão, debruçado sobre uma prancheta. Sua barriga saliente se destacava na camisa polo amarela. Uma depressão marcava o umbigo.

— Se quiser alguma coisa, gata, é melhor pedir de joelhos — disse ele, sem olhar para Rosalita.

Ele assinava o contracheque dela.

— Não tem problema, mas aviso logo: eu mordo.

— Vá se foder. — Ele cuspiu no chão de cimento. Mas soltou o chaveiro preso ao cinto e jogou duas chaves para ela. — Não roube nada. Vou verificar.

* * *

Crystal e Rosalita arrastaram o carrinho de limpeza pelo saguão dos elevadores nos andares superiores — *tum, tum, tum*.

— Ele me pediu para chupá-lo. — Crystal colocou as luvas de borracha.

— Ele faz isso com todas. Simplesmente ignore.

Crystal não respondeu. Ela examinava a ponta dos dedos das luvas, beliscando-as — eram grandes demais.

Bem.

Às vezes, Rosalita pensava em como o supervisor tinha sido criança um dia, um menino que provavelmente gostava do Batman, Lego e outros brinquedos. Empurrou o carrinho. Suas panturrilhas se contraíram. Ela parou no meio do

corredor.

— Já volto — disse para Crystal.

— Você sabe que eu não gosto de ficar sozinha.

— Falou a vaca que não apareceu para trabalhar — disse Rosalita, com uma risada, por cima do ombro. — Com quem você acha que eu fiquei naquele dia?

Na sala de material de escritório e cópias, Rosalita enfiou a chave na fechadura e girou a maçaneta. O quarto tinha cheiro de papel quente — químico e amadeirado. As copiadoras emitiam luzes azuis enquanto hibernavam. As lâmpadas automáticas se acenderam quando ela atravessou a sala até os armários. Ela se ajoelhou e leu os rótulos laminados em cada uma das portas. Pegou três canetas, quatro marcadores de cores diferentes, um pacote de fichas timbradas, três envelopes e um caderno para Salomon. Rosalita estava roubando, mas apenas da mesma forma que as pessoas que trabalhavam naqueles andares roubavam para os projetos escolares dos filhos. E eles não se sentiam culpados, então por que ela se sentiria?

Faltavam dois dias para o exame de admissão de Salomon.

Ela voltou e colocou o material na prateleira de baixo do carrinho.

— Para quem é isso? — perguntou Crystal.

— Não é da sua conta. — Rosalita verificou a prancheta.

— Eu não fui para a faculdade.

Crystal espiava o material escolar.

— Talvez devesse ter ido.

Elas faxinaram os andares às escuras. As luzes da cidade perfuravam as persianas fechadas. Suas silhuetas fantasmagóricas passavam por divisórias de vidro. De tempos em tempos, dentro das salas de reunião, ela olhava pelas janelas e notava um prédio imerso na escuridão, exceto por um ou dois cubos dourados de luz, e via uma pessoa lá dentro aspirando o chão e espanando as estantes de livros.

Ela passou pelos escritórios do décimo quinto andar, observando apenas sinais indiretos de vida: uma mudança no cheiro, uma embalagem de barra de granola deixada em cima da mesa, uma bolsa de ginástica aberta... e, no fundo do cesto de lixo na sala de Ames Garrett, uma poça de vômito marrom.

***The Dallas Morning News* — 11 de abril**
Aspirante a presidência de empresa enfrenta acusações de assédio sexual

Ver comentários

Ex-funcionário da Truviv Anônimo

11/04, às 6h26

Ele não é o único na Truviv.

Funcionário da Truviv Anon

11/04, às 6h31

Trabalhei com Ames Garrett durante anos. Ele é um bom homem com um legado comprovado. Nunca pediu elogios, mas conduziu a empresa sem chamar a atenção por períodos turbulentos e numerosos riscos legais em potencial até a próspera era recente. Essas alegações são infundadas e é vergonhoso que hoje em dia esse tipo de coisa seja considerado jornalismo.

Ruth McNary

11/04, às 6h36

Parem. Acreditem nas mulheres. Esse papo de “Ele é um cara legal e fez coisas boas para a empresa” não significa nada. Essa punição merecida já veio tarde.

Anônimo & Farto

11/04, às 6h45

Ninguém tem prova de nada. Cada acusação falsa torna ainda mais difícil acreditar nas mulheres e, de alguma forma, querer saber dos fatos nos torna os bandidos da história. Sim, caras. Alguém foi estuprada? Alguém foi assediada? Não. E ninguém vai alegar o contrário.

Funcionária da Truviv

11/04, às 07h01

Sério, Anônimo & Farto? Sim, uma mulher foi assediada. Mais de uma, na verdade. É exatamente isso que está sendo alegado. E, a propósito, ninguém precisa ser estuprada para que seja assédio. Não estamos em 1950.

Anônimo & Farto

11/04, às 07h02

Você estava lá, Funcionária da Truviv? Sabe o que aconteceu? Ótimo, então você não sabe.

Vítima Anon

11/04, às 7h16

Eu gostaria de agradecer às mulheres que acusaram Ames Garrett. Isso me inspirou a nomear meu próprio assediador na Truviv. O nome dele é Lamar O'Neill.

Lamar O'Neill

20/04, às 14h11

Fui informado deste comentário e também sei quem fez falsas alegações contra mim. Por respeito e gentileza, decidi não nomear essa pessoa publicamente, mas vou tomar medidas legais imediatas.

Ruth McNary

11/04, às 07h35

@VitimaAnon, eu acredito em você. Sinto muito que tenha passado por isso.

Anônimo & Farto

11/04, às 08h12

Sério, @RuthMcNary? Com base em quê? Foi isso que este país se tornou? Não nos importamos mais com provas e um julgamento justo? Por que estamos aceitando calúnias na sua forma mais óbvia? Vocês estão arruinando a vida e a carreira de homens honrados. Apresentem provas. Mensagens, e-mails... Vivemos em uma era digital, então, se as alegações dessas mulheres e as suas forem verdadeiras, queremos provas. Todos são inocentes até que se prove o contrário. Eu, pelo menos, ainda tenho algum respeito pelos nossos antepassados.

Anônimo

11/04, às 8h45

Você não sabe o que aconteceu lá. Ninguém sabe.

CAPÍTULO 33

12 DE ABRIL

Desde que entrara com a ação, Sloane tinha começado a trabalhar com a porta da sala quase sempre fechada. Ela estava enclausurada lá dentro quando a comoção começou. Foi um acúmulo de ruídos, na verdade. Vozes. Isso acontecia às vezes. Um advogado sênior repreendia um funcionário de TI, alguém ficava noivo ou levava o bebê recém-nascido para apresentar aos colegas e, por um momento, um pequeno turbilhão de atividade irrompia no escritório.

Sloane terminou de escrever um e-mail. Então, curiosa, enfiou a cabeça para fora da sala. Um grupo de secretárias estava reunido na mesa de Beatrice.

— O que está acontecendo? — perguntou Sloane.

Anna, a secretária de Ardie, se virou para ela.

— Estão dizendo que alguém se jogou do prédio.

Sloane saiu para o corredor e se juntou a elas.

— Se jogou do prédio. Do nosso prédio? — Ela apontou para o chão. — Quem falou isso?

Corey, a recepcionista do décimo quinto andar, respondeu:

— Eu estava cobrindo o horário de almoço no décimo nono. Foi o que a recepcionista de lá me contou.

Um telefone tocou. Beatrice olhou para o aparelho que piscava e ignorou. Mais duas linhas se iluminaram. Em seguida, mais três. Beatrice mandou todas para o correio de voz. Mas em segundos as linhas estavam piscando de novo. Ela atendeu.

— Alô?

Anna deu um tapinha na mesa de Beatrice.

— Acabei de receber uma mensagem de texto. — Ela ergueu o dedo. Em seguida, o abaixou. Anna pressionou o punho na boca. — Acabei de receber uma mensagem da minha amiga Kristen, do décimo nono andar. Ela disse que ouviu... que ouviu dizer que pode ter sido o Ames.

Sloane abriu a boca, mas as palavras não saíram.

— Quem? Espera aí. O quê?

Sirenes. Definitivamente eram sirenes. O som cada vez mais alto. Fazendo as histórias se elevarem como ar quente.

Corey se afastou do grupo e entrou em uma sala desocupada, enfiando o nariz no vidro da janela.

— Tem um caminhão de bombeiros lá embaixo. — Suas mãos deixaram marcas no vidro. — Alguns carros da polícia. E uma ambulância.

Beatrice tinha desligado, os cantos da boca formando dois vincos para baixo. O telefone tocou.

— É a Bobbi. — Ela começou a roer as unhas. Sua bochecha se contraiu. — Será que eu atendo?

Ela olhou para Sloane. Sloane tirou o cabelo da testa. Seu blazer se levantou desajeitadamente.

— Anna, vá dar uma olhada na sala do Ames. — Sloane já estava correndo pelo corredor. — Não atenda ainda, Beatrice! — gritou ela. — Grace? Ardie?

Ela enfiou a cabeça na sala das duas. Ambas vazias. Sloane voltou.

— Ele não está lá — informou Anna, com um ar sombrio.

— Tem uma ambulância lá embaixo. Vocês não acham que ele está *vivo*, acham? Vocês acham que ele está vivo? — perguntou Corey, afastando o rosto da janela, buscando a opinião do grupo.

— A gente não sabe se é ele. — Os batimentos cardíacos de Sloane tinham se acelerado.

— A Bobbi continua ligando. — A mão de Beatrice segurava o telefone. — O que eu faço? — Ela parecia aflita.

Sloane respirou fundo, pensou, em seguida pegou o celular, que estava em cima da mesa, e o enfiou no bolso do blazer.

— Me dê dez minutos — pediu ela a Beatrice. — Vou até lá embaixo ver o que está acontecendo. Agente firme. Não faça nada ainda. Eu já volto, ok?

* * *

Luzes vermelhas e brancas piscavam do lado de fora da porta giratória. Ela abriu caminho até onde as pessoas se amontoavam diante do prédio. Dois policiais de uniforme azul-escuro agitavam as mãos para os curiosos e gritavam para que recuassem.

Sloane ficou na ponta dos pés e deslocou algumas pessoas para a esquerda, tentando ter uma visão melhor. Um lençol branco estendido sobre uma figura

humana na calçada, a poucos metros da fachada do prédio da Truviv. Sloane olhou ao redor. Será que tinha sido ele? Será que tinha sido Ames?

Merda.

Ela contornou a multidão até o outro lado, onde havia menos pessoas aglomeradas. Ficou surpresa com a maneira como tudo estava em ordem, como se a rua e aqueles que a ocupavam tivessem concordado em ficar quietos. As sirenes haviam sido desligadas. A maior fonte de ruído parecia ser o tráfego de carros e o barulho dos walkie-talkies presos aos cintos dos policiais.

Ela chegou para o lado, os olhos fixos na figura encoberta, o coração na boca. Em seguida se agachou, apoiada em um dos joelhos. Pegou o celular e procurou o número de Ames. Pronta, se aproximou o máximo que pôde e fez a ligação.

Prendeu a respiração. Um toque. E então o toque de uma marimba flutuou, a musiquinha vindo de debaixo do lençol branco e inerte.

De um telefone que, Sloane sabia muito bem, estava envolto por uma capa protetora OtterBox cor de chumbo. O celular intacto; o homem não.

Desligar, desligar. Ela se apressou em pressionar o ícone vermelho na tela. O toque — *merda, o toque* — parou. Seu estômago se revirou.

Ames estava morto.

Ames Garrett havia pulado da janela de seu escritório.

Ele tinha se matado. Ali.

Sloane tinha trabalhado para ele; tinha suportado as gracinhas dele. Tinha ficado com raiva dele. Tinha entrado com um processo contra ele. Tinha até beijado ele, no passado. Mas foi a lembrança dos dois filhos pequenos de Ames que a sufocou com uma onda de pesar.

Jesus Cristo, Ames.

Por quê?

CAPÍTULO 34

13 DE ABRIL

O mais estranho foi ver como pouca coisa aconteceu no início. Os acontecimentos se deram em rápida sucessão naquelas primeiras horas. Momentos de escuridão, em seguida foco quando a persiana se retorce e reabre. O primeiro acontecimento relevante, que equivale à primeira mudança climática marcante que aconteceu depois que o diretor jurídico de uma das maiores marcas esportivas do mundo se jogou de um prédio, foi que todos que trabalhavam em seu andar foram embora, se dispersando como formigas em uma inundação.

— Isso foi um erro — Sloane ouviu. Em sua mente, as lentes tinham acabado de se abrir novamente, colocando em foco o segundo acontecimento relevante: os policiais. — Deixar todo mundo ir embora. Quem tomou essa decisão?

O detetive Diaz era baixo, com o cabelo ralo penteado para trás e um bigode grosso. O coldre ficava pendurado sob a curva da barriga. Ao lado dele, a detetive Martin tinha seios fartos e cabelo preso num rabo de cavalo na nuca.

Naquele dia, o escritório estava operando sob uma ligeira aparência de normalidade, com funcionários andando de um lado para outro, pegando documentos na impressora enquanto tentavam ostensivamente ouvir alguma coisa. Beatrice lançava olhares a cada três ou quatro segundos para o lugar onde Sloane falava com os oficiais no corredor.

— Por favor, venham até minha sala e sentem-se. — Sloane gesticulou para que os dois a acompanhassem e imediatamente se lembrou da bagunça de papéis empilhados em cima da mesa. Ela colocou a cadeira atrás da mesa e empurrou o teclado para mais perto do monitor, abrindo espaço. — Para responder à sua pergunta, não acho que ninguém tenha tomado essa decisão. Acho que todos estavam apenas tentando sair do caminho.

O detetive Diaz tinha braços grossos que exigiam algumas manobras para serem cruzados. Óculos de sol da Oakley com lentes espelhadas se equilibravam na cabeça.

— Mas você poderia ter insistido para que todos ficassem.

— Eu, pessoalmente? — Sloane considerou. — Acho que poderia ter tentado. Sinto muito. Tenho certeza de que não estava pensando com clareza.

Grace tinha ficado pálida e caído num choro soluçante. Katherine tremia enquanto tentava ajudá-la. As emoções de Sloane se alternavam entre o choque por Ames ter pulado, a fúria por ele ter pulado e o horror diante da possibilidade de que talvez tivesse influenciado sua decisão. Ardie não fingira ficar triste, mas tinha percebido, quase de imediato, que aquilo mudaria tudo.

— Como ficou sabendo da morte de Ames Garrett? — O quadril da detetive Martin surgiu por debaixo dos braços da cadeira. Ela pegou um bloco de anotações do bolso.

— Me desculpem, isso é... — Sloane pousou os cotovelos, envoltos em seda preta, na mesa. Apoiou o queixo no dorso das mãos. — Vocês se importam se eu perguntar... Isso é normal em casos de suicídio?

Ela apontou para o bloco de anotações da detetive Martin. A palavra “suicídio” era difícil de dizer em voz alta. Parecia de mau gosto. Sloane se perguntou se haveria outra palavra melhor que deveria usar em seu lugar.

— Estamos investigando todas as possibilidades, senhora — respondeu o detetive Diaz. Os pontos oleosos na testa dele lembravam queijo velho.

— O que significa... Desculpe, não estou familiarizada com o jargão. — Ela enfiou a mão na gaveta da mesa e pegou um bloco de anotações e uma caneta azul. Pressionou o topo da caneta com o polegar. — Assisti a uma quantidade surpreendentemente pequena de episódios de *Law & Order*, considerando minha profissão. — Um riso nervoso escapou, uma mania que tinha ficado adormecida depois que Derek disse a ela, em seus primeiros anos juntos, que isso a fazia parecer *desequilibrada*.

— Isso não será necessário. — A detetive Martin olhou para ela com um ar de superioridade.

— Hum? — Sloane tinha acabado de encostar a ponta da caneta na página e olhou para cima. — Ah. — Ela obedientemente deixou a caneta de lado, mas agora não sabia o que fazer com as mãos.

— Suicídio é uma possibilidade, sim, senhora. — Enquanto falava, a detetive Martin escreveu no topo do bloco de anotações a data, seguida do nome de Sloane, que sublinhou. Duas vezes. — Outra é que a morte do sr. Garrett não tenha sido voluntária.

Os olhos de Sloane dispararam entre os dois detetives na frente dela.

— Mas ele se jogou de um prédio.

— Como disse, esse é um dos cenários prováveis. — A detetive Martin tinha um sorriso bonito.

Nesse ponto, o detetive Diaz se inclinou para a frente, cotovelos nos joelhos, e esfregou as mãos.

— Sra. Glover, não encontramos um bilhete, e o sr. Garrett tinha um seguro de vida surpreendentemente baixo para um homem de sua posição. É nosso trabalho descartar a hipótese de crime.

Por que diabos a detetive Martin não queria permitir que ela *anotasse* nada?

— Então, isso indicaria o quê, falta de planejamento?

— Talvez. — A detetive Martin continuou escrevendo. — Acontece.

— Sra. Glover. — O detetive Diaz enfiou a mão no bolso da camisa e retirou um palito, que enfiou entre os dentes. — Havia um desgaste na parte de trás do sapato dele, um arranhão recente na mão e um corte acima do olho direito. Traços de sangue...

— Ainda estamos esperando o resultado da análise do laboratório. — A detetive Martin não levantou o rosto na direção deles.

— ... foram encontrados na sacada, perto do lugar de onde ele deve ter pulado ou caído. A senhora havia reparado em alguma dessas lesões?

Sloane entrelaçou os dedos.

— Não. Não que eu me lembre, mas eu não... Eu não falava com Ames havia alguns dias, pelo menos.

O detetive assentiu e respirou fundo, o que agitou vários dos fios grossos de seu bigode.

Sloane se equilibrou na beirada da cadeira, a boca franzida. E, bem, era melhor dizer em voz alta de uma vez:

— Está tentando me dizer que acha que o Ames pode ter sido empurrado? Isso é loucura.

Mas, assim que terminou de falar, ela sentiu uma ponta de dúvida se anunciar no fundo da mente. Aquele 1% de chance.

— Em geral, isso se resolve em poucos dias, algumas semanas no máximo. É só que, com essas questões de grande visibilidade...

— Como dissemos — a detetive Martin pousou o lápis no bloco —, precisamos ser minuciosos. Procedimento padrão.

— É claro. — Sloane colocou as mãos embaixo da mesa e as entrelaçou, enquanto sua mente repassava rapidamente as perguntas, antecipando-as, como qualquer bom advogado faria. Qualquer bom advogado, qualquer advogado, na verdade, tinha o dever de dizer a verdade. Mas não existia nenhuma exigência de

que dissesse tudo que sabia. Então, quanto do que sabia ela ia dizer? Quanto ela sabia de fato?

As lentes já haviam começado a retomar o foco e um novo filtro coloria tudo o que havia acontecido no dia anterior. As horas que antecederam a morte de Ames. Se havia uma coisa que Ames Garrett amava, era ele mesmo. O que havia mudado? Alguma coisa havia mudado?

A detetive Martin concentrou sua atenção nela.

— Então, Sloane — disse ela. — Vamos começar do começo.

***The Dallas Morning News* — 18 de abril**
Opinião: Como três mulheres derrubaram um homem

A caça às bruxas feminista fez sua primeira vítima e, me desculpem, mas onde está a indignação pública? Nessa perseguição aos bichos-papões que estão supostamente assombrando Dallas incólumes, parece que, assim como em Salem, aquelas que lideram o ataque são alérgicas a fatos (provavelmente porque eles não existem ou porque são muito inconvenientes para serem repetidos) e, em vez disso, se concentraram em como os acusados fizeram com que elas se sentissem. Tudo começou com uma lista não verificada, avançou para o campo judicial e agora resultou em um homem despencando para a morte do décimo oitavo andar de um prédio. Estamos surpresos? Este país deveria proteger seus cidadãos de terem sua vida, sua liberdade e sua propriedade tomadas sem o devido processo legal, mas o que aconteceu nesta cidade é um ataque à reputação dos homens e eu, pessoalmente, gostaria de ver a justiça sendo feita contra agressoras disfarçadas de vítimas.

CAPÍTULO 35

13 DE ABRIL

Na noite em que Ames morreu, Grace transou com Liam pela primeira vez desde o nascimento da filha. Ela vestiu um conjunto de calcinha e sutiã de renda pretos para evitar qualquer confusão a respeito do que havia no menu de entretenimento para aquela noite. *Nada de ver o jornal hoje à noite, querido!*

Em nenhum momento Liam estranhou que a esposa estivesse fogosa — *finalmente!* — logo no dia em que seu chefe morrera. Pelo contrário, ficou feliz em aproveitar.

Em circunstâncias normais, Grace teria dito que ela e o marido fizeram um sexo gostoso. Nunca tinha entendido suas amigas, que, aos vinte anos, tagarelavam sobre como, em hipótese alguma, jamais se casariam com um homem com o qual o sexo não fosse ótimo. Grace achava que nunca tinha feito um sexo *ótimo*. Ela gostava de sexo. Muito. Mas ótimo? Acreditava que, se você amava uma pessoa, então certamente era possível desvendar os detalhes da satisfação mútua nos primeiros dois anos. E também nunca tivera uma transa ruim. Bom, isso *era* verdade. Até aquele exato momento. O momento em que ouviu a respiração ofegante de Liam, e sentiu que alguém estava recheando suas entranhas como um peru de Natal.

Quer saber como foi meu dia, meu bem?, ela pensou em perguntar a ele enquanto olhava para seu peito nu.

O sexo doeu. Não havia como ignorar isso. Ela estremeceu em silêncio. Mas, pensando bem, essa era a ideia. Ela merecia um pouco de sofrimento. Ansiava por um castigo divino.

Depois, quando suas partes íntimas pareciam ter sido completamente lixadas, ela saiu da cama e se limpou com um lenço umedecido.

Liam descansava no travesseiro. Tufos de pelos surgiam debaixo de cada braço.

— Está tudo bem? — perguntou ele, observando-a lavar o rosto na pia.

Ela pegou um pijama J.Crew na gaveta e o vestiu.

— Depois de... tudo?

Honestamente, o que ela deveria achar que ele queria dizer com isso?

— Você parece um pouco, sei lá, estranha. — Ele prendeu o lençol amassado em torno da cintura.

Sério, Liam, pareço um pouco estranha? Nossa, como você é observador.

Ela estava sendo cruel. Mesmo que apenas mentalmente.

— Estou bem — respondeu. — Você me conhece.

Ele era um bom marido. Vestia-se de forma impecável, comprava joias, preparava jantares, ligava para casa no caminho de volta do escritório todos os dias, levava lista de compras para a Target. Lá estava ela, defendendo o próprio marido para si mesma.

Liam pegou o celular e o apoiou na barriga. Ambos faziam isso: verificavam o e-mail do trabalho até a hora de dormir.

— Você é incrível, sabia? — disse ele.

Ela deu as costas para o espelho.

— Vou pegar um copo de água. Quer alguma coisa?

Ela parecia a Grace de sempre, então o fato de Liam — seu amado marido — não a ter pressionado mais foi quase inteiramente culpa dela. Assim como todo o resto.

Por um momento, antes de sair, ela observou o sulco do músculo do ombro dele se aprofundar quando Liam se esticou para desligar o abajur na mesa de cabeceira. E então o quarto deles ficou às escuras.

Ela foi até a sala de estar. A casa à noite ficava artificialmente fria — a conta de luz era outro luxo em sua vida, prova de que não tinha o direito de reclamar —, e os pelos de seus braços se arrepiaram. Ela encontrou a bolsa largada ao lado da porta. Enfiou a mão no compartimento do meio e tirou um maço de Marlboro e um isqueiro. Em silêncio, abriu a porta e se sentou na varanda. O papel grudou no interior úmido de seus lábios. Ela acendeu o cigarro e deu uma tragada.

Enquanto soprava a fumaça, contemplou a noite, as casas dos vizinhos, com seus belos refletores iluminando os troncos de árvores antigas. Ela se perguntou o que teria acontecido se ela não tivesse visto a mensagem de Ames na tela do computador: *Achei que éramos amigos.*

Outra coisa? A mesma coisa?

Amigos.

Não havia respostas ali fora, na varanda. Ela caminhou até a rua, apagou o cigarro na caixa de correio de tijolos e atirou a guimba nos arbustos. Em casa,

lavou o rosto novamente e bochechou antisséptico bucal. A respiração de Liam era lenta e tranquila embaixo das cobertas. Ela o sacudiu para acordá-lo.

— Liam. Liam — sussurrou. — Emma Kate está chorando.

Ele se virou, os olhos se ajustando no escuro.

— Hã?

Ela escutou.

— Emma Kate está *chorando*. — Grace bocejou. — Pode ir lá dar a mamadeira pra ela?

Liam esfregou os olhos com a palma das mãos e se apoiou nos cotovelos.

— Mamadeira? Sim. Posso dar a mamadeira.

— Obrigada — murmurou ela. — Coloquei os sacos de leite que tirei na geladeira.

Era mentira. Grace tinha parado de amamentar três dias antes e escondera uma caixa de fórmula infantil debaixo de uma lona na garagem. *O que os olhos não veem o coração não sente*, pensou ela, quase como um lembrete para si mesma. Aí foi para a cama.

Isso fora dois dias antes e, desde então, ela praticamente não tinha saído de lá.

CAPÍTULO 36

14 DE ABRIL

A maré mudou no momento em que o corpo de Ames atingiu o concreto. Nenhuma empresa de relações públicas, por mais poderosa que fosse, poderia ter orquestrado uma campanha mais eficiente para reabilitar a imagem de Ames Garrett do que sua morte. Ardie teve um vislumbre dos efeitos posteriores já na tarde seguinte, quando se deparou com um grupo de jovens advogados — todos homens, vestindo calça cáqui e com cortes de cabelo típicos da Ivy League — em torno do prato de doces na recepção, comendo Skittles enquanto conversavam.

— Elas devem estar se sentindo mal — ouviu um deles dizer; ainda não sabia qual.

Ardie parou atrás deles para que tivessem que se virar e notar sua presença.

— Por quê? — perguntou. Ela teria fingido que não tinha ouvido se eles fossem mais velhos e influentes. — Por que *eu* deveria me sentir mal?

Eles não tentaram negar que estavam falando sobre ela. Não era só sobre ela, mas isso não tornava a questão menos pessoal. Não pareciam arrependidos, o peito estufado, como se fossem capazes de dizer exatamente a mesma coisa na cara dela. O terceiro homem jovem olhou para o amigo, o pomo de adão saliente, mais expressivo que um pênis.

— Desculpa — murmurou ele.

Ardie lhes dirigiu um olhar que seria capaz de murchar seus testículos até virarem uvas-passas, mas ao sair pensou ter ouvido o som anasalado de risos abafados.

Mais tarde, ao voltar para sua sala, encontrou uma folha de papel em branco com a palavra “vagabunda” impressa, e se perguntou se teria sido deixada ali pelos mesmos garotos ou se tantas pessoas assim a odiavam no escritório. Ela não mencionou o bilhete para ninguém.

Era como tivessem batido no vidro do terrário no qual elas moravam e as paredes tivessem se rachado. O que a morte de Ames fez foi dar a todos permissão para sair em defesa dele.

Foi pura sorte encontrar Katherine sozinha. O fluxo costumeiro de mensagens de texto em grupos e janelas de mensagens instantâneas havia se esgotado, assim como o vaivém de conversas triviais de escritório. Ardie achava que era instinto, que todos sentiam que qualquer coisa escrita que compartilhassem entre si era como uma arma carregada, e pensavam: *Não mire na minha cara*. A palavra “responsabilidade” gritava em seus cérebros de advogados. Então eles pararam de trocar mensagens.

Ela e Katherine saíram dos reservados ao mesmo tempo, seus olhos se encontrando no espelho enquanto lavavam as mãos.

— A polícia foi falar com você? — perguntou Ardie.

Katherine baixou os olhos e esfregou as mãos com força sob a água quente. Uma vermelhidão florescia na pele ao redor do polegar.

— Foi.

— E aí?

Ardie se afastou da pia, as mãos pingando água no chão de ladrilhos. Ela abaixou a cabeça para verificar se havia mais alguém no banheiro.

— Eu fui sincera. — Todas as palavras com o mesmo peso. — Disse a eles que não trabalho aqui há muito tempo e que estava chateada com a situação.

Ela fechou a torneira e pegou uma toalha de papel. Ardie se perguntou como teria descrito Katherine para uma amiga, se fosse o tipo de gente que descrevia outras pessoas para amigas. Se tivesse outras amigas além de Sloane e Grace. Ardie teve a sensação de que estava vendo Katherine — que tinha ocupado uma parte tão grande de seu espaço mental coletivo — sem filtro pela primeira vez. Ela não era, como Ardie tinha pensado, madura e feminina. Era esquelética, com uma cicatriz esbranquiçada no cotovelo ressecado e escamoso. Era como um coelho no quintal de um vizinho, inquieto e alerta. Ardie queria estender a mão para ela, fazer com que se aproximasse. Mas ainda via as chamas da teimosia, da intensidade e da impetuosidade que a tinham levado até ali assombrando seus olhos. Elas não tinham se apagado, e isso era uma coisa boa.

— E?

— Eles fizeram mais algumas perguntas e foram embora. — Sua língua se movia, invisível, entre os dentes, perceptível apenas na forma como se projetava sob as bochechas.

Aparentemente não havia nenhuma época na vida de uma mulher na qual conversas importantes não acontecessem naquele espaço. Ardie se lembrava da obsessão do irmão por banheiros femininos quando eram mais jovens. *Como é lá dentro?*, perguntava ele, e ela descrevia obedientemente os diferentes banheiros

nos quais havia estado como se fossem países estrangeiros — *chaise longues*, máquinas de absorvente, ganchos para bolsa e, às vezes, quando eram particularmente exóticos, spray de cabelo e desodorante.

— Ames pediu para falar comigo. Antes. — Havia uma urgência oculta na declaração que fez a mão de Ardie parar enquanto pegava a toalha de papel. — Alguém pode ter me visto procurando por ele. E se contarem à polícia?

Por necessidade, “antes” também estava na mente de Ardie. Ela havia subido para pegar documentos fiscais assinados por um dos encarregados da folha de pagamento. Dissera isso aos detetives Martin e Diaz. Quando retornou ao décimo quinto andar, Ames estava morto.

— Procurar seu chefe não é crime. — Ela destacou um pedaço de papel do rolo. — Quem mais sabe? — perguntou Ardie, plácida. Por dentro, um terremoto.

Ao fundo, a água corria através de canos como sangue nas veias, circulando pelo organismo vivo do prédio.

— Grace — respondeu ela, a voz fina como papel. — Eu estive com a Grace naquela manhã. Contei a ela que Ames queria falar comigo, e ela perguntou o que eu ia fazer.

— Tudo bem.

Desde o incidente, Grace faltara ao trabalho dois dias, alegando estar doente. O incidente. Era assim que Ardie tinha começado a chamá-lo em sua mente. Uma palavra que, como substantivo, significa acontecimento ou ocorrência, mas como adjetivo significa “que atinge ou afeta algo”.

— Vocês vão desistir do processo? — Katherine voltou a atenção para o reflexo.

— Não sei — respondeu ela, sinceramente. — Acho que vamos dar uma pausa em tudo por enquanto. — A advogada delas, Helen, tinha registrado a queixa formal e as condições da ação. Ela havia entrado em contato com o RH a fim de marcar um horário para discussão e mediação. Mas então Ames se jogou de uma sacada do décimo oitavo andar, e isso mudava tudo. Quanto, Ardie ainda não sabia afirmar. — Vamos esperar até o fim das investigações. Depois pensaremos na melhor maneira de proceder.

Estamos verificando todas as possibilidades, dissera a detetive quando ela e seu parceiro apareceram na sala de Ardie, com as armas presas nos cintos. A Truviv era uma empresa grande e conhecida. As pessoas em Dallas iam acompanhar o caso. Então, Ardie entendia por que a polícia tinha que fazer perguntas, esgotar todas as possibilidades.

— Às vezes acho que sou amaldiçoada. — Katherine disse para a versão de si mesma, qualquer que fosse ela, que via no espelho. — É como se o universo achasse que eu deveria estar trabalhando em alguma fábrica ou fritando hambúrgueres em Boston e quisesse restabelecer o equilíbrio. — Sua voz soava alta demais. Ela baixou as mãos e respirou fundo. — Brincadeira. Se eu realmente achasse que as coisas funcionam dessa maneira, não estaria aqui. Estaria?

Seu rosto se transformou e, como mágica, Katherine ficou bonita novamente.

— Eu tenho certeza de que você não tem nada com que se preocupar.

Era uma ideia tão reconfortante que Ardie decidiu que também acreditaria nela.

Transcrição do interrogatório de Sloane Glover

Parte I

13 DE ABRIL

PRESENTES:

Detetive Malika Martin

Detetive Oscar Diaz

AUTOS

DET. DIAZ: Sra. Glover, é verdade que, em determinado momento, a senhora disse "Seria mais fácil simplesmente matá-lo" se referindo a Ames Garrett?

SRA. GLOVER: Não tenho certeza de que tenha sido exatamente isso que eu disse, e se foi, era brincadeira. Quando estávamos pensando em como proceder – se íamos ou não entrar com uma ação por assédio sexual –, posso ter apontado que, em termos de logística, uma coisa seria mais simples que a outra. Mais uma vez: de brincadeira.

DET. DIAZ: E você costuma brincar a respeito do assassinato de alguém, alguém que – devo salientar – está morto, sra. Glover?

SRA. GLOVER: Obviamente, detetive Diaz, decidimos processá-lo e não matá-lo. Fazer as duas coisas teria sido suicídio, não acha? Peço perdão pela péssima escolha de palavras, mas o senhor entendeu o que eu quis dizer.

DET. DIAZ: Há câmeras de segurança nos elevadores.

DET. MARTIN: A senhora entrou no elevador logo após a morte de Ames Garrett. Na verdade, a senhora, Grace Stanton, Adriana Valdez e Katherine Bell estavam todas em elevadores por volta da hora da morte do sr. Garrett.

SRA. GLOVER: Tenho certeza de que sim. Afinal, é um prédio de escritórios.

CAPÍTULO 37

17 DE ABRIL

A mulher de pé no saguão do prédio da Truviv tinha a postura de alguém que começava a se acostumar a conseguir o que queria. Não tinha exatamente porte de modelo, mas era alta e elegante, e com certeza estava mais perto disso do que Sloane, que só tinha sido chamada de “explosiva” ou “ousada” (inexplicavelmente, palavras que não costumavam ser usadas para descrever mulheres mais altas). O cabelo ruivo da mulher — nem de longe natural — estava preso em um coque banana, e seu nariz reto era digno de uma estátua grega. Outra mulher, mais jovem, talvez na casa dos trinta anos, e um homem grisalho e bonito a acompanhavam, como dois acessórios de luxo.

— Cosette? — Sloane se aproximou rapidamente da mulher, que usava os polegares para digitar uma mensagem no celular. Tocou seu cotovelo com delicadeza. — Oi, sinto muito, mas nós tínhamos alguma reunião marcada?

Sloane já estava fazendo um inventário dos compromissos da semana, mas nenhuma lembrança de uma reunião com Cosette lhe veio à mente.

Cosette Sharpe colocou o celular no bolso do blazer. Sorriu para Sloane e se inclinou para lhe dar dois beijinhos nas bochechas.

— Não, não. Eu acabei de chegar.

Como se alguém *simplesmente* acabasse de chegar de Nova York. Um Rolex com diamantes incrustados despontava debaixo da manga. Custava, no mínimo, quarenta mil dólares, pelas contas de Sloane. Ela fez um gesto para que os dois colegas lhe dessem licença, e um arrepio, tão frio quanto os quilates no pulso de Cosette, percorreu o corpo de Sloane.

Cosette era uma ex-colega de faculdade, bem próxima de Jenny, uma das melhores amigas de Sloane. Sete anos antes, Jenny tinha marcado um encontro para que as duas tomassem um café enquanto Cosette estava “na cidade”. Ela havia feito uma proposta para ficar com a maior parte do trabalho externo de fusões e aquisições da Truviv, e Sloane foi pessoalmente falar com Ames para defender essa ideia, porque se esforçava para fazer esse tipo de coisa por outras

mulheres quando estava a seu alcance. Agora, Cosette era a sócia de relacionamento de uma empresa que fazia parte da Fortune 500, e Sloane tinha uma excelente assessoria jurídica externa, além de receber uma caixa de Veuve Clicquot todo Natal. Todo mundo saiu ganhando.

Sloane encarou Cosette, tentando detectar se ela havia feito ou não outra plástica.

— Sloane. O conselho me chamou para cuidar do processo de assédio.

Com uma notícia dessas, ela poderia pelo menos ter começado com um pedido de desculpas!

— Você não trabalha com processos litigiosos — disse Sloane.

— Eu sei. Pode acreditar, falei isso para eles. Mas somos um grande escritório. Trouxe outros membros da nossa equipe. — Ela indicou com a cabeça os dois advogados que olhavam para seus celulares. — A Truviv se sente segura conosco. E, como sócia de relacionamento, estarei aqui para aconselhar a empresa.

— Não é possível. Isso só pode ser brincadeira.

Sloane precisou de todo o seu autocontrole para não soltar um palavrão.

— Olha. — Cosette se aproximou. — Aqui entre nós, você sabe que estou inclinada a acreditar em vocês. Mas a Truviv é um cliente importante para nosso escritório, sobretudo para mim. Não é nada pessoal.

— Eu consegui esse trabalho para você, Cosette. — Uma onda de calor subiu pelo peito de Sloane. — Você me procurou pedindo ajuda. As mulheres da área jurídica têm que se unir. — Ela adotou uma voz falsamente doce. — Acho que essas foram exatamente as suas palavras.

Ela inclinou a cabeça e esperou pela resposta, ao mesmo tempo que se perguntava quanto tempo os seguranças na cabine do outro lado do saguão levariam para chegar se ela torcesse o pescoço de Cosette. (Era só uma ideia.)

Cosette apertou o ombro de Sloane.

— Eu não esqueci e, acredite, vou fazer tudo o que puder para ajudá-la do meu lado da mesa, está bem?

Lá estavam as piscadas exageradas outra vez. Derek provavelmente estava certo, não era sua melhor expressão, mas...

— Hum, não, Cosette. Não está nada bem.

Ela tirou a mão que estava em seu ombro.

Cosette suspirou. Seus dentes inferiores estavam começando a se projetar.

— Estou ajudando a causa do meu jeito, entende? Sou a sócia mais jovem no comitê executivo e sou mulher. Não é uma mensagem tão ruim assim para as jovens, não acha? E posso fazer minha parte de dentro. Mais poder, mais

influência.

Cosette alisou a blusa, endireitando a postura para ficar ainda mais alta.

— Espero que você tenha feito um aquecimento antes de realizar uma ginástica mental como essa.

— E eu espero é que possamos retomar nosso relacionamento profissional quando tudo isso acabar. — Ela sorriu. — Posso até ajudá-la a encontrar um emprego em outro lugar, com salário melhor, se você decidir assim. Da mesma forma como você me ajudou. Você é uma ótima advogada.

Cosette uniu as mãos e, em vez de apertar a mão de Sloane, fez uma pequena reverência antes de voltar para perto dos colegas, que esperavam diante dos elevadores.

Sloane esperou que ela se afastasse alguns passos.

— E você é uma vaca.

As palavras ecoaram no saguão, e Sloane achou ter visto as costas de Cosette se enrijecerem.

CAPÍTULO 38

17 DE ABRIL

— A Cosette está aqui.

Sloane acreditava que amigas de verdade não batiam na porta nem tocavam a campainha; elas simplesmente entravam e se serviam de qualquer garrafa de vinho aberta que houvesse na geladeira. Aplicara essa filosofia a vida inteira.

— Onde? — perguntou Ardie, sentada a sua mesa.

Era quase cômico como elas continuavam ali, diante de suas mesas, como se tudo estivesse perfeitamente normal. Uma ação judicial. Um chefe morto. Uma — ela se atrevia a pensar nisso? — investigação de homicídio. E ali estavam elas, vestindo seus ternos da Theory e salvando rascunhos no iManage como se isso tivesse *alguma* importância.

Exceto Grace. O que diabos Grace estava fazendo?

Sloane andava de um lado para outro no pequeno espaço no qual Ardie havia sido alocada no décimo quinto andar, e, pela primeira vez, isso não tinha absolutamente nada a ver com bater a meta diária de passos.

— No prédio, Ardie. Cosette Sharpe está neste prédio neste exato momento. Está sentindo? — Ela inclinou a cabeça em direção ao teto. — Acho que o ar até ficou mais frio.

— Por que ela está aqui?

— Eu vou dizer por quê. Ela está ajudando com o caso de assédio sexual. O *nosso* caso de assédio sexual, Ardie. E não é do nosso lado. Ela está ajudando a Truviv.

Ela girou o dedo no ar para demonstrar.

— Uau.

Sloane rangeu os dentes como um pilão em um almofariz.

— Até tu, Cosette?

— Mas... — começou Ardie, e Sloane percebeu que ela tentaria ser racional. Por que Sloane insistia em se cercar de pessoas tão racionais? Que erro. — Talvez isso signifique que eles estão realmente levando a questão a sério. Nossas

alegações.

Isso fez com que Sloane parasse subitamente diante da ficus-lira no canto da sala.

— Você acha? — perguntou ela, analisando a ideia.

Ardie deu de ombros. O problema de Ardie era que ela não levava em consideração os *sentimentos* das pessoas quando escolhia dar ou não boas ou más notícias. A notícia simplesmente era o que era: notícia. O que significava que Sloane podia confiar nela. Ela era uma bússola apontando para o norte. E havia indicado a Sloane a direção de uma possibilidade que passara despercebida.

— Talvez você tenha razão — disse ela, se acalmando um pouco. — Isso seria uma preocupação a menos.

Seus olhos se encontraram. Uma admissão discreta e não intencional.

E, sinceramente, não era como se Sloane estivesse *preocupada* com a investigação em si. Ou será que “sinceramente” era algo que apenas os mentirosos diziam? Ela precisava se lembrar disso dali em diante.

A polícia tinha ido recolher os pertences de Ames. No dia que os peritos criminais chegaram para encaixotar tudo que havia na sala, Sloane se perguntou o que encontrariam. A atmosfera no escritório foi tomada por um burburinho, todos alertas diante da possibilidade de obter informações bombásticas, qualquer uma, para compartilhar. Era como se todos estivessem observando as pessoas que carregavam o caixão em um enterro para o qual nenhum deles havia sido convidado. Aplicativos de bate-papo apitavam com as mensagens dos sedentos por informações, famintos por qualquer migalha. *Encontraram alguma coisa? Havia um bilhete? Aquelas mulheres estavam chantageando o Ames? Ele realmente escreveu a palavra adeus na sacada? Por que ainda estão investigando?*

Muitos dos colegas de Sloane tinham inventado desculpas esfarrapadas para ir até o balcão das secretárias, feito cópias ou ido ao banheiro um número desmedido de vezes a fim de dar uma olhada no transporte do computador de Ames ou na remoção de sua galeria de fotos com famosos. Uma teoria popular havia surgido, sugerindo que Ames tinha escondido uma carta de suicídio atrás de uma das fotos, mas até aquele momento nada havia sido encontrado. Nem mesmo Beatrice conseguira obter informações confiáveis.

Não saber era o problema. Se ele não tinha pulado, alguém devia saber alguma coisa... Mas quem? Sloane havia feito uma lista de suspeitos.

Katherine estava agindo de maneira estranha, mas a verdade é que ela *era* um pouco estranha. Provavelmente sentia que, de certa forma, havia desencadeado tudo aquilo. A morte de Ames tinha acontecido logo depois que elas entraram

com a ação, que surgiu logo após a história de Katherine. Então, sim, ela foi um catalisador. Grace não tinha ido trabalhar desde o dia da morte de Ames. Esquisito, sim, mas ela também andava tão sensível desde o nascimento de Emma Kate que talvez estivesse tentando se poupar do estresse. Ou talvez estivesse de fato doente. Pelo menos Ardie parecia impassível como sempre.

Sloane queria saber o que realmente havia acontecido e se suas amigas estavam escondendo alguma coisa, mas ainda não tinha decidido como abordar o assunto.

Nunca se surpreenda. Era uma estratégia legal sólida. Nunca se surpreenda com o que o outro lado pode encontrar. E agora ela teria que enfrentar tanto Cosette quanto a polícia. Então, sinceramente, não era fundamental saber o que tinha acontecido antes da morte de Ames de forma a proteger a si mesma e suas amigas?

“*Sinceramente.*” Lá estava de novo. Aquela palavrinha irritante. Sloane se aproximou de Ardie e sussurrou.

— Como você acha que o sangue foi parar na sacada?

— Sinceramente, não sei.

CAPÍTULO 39

18 DE ABRIL

Quando Rosalita chegou no décimo quinto andar, Ardie estava ao telefone. A outra mulher a viu e gesticulou para que aguardasse. *Fique*, articulou com a boca. *Entre, entre*. Acenos gigantescos com o braço, deixando Rosalita sem escolha.

— Quando você vai voltar? — perguntou Ardie ao telefone.

Uma pergunta: por que ninguém em escritórios elegantes usava celular? Era uma espécie de distintivo de honra ficar acorrentado a uma mesa, um fio embolado como uma coleira puxando o funcionário de volta ao trabalho? Pensamentos aleatórios ocorreram a Rosalita enquanto ela esperava, como observar as rachaduras na parede para afastar o tédio. Ela tentava não ouvir, mas não era Salomon. Ela não era meio surda.

— Eu não sei o que pensar. — Ardie suspirou.

Ela virou a cadeira de lado, as calças franzidas como cortinas nos joelhos. Em outras circunstâncias, Rosalita teria ficado aborrecida por ser obrigada a ficar ali de pé. Poderia ter interpretado aquilo como um insulto, seu tempo menos valioso do que o dos advogados só porque o tempo dela literalmente valia menos.

— Não, eu não me arrependo de processá-lo, de processar... Sim, é lamentável. Mas é... Não tenho certeza... Provavelmente sim. No fim das contas. Mas a situação ainda é delicada. — Ela sorriu para Rosalita. — Você está bem? — Rosalita pensou que Ardie estava falando com ela e fechou a boca bem quando Ardie disse: — Estou preocupada. Você parece... Certo. Tenho que ir. Você tem dormido? Tente descansar um pouco. Tchau.

Ela colocou o telefone no gancho.

— Os problemas têm o poder de se multiplicar, não acha? — disse Ardie para Rosalita, que não sabia se isso era verdade, só que os problemas se espalhavam quando não eram tratados.

Ardie olhou para ela com expectativa, e a faxineira se lembrou da razão de estar ali. Algo maravilhoso.

— Eu trouxe uma coisa para você — disse, segurando um saco de papel pardo.

Ardie estreitou os olhos, cética. Em outra vida, elas poderiam ter sido irmãs. Primas, no mínimo.

— Achei que tivéssemos acertado tudo — disse ela, mas pegou o saco mesmo assim.

— Tamales. Tenho uma amiga que faz. Dos bons.

Os olhos de Ardie relaxaram. Ela abriu o saco e inspirou o aroma de milho cozido.

— Salomon ganhou a bolsa.

Ardie fechou o saco, amassando a borda.

— Ele passou? — Seus olhos se arregalaram. Um rubor invadiu suas bochechas.

Rosalita assentiu, um nó atravessando sua garganta.

Ardie se levantou de um pulo da cadeira, contornou a mesa e deu um abraço em Rosalita, apertando-a com força e beijando sua testa. Rosalita aceitou o gesto de carinho porque acalmava um anseio dentro dela. Quando se afastou, Ardie estava secando uma lágrima que ameaçava cair, e Rosalita tinha um sorriso bobo no rosto, os olhos brilhando de felicidade.

— Essa é a melhor notícia que recebi esta semana. — Depois de adultas, momentos em que mulheres ficavam genuinamente felizes uma pela outra eram difíceis de encontrar. Rosalita ficou grata. — Este mês. Talvez até este ano.

Já haviam se passado vários dias desde que Ames Garrett tinha se jogado da sacada. Dois funcionários da manutenção tinham usado uma britadeira para arrancar o bloco da calçada e em seguida despejaram com uma betoneira cimento fresco onde o corpo havia caído.

Aquilo tinha acontecido um dia antes de Salomon passar no exame de admissão do programa de bolsas de estudo da escola particular. Rosalita não contou isto a Ardie: como os dois acontecimentos estariam sempre ligados em sua mente, como seriam importantes de alguma forma.

Depois que as duas mulheres disseram tudo que havia para dizer — o que não era muito, considerando o acontecimento memorável que tinha se passado entre elas —, Rosalita foi embora para esperar até o anoitecer.

Ela cumprimentou Crystal sem seus resmungos habituais. Naquela noite, se movimentou pelo chão dos escritórios com uma eficiência singular, e até mesmo Crystal não precisou ser repreendida. Era dia de pagamento. A promessa de uma conta bancária cheia — ou melhor, menos vazia — aguardava.

A noite passou em uma monotonia agradável. Carpete fino sob os pés. Corredores abafados se iluminando. O murmúrio desafinado de Crystal

cantarolando para si mesma. Ou para o bebê. Rosalita se perdeu na própria mente, vagando por memórias felizes, a maioria com Salomon.

Ela viu um papel encharcado no mictório do banheiro masculino no décimo nono andar, o último do turno delas.

— Olha isso. — Crystal tinha encontrado outro, enfiado no ralo no fim da fileira.

Rosalita sentiu as narinas se dilatarem. Colocou as luvas de borracha e puxou a ponta dos dedos para desfazer a sucção. Pinçou o canto do primeiro pedaço de papel. Nele, uma fotografia de Sloane Glover sorrindo, tirada do anuário da empresa, tinha as cores borradas de mijo. Rosalita extraiu outros dois: o rosto da moça que havia acabado de ter um bebê, Grace, e, por último, Ardie. Ela tirou as fotos dos mictórios com a solenidade de alguém que vira um corpo encontrado sem vida em águas rasas e se depara com boca, olhos e pele inchados e encharcados.

— O que é isso? — perguntou Crystal, saindo do caminho enquanto gotas de urina deixavam um rastro no chão a caminho do lixo.

Rosalita tirou as luvas de látex. O cheiro de amônia se intensificou.

— Tiro ao alvo. É o que parece.

Rosalita queria tomar um banho para se livrar da podridão dos homens... das coisas que eles faziam quando achavam que ninguém estava olhando e, pior, quando não se importavam se alguém estivesse olhando ou não.

Rosalita e Crystal não terminaram de limpar o banheiro do décimo nono andar. Em vez disso, empurraram o carrinho de volta para o elevador e desceram até o subsolo, as costas latejando, as mãos ressecadas pelo desinfetante, os pés cansados.

Rosalita estava diante do supervisor agora.

— Soube de alguma notícia lá de cima recentemente? — perguntou ela quando ele lhe entregou o envelope com seu nome.

— Além de um cara que ganhava dez vezes mais do que eu se matando? Pff. Nem quero saber.

Rosalita pensou no vômito na lata de lixo no escritório daquele homem, imaginando se teria sido o primeiro sinal e se isso significava alguma coisa.

Distraída, ela pegou o envelope. Tinha alguma coisa acontecendo lá em cima. Ela havia flagrado a mulher de cabelo curto e o morto fazendo... fazendo *algo*. Tinha visto o vômito na lixeira. Descobrira que os homens nos andares executivos andavam urinando — literalmente, mijando — na foto de mulheres que trabalhavam com eles, mulheres que ela conhecia. Para essas três coisas

acontecerem em um período tão curto de tempo, pensou Rosalita, elas tinham que estar conectadas. Mas como?

* * *

Rosalita rasgou o envelope com o indicador, um pedaço de pele se abrindo como uma guelra sob o papel onde ele a cortou. Ela leu os números uma, duas, três vezes. Nunca tinha sido boa em matemática. Mas, fosse lá quantas vezes Rosalita olhasse, o cheque continha menos da metade do valor habitual.

CAPÍTULO 40

18 DE ABRIL

Vivíamos com a culpa da mesma maneira que outras pessoas viviam com condições médicas crônicas, só que nosso problema era ainda menos tratável, disso não havia dúvida. Tínhamos culpas para todos os gostos: culpa da mãe que trabalha fora, culpa da mulher sem filhos, culpa porque tínhamos recusado uma obrigação social, culpa porque tínhamos aceitado um convite para o qual sabíamos que não teríamos tempo, culpa por recusar trabalho e por não recusar quando sentíamos que já estávamos sendo exploradas demais. Sentíamos culpa por pedir mais e por não pedir o suficiente, culpa por trabalhar de casa, culpa por comer um *bagel*, culpa católica, culpa presbiteriana e culpa judaica, cada uma à sua maneira. Sentíamos culpa se não estivéssemos nos sentindo culpadas o suficiente, de tal forma que começamos a nos orgulhar dessa capacidade de funcionar sob conflito moral. Às vezes chegávamos ao ponto de sugerir a redução do nosso próprio salário simplesmente para aliviar a culpa de ter um emprego e ser mãe ao mesmo tempo.

Nós nos perguntávamos toda hora: estávamos fazendo a coisa certa? Estávamos estragando tudo? A gente gostaria de poder dizer que, diante de tudo aquilo, isso havia mudado, que adquirimos uma nova perspectiva. Em vez disso, simplesmente passamos um pouco mais de desodorante, abrimos o pacotinho de antiácido, preparamos nosso melhor sorriso falso e aperfeiçoamos nossas habilidades.

Porque descobriríamos que uma de nós realmente era culpada.

* * *

— Bi-bi!

Sloane abaixou o vidro da janela de seu novíssimo Volvo. Seu punho pressionou a parte macia do volante, que afundou como a moleira na cabeça de um bebê. O carro vociferou. Era a mãe dela que costumava atribuir palavras aos

ruídos — toc-toc, bi-bi, pou-pou —, e Sloane tinha revirado os olhos respeitosamente até dar à luz e de imediato começar a fazer o mesmo com Abigail. Aquilo tinha se tornado instintivo e ainda era; estava se transformando na própria mãe, dia após dia.

Ela parou com um solavanco na entrada de cascalho da casa de Grace e Liam. A porta da frente — pintada de azul-petróleo da Farrow & Ball — se abriu, e Grace apareceu na varanda.

Uma pashmina branca cobria seus ombros, dando-lhe a aparência delicada de um origami, os braços cruzados.

— Eu disse que não tinha certeza de que estava me sentindo bem para ir trabalhar hoje. — Ela estreitou os olhos, como se o sol a incomodasse.

Sloane nunca pedira a Grace que se juntasse a elas no processo contra Ames, mas recentemente tinha sido acometida pela preocupação incômoda de que a amiga pudesse ter se sentido pressionada, considerando que Sloane era sua superior, assim como Ames tinha sido. Sloane odiava preocupações, especialmente aquelas que a incomodavam.

Ainda assim, pouco importava agora que Ames estava morto e o processo, aberto. Sloane apenas sentia a necessidade urgente de reunir as amigas, trazê-las para perto, mantê-las sob sua asa. A borda do precipício nunca parecera tão próxima quanto nos últimos dias. Uma viga havia se materializado, e todas as quatro — Sloane, Ardie, Grace e Katherine — estavam agora equilibradas em cima dela. Um pé na frente do outro, o chão de concreto girando em uma espiral vertiginosa abaixo. Uma queda fatal, ela temia, poderia ser contagiosa.

Assim como um empurrão.

— Grace — disse ela, em meio ao ronco do motor —, sabe que precisamos de você no escritório. É... estranho sem você lá.

Grace, por sua vez, não discutiu. Ela não era de discutir.

Entrou em casa e voltou com a bolsa. No banco do passageiro, se sentou cuidadosamente ao lado de Sloane e colocou o cinto, as unhas cutucando as costuras do banco de couro.

— Quer conversar? — perguntou Sloane, dando ré até a rua.

Sloane seguiu pelas ruas largas de Highland Park, onde policiais não tinham nada melhor para fazer do que chamar a atenção das pessoas por deixar de parar completamente o carro antes de atravessar um cruzamento vazio. Só depois de passarem pelo Highland Park Village, o shopping do bairro, com suas vitrines inacessíveis de marcas como Carolina Herrera, Fendi e Balenciaga, foi que Grace respondeu.

Seu olhar perfurava o para-brisa.

— Estou bem, de verdade. Desculpa. Você lembra como foi quando teve a Abigail. — Seus olhos se voltaram por um breve momento para Sloane: esperança e acusação. — A combinação de tudo que está acontecendo: Ames, a empresa, é coisa demais. Está me afetando.

— Você se sente... responsável? — perguntou Sloane, sabendo que isso poderia significar muitas coisas diferentes.

— Não. — Grace firmou as mãos. — Não sei. A detetive Martin ligou lá para casa. Eu me senti mal. Não tenho muito o que dizer a ela.

Aqueles olhares de soslaio uma para a outra eram traiçoeiros demais.

Sloane segurou o volante com mais força e umedeceu os lábios.

— Acho que talvez seja hora de você falar com a Katherine.

Ela estava se preparando para aquela conversa, avaliando o melhor momento para tê-la e com quem. Grace precisava de um propósito, e elas precisavam de Grace.

Sloane tinha quase certeza de que Ardie mentira para ela. Primeiro quando disse acreditar que a empresa havia chamado Cosette porque estava pensando em acatar as alegações delas, depois sobre outra coisa. Foi a maneira como ela disse “sinceramente” que fez Sloane desconfiar. Ardie sabia alguma coisa sobre alguém; Sloane só não sabia o que era e por que Ardie estava guardando segredo. Ela havia investigado um pouco, e Ardie não estava mentindo sobre a assinatura nos formulários da folha de pagamento, mas, por outro lado, por que mentiria a respeito de formulários da folha de pagamento? Então, Sloane se perguntou, o que Nancy Drew faria em seguida?

Nancy Drew não era uma mulher de meia-idade, sua idiota.

Ainda assim, ela queria ser a primeira a falar com Grace.

— Sim — respondeu Grace, simples e elegante como as pérolas em seu pescoço. — Concordo.

Elas pararam em um sinal vermelho e ficaram sentadas por um momento em silêncio. Então Grace disse:

— Ele estava tentando me manipular. Na verdade, foi por isso que me juntei a vocês, caso esteja se perguntando. Não podia deixar ele achar que tinha me enganado.

Sloane soltou um suspiro profundo.

— Como?

Grace riu baixinho e brincou com a ponta de uma das unhas.

— Ele me chamou para fumar com ele na sacada algumas vezes. Ele... —

Grace soltou uma espécie de solução — ... agiu como se estivesse genuinamente interessado na minha carreira.

Meu Deus, a Grace andava fumando? Fumando com o Ames? Uma pequena, minúscula parte de Sloane queria julgar a amiga — se vangloriar, na verdade. Ela se imaginou dizendo a Derek: *Dá pra acreditar? A sempre perfeita e correta Grace Stanton fumando enquanto amamenta. Eu nunca fiz isso. Quem é a melhor mãe agora?* Mas, Deus do céu, era Grace e, bem, Sloane não era exatamente uma santa, e Derek e Sloane não estavam exatamente se falando, então era tudo um pouco improvável, na verdade. Ainda assim, a notícia era inegavelmente obscena. Grace e Ames. Cigarros.

— Onde vocês fumavam? — Ela achou que tinha usado um tom despreocupado. Quase despreocupado, de qualquer forma. Não havia maneira delicada de perguntar: *No décimo oitavo andar? Na sacada? Ah, viu algo incomum lá em cima? Como estava a brisa?*

— Em uma das sacadas. — Grace dobrou o dedo e o apertou nos lábios. — Assim que a Katherine nos contou que disse ao Ames que tinha me *encontrado* no Prescott, percebi como tinha sido idiota. Devo ter parecido um alvo ridiculamente fácil para ele. Me elogiar. Se oferecer para ajudar na minha carreira. Com isso eu ficaria do lado dele, e o mais triste é que fiquei. — A borda do dedo ficou manchada com o vermelho vivo do batom.

Sloane franziu a testa.

— Uma coisa não invalida a outra, sabe — disse Sloane. — Ele deve ter realmente visto algo promissor em você e se ofereceu para ajudar.

— Talvez. Mas vi a chave do quarto, um daqueles cartões magnéticos. Do Prescott. Quando ele me mostrou uma fotografia dos filhos. Mesmo que nada tenha acontecido naquele quarto, ele ficou com o cartão porque queria que algo acontecesse. Acho que era por isso que ele queria tanto que eu escrevesse a carta. As pessoas tentam se aproveitar de quem é legal.

— O que você estava fazendo no Prescott? — perguntou Sloane.

— Dormindo.

Elas passaram pela Dealey Plaza, o lugar onde John F. Kennedy foi assassinado. Sloane nunca passava por ali sem ter pelo menos um pensamento fugaz: sangue e cérebro.

— Você alguma vez viu a Katherine lá em cima? Na sacada?

Era uma possibilidade remota, mas Sloane não tinha escolha a não ser tatear no escuro, na esperança de esbarrar em alguma coisa. Ela não gostava da ideia de que a única pessoa que tivera a oportunidade fosse Grace. Mas, não, isso não

faria sentido, porque ela nunca tinha ouvido a amiga sequer deixar de dizer “por favor”.

— Acho que ela não andava por lá. A Katherine tem pavor de altura.

Quando estavam quase chegando ao escritório, Sloane pensou em outra coisa.

— Então o que houve? Por que você desapareceu? Está se sentindo culpada? Por quê? Por processar o Ames? Por acreditar nele? Pelo quê?

Grace apoiou a cabeça no banco.

— Eu me senti culpada por tantas coisas nos últimos meses que nem sei por onde começar.

Sloane estendeu o braço por cima do porta-copos, ainda ocupado por duas latas vazias de Coca Diet, e apertou a mão de Grace.

— Bem-vinda à maternidade — disse ela. E então: — Ei, cadê sua aliança?

CAPÍTULO 41

18 DE ABRIL

Grace hesitou em frente à sala de Katherine, ainda fora de vista, protegendo-se das implacáveis paredes de vidro. Ela tocou no dedo anelar esquerdo. *Tirei para mandar limpar*, dissera a Sloane, o que, estritamente falando, era verdade.

Grace entrou na sala e fechou a porta com suavidade.

— Você voltou — disse Katherine.

— Voltei. — O coração de Grace não conseguia se decidir em que ritmo estava a fim de bater. Ela precisava pedir duas coisas a Katherine. A questão era qual das duas pedir primeiro. — Você sabe que a gente jamais pediria algo que você não se sentisse confortável em fazer, né?

Era uma péssima maneira de começar. Uma versão daquelas mesmas palavras provavelmente tinha dado início a todo aquele caso sórdido em primeiro lugar.

Katherine franziu a testa, confusa.

Era importante que Grace não estragasse as coisas. Que não estragasse nada. Mas, apesar de ter passado dias dormindo, estava com dificuldade de organizar os pensamentos. Ela jurava que alguma coisa acontecera com seu cérebro, algo anatômico e detectável, desde o nascimento da filha.

Bem-vinda à maternidade, dissera Sloane.

Mas será que na verdade era isso que todos queriam dizer quando falavam em “cérebro de mãe”?

— Desculpa, vou explicar melhor. — Grace começou de novo. — Sloane, Ardie e eu estamos pensando nos próximos passos. A mídia, o pessoal da Truviv... está todo mundo distorcendo a história, agindo como se o Ames fosse um santo. Agora a Truviv contratou um grande escritório de advocacia de Nova York, e queremos ter certeza de que nosso lado não será esquecido no meio de tudo isso, e que não sejamos difamadas pelas circunstâncias. Agora que o Ames morreu, achamos que talvez você se sentisse mais confortável em compartilhar sua história.

Grace se deteve antes que dissesse algo como “você precisa ser corajosa” ou

“seja forte”, graças a Deus. Também resistiu ao impulso ainda mais persistente de dizer que havia “rezado” pensando naquela questão e que agora estava recorrendo a Katherine porque se sentira “no dever” de fazer aquilo — métodos populares de manipulação no círculo social de sua mãe.

Katherine estava fazendo um movimento estranho com a mandíbula, e Grace pensou ter ouvido um leve estalo, o que provocou uma dor psicológica na própria boca.

— Eu...

— Achamos que realmente poderia ajudar. — Grace começou a falar exatamente na mesma hora que Katherine, e, quando isso acontecia, ela tomava a decisão consciente de terminar sua frase para evitar o educado “não, não, pode falar” de duas pessoas tentando conversar fora de sincronia.

— Entendo — afirmou ela. — Vou compartilhar o que aconteceu. Não é um problema.

Ames havia manipulado as duas. Era engraçado como, mesmo quando aquilo que as pessoas compartilhavam era desagradável, a parte que mais importava era o fato de ser algo em comum. Essa era a teoria por trás dos rituais de trote, Grace imaginava, e ela havia explorado isso com Katherine para fazer com que a outra concordasse em fazer o que o grupo precisava que ela fizesse.

Mas havia outra questão. Havia o que Grace precisava. E o que ela precisava era parar de sonhar toda noite que se jogava de um prédio, acordando um segundo antes de seu corpo atingir o chão.

— Não tivemos tempo de conversar. Depois — disse Grace. A etiqueta em seu vestido Tory Burch estava pinicando nas costas. Os olhos de Katherine eram grandes, castanhos e atentos. — Você conseguiu se encontrar com o Ames?

Ele quer falar comigo, dissera Katherine. Se bem que àquela altura Grace estava tão exausta, depois de uma semana de treinamento do sono com o método Babywise, que era quase possível que tivesse imaginado coisas. Será que Grace... Será que Grace estava paranoica?

— Eu só queria saber se você chegou a, bem, *procurá-lo*...

As duas se encararam por um instante.

— Não. Quer dizer, tentei encontrá-lo, mas não consegui. Não conversamos.

— Katherine abriu um sorriso abatido. — Acho que ele tinha... Bem, ele devia ter outros planos em mente, no fim das contas.

Será que Katherine estava dizendo a verdade? Será que ela, na realidade, tinha *visto* alguma coisa? O que ela sabia?

— Provavelmente foi melhor assim — concluiu Grace, o clima pesado entre as

duas.

Quando Katherine passou a mão pelo cabelo, Grace notou uma linha aquosa de sangue, uma faixa vermelha de pele em carne viva que se estendia pela base da unha do dedo indicador.

* * *

Algun tempo depois, Sloane e Ardie se juntaram às duas para acompanhar Katherine até o departamento de recursos humanos. Grace abraçou a colega, as omoplatas delgadas dela afundando em suas mãos. Elas disseram as coisas que amigas falam nos momentos em que não há muito a dizer. Disseram a ela que tudo ia ficar bem, que ela estava fazendo a coisa certa, que estavam ali para apoiá-la, que ela era incrível, e era quase impossível imaginar algo parecido acontecendo com um grupo de amigos ou colegas homens. Grace viu Katherine desaparecer atrás do vidro fosco, e as três esperaram mais alguns segundos até ficar claro que não eram mais necessárias ali.

Tudo ficaria bem. Ela estava fazendo a coisa certa. As amigas de Grace estavam lá para apoiá-la. Mas, quando entrou novamente no elevador, seu reflexo obscurecido nas portas de metal fosco, Grace se perguntou quando, se é que isso aconteceria um dia, deixaria de pensar nas últimas palavras que dissera a Ames Garrett lá em cima naquela sacada.

* * *

Três horas depois, Grace ainda não tivera notícias, tampouco Ardie e Sloane, mas era fácil se convencer de que aquilo era normal, por mais relativo que esse termo fosse naquelas circunstâncias. Ela poderia pensar em algumas razões. A empresa estava considerando um acordo depois da denúncia de Katherine. Talvez outras mulheres também compartilhassem suas histórias. Grace tinha ouvido falar que algo assim acontecera em uma emissora nacional de TV. Um efeito cascata. Talvez a diretoria estivesse esperando para anunciar o nome do próximo presidente antes de encerrar aquela questão de assédio — boas notícias para amenizar as más.

Mas então ela viu dois funcionários do prédio tirando caixas do escritório de Katherine e seu coração disparou. *Toc, toc, toc, quem está aí, Grace?*

Ela foi até lá.

— Com licença. — Grace sinalizou para eles. — O que exatamente vocês estão fazendo?

Katherine tinha sido demitida. Grace não conseguia acreditar. Katherine tinha razão de não se arriscar a ir contra a empresa. Ela deveria ter se juntado a elas no processo ou ficado calada. *O RH não é seu aliado!* Tinha lido isso em algum lugar, mas nunca suspeitara de que fosse verdade.

Os funcionários do prédio pararam de empurrar o carrinho. Um homem com um bíceps da grossura das coxas de Grace olhou para ela, de alto a baixo.

— Estamos transferindo os pertences da srta. Bell para um escritório temporário no andar de cima.

— No andar de cima?

Grace tinha um olhar de preocupação que era ao mesmo tempo sincero e dissimulado. Sua tensão diminuiu. O pico de culpa caiu para o nível anterior, que já era alto, mas pelo menos suportável.

— Sim, senhora.

— Por que lá em cima?

O homem pigarreou.

— Imagino que seja porque é onde a srta. Bell vai ficar agora. Esta é a sala certa, não é? — Ele semicerrou os olhos, passando o dedo na primeira letra na placa de identificação, cujo resto dizia claramente: KATHERINE BELL.

— É, sim — respondeu Grace.

Ele deu de ombros e levantou as caixas do chão novamente. Ela não fez nada para impedi-lo.

Um homem vestindo uma camisa polo úmida estava parado na frente de sua sala quando ela voltou.

— Grace Stanton?

Ele usava calça cáqui e estava com a testa brilhando.

— Sim, sou eu.

Ele carregava um envelope na altura da cintura, e ela notou esse fato com o mesmo pânico surreal de alguém que tem o cano de uma arma apontado para a cabeça.

— Grace Marie Stanton. — Ele estendeu o envelope, e ela teve um impulso de autopreservação de sair correndo sem olhar para trás. — Você foi intimada.

Transcrição de depoimento

26 DE ABRIL

Sra. Sharpe: Diga seu nome, por favor.

Testemunha: Katherine Bell.

Sra. Sharpe: Qual é sua ocupação, srta. Bell?

Testemunha: Sou advogada na Truviv, Inc., na área de direito corporativo e empresarial.

Sra. Sharpe: A senhorita conhecia Ames Garrett?

Testemunha: Sim. Apenas depois que comecei a trabalhar na Truviv. Ele era o diretor jurídico. Eu me reportava a Ames e também a Sloane Glover, que trabalhava diretamente abaixo dele.

Sra. Sharpe: Qual era sua impressão do sr. Garrett? Como foi a experiência de trabalhar para ele?

Testemunha: Eu o achava extremamente inteligente. Ele me recrutou em um escritório de advocacia em Boston, e fiquei grata pela oportunidade. Eu nunca tinha trabalhado no departamento jurídico de uma empresa, então ele se dispôs a me orientar para que eu me inteirasse de tudo. Ele dava trabalhos interessantes para os advogados sob sua supervisão. Fiquei realmente animada quando soube que ele tinha a possibilidade de ser promovido a presidente da empresa. Imaginei que isso seria visto como algo positivo para o departamento jurídico.

Sra. Sharpe: Ele já fez alguma tentativa indesejada de aproximação? Alguma vez a tocou de alguma forma inapropriada?

Testemunha: Não.

Sra. Sharpe: Já o testemunhou fazendo esse tipo de abordagem no escritório com outras mulheres? Testemunhou algum comportamento do sr. Garrett que pudesse chamar de "assédio sexual"?

Testemunha: Não.

Sra. Sharpe: Estava ciente de que havia outras mulheres no escritório que tinham outra opinião e que, na verdade, planejavam processar o sr. Garrett e a Truviv, Inc.?

Testemunha: Sim.

Sra. Sharpe: Como ficou sabendo disso?

Testemunha: Desde que comecei a trabalhar lá, ficou bem claro que a Sloane e a Ardie odiavam o Ames. Eu não tinha certeza de como a Grace se sentia em relação a ele, mas a Sloane era a chefe, então nós todas meio que tínhamos que compactuar com ela. A sensação era de que ou você fazia parte do grupinho ou estava fora. Estava do lado delas ou contra elas. Eu sentia que, para fazer parte do grupo, tinha que estar disposta a ouvi-las reclamar do Ames. Era muito parecido com efeito manada. A Sloane era minha superior direta, então eu queria cair nas graças dela. Almocei e saí algumas vezes com as três — eu tinha acabado de ser contratada —, e logo ficou claro que elas estavam elaborando uma espécie de vingança pessoal contra o Ames. Era tipo um passatempo. Elas praticamente só falavam disso. Quero acreditar nas mulheres. De

verdade. Mas a Sloane ficou satisfeita demais depois de acrescentar o nome do Ames à lista de homens CILADA. Era como se estivesse se gabando.

CAPÍTULO 42

20 DE ABRIL

Nunca entendemos essa tendência a sermos subestimadas, nós que tínhamos sido batizadas e dávamos à luz em meio à dor, que sorriamos e suportávamos angústias enquanto aplicávamos delineador com uma precisão cirúrgica. Fazíamos as sobrancelhas, depilávamos o buço, ficávamos com a pele irritada depois de raspar a virilha, passávamos lâminas nas cavidades arredondadas de nossas axilas. Os sapatos faziam bolhas nos nossos calcanhares e deformavam a planta dos nossos pés. Suportávamos o trabalho de parto, o parto em si e as cesarianas, durante as quais os médicos literalmente colocam nosso intestino numa mesa ao lado do nosso corpo enquanto estamos *conscientes*. Fazíamos tratamentos faciais com ácidos. Aplicávamos botox na testa, preenchíamos os lábios e colocávamos silicone nos seios. Furávamos as orelhas e usávamos calças apertadas demais. Tomávamos muito sol. Castigávamos nosso corpo na aula de *spinning*. Todos esses pequenos sacrifícios para parecer mais esbeltas e elegantes — a fêmea da espécie. O sexo frágil. Secretamente, tudo isso endurecia nosso couro, afiava nossas garras. Éramos mais fortes do que aparentávamos. A única diferença era que agora finalmente estávamos deixando isso transparecer.

Ardie já esperava que a reunião fosse difícil. Cosette Sharpe estava sentada do outro lado da mesa, os cotovelos pontiagudos projetados para os lados enquanto cruzava as mãos.

Com oito pessoas na sala de reunião, Ardie achou que podia sentir o oxigênio rareando.

— Um processo civil por morte indevida, Cosette. — Sloane bateu a mão na pilha de documentos. Tinha a tendência de enunciar as palavras com uma exatidão excessiva quando ficava irritada, como se a sala inteira de repente falasse inglês apenas como segunda língua. — Você está nos processando por *morte indevida*.

Só para constar — na verdade, ela teria gostado de algum crédito nesse ponto —, Ardie nunca tinha gostado de Cosette Sharpe. Para os advogados de Nova

York, em geral, todo mundo que não era um advogado de Nova York era um idiota. Eles encerravam ligações com “Desculpe, mas tenho que ir”. Cosette Sharpe era culpada de ambos os crimes, mas não era ela quem estava sendo julgada ali.

— Fico feliz que todos nós tenhamos a oportunidade de nos reunir e conversar. — Os olhos de Cosette eram próximos demais para que ela fosse bonita. Ardie não tinha o hábito de criticar a aparência de outras mulheres, especialmente quando não era relevante, mas se permitia fazer isso vez ou outra, quando a ocasião e a pessoa justificavam.

— Por que nos processar? Qual é o objetivo? — perguntou Grace, suavemente.

Abrir um processo contra elas não só significava que o pessoal da Truviv não estava considerando um acordo com o pagamento de uma indenização por assédio sexual, como também estava, na verdade, decidido a *exigir* dinheiro de Grace, Ardie e Sloane em nome da empresa e da família Garrett pela morte de Ames. O montante devido quando alguém era considerado responsável por uma morte indevida era calculado com base no valor literal da vida perdida. E Ames Garrett, para dizer o mínimo, era muito valioso.

Os danos poderiam incluir os custos com educação e formação, mais os salários que ele teria ganhado ao longo da carreira (aumentos e promoções incluídos), acrescidos das opções de compra de ações e bônus, danos morais e qualquer outra coisa que a Truviv decidisse que tinha lhe custado a perda de seu próximo presidente — em suma, eles iam pedir milhões de dólares.

— Embora nós da Truviv levemos as queixas de assédio sexual muito a sério, não vamos nos curvar diante de mulheres que acham que fazer falsas alegações é um bom caminho para conseguir dinheiro rápido. Isso abre um precedente ruim.

Ardie puxou as mangas da camisa.

— Não existe nenhum “nós”, Cosette. A Truviv é sua cliente. Nós somos parte da Truviv: Sloane, Grace e eu. Nós estamos levando isso muito a sério. Neste exato momento, parece que você está tentando transformar este caso em alguma matéria sensacionalista. — Ardie detestava advogados externos que se relacionavam com o cliente como se todos fizessem parte da mesma grande família feliz, quando, na verdade, esses mesmos advogados cobravam até o último centavo para cada seis minutos gastos digitando um e-mail. — O Ames se jogou de uma sacada do décimo oitavo andar, deixando para trás a esposa e dois filhos, e você está processando *a gente* por responsabilidade em morte indevida?

A mulher à esquerda de Cosette, de rosto redondo e parecendo prestes a

morrer de exaustão, empurrou um bloco de anotações com algo rabiscado na direção dela. Cosette leu por cima do nariz reto e assentiu.

— Supostamente. Mas, sim, essa é a teoria com a qual estamos trabalhando.

— Minha Nossa Senhora.

Sloane se recostou na cadeira. Não era um bom sinal que, tão no início do jogo, ela já estivesse recorrendo às expressões de sexagenária.

— Só por curiosidade: como você pretende argumentar que três mulheres são responsáveis pelo suicídio de um homem adulto?

Havia uma nota de exasperação na pergunta de Grace. Se alguém tinha ficado magoada com a traição de Katherine, esse alguém era Grace. Ela andava fria como aço desde que soubera que a colega testemunharia a favor da Truviv.

Por que ela faria isso? A gente conversou. Ela disse que contaria o que aconteceu. Por quê? Grace. Atordoada. Descrente.

Então, por quê? Ardie poderia supor. A Truviv tinha prometido alguma coisa a ela. Ela estava com medo. Ela só torcia para times que estavam ganhando, e tinha escolhido quem achava que seria o time vencedor (ela torcia para o Red Sox, afinal). Ou então havia outra coisa.

Ardie deveria ter falado com ela antes. Ou talvez nunca deversem ter deixado Katherine se envolver. Mas não adiantava chorar pelo leite derramado.

— Na verdade — Cosette empunhou a palavra como uma adaga —, temos que agradecer a Ardie e a Sloane por isso. — Os olhos de Sloane dispararam na direção de Ardie, cujas costas se retesaram infinitesimalmente. — Tivemos acesso à queixa que a Ardie escreveu a respeito do tratamento que a filha da Sloane estava recebendo na escola, que, aliás, estava *muito* bem redigida.

Cosette empurrou três cópias de outro documento na direção delas, uma carta em papel timbrado da Truviv, com a assinatura de Adriana Valdez, advogada, na terceira página. Claro, Sloane tinha escrito aquilo, não Ardie, mas eles só podiam saber a respeito por... Tinha que ter sido por Katherine. Seu coração disparou quando ela começou a ligar os pontos.

— O caso Laney Presper, Jackson Worrall e a Lei Matt Renard — comentou Cosette. — Tudo isso está relacionado a incidentes nos quais pessoas foram responsabilizadas nas esferas criminal e civil pela morte de vítimas de suicídio como resultado de assédio sistemático, que levou a vítima ao limite, por assim dizer.

Sloane começou a rir.

— Por favor, Cosette. Não é uma comparação justa.

Tinha soado algo irrelevante demais para se desabafar com Katherine, e ela

parecera fora o suficiente do círculo íntimo delas para se sentir segura. Ardie não tivera a intenção de ser tão maldosa. E recordou naquele momento, corando, quanto tinha sido.

— Os assediadores em sua queixa eram em sua maioria adolescentes. Não tinham consciência da seriedade de suas ações; eles estavam apenas começando a entender as consequências. Qual é sua desculpa?

Ardie sentiu a raiva ferver nas veias.

— Não estávamos *assediando* o Ames. — Sua voz era contida, não suave, mas todos os que estavam à mesa tiveram que se inclinar em sua direção para ouvi-la.

Cosette ergueu as sobrancelhas.

— Na nossa opinião, a lista de homens CILADA, à qual a Sloane acrescentou o nome do Ames Garrett, é uma forma de assédio virtual. Até o momento, ela já foi compartilhada nas redes sociais mais de três mil vezes. Considerando que não há provas de nada do que está na planilha, ela não serve a nenhum outro propósito que não seja difamar publicamente aqueles incluídos em um fórum on-line.

Cosette havia adotado um tom como se dissesse nas entrelinhas: “Trabalho no escritório de advocacia mais prestigiado, então é claro que estou certa.” A Truviv já havia investido dinheiro nisso. Cosette e sua equipe haviam sido pagos. Já tinham passado da fase de sondagem e averiguação. Estavam formulando argumentos. Ardie, Sloane e Grace estavam em maus lençóis.

— E os paralelos não param por aí — continuou Cosette, agora com a inflexão de uma corretora de imóveis exibindo um apartamento incrível. — Por exemplo, no caso Sedwick, o assédio moral começou quando a vítima iniciou um relacionamento com o ex-namorado da assediadora.

— Não estamos no ensino médio, Cosette — disse Sloane, sem se alterar.

— Mas não foi mais ou menos isso que aconteceu, Sloane? Você não ficou chateada quando pensou que o Ames, alguém com quem teve um relacionamento, tinha se interessado por uma mulher mais jovem, Katherine?

Era como se Ardie tivesse entrado em um universo paralelo. Se houvera uma oportunidade de Ardie lidar com aquilo de forma diferente, de se pronunciar, ela a havia perdido. Nunca tivera a intenção de acabar naquela situação, mas lá estava ela.

— A propósito, como está sua filha, Sloane? Acho que todos sentimos muito por estar aqui nessas circunstâncias. — Ela dirigiu olhares solidários para sua equipe, e Ardie viu Grace apertar a coxa de Sloane para acalmá-la. — Ainda assim, temo que não possamos ignorar que o fato de ter pedido a Ardie que

atuasse como sua representante legal é uma grave violação da política da empresa. Pedi à Truviv que deixasse isso de lado por enquanto, até que os assuntos em pauta sejam resolvidos, mas tenho certeza de que compreende a seriedade da questão. Motivo para demissão por justa causa, na verdade. A decisão da Truviv de não tomar medidas imediatas é extremamente generosa, dadas as circunstâncias. — Sloane apertou os lábios e não disse nada enquanto Cosette piscava, fazendo uma pausa, como se esperasse por um agradecimento. — Certo. Muito bem. Vamos todos pegar nossos calendários e começar a marcar os depoimentos — sugeriu ela, por fim.

A reunião terminou com a mesma cordialidade de uma negociação envolvendo reféns. Grace, Ardie e Sloane entraram no elevador. As portas se fecharam e ninguém se mexeu para apertar o botão.

— Então você contou para a Katherine sobre a Abigail? Sobre o memorando? — perguntou Sloane, uma falsa leveza na voz.

— Conte — respondeu Ardie, olhando para a frente.

— Quando?

— Depois da festa do Michael, acho.

Sloane assentiu, projetando o maxilar inferior para a frente.

— Então você foi reclamar de mim com a Katherine? Sloane, sua chefe irritante? Sloane, sua péssima amiga? — Ela abandonou qualquer resquício de calma. — Não sei por que envolveu a Abigail nisso. Acordo de confidencialidade entre cliente e advogada. Não foi o que disse a ela, Ardie? Não disse na *cara* da minha filha que não contaria nada pra ninguém? Agora isso vai virar conhecimento público, sabia? Aquele memorando vai ser incorporado ao processo como prova. As pessoas vão achar que... As pessoas vão achar que a Abigail estava realmente pensando em cometer suicídio. — Sloane respirou fundo. — A escola inteira vai ficar sabendo como aquelas crianças foram cruéis com ela, os xingamentos. Como se as coisas já não tivessem sido difíceis o suficiente para ela este ano. Ela confiou em você, Ardie. Isso sem falar que agora eu talvez nem tenha mais *emprego*.

Ardie sabia que não deveria ficar na defensiva, mas...

— Não escrevi aquele memorando, Sloane. *Você* escreveu. E nem ao menos pediu minha permissão. Você sabe que não é assim que costumo fazer as coisas. Se eles não tivessem o memorando, não estaríamos nesta situação.

— Essa não é a questão agora — retrucou Sloane, conseguindo controlar o volume da voz. — Você não tinha o direito.

— Bem, você também não tinha o direito de sair com o Tony. *E* a Braylee.

— Eu *não saí* com o Tony e a Braylee para ficar *reclamando* de você, Ardie. Eu não falei mal de você. *Eu* gosto de você de verdade.

Um borrão de rímel tinha se espalhado pelo topo da bochecha de Grace. Alguns fios de cabelo bastante maltratados pendiam de trás das orelhas.

— E parece que eles sabem sobre o caso. — Grace ergueu timidamente o dedo para intervir.

— Não olhe para mim com essa cara. Você não pode me culpar por *isso* — disse Ardie.

Só agora ela estava registrando que os alto-falantes no elevador estavam tocando uma animada versão para o rádio de “Cheerleader”.

O elevador começou a descer, os números decrescendo até desaparecerem e serem substituídos por uma seta.

Sloane batia seu sapato de salto vermelho ridículo no chão.

— Eu nunca teria reclamado de você, Ardie. E, definitivamente, não teria envolvido o Michael. E *nunca* teria colocado seu emprego em risco. Você realmente completou a trinca dessa vez.

— E eu nunca teria traído meu marido.

— Rá! Que bom que finalmente colocou isso pra fora — disse Sloane, sem malícia, razão pela qual, no fundo, apesar de todas as indicações do contrário, ela realmente era a melhor pessoa entre as duas.

Sloane pegou seu molho de chaves barulhento — com pelo menos seis chaveiros comprados para ela por Abigail e Derek em viagens de férias em família para lugares como Atlantis, Jackson Hole e Big Sur.

— Acho que estamos quites agora, né?

Sloane saiu do elevador sem dar a Ardie a chance de responder.

O saguão era grande, arejado e desconcertante. Quando Grace deu uma desculpa dizendo que precisava de uma salada — ou talvez um hambúrguer —, Ardie não fez qualquer menção de ir com ela. Um aviso de mensagem havia zumbido em seu bolso e, quando ela pegou o celular, o emoji de fogo brilhava na tela. Sem cerimônia, Ardie passou o polegar pela tela para abri-la.

SMUex-al75: Oi, gostei do seu perfil, quer se encontrar?

CAPÍTULO 43

26 DE ABRIL

Depois disso, elas não viram mais Katherine. Mas isso não significava que ela não estivesse lá. Ela se tornou um fantasma, assombrando-as. Parecia ainda mais próxima na imaginação delas, porque de repente se tornara intangível. Incorpórea. Escondida em algum lugar. Um espaço em branco para ser preenchido com motivações, histórico e astúcia. Na ausência dela, as outras três questionavam seu discernimento. Elas questionavam a si mesmas.

Os depoimentos começaram, depois de passados vários dias desde a última vez que Sloane tivera notícias dos detetives e sem indício algum do rumo que as investigações estavam tomando.

Sloane, Grace e Ardie haviam contratado Helen Yeh, do Scott, Wasserstein & McKenna. Na verdade, Sloane tinha cobrado um favor. Ela conseguira um estágio no Jaxon Brockwell para o filho de Helen no ano anterior, e agora ele era calouro na faculdade de direito da Universidade da Pensilvânia. Desde o início, Helen concordou em aceitar a causa em regime de contingência, o que significava que, se elas ganhassem alguma coisa, ela levaria 40%. Elas não tinham que pagar um centavo adiantado, embora estivesse rapidamente começando a parecer que não haveria um centavo a se ganhar, e Helen provavelmente estivesse começando a se perguntar quanto a formação jurídica do filho realmente valia para ela.

A estratégia da Truviv, ao que parecia, consistia em desgastar metodicamente a credibilidade das mulheres — sobretudo a de Sloane. Fazer com que suas alegações parecessem exageradas. Traçar uma linha tão clara quanto possível ligando a lista e o processo à morte de Ames. Horas se passavam, pontuadas por café morno retirado de uma garrafa térmica, durante as quais Sloane tinha que tomar cuidado com cada palavra que proferia. No fim da tarde, elas encerravam o expediente e Sloane, Ardie e Grace se reuniam em uma das muitas saladerias que povoavam o centro de Dallas. Durante essas reuniões, Sloane tentava animá-las. Ela repassava a linha de interrogatório — o caso que tivera com Ames era

irrelevante, a carta de Grace fora escrita sob coação, o que na verdade poderia ser interpretado como um ponto a favor delas. Elas eram funcionárias antigas e responsáveis, com um histórico de lealdade à empresa.

Mas não havia leveza alguma nesse tempo que passavam juntas e, de qualquer maneira, o tom de Sloane a entregava. Uma ponta embotada de mágoa ainda persistia pelo fato de Ardie ter *reclamado* dela. Será que Sloane era alguém sobre quem as pessoas se queixavam? Ela temia isso. Temia que Derek estivesse se preparando para deixá-la. (O que ele fazia todas aquelas horas sozinho no quarto de hóspedes?) Temia perder o emprego.

Ainda assim.

— Como eles podem dizer que algo que fizemos levou o Ames a se matar? — Sloane dizia diante de uma salada intocada de alface roxa e queijo de cabra.

Mas a conversa sempre voltava para Katherine.

CAPÍTULO 44

27 DE ABRIL

Grace fez um cheque para a babá quando voltou do terceiro dia de depoimentos. Ela havia encontrado a profissional, Julieta, por intermédio de um abrigo administrado por voluntários que ajudavam mulheres imigrantes a encontrar trabalho. A mulher tinha quase a mesma idade que Grace, dois filhos e uma compreensão moderada da língua inglesa — não que a patroa pudesse julgar, já que não falava uma palavra de espanhol. Grace sentiu a pontada usual de culpa quando escreveu a quantia que devia pela semana. Mulheres como Grace deveriam querer mais tempo para cuidar dos filhos, e mulheres como Julieta queriam mais dinheiro, também para cuidar dos filhos. A relação deveria ser mais simbiótica do que era.

Como Julieta já tinha ido embora e Liam ainda não voltara do trabalho, a casa estava silenciosa. Emma Kate estava deitada de costas, olhando para o ventilador de teto enquanto mexia as perninhas. A televisão estava desligada porque Grace tinha se certificado de que Julieta assinasse algo que suas amigas chamavam de “contrato de babá”. Aparentemente, era uma necessidade absoluta, a menos que você quisesse que a babá derretesse o cérebro em formação de seu bebê com ondas televisivas ou enfiasse Oreos em sua boquinha banguela enquanto os pais estivessem no trabalho. Grace tinha quatro câmeras instaladas na casa — que custaram 199 dólares cada uma — e uma assinatura mensal que dava a ela permissão de revisar a gravação do dia para ter certeza de que Julieta não estava beliscando a filha ou beijando-a na boca. Ela nunca checkou. Se servia de consolo, ela acreditava que Julieta estava cumprindo todos os requisitos acordados entre elas: colocar música clássica para Emma Kate ouvir por pelo menos quinze minutos por dia, ler dois livros antes de cada soneca, nunca esquentar o leite no micro-ondas, falar espanhol, esterilizar as mamadeiras, deixá-la duas horas de barriga para baixo e mostrar imagens em preto e branco para a bebê.

Grace ainda se sentia uma péssima mãe.

Ela afundou no sofá e ligou a TV. Emma Kate virou a cabeça, os olhos fixos

nas imagens piscantes, enquanto Grace citava mentalmente a mensagem no panfleto do dr. Tanaka: *Nada de tela antes dos dois anos!*

Se questionada sobre isso, ela mentiria.

E se sentirmos falta da nossa vida de antes?, perguntara Liam quando ela estava grávida de quatro meses. A doce liberdade de fazer caminhadas pelo bairro depois de escurecer era uma coisa da qual Grace não sabia que ia sentir tanta falta. *E se eu amar meu trabalho tanto quanto amo minha bebê?*, ela deveria ter perguntado de volta.

Por alguns minutos, Grace ficou sentada com os olhos vidrados em um episódio de *Friends* que ela conhecia de cor, lembrando-se de como, em alguns meses, quando Emma Kate fosse um pouco mais velha, ela deixaria de fazer aquilo. Grampos de cabelo se enterraram na parte de trás de seu crânio quando ela relaxou a cabeça nas almofadas do sofá e colocou os pés descalços no pufe de couro que comprara recentemente na Pottery Barn por mil dólares.

Isso lhe trouxe a lembrança: ela ainda precisava abrir uma poupança para pagar a faculdade de Emma Kate.

Um comercial começou a passar com o volume bem mais alto que o programa, tecnicamente uma violação regulamentar que Grace achava que merecia ser tratada com muito mais rigor do que apenas a Lei Dodd-Frank. Ela botou a televisão no mudo e se arrastou de joelhos até onde Emma Kate estava, colocando a língua para fora e babando. Se havia uma coisa que Grace definitivamente amava na filha, era seu hálito — inexplicavelmente doce. Ela pressionou o nariz no rosto de Emma Kate, que balançou os pés no ar e sorriu.

Emma Kate se parecia com Liam. Todo mundo dizia isso. Grace tinha lido em um de seus livros de pré-natal que se tratava de uma adaptação evolucionária, destinada a assegurar ao pai que a criança era dele, e por isso decidira não levar para o lado pessoal.

Fibras do tapete já estavam se acumulando no vestido preto de Grace. Se estivesse de calça, já teria trocado de roupa. Emma Kate parecia estar tendo uma explosão de energia inesperada, arrastando-se de costas e em seguida cruzando uma perna sobre a outra. Seu minúsculo rosto estava enrugado em concentração, a boca contraída no tamanho e no formato de um único Cheerio.

— Você consegue! — Grace se viu dizendo.

Ela assistiu enquanto a bebê chutava e se debatia, tentando fazer com que seu corpo lhe obedecesse. Como devia ser difícil ter tão pouco controle. Grace agarrava os fios do tapete. Percebeu que estava resistindo a ajudar Emma Kate não porque não queria, mas porque torcia por aquele momento de minúsculo

triunfo para a pequena pessoa a seu lado.

A bebê se contorceu. Seu macacão se franziu. E então, em câmera lenta, Emma Kate virou de barriga para baixo, e Grace bateu palmas. Sem querer. Ela aplaudiu a filha, que parecia desproporcionalmente satisfeita consigo mesma, e então — por que não? — Grace a ergueu e a girou no ar.

— Você conseguiu! Você conseguiu! Você é incrível! — disse ela naquela vozinha sussurrante infantil que antes acreditava ser apenas levemente menos insuportável do que quando as mães falavam com seus filhos em tom meloso em um nível de decibéis projetado especificamente para que as pessoas ao redor ouvissem: *Ah, não, Timmy, objetos de decoração são para ver com os olhos, não com as mãos!*

Grace fez um *high-five* em miniatura com a filha e — ela não queria agourar — pensou que as duas provavelmente tinham compartilhado o que algumas pessoas (não Grace, pelo amor de Deus) chamariam de um “momento mágico”.

Sem se sentir culpada, ela aumentou o volume novamente para ver *Friends* e relaxou no sofá, desta vez com a cabecinha de Emma Kate apoiada no ombro.

A campainha tocou. Balançando a bebê, Grace foi descalça até a porta e a abriu. Do outro lado, os detetives Martin e Diaz, com expressões exaustas idênticas, como se o cansaço também fosse fornecido pelo departamento.

Se lembrar de alguma coisa, ligue para nós, foi o que a detetive Martin disse.

Bem, Grace havia se lembrado de uma coisa. Ela pensara bastante naquilo.

A detetive Martin piscou. Uma sombra azul cintilante cobria suas pálpebras. O cabelo castanho se projetava como um algodão-doce da parte de trás da cabeça.

— A senhora disse que se lembrou de algo que poderia ser relevante, sra. Stanton?

Transcrição do interrogatório de Grace Stanton

Parte I

27 DE ABRIL

PRESENTES:

Detetive Malika Martin

Detetive Oscar Diaz

AUTOS

DET. MARTIN: Sra. Stanton, a senhora nos ligou porque se lembrou de algo que pode ser relevante para a investigação da morte de Ames Garrett. Para que conste dos autos, poderia repetir o que nos relatou?

SRA. STANTON: Pouco antes do suicídio, a Katherine foi até a minha sala e disse que o Ames queria falar com ela.

DET. MARTIN: A senhora sabe o que o sr. Garrett queria com ela?

SRA. STANTON: Não exatamente, mas ela deu a entender que era algo relacionado a uma discussão que os dois haviam tido pouco tempo antes, quando, pelo que entendi, ela rejeitou as tentativas de sedução dele.

DET. MARTIN: A senhora está ciente de que Katherine afirma que essas tentativas de sedução nunca aconteceram.

SRA. STANTON: Ela está mentindo.

DET. MARTIN: A senhora acredita que ela não está dizendo a verdade, e que Ames Garrett fez investidas sexuais em relação a ela.

SRA. STANTON: Acredito que ela tenha mentido para alguém. Ou não estava dizendo a verdade para nós naquela época ou não está dizendo a verdade para vocês agora. O que o senhor acha mais provável? Especialmente considerando que o Ames estava pagando o quarto no qual ela ficou hospedada no Prescott. Ela contou isso a vocês? Não só isso, mas vi uma chave do Prescott na carteira dele. Não tenho certeza se ainda estava lá quando ele... Quando ele morreu. Mas mesmo assim. Estava lá.

DET. MARTIN: Por que não mencionou essa informação em nossa conversa inicial?

SRA. STANTON: Só me ocorreu mais tarde. Havia muita coisa acontecendo. Não consegui organizar meus pensamentos. Mas compartilhei essa informação com minha advogada. Recentemente. A parte, pelo menos, sobre o Ames ter pagado a estadia da Katherine.

DET. MARTIN: Então o fato de só estar nos contando isso agora não tem nada a ver com o fato de que, desde nossa primeira conversa, Katherine se aliou a seu empregador, a Truviv, e prestou depoimento como testemunha contradizendo diretamente suas alegações e as alegações de suas colegas?

SRA. STANTON: Não, claro que não.

DET. MARTIN: Grace, você fuma?

CAPÍTULO 45

27 DE ABRIL

Sloane raramente chegava em casa e encontrava tudo às escuras — um dos pequenos luxos de ser a última a sair do trabalho —, mas naquela noite a casa parecia sem vida, como se a família que morava ali tivesse saído de férias e deixado apenas algumas poucas luzes acesas em pontos estratégicos para despistar os ladrões.

— Abigail! — gritou ela.

— Aqui em cima — uma voz fraca gritou de volta.

Sloane ouviu o som da TV ligada. Ela olhou para cima, como se pudesse ver a filha através do teto. Seu cérebro de mãe estava repleto de horrores nos quais uma menina poderia começar a se envolver se fosse deixada sem supervisão. Uma casa à prova de bebês é o de menos, Sloane gostaria era de ter uma casa à prova de meninas pré-adolescentes. Ela sumiria com lâminas de barbear, tesouras, qualquer coisa afiada, vasos sanitários e latas de lixo, revistas de meninas adolescentes e aplicativos de mensagens instantâneas, celulares, comprimidos, garrafas de bebida alcoólica e câmeras.

Sloane tirou o blazer e chutou os sapatos para baixo de um armário.

— O superintendente do distrito escolar ligou.

Ao ouvir a voz de Derek, ela se virou para a sala escura, sobressaltada, o coração batendo acelerado como o de um coelho preso numa armadilha.

— Você me assustou — disse ela.

A silhueta do marido escurecia o sofá. As luzes da rua que entravam pelas persianas iluminaram a borda externa de uma garrafa de cerveja verde-escura.

— Ele disse que ficou decepcionado ao receber nossa queixa.

— Eu nunca me referi a “nós” — garantiu Sloane, recostando o quadril na bancada de granito.

— Você entendeu. — Derek tomou um gole da cerveja. Ele sempre soava mais sulista depois de beber uma ou duas garrafas. — Ele disse que gostaria que não tivéssemos ameaçado entrar com um processo e esperava que mudássemos de

ideia. Mudássemos. Nós.

— Você não viu as mensagens de texto que a Abigail estava recebendo.

— Vi, sim. — Derek apontou o gargalo da garrafa para ela.

— Teve mais.

Ele riu, se levantou do sofá e ficou andando de um lado para outro.

— E você escondeu isso? Nossa, Sloane, isso não é do seu feitio.

Ela não cedeu à provocação.

— Eu queria poupar você — explicou ela. — Não queria envolvê-lo nisso. Então... Tomei uma decisão.

— Estamos falando do meu *trabalho*, Sloane — interrompeu Derek, batendo no próprio peito.

— Eu sei.

— Será? — Ele se virou para encará-la. — Porque tenho a impressão de que você acha que, só porque ganha mais do que eu, isso a torna mais *importante* para esta família. A tomadora de decisões, né?

— Eu não acho nada disso.

— Você pode até ganhar mais dinheiro, mas nós dois trabalhamos igualmente. Nós dois temos empregos de tempo integral. Você poderia trabalhar em outros lugares, Sloane. — Ele apontou o dedo para ela, erguendo o queixo. — Você não quer, mas poderia. Não há muitos outros distritos escolares na cidade.

— Eles não vão despedir você, e mesmo que fizessem isso...

— Mesmo que fizessem isso... o quê? O quê? Não importaria?

Ele passou as mãos no rosto. Tinha montado o balanço no quintal com aquelas mãos.

— Claro que *importaria*. Desculpa. Como eu disse, não queria envolver você nisso. O problema não é quem está lidando com a situação, Derek, o problema é isso estar acontecendo em primeiro lugar.

Por que ninguém parecia *entender*?

— Certo. Bem, espero que a Ardie e a Grace saibam no que elas se meteram.

E lá estava. Seu pior medo, exposto pela pessoa que mais amava. Ela era uma péssima embaixadora da causa. Era um risco. Tinha dito a si mesma que poderia ser uma emissária imperfeita para a mensagem delas, mas era a única disponível, então deveria ser melhor que nada. Mas agora elas tinham entrado com um processo; como resultado, estavam sendo processadas e, bem, talvez até coisa pior. Talvez até ramificações reais, permanentes e que podiam alterar a vida dela ou de uma de suas amigas. E ela não sabia como, nem onde, tudo aquilo terminaria. Só sabia que tudo aquilo tinha começado depois da morte de Ames. E

elas teriam que lidar com aquilo, o que quer que *aquilo* fosse. No fim das contas, e se ela ficasse sem nada? Nada poderia ser pior para Sloane do que perder tudo.

CAPÍTULO 46

28 DE ABRIL

Ela morava em uma casa que faria a *abuela* de Rosalita exclamar “Imagine só os impostos dessa propriedade!”, como se a família dela só se mantivesse longe daqueles bairros para evitar o desperdício com tributos exorbitantes. O carro de Rosalita, um Kia com dez anos de uso caindo aos pedaços, parecia destoar naquela vaga junto ao meio-fio, e ela se perguntou quanto tempo levaria para os vizinhos chamarem a polícia e, depois, quanto tempo a polícia levaria para chegar, considerando que eles não tinham nada para fazer em Highland Park além de distribuir multas por excesso de velocidade. Rosalita olhou para a casa. Lindos tijolos brancos. Arbustos bem podados plantados em vasos de terracota. Lanternas de ferro emoldurando uma porta cor de cereja. Uma entrada circular para carros que nem precisava ser usada, considerando a garagem para três veículos anexada à casa.

Imagine só os impostos dessa propriedade!

Rosalita cerrou os lábios e ergueu a pesada bolsa do banco do passageiro com estofamento de tecido. O verso de cortinas cor de marfim bloqueava as janelas. Os tênis de Rosalita tinham puído as bainhas da calça jeans, de modo que elas raspavam no chão com fios brancos e úmidos. O atrito com o jeans era o único som que seus sapatos faziam enquanto ela caminhava.

Ela tentou imaginar a mulher atrás da porta cor de cereja, morando na casa perfeita de tijolos brancos com plantas mais bem cuidada do que as pernas de Rosalita. Ela provavelmente escovava os dentes assim que acordava, gostava de gritar durante o sexo, usava pijamas combinando e lia matérias sobre alimentação saudável. Rosalita não queria aquela vida, embora compreendesse que essa possibilidade era como terminar com um homem que já tinha parado de ligar para ela havia meses. Nunca fora oferecida a ela.

Ela puxou a pesada aldrava de ferro — um anel na boca de um leão — e bateu na porta. Esperou, contando em voz baixa. Bateu novamente. Como não houve resposta, pressionou o polegar na campainha, coberta por um pedaço de fita

adesiva. O som reverberou pela casa. Rosalita conseguiu ouvir de onde estava, assim como os passos que se seguiram. Ela olhou para cima, distraída, e notou uma câmera instalada no canto da porta. Rosalita imaginou sua imagem refletida na lente olho de peixe, distorcida e arredondada, a cena inicial de um programa sobre crimes da vida real.

Então a porta se abriu e as duas mulheres ficaram cara a cara em lados opostos do umbral.

— Meu nome é Rosalita Guillen. Preciso falar com você.

Ela estendeu um envelope com uma caligrafia nítida no verso.

A mulher tinha a pele rosada coberta de sardas e um cabelo que parecia ter sido mastigado nas pontas. Ela olhou para Rosalita e, de maneira gentil mas enérgica, bateu a porta.

CAPÍTULO 47

1^o DE MAIO

Dois furgões de emissoras de TV estavam parados na faixa seletiva com duas repórteres diante de câmeras e empunhando microfones. Todas as repórteres de telejornal que Sloane já vira, não importava a cidade, pareciam ser de Dallas, mas as repórteres de telejornal de Dallas eram, de longe, as mais típicas mulheres de Dallas de todas. Cabelo volumoso e coberto de spray fixador, lábios cor-de-rosa, vestidos sob medida em um dos quatro tons de pedras preciosas, combinados com saltos plataforma que faziam com que andassem como filhotes de cervos. Certa vez Sloane vira uma reportagem no programa *Today* sobre um grupo no Facebook no qual âncoras mulheres trocavam dicas de vestidos apropriados para a TV e, sinceramente, nada nunca fez tanto sentido quanto aquilo.

Só se passaram dois meses desde a morte de Desmond? As palavras “acionistas *odeiam* a expressão ‘nada a declarar’” ainda soavam frescas em sua mente.

Sloane tirou discretamente um espelho compacto da bolsa e verificou se os dentes estavam limpos. No momento em que começou a andar, a jornalista mais próxima — uma mulher com cabelo preto volumoso — saiu em disparada para interromper seu caminho.

— Sloane? Sloane Glover? — Ela estendeu o microfone em sua direção. — O que tem a dizer sobre as alegações de que você e suas companheiras na ação de assédio são responsáveis pela queda de Ames Garrett?

— Não empurrei ninguém de prédio nenhum — respondeu Sloane, uma declaração que ela esperava que fosse ao mesmo tempo instigante (*Bem, é claro que não empurrou*) e atrevida. Talvez as pessoas fossem na onda dos atrevidos.

— Eu estava falando de maneira figurada — disse a repórter, desnecessariamente. Sloane viu Cliff Colgate apoiado na lateral do prédio, fumando um cigarro eletrônico, que enfiou no bolso da mochila. — Sra. Glover?

A repórter se inclinou para entrar em seu campo de visão.

Sloane retomou o foco e olhou diretamente para a repórter, que usava uma

quantidade excessiva de rímel, o que era dizer muito, vindo de Sloane.

— Não tenho nada a declarar — respondeu Sloane. — Essas alegações são uma distração, cujo objetivo é impedir que nos concentremos na questão original: a de uma empresa que permitiu que um homem como Ames Garrett se comportasse de forma indecorosa durante anos, sem ser punido, porque não existiam opções viáveis para as mulheres reclamarem fora do sistema legal sem medo de retaliação.

— Então você acha que a Truviv está querendo se vingar?

Sloane considerou a pergunta.

— Acho que essa situação está fora de controle, e precisamos nos perguntar por que isso está acontecendo.

Cliff estava erguendo o queixo, gesticulando para que ela fosse em sua direção. Ele usava óculos de aros pretos e uma camisa social branca de botão. Ela se perguntou se era possível que alguém da idade dele e em sua posição nunca tivesse realmente *usado* uma gravata. Estávamos entrando em uma era na qual todas as crianças cresciam com dispositivos eletrônicos inteligentes, e roupas de trabalho informais não eram, de certa forma, parte integrante dessa mesma tendência? Ela se desvencilhou da repórter.

Cliff se afastou do prédio e pegou o caderninho.

— O que foi agora?

Ele enfiou as mãos nos bolsos da calça de sarja cinza.

— Estou apurando os desdobramentos da reportagem — disse ele. — Sua ex-colega no escritório Jaxon Brockwell, Elizabeth Moretti, acabou de se apresentar como a criadora da lista de homens CILADA.

— Ela *o quê*?

Cliff tirou o toco de lápis de trás da orelha e anotou alguma coisa.

— Não descreva minha expressão. — Ela agitou o dedo indicando o bloco de anotações.

Ele sorriu e deu uma piscadela, e ela se perguntou se um dia veria alguém dar uma piscadela sem se lembrar de Ames.

— Uma revista estava preparando uma matéria. Ela seria exposta como a criadora da lista, então está se antecipando. E sugeri que eu conversasse com você.

Prédios de escritórios: estranhamente desprovidos de lugares para se sentar do lado de fora, pelo que Sloane estava percebendo.

— Então, acho que é seguro dizer que você não sabia que ela era a autora da lista, certo?

Ela olhou para ele sem dizer uma palavra.

Ele ergueu as palmas das mãos.

— Não vou descrever sua expressão.

Sloane não sentia aquela vertigem desde que Abigail tinha caído do trepa-trepa no jardim de infância, e a escola lhe enviara um e-mail — um *e-mail*, pelo amor de Deus — para informar que sua filha estava na Emergência, os detalhes do braço quebrado fornecidos apenas depois que Sloane chegou ao hospital e falou com um dos médicos muito competentes e pacientes da equipe.

Sua cabeça girava. Em suma, talvez não devesse ter ficado tão chocada, considerando tudo o que tinha acontecido, todas as coisas no mundo que importavam mais do que Elizabeth Moretti ter criado uma planilha.

Mas ela deveria ter lhe avisado.

— Gostaria de dar uma declaração? — A ponta do lápis dele, afiada como uma arma, pairava, à espera.

O que quer que escolhesse dizer naquele momento, certamente não seria sábio. Ela respirou fundo.

— Envio um comentário para você até o fim do dia. Tenho seu cartão.

Os cantos de sua boca se curvaram, mas ele girou o lápis, de modo a ficar com a extremidade sem ponta virada para baixo.

— Tudo bem. — Sloane começou a se afastar, retirando-se do circo no qual desempenhava o papel ou de apresentadora ou de palhaça. — Conversei com minha fonte na polícia de Dallas, Sloane. — Ela ficou imóvel. — Eles acham que têm novas informações sobre a morte do Ames.

— O suicídio do Ames — corrigiu ela.

Cliff olhou para a rua. O sol se refletiu nas lentes dos óculos.

— A morte do Ames. Alguém que sabia de alguma coisa, ou talvez tenha visto alguma coisa. Alguém. Não sei quem.

— Quem?

Ele coçou a têmpora com o lápis.

— Isso é tudo o que eu sei.

Sloane ajeitou a bolsa no ombro — cheia de migalhas de biscoito, lenços umedecidos, talões de cheque e dez cartões de crédito vencidos.

— Isso é ridículo. O Ames pulou da sacada. Todo mundo sabe disso.

Naturalmente, não era verdade. Nem mesmo ela *sabia*. Era apenas: *Meu Deus, haveria mais alguma coisa que poderia dar errado?* E isso não era um desafio.

Sloane era uma boa pessoa, no fim das contas. Na maior parte do tempo. E tinha amigas. Muitas. Não deveria estar no meio de uma... de uma investigação

de *assassinato*.

Por que nenhuma de suas amigas tinha telefonado?

— A senhora protesta demais, parece-me.

— Hamlet — disse ela. — Você... tem razão no que diz respeito a ser uma tragédia.

Sloane empurrou a porta de vidro giratória.

— Vou esperar um e-mail seu! — Ele colocou as mãos em torno da boca para gritar. — Eu sou um dos caras legais, Sloane.

Ela projetou seu peso de forma que a porta deslizesse para trás e estava quase dentro do cilindro de vidro quando gritou de volta:

— Tem certeza de que isso não é um paradoxo?

* * *

Sloane socou a almofada de boxe na mão de Oksana e sentiu a dor irradiar pelo ombro. *Jab*, cruzado, gancho e *jab*. Ela seguia o padrão, um após o outro após o outro, o ar irrompendo com força dos pulmões.

A cada soco, a imagem de Ames surgia. Sangue carmesim escorrendo de sua cabeça, respingando no ar, espalhando-se pela calçada, um rio fluindo do osso quebrado da perna.

Ela socava mais forte, mais rápido. Esquecia-se de respirar. O suor umedecia o cabelo por baixo do rabo de cavalo. E se ela fosse responsável? E se tudo aquilo tivesse sido culpa de Sloane? Outro soco. Uma ardência subiu até o cotovelo. Seus músculos queimavam. Alguém sabia de alguma coisa ou tinha visto alguma coisa. Ou alguém. Poderia ser Grace — por que Grace nunca tinha *mentionado* que fumava com Ames naquela sacada? Poderia ser Ardie — será que Ardie tinha mentido sobre o momento em que fora pegar a assinatura na folha de pagamento e, em caso afirmativo, por quê? Ou Katherine — o que a teria levado a mudar sua história de modo tão repentino?

O que *seria* essa nova informação? Será que poderia apontar... para ela?

Oksana encerrou o exercício, e Sloane desmoronou no chão. Ela deixou a cabeça pender entre os joelhos. A professora colocou uma toalha limpa em volta do pescoço de Sloane, que secou o suor do rosto.

— Nota máxima pelo esforço hoje — disse Oksana.

— Eu comi um sanduíche. Com o pão.

Oksana cutucou Sloane com a ponta do tênis da Truviv, empurrando-a para a posição de prancha e juntando-se a ela porque era uma sadomasoquista. Ou pelo

menos essa provavelmente era a razão.

— O nome do Ames estava marcado em vermelho na agenda. — Sloane mal levantou a cabeça porque seu tronco corria grande risco de se partir ao meio. — Nenhuma das treinadoras queria trabalhar com ele.

Quando uma gota caiu no tapete de ioga abaixo dela, Sloane não soube dizer se era suor ou uma lágrima, apenas que parecia apropriado que ela tivesse perdido a capacidade de distinguir. Ela havia perdido o controle de basicamente tudo em sua vida — o casamento, a filha, as amigas, a carreira. Tinha 99% de certeza de que estava tentando fazer a coisa certa quando entrou com o processo. Mas havia aquele incômodo 1% que a fazia temer que, na verdade, estivesse apenas se intrometendo no que não lhe dizia respeito. Que era uma mulher de meia-idade entediada, disfarçada por trás de calças de lã feitas sob medida e um cargo que soava pomposo, de modo que ninguém suspeitasse como ela era completamente entediante e de meia-idade.

— Você vai ficar bem.

Mas Sloane não sabia quanto valor poderia dar às palavras de uma pessoa que exalava um cheiro tão forte de loção bronzeadora de coco e banana às três da tarde.

Cliff,

Eis a minha declaração: “Elizabeth Moretti acredita em um princípio fundamental: informação é poder. Ela disponibilizou a informação. Compartilhou seu poder. Tentamos proteger umas às outras das maneiras que conhecemos, e essa foi a dela.”

Sloane

Transcrição do interrogatório de Grace Stanton Parte II

28 DE ABRIL

PRESENTES:

Detetive Malika Martin

AUTOS

DET. MARTIN: Grace, esteve com Ames Garrett no dia em que ele morreu?

SRA. STANTON: Estive, sim.

DET. MARTIN: Como ele estava?

SRA. STANTON: Ele parecia agitado, nervoso. Sentia-se incompreendido. Como se não tivesse feito nada de errado e quisesse que eu acreditasse nisso.

DET. MARTIN: Você acreditava?

SRA. STANTON: Não sei.

DET. MARTIN: Como assim?

SRA. STANTON: Eu estava confusa. Nada disso é tão preto no branco quanto as pessoas querem que seja. Eu... eu não sei. Na época, estava com raiva. Achava que o Ames tinha me enganado. Queria que ele soubesse que eu não sou o tipo de mulher que ignora maus comportamentos. Queria que ele sentisse remorso. Eu não sabia que ele estava com pensamentos tão sombrios.

DET. MARTIN: Aconteceu alguma coisa que você acha que o perturbou ainda mais?

SRA. STANTON: Sim.

CAPÍTULO 48

2 DE MAIO

Ela foi informada de que a Truviv queria uma reunião na manhã seguinte. Estava se formando um consenso de que os depoimentos não estavam indo bem. Grace recebeu o telefonema de Helen Yeh a caminho do trabalho.

— Vou lhe dizer o que acho — disse Helen sem preâmbulos. — Acho que precisamos ouvi-los. Descobrir o que está por trás desse movimento. Depois disso, é melhor não tomarmos decisões precipitadas. Mas deveríamos...

— Ouvir — concluiu Grace ao virar na saída da Pearl Street para o centro da cidade. Ela ainda não tinha se acostumado a falar em um dispositivo que deixava as mãos livres, então sua voz saiu apenas um decibel abaixo de um grito.

— Exatamente.

Grace verificou o ponto cego no retrovisor.

— E eles nos ouviram, por acaso?

Ela virou na Main Street, passando pelo parque, no centro do qual havia uma estátua de um globo ocular de nove metros de diâmetro — impossível de ignorar, com seus capilares vermelhos e sua impressionante íris azul, e pelo fato de ser um gigantesco *globo ocular* —, conhecida como “Monstruosidade”.

— Entendo, Grace, de verdade. Mas, veja bem, meu trabalho, como sua advogada, é proteger seus interesses. Vocês são todas advogadas, mas se fossem médicas não operariam o próprio coração, certo? — Grace poderia ter sido médica, não fosse por todo o sangue envolvido. Mas olhe onde tinha ido parar. — Tenho que aconselhá-las a fazer o que acho que será melhor para vocês no longo prazo. Talvez eles estejam dispostos a esquecer tudo. Podemos ter esperança. Mas vocês estão em queda livre.

Então foi isso que o Ames sentiu naqueles últimos segundos, pensou Grace.
Queda livre.

* * *

Helen encontrou as três no escritório. Vigésimo andar. Grace lembrou a si mesma de que era o trabalho de Helen acabar com elas, prepará-las para aceitar como cães famintos o que quer que lhes oferecessem. Era uma estratégia clássica usada com clientes desavisados para fazer com que acreditassem que seu advogado tinha conseguido um acordo vantajoso. Grace se irritou ao pensar em Helen tendo uma rápida “conversa” ao telefone com Cosette antes da reunião: *Acho que consigo convencê-las.*

Talvez Grace estivesse sendo injusta. Talvez não.

Ela se sentou ao lado de Ardie enquanto se reunia o que Grace tinha passado a considerar o “grupo habitual”.

— Como você está? — murmurou ela.

Ardie havia emagrecido pelo menos três quilos, pelas estimativas de Grace, provavelmente sem nem notar.

— Estou bem. Mas, olha, não sei o que vou dizer ao Tony.

— Não sabemos... — começou Grace.

— Por favor.

Grace não tinha uma resposta. *Ela* tinha Liam. Era a sortuda. Se não quisesse trabalhar, não precisava. Liam disse isso no momento em que Emma Kate saía de suas entranhas. Na verdade, ele provavelmente ficaria feliz se ela ficasse em casa. *Chega de lavar mamadeiras!*, pensaria ele.

Mães só deveriam trabalhar se *precisassem*. Grace sabia disso. Era por isso que nunca deixava transparecer *como* as finanças deles eram sólidas. Se desistissem agora, Grace estaria abrindo mão da carreira para sempre. Podia ver o futuro se estendendo diante dela enquanto girava sem parar o anel de diamante — que recentemente voltara a seu dedo.

Sloane chegou.

— Obrigada por terem vindo. — Uma bala de hortelã estava equilibrada na parte de trás da língua de Cosette. — Vamos ser breves. O Ames está morto. — Ela cruzou as mãos sobre a mesa. — Temos uma testemunha-chave a nosso favor que afirmou, sob juramento, que não apenas não sofreu assédio sexual por parte de Ames Garrett ou de qualquer outra pessoa, mas também que vocês três planejavam uma vingança pessoal contra ele, em uma espécie de efeito manada decorrente de um romance fracassado entre Sloane e Ames Garrett. — Grace imaginou Cosette praticando aquele discurso diante do espelho no banheiro do hotel. — As próprias palavras da Grace corroboram a ideia de que ele era um chefe bom e capaz, o que ela estava disposta a atestar. Ardie Valdez aparentemente não gostou de não ter sido promovida em consonância com as

colegas. O momento de abertura do processo, pouco antes da promoção do sr. Garrett à presidência da Truviv, foi planejado para causar o máximo de dano possível, para colocar a empresa contra a parede. Nenhum desses fatos é favorável a vocês. Ames Garrett se matou por causa de suas ações e acusações infundadas.

— Você sabe que discordamos de literalmente todas as suas conclusões, certo?
— disse Sloane.

Isso era o que Grace mais temia: Sloane. Sloane não tinha entrado apressada na sala. Não tinha feito um comentário irreverente sobre estar cinco minutos atrasada. Havia se sentado suavemente. Tranquila.

— Registrado. Mas a Truviv está preparada para ir até o fim nessa batalha, se necessário. Os acionistas, depois de ouvir o depoimento e os fatos do caso, liberaram um orçamento considerável para o julgamento. Financeiramente faz sentido, sejamos francas. Mas eis o que posso fazer por vocês. Abram mão de sua parte das ações da Truviv. Peçam demissão. Aceitem o acordo de cinco milhões de dólares para cobrir os custos dos honorários advocatícios e dos danos à reputação da empresa. Desistam da ação, e a Truviv lhes dará cartas de recomendação e assinará um acordo de confidencialidade proibindo que qualquer funcionário da empresa fale mal de vocês, pessoal ou profissionalmente.

— Cinco *milhões* de dólares. Querem que *a gente* pague cinco milhões de dólares para *vocês*? — zombou Ardie. — De onde acham que vamos tirar o dinheiro?

Grace não disse que poderia conseguir o dinheiro. Se precisasse. Pelo menos a parte dela, talvez até todo o montante, mas teria que recorrer aos pais e, bem, essa não era a melhor das opções. Além disso, foi a parte da “demissão” na proposta de Cosette que fizera seu sangue gelar. E, com acordo de confidencialidade ou não, não haveria como silenciar os “quens”, os “o quês” e os “por quês” na comunidade jurídica.

O anel de diamante girava, girava e girava em torno do seu dedo. Ela tinha sido estúpida demais. Seria a própria ruína.

— Podemos estabelecer um plano de pagamento. Se for necessário negociar o número total de anos para quitação, acho que isso é algo que eu conseguiria aprovar junto ao conselho. — Cosette olhou por cima do ombro para o homem corpulento, o membro do conselho que fazia parte da comissão de análise independente, e ele fechou os olhos e franziu a testa: *Claro, claro, vamos dar a elas essa colher de chá.*

— Isso é vingança — disse Sloane. — É extorsão.

— Não — corrigiu Cosette, sem se alterar. Ela já estava colocando os papéis de volta na pasta. — É preventivo. O acordo só vale até amanhã. Depois disso, a Truviv vai dar seguimento ao processo contra vocês três.

Ficou claro que, se você cortasse as veias de Cosette Sharpe, veria que elas estavam cobertas de crostas por causa das queimaduras de gelo. E, sinceramente, quem naquela sala não gostaria de fazer isso?

Todos foram embora, exceto a equipe de Grace. Helen estava sentada na extremidade da mesa, a boca franzida, esperando.

— Há um lugar especial no inferno para as mulheres que não ajudam outras mulheres — disse Sloane, trincando os dentes.

— Madeleine Albright — disse Ardie.

Sloane se aproximou da janela e olhou para a fachada do prédio.

— Sério? Sempre achei que fosse algo que a Taylor Swift tinha dito para a Tina Fey. Mas ainda assim.

Mas ainda assim. Grace sentiu uma onda de amor e nostalgia pelas amigas. Talvez fosse exatamente naqueles momentos que as pessoas sentiam ondas de amor e nostalgia. Quando seu pescoço estava na guilhotina.

— Vocês estariam livres do processo por responsabilidade em uma morte indevida...

Isso era apenas o processo na esfera civil, porém. Não teria nenhuma influência sobre acusações criminais. Entretanto, não as prejudicaria.

E se eu amar meu trabalho tanto quanto amo minha bebê? E se eu o amar só um pouquinho, só um pouquinho mais?

Sloane se virou de novo.

— Cinco milhões de dólares, Helen.

Helen era uma mulher pequena, com um corpo semelhante a um daqueles sacos selados a vácuo, só que contra a gordura. Ela corria distâncias insanas nos fins de semana só por diversão.

— Eu sei que parece muito dinheiro. Mas, por Ames Garrett, na verdade é pouco. — A vida de Ames Garrett em liquidação. Era realmente seu dia de sorte. — Se perderem um processo de responsabilidade por morte indevida, terão que desembolsar muito mais. Pelo menos *três* vezes esse valor.

— E a Katherine? — perguntou Grace, tentando manter a voz neutra.

Desde que falara com a polícia, ela nutria a esperança de que eles descobrissem que Katherine era culpada pela morte de Ames. Grace se sentia perversa, mas essa era a verdade nua e crua. Nunca estivera tão afastada de Deus

e não se importaria nem um pouco se crucificassem Katherine. Supunha que, em algum nível, as duas eram Judas agora.

— Pelo que entendi, ela vai ganhar uma... promoção. Não estou a par dos detalhes. Sinto muito. — Helen respirou fundo. — Meu escritório me proibiu de continuar representando vocês em regime de contingência. Sinto muito. Vocês sabem que quero continuar. Mas não foi para isso que fui contratada inicialmente. — Grace olhou para Sloane em busca de alguma reação, mas o rosto da amiga estava inexpressivo. — Sinceramente, duvido que algum outro escritório que trabalhe com questões relativas a cargos de alto nível na cidade vá aceitar esse volume de trabalho de graça.

Ninguém disse nada. Instalou-se o mais longo silêncio que Grace já havia experimentado na presença das amigas, que também eram as mulheres mais inteligentes e capazes que ela conhecia. Mas, no fim das contas, aquilo não se tratava de inteligência nem competência. Nunca se tratou. E por causa disso elas iam perder.

CAPÍTULO 49

2 DE MAIO

Sloane encontrou duas mensagens de voz esperando por ela depois daquela reunião horrorosa.

A primeira: “Aqui é o diretor Clark. Tivemos um problema na escola envolvendo sua filha, Abigail. Receio que ela tenha agredido outro aluno. Precisamos que a senhora compareça à escola quanto antes.”

A segunda: “Sra. Glover, estamos tentando entrar em contato há uma hora. Realmente precisamos que venha à escola o mais rápido possível, devido à... à gravidade do incidente.”

Gravidade! Do incidente!

Aquilo tinha sido vinte minutos antes.

Sloane nunca tinha sido mandada para a sala do diretor, nem mesmo por colar em uma prova, dar uma resposta insolente ou alguma outra imprudência *normal*. Os professores amavam Sloane. Ela tinha sido vice-presidente do grêmio estudantil. Pelo amor de Deus, ela chegou a fazer broches.

Abigail, por sua vez, tinha *agredido* alguém. Apenas torcedores fanáticos agredem pessoas. Crianças imundas, com mãos meladas de geleia e sujeira acumulada debaixo das unhas. Os filhos dos outros.

Um pensamento lhe ocorreu no trajeto frenético até a escola: seria possível que fosse sua filha quem vinha praticando bullying o tempo todo? E por isso tinha recebido aquelas mensagens de texto? *Ah, meu Deus*, e se Sloane fosse uma daquelas péssimas mães que acreditavam que sua filha era um anjo de candura, e enquanto isso a criança chutava filhotinhos de cachorro e beliscava outras crianças quando a professora não estava olhando? *Ah, merda, ah, merda.*

Tantos dias, Abigail, ela diria quando a encontrasse. *Tantos dias para você fazer uma coisa dessas.*

Diante das portas duplas que levavam à secretaria, Sloane verificou seu reflexo no vidro fumê, colocando a saia de volta no lugar e ajeitando a parte de trás do blazer quando Derek chegou correndo, aparecendo atrás dela na imagem

distorcida.

— Sloane — chamou ele, sem fôlego. — Meu Deus, o que diabos está acontecendo? — Ele colocou a mão nas costas dela, e Sloane sentiu os cantos da boca se erguerem. — Desculpe, demorei séculos para encontrar um professor substituto.

— Eu estava em uma reunião — explicou ela, compreensiva. — Vim assim que soube.

Ver o rosto de Derek piorava tudo. Também melhorava.

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

— Nossa filha *agrediu* alguém.

— Nossa filha agrediu alguém — repetiu ela.

Eles deram as mãos. Embora nenhum dos dois tivesse se dado conta disso. E foram para a reunião como um casal.

Todos estavam esperando por eles. Foi a primeira coisa que informaram quando os dois entraram na sala do diretor Clark. *Estávamos todos esperando por vocês!*

Isso lhe pareceu um completo exagero. Estavam presentes o diretor Clark. O professor de inglês de Abigail, qual era mesmo o nome dele? Sr. Tawley? Tully? Derek saberia. Derek, cuja mão ainda segurava a dela com firmeza. E outra mãe, cujo nome Sloane nunca soubera. Ela usava um traje hospitalar com o nome de uma clínica veterinária bordado acima do bolso esquerdo da camisa. Um menino, com cabelo suado e lambido para trás e tênis tão chamativos que eram capazes de cegar alguém, estava de cabeça baixa. Havia sangue seco em torno da narina direita. E lá estava Abigail. O coração de Sloane fraquejou ao ver a filha encolhida em uma cadeira no canto. Lágrimas escorreram silenciosamente pelo rosto bonito e sardento quando ela viu os pais. Derek e Sloane foram até ela e se postaram a seu lado. Abigail era filha deles. Eles a amariam, não importava o que acontecesse. Mesmo que ela tivesse *matado* alguém.

— Vou fazer as apresentações. Este é Steve Lightner. — O diretor Clark apresentou o menino como uma prova em um julgamento. Steve Lightner. Sloane reconheceu o nome das mensagens de texto e instantaneamente sentiu o coração mostrar as garras. — Abigail deu dois socos no nariz do Steve, do lado de fora da aula de inglês.

Certamente o diretor Clark pensava ter conseguido uma prova irrefutável. *Está vendo, sra. Glover, sua filha não é tão inocente quanto parece.*

Derek tocou o ombro de Abigail, muito de leve, como se estivesse com medo de ela se despedaçar.

— Isso é verdade?

Abigail fungou, mas assentiu.

— Ele estava sangrando — disse a mãe de Steve. — Jorrando sangue pelo nariz — completou, com a expressão séria.

Sloane olhou para a filha, para as protuberâncias ósseas que se projetavam de seus ombros como asas raquíticas.

— *Por quê*, Abigail? — perguntou ela, com urgência na voz. — Por que bateu no Steve?

Tudo parecia terrível demais. Como se a pena de morte ainda estivesse na mesa e todos — aparentemente, Sloane também era exagerada — estivessem prendendo a respiração para ver o que o júri decidiria.

Abigail engoliu em seco e olhou para o teto.

— Ele ficou zombando da minha calcinha. Ele e o Grady. Toda vez que eu me abaixava para tirar um livro da mochila, os dois gritavam: “Calcinha de vovó, calcinha de vovó.” — As bochechas dela coraram. — E aí o Steve meio que puxava a parte de cima da minha calcinha toda vez que isso acontecia, e dizia para todo mundo que cor eu estava usando naquele dia e que eu não usava fio dental. Pedi para ele parar, mas ele continuou fazendo isso, fez três dias seguidos. — Mesmo agora, quando a filha se abaixava, Sloane via uma pequena parte da calcinha aparecendo por abaixo da cintura do short jeans. Algodão roxo. — Então eu fui e contei pro sr. Tully, mas o sr. Tully me disse para deixar ele pra lá, que ele ia parar. Eu tentei, mas então o Steve pegou minha calcinha e... — Ela abaixou o olhar. — E deu o maior puxão. Doe. Aí eu me virei e... e... — Ela começou a chorar novamente. — Dei um soco nele. Duas vezes — murmurou ela.

Os olhos de Sloane se arregalaram.

— Ela falou com você? — Sloane dirigiu a pergunta ao sr. Tully, que, diga-se de passagem, não era nem de longe tão bonito quanto Derek. Aquelas pessoas tinham feito com que ela duvidasse da própria filha, sua menina doce e gentil. Sloane estava louca de raiva.

O sr. Tully pigarreou e se remexeu, inquieto.

— Tentamos desencorajar pequenas queixas. Achamos que deixar que as crianças se resolvam entre si as estimula a desenvolver habilidades para a vida.

— Ah, vocês acham? — Sloane cruzou os braços. — Então minha filha estava sendo assediada sexualmente, foi até você, o adulto responsável, e seu grande conselho de habilidade para a vida foi ignorar o que estava acontecendo?

— Por favor, não vamos exagerar. — O diretor Clark ergueu as mãos como se

estivesse dando a bênção. *Que a porra dos céus o ajudasse.*

O sr. Tully coçou atrás da orelha.

— “Assediada sexualmente” é uma expressão forte. Não acho que tenha sido tão sério.

— Tudo bem, então. — Sloane se virou. — Vamos ver. Steve, que habilidade para a vida *você* aprendeu?

A mãe de Steve — que Deus a abençoe — pelo menos teve o bom senso de parecer envergonhada.

— Steve, ela lhe fez uma pergunta — disse a mãe.

A boca do garoto se abriu e se fechou como a de um peixe, muda.

— Derek? — O diretor Clark ergueu as sobrancelhas. — Não quer intervir?

Derek franziu a testa e deu um passo para trás, na direção da janela.

— Não, Ian. Acho que minha esposa está se saindo muito bem sozinha.

Sloane estufou o peito. Seu coração parecia realmente prestes a alçar voo. Em nome do feminismo, havia muito tempo que ela parara de pagar boquetes, mas até consideraria abrir uma exceção depois daquilo.

— Então, o que vocês sugeririam que ela fizesse a partir daí? — perguntou Sloane ao diretor Clark e ao sr. Tully. — Depois que usou palavras para pedir a ele que parasse, e em seguida recorreu à pessoa em posição de autoridade, que se recusou a ajudá-la, qual deveria ser seu plano de ação? Porque — continuou ela, já que ninguém ofereceu uma sugestão — parece que o plano de ação de vocês teria sido que ela, *o quê*, ficasse calada? Deixasse que o Steve a tocasse? Deixasse que um menino a empurrasse, a apalpasse, enfiasse a mão no short dela porque ele acha isso engraçado, porque ninguém faria nada para impedir, porque ele estava a fim? Sem revidar? Será que entendi mais ou menos o enredo? — questionou ela, piscando loucamente, as narinas dilatadas, graças ao bom Deus não havia câmeras gravando-a naquele momento. Mas havia Derek, que com certeza faria comentários a respeito depois. Só que, não, na verdade, ele a observava, prestando atenção em cada palavra, com seus olhos gentis e bondosos.

— Estamos apenas tentando explicar que a violência nunca é a solução — garantiu o diretor Clark.

— Ah, bem, bom saber. Mas se a violência for contra meninas é mais como uma, o quê? Uma área cinzenta? De modo geral, tudo bem? Tudo ótimo, contanto que a gente leve na esportiva? Ao que me parece o senhor está confundindo quem foi violento e quem agiu em legítima defesa. Abigail, pegue suas coisas, por favor — disse Sloane, sem tirar os olhos dos dois homens adultos do outro lado da sala.

Abigail se levantou e, cabisbaixa, pegou a mochila e a lancheira, que estavam debaixo da cadeira.

Derek segurou a porta aberta.

— Nunca mais toque nela. — Ela apontou o dedo para Steve. — Está me ouvindo?

Steve não conseguia desviar o olhar daqueles tênis assustadores. Seus olhos deviam estar latejando.

— Pode deixar — resmungou ele.

* * *

No estacionamento, o asfalto parecia uma frigideira de Teflon colocada em fogo alto. Sloane estava ofegante, como se tivesse acabado de ganhar uma luta de boxe. Ela andava em círculos pequenos, as mãos nos quadris, esperando que o latejar da veia no pescoço diminuísse. Ela sacudiu os braços.

— Mas que audácia! — exclamou de tempos em tempos até conseguir ficar quieta com sua diminuta família, o coração ainda disparado.

— Você está chateada comigo? — perguntou Abigail, a mochila um casco de tartaruga grande e pesado demais para suas costas pequenas.

Ela não estava mais chorando, mas o lábio inferior ainda tremia.

— Não — disse Derek. — Ninguém está chateado com você.

Ele bagunçou o cabelo da menina.

— Mas eu dei um soco nele — disse ela, como se precisasse ser clara nesse ponto.

Ela virou a mão e examinou os nós dos dedos, que apresentavam um tom intenso de rosa.

— Acho que você herdou esse impulso da sua mãe — disse Derek. — É um bom impulso. Na maioria das vezes.

Ele estendeu a mão, e ela entregou a mochila pesada para o pai, que a pendurou facilmente no ombro.

Abigail arriscou um sorriso culpado.

— Acho que ele nunca mais vai fazer isso de novo, pai.

Derek riu.

— É, acho que não.

Com mais cautela do que nunca, Derek passou o braço pelos ombros de Sloane e beijou sua têmpora.

Ela enterrou o nariz no pescoço dele.

— Derek. — Sua voz era baixa. — Derek, desculpa, mas tenho péssimas notícias.

Transcrição do interrogatório de Katherine Bell

28 DE ABRIL

PRESENTES:

Detetive Malika Martin

Detetive Oscar Diaz

AUTOS

Srta. Bell: Tenho dois irmãos que são policiais.

Det. Diaz: Ótimo, então conhece o procedimento.

Srta. Bell: Não exatamente. Não dessa forma.

Det. Diaz: Pelo menos uma pessoa nos relatou que Ames Garrett havia pedido para ter uma conversa com a senhorita antes de sua morte.

Srta. Bell: Talvez. Não lembro exatamente.

Det. Diaz: Não mencionou que tinha falado com Ames Garrett minutos antes de ele cair de uma sacada do décimo oitavo andar?

Srta. Bell: Ele pode ter pedido para falar comigo, mas não o vi.

Det. Martin: Por que não? Achei que a senhorita e Ames Garrett tinham uma ótima relação. Essa é a essência das declarações que deu no processo de assédio sexual contra Ames e a Truviv, certo?

Srta. Bell: Tínhamos uma boa relação, sim.

Det. Martin: Então, por que não se encontrou com ele?

Srta. Bell: Não consegui achá-lo.

Det. Martin: Não conseguiu achá-lo... Então, deixe-me ver se entendi: ele pediu que a senhorita fosse falar com ele, e quando a senhorita foi, ele não estava lá. Por que Ames Garrett faria isso?

Srta. Bell: Acabei demorando um pouco. Depois que ele chamou.

Det. Martin: Estava postergando?

Srta. Bell: Não, não, eu não estava postergando.

Det. Martin: Porque vocês tinham uma boa relação.

Srta. Bell: Não. Quer dizer, sim. Tínhamos. Não sei por que não nos encontramos. Ele claramente já não estava em seu juízo perfeito, na época.

Det. Martin: Onde Ames queria se encontrar com a senhorita?

Srta. Bell: Não tenho certeza. Não acho que ele tenha especificado um lugar.

Det. Martin: Hum. Isso seria estranho, não seria? Achou isso estranho?

Srta. Bell: Achei que tinha sido um lapso. Acontece.

Det. Martin: Sobre o que a senhorita acha que ele queria conversar?

Srta. Bell: Não sei.

Det. Diaz: Srta. Bell, Grace Stanton mencionou que a senhorita tem medo de altura. Isso é verdade?

CAPÍTULO 50

2 DE MAIO

Fracassar era um luxo que não podíamos nos permitir, acorrentadas umas às outras daquele jeito, nosso destino trancado à chave. Um fracasso de bilheteria de uma diretora e ninguém mais queria filmes de “menina”; uma queda vertiginosa no mercado de ações de uma empresa com uma presidente, e mulheres não sabiam liderar; uma acusação falsa e éramos mentirosas, todas. Porque quando *nós* falhávamos, era por causa dos nossos cromossomos, e não por causa de uma crise no mercado, uma campanha publicitária ineficaz ou simples má sorte.

Bastava um passo em falso!, como diziam por aí.

Ardie estava deitada no sofá, uma miscelânea de embalagens de comida para viagem abertas, tudo ao redor cheirando a fracasso enquanto ela assistia a um episódio antigo de *Community*. “A Última Ceia”, era como ela estava chamando aquele momento. A última noite em que poderia fazer um pedido no UberEats, na verdade. A advogada tributária nela não conseguia deixar de fazer as contas. Ah, como ela queria não fazer! Em um dia, estaria devendo um pouco mais de 1,6 milhão. Mesmo com um plano de pagamento de cinco anos, o valor a pagar por ano seria muito maior do que seu salário anual. Ela tinha trezentos mil dólares na poupança, o que quase daria para cobrir o primeiro ano de prestações. Depois, teria que vender a casa. Isso resolveria parte do segundo ano, mas Michael odiaria ficar preso em um apartamento enquanto Tony e Braylee tinham uma linda casa com um quintal, balizas de futebol e piscina. Seria só uma questão de tempo até ela se tornar uma obrigação. *Sim, Michael, você tem que ir ver sua mãe*, diria Tony, e se sentiria uma boa pessoa por isso.

Ela teria que voltar a trabalhar em escritórios de advocacia. Isso era óbvio. Ela detestava a vida naqueles lugares, as exigências de faturamento, a quantidade de reuniões presenciais. Já estava muito velha para tentar se tornar sócia. No terceiro ano, não conseguiria mais pagar. Atrasaria as parcelas, deveria juros, chegaria pouco a pouco ao fundo do poço. Ela ignorou o abismo que se abria e

tomou outro gole de Coca-Cola, com todas as suas calorias.

Seu celular tocou na mesa, debaixo de uma embalagem de hambúrguer.

Uma das piores mudanças depois de se tornar mãe solteira era a ansiedade que o toque do telefone provocava. Se Tony ligava inesperadamente quando eram casados, sua primeira reação era ficar feliz e se sentir um pouco especial. Mas agora era diferente. Seu primeiro instinto era atender ao telefone com um “*O que houve?*”. Não importava quem estivesse ligando. Se uma coisa podia dar errado, tudo podia.

Mas era Rosalita. Ardie observou o telefone vibrar na palma da mão, provavelmente um acidente. Ou talvez a outra estivesse ligando para comemorar mais uma vez o fato de Salomon ter sido aceito na escola. Ardie não estava no clima para celebrações. Mas então o telefone parou de chamar e, segundos depois, recomeçou.

— Rosalita?

Ela pressionou com força os botões esponjosos do controle remoto da TV para abaixar o volume.

— Ardie? Sra. Ardie? — Rosalita soava ofegante, como se tivesse acabado de voltar de uma corrida. — Preciso que me ajude a preencher os formulários da bolsa de estudos do Salomon. Por favor.

— Tudo bem, claro. Posso ajudar. — Ela se arrependeu de ter atendido. Não estava com disposição. — Podemos nos encontrar na Barnes & Noble no fim de semana.

Teria bastante tempo até lá.

— Não, agora! — O sotaque de Rosalita ficava ainda mais carregado ao telefone. — Preciso que você venha agora. Não entendo o que aconteceu. Eu... o prazo... eu me confundi. Achei que tinha mais tempo. Eu não sei.

Ardie esfregou o rosto. Já tinha tirado o sutiã e não tinha nem comido a sobremesa ainda. Se não fosse pelo desespero na voz de Rosalita, teria negado. Ou quem sabe fosse por seu próprio desespero mais silencioso, infiltrando-se nas almofadas do sofá. Ela fechou um saco de papel com cookies quentinhos e colocou na bolsa.

— Eu vou até aí — avisou Ardie. — Me passa o seu endereço.

CAPÍTULO 51

2 DE MAIO

Santa Ardie, era como Tony a chamava. Não era um elogio.

Ardie chegou ao complexo residencial onde Rosalita morava e desligou o carro. Mergulhou na escuridão e, no mesmo momento, ficou em alerta máximo. Enfiou a ponta de uma chave entre dois dedos, uma tática de autodefesa sobre a qual tinha lido em um e-mail repassado numa corrente para dezenas de e-mails que ela não reconhecia. Era o tipo de conselho sem fundamento que ela seguia porque parecia ligeiramente útil e desproporcionalmente empoderado. Avaliou pelo para-brisa a distância entre o carro e o apartamento de Rosalita.

Era impossível precisar quando aquele temor instintivo e imediato por nossa segurança tinha se instalado, a necessidade de olhar para trás ao atravessar um estacionamento vazio, de verificar embaixo do carro, de se inquietar quando um homem estranho se aproximava pelas nossas costas, de nos assustar quando ele nos parava para perguntar as horas. A percepção de que esse medo era particular a nós veio depois, a percepção de que, diferentemente dos meninos com quem brincávamos em ruas sem saída quando éramos pequenas, jamais superaríamos as historinhas da infância que serviam de lição. Sempre haveria estranhos nos oferecendo doces.

Ardie olhou para os lados ao sair do carro e subir as escadas de metal pela qual Rosalita e Salomon passavam todos os dias.

Ela bateu na porta, e Rosalita atendeu com uma pilha de papéis e uma folha de instruções, além de uma expressão preocupada que lhe dava um aspecto mais envelhecido. Ardie tinha apenas uma vaga noção da idade de Rosalita.

Um sofá surrado ocupava a maior parte da sala de estar com piso frio. O sofá ficava muito próximo de um televisor de que Ardie e Tony teriam se livrado dez anos antes porque parecia “ultrapassado”. Salomon acenou do sofá. Era tarde, mas ele ainda não tinha vestido o pijama e ainda usava seu boné favorito — um boné azul do Mavericks com a aba verde e o desenho de um chapéu de caubói enganchado no “M” do logotipo. Era grande demais para a cabeça do menino,

que precisava erguer o queixo de leve para ver TV.

Ele levantou a mão e os dois trocaram um *high-five*.

— Errei três questões de matemática — disse ele, mas estava sorrindo. — Mas não as frações.

— É só isso que eu vou ganhar? Não vejo você desde a grande notícia. Tem certeza de que não tem *outra* coisa para me dizer?

Ele enfiou os dedos nas bochechas e olhou para ela.

— Eu consegui.

— Claro que conseguiu.

Ardie sentiu uma ternura dolorida ao constatar que Salomon não precisaria mais de sua ajuda para estudar. Ele era um garoto doce e tranquilo, com um rosto redondo e um amor praticamente insaciável por livros ilustrados como *Diário de um banana* e *Robô selvagem*. Ela havia pedido a ele que fizesse uma lista dos seus favoritos, para que pudesse compartilhar com Michael quando ele ficasse mais velho, e Salomon levou a tarefa tão a sério que lhe entregou duas páginas de recomendações, organizadas em colunas. Ela as guardava em sua mesa de cabeceira.

Rosalita estava fazendo ruídos de impaciência, e Ardie tirou a mão do boné do menino.

— Está vendo? — Rosalita levou Ardie para a cozinha, onde havia uma luminária de ferro barata pendurada acima da mesa, as tulipas de cerâmica difundindo a luz das lâmpadas. Papéis e envelopes rasgados cobriam o tampo da mesa. — Não entendo. — Rosalita folheou os papéis. — Não entendo o que eles querem de mim. Não tenho como pagar. O que mais eles precisam saber? O Salomon tem que ir para a escola. Não tenho como pagar.

A frustração engolia Rosalita enquanto Ardie avaliava a tarefa diante delas. Ela imaginava que a irritação de Rosalita fosse mais ou menos igual à que sentia quando tentava montar os móveis da IKEA.

— Certo. — Ardie examinou a folha de instruções, que descrevia o que precisava ser incluído nos espaços numerados. — Vamos resolver isso. Sem problema. Vamos resolver. — Ela virou o formulário, roendo a unha do polegar para se concentrar. — Vamos precisar da sua declaração de imposto de renda, do seu informe de rendimentos, alguns outros formulários da Receita Federal e os contracheques mais recentes. Você tem esses documentos?

As mãos de Rosalita tremiam enquanto ela vasculhava os papéis espalhados em cima da mesa.

Ardie colocou as mãos abertas sobre o tampo, inclinando-se.

— Não se preocupe. Eu vou encontrar.

Salomon tinha começado a jogar uma bola para o alto e pegá-la, jogar e pegar, e Ardie percebeu que isso também estava irritando Rosalita.

— Que tal se você preparar uma xícara de chá para nós? Ou café? — sugeriu Ardie.

Rosalita alisou o cabelo que tinha grudado em suas têmporas.

— Vou fazer os dois.

Livre para vasculhar os papéis, Ardie começou a procurar os formulários corretos. Ela empilhou na mesa os documentos realmente necessários.

Queria dizer a Rosalita que não importava quantos anos de educação formal a pessoa tivesse, todos se sentiam como idiotas quando se tratava de preencher formulários emitidos pelo governo. Mas não havia como dizer isso sem soar condescendente, então Ardie se acomodou em uma cadeira de madeira nada confortável e começou a preencher as informações necessárias nos minúsculos quadrados fornecidos.

— Qual é o nome do pai do Salomon? — perguntou ela por cima do ombro.

— Ele não tem pai.

Ardie se virou na cadeira.

— É importante que as informações sejam precisas — disse o mais gentilmente possível, dada a impossibilidade biológica daquilo.

Rosalita olhou para o filho, que estava jogando a bola com menos frequência e fazendo uma tentativa óbvia de escutar a conversa delas.

— Vá lá ver seu filme, Salomon — ordenou Rosalita, com as mãos nos quadris.

Ardie não se deixava intimidar facilmente, mas se fosse criança, também teria ouvido. Salomon obedeceu à mãe com uma prontidão que Michael, seu reizinho distraído, ainda tinha que aprender, e foi se sentar no sofá. A TV vociferava.

Rosalita colocou uma chaleira no fogão elétrico.

— O pai do Salomon morreu — disse ela, baixinho.

— Ah, sinto muito. Não fazia ideia.

Rosalita revirou os olhos.

— Salomon não chegou a conhecer o pai. Mas pensei... Pensei que talvez ele pudesse pagar a escola. Às vezes ele ajudava quando eu pedia. Aqui e ali. Não muito. Mas...

Ela deu de ombros.

Ardie voltou a examinar os formulários.

— Há um espaço para os casos em que o pai já faleceu, mas parece que ainda

assim é preciso colocar um nome. — Ardie tinha tirado os sapatos de salto debaixo da mesa.

Rosalita franziu a testa e pegou um pano de prato.

— O nome dele não está na certidão de nascimento. Ele não deixou nem um centavo para o Salomon. Por que tenho que colocar o nome dele no formulário?

Ardie ergueu a mão, sentindo o obstáculo à frente.

— Está bem, está bem. Não tem problema. Vamos deixar em branco e torcer para dar tudo certo.

Ela vasculhava a papelada referente à vida de outra pessoa e tentava colocar tudo em ordem. Pegou os contracheques e arrumou os três últimos em ordem cronológica. Leu os valores listados no pequeno retângulo branco à direita. Então releu.

— Rosalita. — Ela acenou sem se virar. — Seu contracheque mais recente é de menos da metade do valor que você recebia antes. Olhe aqui.

Ardie colocou o dedo abaixo do número.

— Não, é isso mesmo.

Ardie virou o contracheque para trás e para a frente.

— Por que seu salário diminuiu tanto? — Ela inclinou a cabeça, intrigada. — Eles reduziram suas horas? Isso é o que você vai ganhar daqui em diante ou o que estava ganhando antes?

— O que vou ganhar no futuro, acho. Está tudo bem — disse Rosalita de novo, rapidamente, depois se voltou para a chaleira, que começava a assobiar.

— Não. — Ardie mordeu a tampa da caneta e se levantou. — Isso deve ser um erro. É uma discrepância muito grande. Vou falar com o pessoal da contabilidade, ou com o RH. Isso é ridículo.

— Não. Está tudo bem. — Rosalita pendurou o pano de prato no ombro e pegou uma caneca branca na parte de cima do armário. — Esse é o valor correto.

— Rosalita, isso é sério. Você não pode viver com...

Rosalita colocou a caneca vazia de volta na bancada.

— Você é rica. Não sabe com quanto eu posso viver. Você não tem ideia. Salomon, para com essa bola dentro de casa! — berrou ela.

— Eu não quis... — Ardie tirou as mãos da mesa em sinal de rendição, depois se virou na cadeira para encarar Rosalita. — Não foi minha intenção. — Ela afundou de volta. — Teremos mais em comum do que você imagina depois de amanhã. Rica? Nem pensar.

Ela deu um sorriso fraco.

Rosalita riu, um pouco antipática, pensou Ardie, mas tudo bem, ela entendia

o porquê. Ardie tinha um diploma de direito e bens.

Ela pegou os biscoitos, agora quebrados em sua bolsa, e os colocou em cima da mesa para compartilhar com Rosalita, que a princípio não pegou nenhum.

— Você sabia que entramos em litígio, hum, que abrimos um processo judicial contra a Truviv? — perguntou Ardie.

Os lábios de Rosalita se retesaram.

— Fiquei sabendo de alguma coisa, sim. Eu... vejo coisas. Por quê?

— E contra o Ames Garrett também. Aquele homem que morreu. Que se jogou do prédio. Por assédio sexual. Ele não estava tratando bem as mulheres do escritório. Não era certo, e decidimos que tínhamos que fazer alguma coisa a respeito. — Ela abaixou a voz e torceu o braço em uma paródia delas mesmas. *Faça alguma coisa a respeito!* Ah, tinham mesmo feito alguma coisa. — Como você provavelmente deve imaginar, não foi uma boa ideia.

Ela realmente acreditava nisso? Em retrospecto, parecia uma péssima ideia. Mas na época, com as mesmas informações, achava que elas estavam tentando fazer a coisa certa. Sem a lista de homens CILADA e sem a morte de Ames, sem aquelas duas coisas, talvez tivesse sido diferente.

Rosalita foi até a mesa, puxou uma cadeira e pegou um biscoito. Uma migalha caiu no colo dela.

— Eu vi o Ames na sala dele com aquela... aquela mulher de cabelo curto. — Rosalita gesticulou. — Katherine.

Ardie soltou um suspiro e balançou a cabeça. Encontrar uma testemunha agora. Será que isso faria com que as coisas ficassem mais malucas? Ou menos?

— A Katherine mudou de lado. — Ardie arqueou as sobrancelhas e deu uma mordida no biscoito. — Disse que nunca aconteceu nada entre ela e o Ames. Vamos perder. A empresa vai tirar tudo da gente. Depois de amanhã, não terei mais nem meu emprego na Truviv. — Ela sorriu, se dando conta plenamente daquilo naquele exato momento. — Mas você tem o meu número de celular. Vai poder entrar em contato comigo.

— Não. — A testa de Rosalita se franziu. Ela balançou a cabeça. — Não, isso não está certo. Como... como eles podem fazer uma coisa dessas... com você? — Ela fazia gestos amplos, indignada. — Salomon! — berrou Rosalita.

As duas mulheres olharam para Salomon, que jogava a bola na direção do teto rugoso. O menino jogou a bola para o alto, e ela escapou de suas mãos, resvalando em seus dedos. Ele pulou para pegá-la e o boné, grande demais, caiu de sua cabeça.

CAPÍTULO 52

2 DE MAIO

Todo aquele tempo. Isso era tudo em que Ardie conseguiu pensar naqueles primeiros minutos, o silêncio ressoando em seus ouvidos, um resquício do barulho da porta de seu carro batendo no escuro.

Ardie mantinha o banco do carro aquecido porque isso aliviava as dores na região lombar, mas, naquela noite, o aquecedor fez brotar uma camada fina de suor em suas costas, o tecido da camiseta do Pink Floyd grudando enquanto ela dirigia. Eram dez e meia e ela se perguntou se deveria ligar para Sloane, Grace ou ambas.

Oito anos.

Tinha sido depois de Sloane. Os detalhes pouco importavam. Uma vez, duas vezes, três vezes, mais do que qualquer um poderia contar? Elas eram todas apenas peças em uma engrenagem.

Ardie abaixou o vidro da janela e passou o cartão no leitor para que a cancela de metal se levantasse. Seu Lexus preto subiu a rampa da garagem da Truviv e parou entre duas linhas amarelas no segundo andar. Ela apertou o botão da trava e a buzina soou duas vezes, ecoando nos pilares de concreto. Quando entrou no elevador da garagem, nenhuma trilha sonora tocou, e ela sentiu a estranheza de ser arrastada ao longo das bordas de um poço de cimento dentro de uma caixa metálica presa a uma polia. Acenou para o vigia noturno, atravessou o saguão e entrou no elevador do prédio.

O ar-condicionado central zumbia pelos corredores vazios. Ao dobrar a esquina, a cabeça de uma mulher jovem e branca com cabelo castanho maltratado surgiu na lateral de um carrinho de limpeza e relaxou ao constatar que o intruso era Ardie.

Como uma criança no deque em torno da piscina, Ardie teve que se segurar para não correr. A expectativa a impulsionava para a frente. A chance de vindicação — uma palavra forte, talvez, mas que estava quase ao seu alcance.

Quando estava na faculdade de direito, Ardie queria investigar crimes de

colarinho-branco e fazer análise fiscal forense, porque era algo que soava fascinante de uma maneira que poucos trabalhos realmente eram. Mas um mês depois das entrevistas de seleção no campus da faculdade, ela recebeu uma proposta de emprego em um escritório de advocacia que pagava quase duzentos mil dólares por ano. Aos vinte e cinco anos, concluiu que poderia praticar o direito criminal depois de pagar os empréstimos estudantis. E Ardie aprendeu que era provavelmente assim que a maioria dos sonhos profissionais percia.

Ardie usou seu crachá para acessar a sala onde ficavam os arquivos com o registro dos funcionários. A ideia de que ela pudesse analisar o enorme volume de informações contidas naquela sala e não encontrar nada fez com que sentisse um vazio ao acender a luz e fechar a porta.

Gavetas de arquivo bege cobriam os dois lados da sala comprida e estreita. As luzes fluorescentes deixavam o ar antisséptico. Ali dentro, ela nem conseguiria saber se era dia ou noite. Até o celular ficava sem sinal.

Os arquivos eram organizados por departamento. Os arquivos da equipe de limpeza ficavam no final, à direita. Em ordem alfabética. Cuidadosamente organizados para uma consulta mais prática. Um bom trabalho de gestão interna. Era uma empresa de capital aberto, afinal.

Era exatamente aquele tipo de análise meticulosa que fazia de Ardie uma excelente advogada. (*Espelho, espelho meu, alguém tem um superpoder mais chato do que o meu?*) Mas era um talento útil, e uma hora depois de começar sua pesquisa as pontas de seus dedos estavam secas de tanto folhear contracheques e informes de rendimentos. Suas costas deslizaram contra o arquivo de aço enquanto ela afundava até o chão, na mão a confirmação digitada e assinada do que ela já sabia. Ardie entendia agora por que não tinha ligado para Sloane ou Grace. Aquela história não era dela e não lhe cabia contá-la.

Mas Ardie também tinha uma história, e a dela fora assim:

Um pianista tocava trilhas sonoras de filmes no canto do bar do hotel. Alguns minutos antes, ela tinha colocado uma nota de cinco dólares no jarro e pedira que ele tocasse o tema do Jurassic Park.

— Outra rodada? — perguntara Ames, deslizando o cartão de crédito da empresa para o barman. Eles estavam bebendo champanhe caro. Tinham fechado um negócio caro. No dia seguinte, ela teria uma dor de cabeça que custaria mais do que sua bolsa.

— Já volto. Preciso ligar para o Dan — disse Ardie. — Peça uma para mim também.

Ela foi até o saguão, onde um dossel de hera crescia acima de sua cabeça. Ligou para o namorado.

— Você parece bêbada — disse ele.

— Deve ser porque estou mesmo. — Sua cabeça parecia agradavelmente pesada, a ponta do nariz e as bochechas começando a ficar dormentes. — Boas notícias: tenho minha vida de volta.

No momento em que o acordo foi assinado, ela sentiu seu corpo ficar instantaneamente mais leve, como se tivesse acabado de sair de uma dieta de líquidos em vez de ter passado dois meses comendo comida tailandesa em embalagens de isopor na sala de reunião.

— Só acredito vendo.

Dan riu. Ele era um jovem analista sério na Deloitte, e Ardie começara a se perguntar em que momento saberia se ele era o cara certo.

— É verdade — insistiu ela, com o tom petulante de alguém que já bebeu demais para soar convincente. — Sou uma nova mulher.

— Parabéns. Divirta-se. Vejo você, ou quem quer que seja essa nova mulher que estou namorando, amanhã.

Ela voltou para o bar e pegou a taça de champanhe, as bolhas ainda flutuando até a superfície.

— Beba — disse Ames. — Depois eu a acompanho até o seu quarto.

CAPÍTULO 53

3 DE MAIO

Havia muito que tínhamos identificado o grande problema, aquele que originava todos os outros: ser mulher em ambientes de trabalho era uma desvantagem que vínhamos tentando compensar apagando nossa feminilidade apenas na medida certa. Fingíamos concordar que o interesse por maquiagem, romances e *Real Housewives* era realmente mais fútil do que uma obsessão por esportes, cerveja artesanal e videogames. Nós nos cadastrávamos em jogos on-line. Ficávamos atentas para eliminar de nossas frases a entonação que fazia com que afirmações soassem como perguntas e evitávamos a palavra “tipo”, de forma a parecermos mais “profissionais”, quando o que realmente estávamos tentando fazer era soar mais masculinas. Como o assédio sexual era uma coisa que acontecia com mulheres, acredite ou não, não gostávamos de admitir que tínhamos sido assediadas. Isso seria o mesmo que admitir que o fato de sermos mulheres importava. Portanto, nossa insistência em nos manifestar deveria ter dado pelo menos uma pista do que estava por vir. Nós começaríamos a importar.

Da mesma forma, o fato de Sloane não estar transtornada também deveria ter sido uma pista. Era, no mínimo, um maldito milagre. Ela estava esperando que alguém na sala comentasse: *Sloane, você é tão estoica. Como consegue? E, a propósito, pode me passar o telefone do seu cabeleireiro?*

Mas, em vez disso, todos além dela e Grace pareciam estar com o estômago revirado. Ela considerou oferecer um antiácido, apenas para dar uma de atrevida, mas, bem, provavelmente era melhor não.

Eles estavam na sala de reunião do vigésimo andar, a Sala Importante — era como Sloane pensava nela, porque tinha sido lá que ela fizera sua apresentação sobre responsabilidade legal para Desmond e o conselho. Ela mesma tinha se tornado uma responsabilidade legal, percebeu. Ela teria feito aquela apresentação. A vida era engraçada.

Cadeiras de couro macias com rodinhas estavam distribuídas em torno da elegante mesa oval de mogno à qual Cosette, seus dois capangas (que Sloane

batizara de Peggy e Brad, sem nunca ter realmente descoberto seus nomes), um membro da comissão de análise independente com óculos firmemente fixados no rosto, Al Runkin, Helen Yeh e Grace estavam sentados. No canto, uma invejável ficus-lira projetava folhas impressionantemente grandes do tronco, tendo custado talvez uns quinhentos dólares, fato do qual Sloane tomara conhecimento da pior maneira possível quando duas delas morreram em sua sala de estar.

Cosette verificava seu Rolex o tempo todo, com grande afetação, como se fosse assim que alguém realmente via as horas. Sloane imaginava que o Rolex provavelmente era como comprar um barco. Depois de pagar por ele, você se via obrigada a registrar o número de vezes que o usava para justificar o preço.

— Têm notícias da Ardie? — perguntou ela, como se estivessem esperando que uma de suas amigas chegasse para o almoço. *Um drinque seria ótimo.*

— Tenho certeza de que ela deve estar chegando.

Sloane tamborilava na mesa enquanto o silêncio, que ameaçava seus impulsos conversacionais, se prolongava.

Para se ocupar, imaginava coisas sobre Cosette. Coisas bobas, como se ela era do tipo que nunca deixava pratos sujos na pia (é bem possível). O apartamento dela em Nova York provavelmente era harmonizado de acordo com os preceitos do *feng shui*, um exemplar de *A mágica da arrumação*, de Marie Kondo, lido pela metade na mesinha de cabeceira imaculada, como se a razão para sua casa se manter em uma ordem tão impecável e analmente constipada fosse o fato de ela ser iluminada e não, digamos, o fato de receber o equivalente a duas mil e quinhentas horas de honorários advocatícios por ano.

Cosette deu uma batidinha no mostrador do relógio com aro de diamantes.

— Talvez devêssemos adiantar a parte burocrática da reunião de hoje. — Ela empurrou três conjuntos de documentos. Um para Sloane, um para Grace e outro para Ardie. — Nós nos adiantamos e preparamos os papéis para o acordo. Usei marcadores amarelos para indicar onde vocês precisam assinar. Queremos tornar o processo o mais indolor possível.

Cosette crispou os lábios quando se inclinou por cima da mesa.

— Que gentil da sua parte — disse Grace, em tom gélido.

Cosette assentiu em agradecimento, aparentemente tomando aquilo como *uma porra* de um elogio de verdade.

Sloane tinha lido em algum lugar que era impossível matar uma pessoa com mil cortes de papel, apesar do que a antiga expressão americana dizia, mas com um milhão talvez fosse possível. Ela provavelmente não deveria pensar nesse tipo

de coisa depois de tudo o que tinha acontecido.

— A verdade, Cosette — começou Sloane —, é que vocês poderiam ter simplesmente nos oferecido a chance de abrir mão do processo. Nós *talvez* tivéssemos aceitado.

— Eu bem que gostaria, Sloane. — Cosette expôs a ponta da caneta. — Considerando nosso histórico. Mas a diretoria estava decidida, e eu concordei, para ser sincera, que precisávamos estabelecer um precedente. Desencorajar processos judiciais frívolos.

— Entendi. Um precedente. — Grace franziu a testa para Sloane e deu de ombros. — Faz sentido.

Em outra sala, Grace e Cosette poderiam ter passado por irmãs.

Sloane se perguntou quantos colhões — como detestávamos essa palavra — uma pessoa precisava ter para não se perguntar por que duas mulheres que estavam se preparando para desembolsar uma quantia de revirar o estômago, além de abrir mão de todas as suas opções de compra de ações e dos empregos, não tinham um cílio fora do lugar.

Foi então que Ardie abriu a porta. Ela a segurou com as costas.

— Desculpem, estamos atrasados.

Cosette olhou de soslaio para a porta, prestando atenção apenas quando Rosalita e o filho, Salomon, entraram à frente de Ardie.

— Com licença. — Ela bateu na mesa. — Esta é uma reunião privada. Estamos no meio de um assunto importante aqui. Limpeza depois, por favor. — Cosette lambeu o dedo e virou uma página nos documentos diante dela.

— Olá, sra. Sharpe. — Rosalita parou diante da mesa de reunião. — Meu nome é Rosalita Guillen. Meu filho, Salomon, vai esperar no corredor enquanto conversamos. Salomon, por favor, cadê a educação? Tire o boné.

O menino obedeceu.

— Prazer em conhecê-la — murmurou ele, olhando para o chão, as orelhas ficando vermelhas enquanto todos na sala se voltavam para ele.

Era como se uma bomba atômica invisível tivesse sido detonada — silenciosa, agourenta, gigantesca —, avolumando-se até transformar a expressão de todos ao alcance da radiação. A mecha branca brilhava como um raio no cabelo escuro de Salomon.

Mesmo que estivesse esperando a explosão, Sloane ficou sem ar.

— Cosette — começou Sloane, enquanto Ardie ajudava a conduzir Salomon para fora da sala —, a verdade é que nunca teríamos descoberto a história da nossa amiga se não fosse por você.

Os lábios de Cosette se retraíram, os dentes brancos expostos como os de um tubarão.

Sloane ficou surpresa ao descobrir que não sentiu a onda de triunfo que estava esperando. Na verdade, uma espécie de melancolia cansada tomou seus ossos. Era como declarar que sua guerra favorita era a Primeira Guerra Mundial, quando o que você queria dizer na verdade era que a Primeira Guerra Mundial era aquela que você achava mais fascinante. Ninguém tinha de fato uma guerra *favorita*. Então, sim, tinha sido daquele jeito com Rosalita. Era uma incapacidade de tirar os olhos da mulher que ela havia ignorado tantas vezes. (Embora Sloane *tivesse* sido simpática com ela no aniversário de Michael. Todos tinham que reconhecer isso.)

E, claro, aquilo tinha acontecido com Rosalita na sala de Ames, com sua mesa enorme e poltrona de couro azul-marinho. Quando pensava naquilo por muito tempo, tinha vontade de matar Ames. Mas, bem...

Rosalita empurrou uma pasta fina de documentos na direção de Cosette, cuja boca tinha se reduzido à finura de um alfinete.

— Vim aqui hoje porque Ames Garrett me estuprou neste edifício há oito anos. Ele me disse que sabia o que eu queria. Eu não queria aquilo. Eu nunca quis.

Sloane imaginou como deveria ser difícil para Rosalita entrar naquela sala e se dirigir àquelas pessoas — um membro da diretoria, advogados de Nova York, um funcionário do RH —, e não apenas isso, mas dizer aquelas palavras naquela ordem. Ames Garrett a estuprara.

Rosalita, porém, não demonstrou qualquer sinal de desconforto. Ela parecia perfeitamente tranquila. Que mulher corajosa. Mas, pensando bem, Rosalita já dissera tudo aquilo a Desmond Bankole, o presidente de uma empresa da Fortune 500, muitos anos antes. Ela tinha prática. Ao contrário do restante delas.

— Ames Garrett era pai do Salomon — explicou Rosalita.

Ardie interveio:

— Já ouviram falar na síndrome de Waardenburg? É uma síndrome hereditária. Relativamente inofensiva, embora possa causar descoloração capilar localizada e perda auditiva. Ames, como tenho certeza de que a maioria de vocês sabe, tinha a síndrome de Waardenburg.

— E daí? A sra. Guillen pode ter tido uma relação consensual com o sr. Garrett.

Cosette olhou ao redor, para mostrar a todos na sala como isso era completamente óbvio. Mas se estava tentando manter a cabeça fora d'água,

ninguém ofereceu a ela um colete salva-vidas.

— Uma relação consensual pela qual a Truviv pagava a ela mais do que o dobro de sua renda anterior? — perguntou Grace. — Uma relação consensual que fez com que Desmond Bankole autorizasse pessoalmente que um único membro da equipe de limpeza recebesse um aumento de salário sem precedentes, logo depois do estupro? Não acredito que presidentes de empresas costumem se ocupar do pagamento da equipe de limpeza, né?

Sloane ficara triste ao saber sobre Desmond. Esperava mais dele.

— Sem falar que — continuou Ardie —, se analisarmos o histórico da empresa por volta da época em que ocorreu o aumento da remuneração e em que — ela abaixou a voz — Salomon foi concebido, veremos que a Truviv estava prestes a fechar a aquisição da Run Dynamics, um processo que o próprio Ames Garrett conduzia na época e que, como estimado, resultou em lucros astronômicos para a Truviv.

Rosalita entrelaçou os dedos e chegou a cadeira para a frente.

— Amo muito meu filho. — Ela perscrutou cada um dos rostos. — É por isso que não disse nada até agora. Até a Ardie... — Elas trocaram um olhar. — Até a Ardie conversar comigo e eu decidir, *eu* decidir que queria contar minha parte dessa história. Eu as deixo falar em meu nome por causa do meu inglês. Mas estou aqui porque sei o que é importante. E sei o que é certo. E o que vocês estão fazendo não está certo, sra. Sharpe.

A garganta de Sloane ficou subitamente estrangulada. Se Ames tentara colocar Rosalita em seu lugar, tinha falhado.

Cosette parecia estar travando uma batalha interna para decidir se deveria ou não dizer o que estava se passando em sua mente.

— Você só quer *dinheiro* — disparou ela, encolerizada.

Até Al Runkin se contorceu.

— Sim, seria bom receber o pagamento. Com certeza. Mas elas estão dizendo a verdade. Não posso deixá-las perder o emprego, o dinheiro, tudo, porque estão dizendo uma verdade que também é minha verdade.

Rosalita colocou o punho no peito.

Os olhos de Sloane lacrimejaram, droga. Ela empurrou a pequena pilha de papéis para o outro lado da mesa.

— Então, embora estejamos gratas pelo tempo extra que gastaram indicando onde deveríamos assinar, vamos em frente com a ação e não vamos assinar nada. A imprensa já foi contatada. Caso vocês tenham alguma ideia de, não sei, partir para a ofensiva novamente.

A mulher que Sloane batizara de Peggy escolheu aquele momento para se pronunciar.

— Vocês assinaram acordos de confidencialidade com a empresa. — Ela olhou de soslaio para Cosette em busca de aprovação. — Não podem dizer nada. Estariam cometendo uma violação grave.

— É isso mesmo! — concordou Cosette, rapidamente. — Vocês não podem.

Rosalita levantou a mão.

— Mas eu posso.

Ela havia telefonado para Cliff Colgate naquela manhã. Era a vez delas de assumir o controle da narrativa, e aquilo — a história de Rosalita — mudaria tudo. Além disso, pensou Sloane, seria um ótimo furo para Cliff também. (*De nada.*) Ele tinha prometido escrever a matéria com bom gosto e discrição e, como resultado, elas teriam que acreditar que ele realmente era, como dizia, um dos caras legais.

— Certo, bem, vamos deixar vocês trabalharem — disse Grace.

Sloane balançou a cabeça solenemente.

— Parece um verdadeiro pesadelo de relações públicas.

Não havia a menor possibilidade de que Cosette não estivesse muito, muito tensa.

— É claro que vamos aconselhar a Truviv sobre a melhor forma de abordar essa questão publicamente. Eles estão em boas mãos.

Sloane fez uma pausa.

— Eu quis dizer para seu escritório... e para você. As mulheres da área jurídica têm que se unir — disse ela. — Obrigada pelo conselho.

CAPÍTULO 54

Duas linhas cor-de-rosa. Rosalita estava sentada no vaso sanitário, com as calças em torno dos tornozelos, enquanto observava a segunda linha escurecer constantemente até que não houvesse dúvida do que o teste concluía: ela estava grávida.

Ela passara por um susto uma vez antes, quando telefonou para seu então namorado e disse a ele que sua menstruação estava atrasada. Ela achava que sabia, no fundo, que não estava realmente grávida antes mesmo de fazer o teste e colocá-lo contra a luz, estreitando os olhos para ver se havia o mais leve indício de uma segunda linha se formando ao longo da depressão cinzenta impressa na faixa branca. Ela queria ver a reação do namorado e, por alguns dias, tudo tinha sido muito maduro e romântico brincar com a ideia de começar uma família.

Agora, nem precisava se esforçar para ver.

* * *

Ela colocou o teste em um saco plástico e fechou com força, gotas de urina grudadas nas laterais transparentes. Rosalita era católica, mas essa não era a única razão pela qual ela não faria um aborto. Nos nove meses seguintes, o pai do bebê seria assombrado pela visão de sua barriga crescendo, de seu corpo gordo e inchado, inflando-se e abrindo caminho pelo mundo. Sem que ela dissesse uma palavra, ele se lembraria *exatamente* do que tinha feito.

Antes daquela noite, ele era o homem com gravatas de seda, a estranha mecha branca no cabelo, a tatuagem azul desbotada quase totalmente escondida pelos espessos pelos do braço e o resto pela manga enrolada da camisa, maços de cigarro vazios na lata de lixo. Antes daquela noite, ela não gostava de ser invisível, detestava o modo como homens como ele olhavam através dela, como se fosse uma máquina, e não uma pessoa, que estava espanando as persianas e esvaziando as lixeiras. Depois daquela noite, ela nunca mais se sentiria invisível o suficiente. Ela ansiaria pelo dom de não ser vista. Mas sempre se sentiria nua.

Ele vinha trabalhando até tarde, noite após noite, tantas noites seguidas que parecia que ela e o homem trabalhavam no mesmo horário. Tirava cochilos renovadores em um sofá na sala, o que no fundo deixava Rosalita impressionada. Um sofá no escritório!

A palavra “aquisição” era mencionada o tempo todo, e ela uma vez pensou ter ouvido “bilhões”, com “b”, e não sabia como alguém conseguia dormir, mesmo em um sofá de escritório, estando encarregado de algo que custava mais de um bilhão de dólares.

No começo, ela gostava da companhia, mesmo que eles nunca se falassem de verdade. As horas se estendiam, e o número de advogados que andavam apressados, indo e voltando da impressora, comendo sushi sem parar de digitar, ia diminuindo até sobrar apenas ele. Isso durou dez dias, talvez mais. Uma vez, ele percebeu a presença de Rosalita e ergueu a cabeça para dizer “Como vai?” em uma voz rouca que não convidava a mais do que uma resposta sussurrada. Em outra ocasião, ela o viu em pé diante da janela que ia do chão ao teto, olhando para o poço sem fundo da noite, os prédios cravando os dentes pontiagudos no céu azul-marinho. Apenas parado lá. Olhando.

Na noite em que aconteceu, vozes ecoavam pelos corredores vazios. Se elas se intensificaram progressivamente, Rosalita não notou. Para ela, foi como um aparelho de som sendo ligado, o volume alto demais, tão alto que perfurava os nervos e fazia o ouvinte se apressar em desligá-lo. Rosalita manteve a cabeça baixa e passou pela fileira de salas, sua parceira de limpeza em algum ponto do outro lado do andar.

Não havia como negar o fato de que estava ouvindo a conversa, mas essa era uma função primordial dos ouvidos. Ela não podia deixar de ouvir o som de dois homens discutindo da mesma forma que não tinha como ignorar o som de cães latindo à noite. De qualquer forma, não entendeu quase nada do que estava sendo dito entre os dois homens, que ela supunha que fosse o chefe do primeiro, seu homem (como tinha passado a pensar nele). Ela teria esquecido tudo aquilo, se não na manhã seguinte, talvez em uma ou duas semanas. Sentiu pena do homem que estava trabalhando tantas horas e ainda assim levava esporro do chefe. Talvez esse fosse o problema — seu impulso de sentir pena. Porque ela sempre se perguntou o que o homem teria visto em seu rosto naquela noite, e imaginava que tivesse sido pena. O que a seus olhos era apenas compaixão benigna, aos dele já havia se transformado em algo sórdido. Ela supunha que era porque já havia sordidez dentro dele, nadando em seu âmago como células cancerígenas. Ele tinha uma doença subjacente. Para onde aquela raiva toda teria

ido se ele não tivesse notado que Rosalita olhava para ele? Se já não tivesse sentido a humilhação fervendo dentro de si e não tivesse agido sob aquele impulso fatídico para transferir para ela sua humilhação?

Se uma árvore cai na floresta e ninguém está lá para ouvir...

Ou: É a pergunta de um milhão de dólares!

Ela ouvira essas frases na TV.

O chefe do homem já tinha ido embora da sala havia quinze minutos quando Rosalita entrou de cabeça baixa. Ela deixaria a sala quinze minutos depois, tendo aprendido a diferença entre ser invisível e sentir-se invisível. Teria ao longo do antebraço um arranhão branco, tornando-se vermelho. Levaria mais nove meses para o arranhão cicatrizar, tendo se estendido até a pele macia entre seus quadris.

Entre aqueles dois pontos no tempo, ela finalmente memorizaria o nome na placa prateada na porta da sala dele. Ligaria para um advogado gratuito sobre o qual fora informada em uma linha direta, porque Rosalita não era a mulher que ele esperava que ela fosse. Teria uma reunião com o presidente da empresa. Seria informada de que o homem — seu homem — estava encarregado de uma aquisição importantíssima para a empresa, que seria a palavra dela contra a dele, que os acionistas a esmagariam com toda a força. Ela teria uma escolha, o que já era mais do que tivera antes.

O lugar errado na hora errada!

Outra frase.

Oito anos depois, ela desejaria o dinheiro do homem mais do que desejaria vê-lo morto. Ele acabaria morrendo de qualquer maneira. Ela apareceria na casa da esposa dele, algo que nunca havia feito, não importava quantas vezes tivesse se sentido tentada. A mulher bateria a porta na sua cara, dizendo-lhe para ir embora e ficar calada. Uma daquelas duas coisas ela ia fazer.

CAPÍTULO 55

3 DE MAIO

— Oi, Katherine. — Ardie parou à porta, as mãos enfiadas nos bolsos largos.

Katherine olhou para ela de trás da mesa na sala improvisada no vigésimo andar. Uma sala particular no nível superior. *Subindo na vida*, pensou Ardie, olhando para as duas paredes e a janela grande, com as persianas fechadas, atrás dela.

— Oi.

Ardie tentou imaginar como seria ter conhecido Katherine em outro contexto. Em uma entrevista de emprego, talvez. O que teria pensado dela? Será que a teria contratado? Achava impossível dizer. Muita coisa tinha acontecido naquele meio-tempo.

— Só queria avisar que não aceitamos o acordo.

Nenhuma inflexão. Apenas os fatos. Como uma fonte de notícias imparcial, se é que isso ainda existia.

A ponta da língua de Katherine deslizou pelo lábio superior.

— Vocês acham que é pru...

— Houve uma mudança no caso — interrompeu Ardie. — Acho que posso dizer com segurança que vamos receber outra oferta de acordo em breve. Talvez até hoje mesmo, e vai ser considerável.

Katherine vacilou. Três manchas vermelhas tinham começado a se espalhar pelo pescoço longo e perfeito. Não era fácil estar no lado perdedor de uma batalha moral, especialmente quando você tinha escolhido o lado pragmático, o lado vantajoso, quando tinha vendido parte de si mesma em nome da aposta mais segura. A boca de Katherine formou um “o” de surpresa.

— Por quê, Katherine? Por que você mentiu? — perguntou Ardie, por fim.

Ela respirou fundo.

— Eu... eu pensei que fosse óbvio. Eu precisava de distância.

Ardie cruzou os braços.

— Do quê? De nós?

— Não. — Katherine massageou as têmporas. — Não só de vocês. De tudo. Do que... do que aconteceu. — Ela abriu as mãos, tentando explicar. Ardie esperou. — Não espero que você entenda. No Frost Klein não me protegi, e veja só o que aconteceu. E havia *ainda mais* em jogo aqui. Fiz o que tinha que fazer. Não só por mim. Foi melhor... É melhor para mim que eu tivesse uma boa relação com Ames.

Ardie permanecia calma. Outro dos seus superpoderes.

— No Frost Klein ninguém estava tentando proteger você. E você não estava apenas “se protegendo”. Você tentou destruir a gente, Katherine.

— Não. — Ela desviou o olhar, balançando a cabeça. — Não, não foi pessoal.

Supostamente, ninguém era o vilão em sua própria história, e Katherine, Ardie agora sabia, era capaz de inventar histórias para si mesma. O que ela não sabia era se ela era fraca, calculista ou mentirosa, ou se era possível ser todas essas coisas, dependendo das circunstâncias.

— Nunca pedi isso — continuou Katherine. — Nunca *pedi* a vocês que processassem seu chefe por minha causa, está bem? Na verdade, deixei bem claro que não estava pedindo isso.

Ela esfregou a parte de trás da nuca com muita agressividade.

— Tudo bem — respondeu Ardie.

Katherine olhou para ela.

— Não foi como... Não foi como se eu tivesse entrado lá planejando dizer... planejando dizer o que eu disse.

Ardie permaneceu em silêncio.

— Entrei lá, e antes que eu tivesse a chance de dizer uma palavra, a Cosette me informou que eu deveria saber que eles iam processar vocês. — Ela estava sussurrando agora. — Que os detetives estavam investigando de perto qualquer um que achassem que andava brigando com o Ames. Eles esperavam — ela riu um pouco —, eles esperavam que eu fosse sincera, porque viam um futuro brilhante e promissor para mim aqui na Truviv e sabiam que eu tinha tido alguns problemas antes.

— E isso foi o suficiente para você nos atirar aos leões.

— Eu ia ser crucificada. De novo. Meu nome ia ficar estampado nos jornais. Talvez nunca mais conseguisse trabalhar como advogada. Durante anos, qualquer um que procurasse meu nome no Google não veria como eu me matei de trabalhar. Não veria que *eu* fui uma das editoras do Law Review, nem até onde cheguei. A única coisa que as pessoas veriam era que eu tinha acusado um homem de assédio e ele havia morrido. Você não ouviu a Cosette. Os detetives

iam vir com tudo pra cima de mim. E eu não ia ficar no olho desse furacão. — Ardie pensou: *Você não ficou no olho; você foi o próprio furacão.* — Eles estavam fazendo perguntas, Ardie.

— Eu sei. — Ardie não tinha se mexido um centímetro. — Eles também fizeram perguntas para mim.

— Seu nome já estava no processo. Isso foi feito antes de ele morrer.

Antes de ele morrer. Então tá.

— Então, por que não contar mais aos detetives? — perguntou ela. — Por que não contar tudo a eles?

Katherine ficou em silêncio.

— O Ames não era uma boa pessoa — disse Ardie.

O que ela mais se lembraria a respeito de Ames seria a conversa que tiveram na sala dele, um dia ou dois depois de fecharem o acordo em Los Angeles. Foi a última conversa significativa que tiveram. Arrependimento, foi como ele chamou. Dor de cotovelo. Ele disse que ela só estava com raiva porque ele não tinha ligado depois. Tinha sido apenas sexo casual; as pessoas faziam isso o tempo todo. Ele tinha razão. As pessoas faziam isso o tempo todo. Só que não tinha sido o caso dela. Tinha certeza. Certeza. Ela estava bêbada, talvez até desmaiada. Mas... “Vamos ser realistas por um segundo”, dissera ele. “Olhe bem pra você. Acha mesmo que eu estava morrendo de vontade de transar com você? Não fiz nada que você não quisesse. Na verdade, foi você que veio pra cima de mim. Quantas bebidas pediu mesmo? Poderia ter simplesmente ido embora se quisesse.”

A dor da vergonha que persistira durante anos não foi por ela ter acreditado nele, mas porque tinha deixado ele pensar que ela acreditara, ao não contar nada a ninguém... ninguém além daquele inútil do Al Runkin. Ela olhou para Katherine, as duas separadas por uma mesa e muitos anos de experiência.

— Ele pode ter tentado, de vez em quando — continuou ela —, quando lhe convinha ou quando não exigia esforço, mas não era uma boa pessoa.

Um aceno de cabeça quase imperceptível.

— De qualquer forma. — Ardie esfregou as mãos. — Eu só queria que você soubesse por mim.

— Mas... — Katherine engoliu em seco. — Não acabou. Ainda tem o resto. — Sua voz era um fio rouco.

— Isso eu não sei. — Lentamente, ela caminhou até a janela. O grande buraco de vidro. Ela levantou as persianas. Katherine se encolheu. — Mas você e o Ames tinham uma relação *tão* boa. Por que deveria se preocupar?

A vermelhidão tinha se espalhado até o queixo de Katherine, avançando como uma erupção cutânea.

— Eu sei que eles acham que eu me encontrei com o Ames.

— Você se encontrou com o Ames.

— Ardie, o que eu faço?

Ela apertou de leve com a mão aberta o ponto onde suas costelas se encontravam.

Ela já não tinha feito o suficiente?

Ardie deu de ombros.

— Só lhe resta esperar.

— Ardie, eu...

Ela viu a esperança no rosto de Katherine. Os olhos luminosos, o pequeno apelo escrito em seu belo rosto, pedindo que Ardie a salvasse novamente.

— Katherine — interrompeu ela. Porque Ardie havia feito a escolha certa. Ela havia feito a escolha com a qual poderia viver, não importava o resultado. Ela havia escolhido as amigas. Agora Katherine tinha que aceitar a escolha que fizera. Se poderia ou não viver com ela, não era da conta de Ardie. A única coisa da conta de Ardie era o segredo que as duas compartilhavam. — Nós não somos amigas.

CAPÍTULO 56

4 DE MAIO

No dia seguinte, Rosalita voltou ao trabalho. Retornou para os frascos de spray, as luvas de látex, os sacos de lixo transparentes e os rolos de papel higiênico vazios. Para a caixa de concreto nas entranhas de um prédio de escritórios e suas artérias, que eram os corredores vazios e canalizados que conectavam os andares. Fazia a mesma coisa havia dez anos. Ninguém ali sabia o que tinha acontecido nas últimas vinte e quatro horas, e ela mergulhou no trabalho porque era dela e porque precisava.

Ao lado de Crystal, foi marcando os quadradinhos na prancheta, escritório por escritório, enquanto a noite respirava ao redor delas.

Em alguns momentos, ela se via, quando jovem, em Crystal. Como quando Crystal contorcia o corpo para pegar uma lixeira. Ou quando revirava os olhos para alguma conversa se desenrolando na própria cabeça. Rosalita via essas coisas e se preocupava que já estivesse amolecendo. O sucesso fazia isso com as pessoas, e Rosalita havia ganhado, e ganhado muito. Com Salomon e contra a Truviv, e embora ainda assim tivesse ido trabalhar, a diferença já estava se instalando sorrateiramente e se resumia a isto: Rosalita não teria que estar ali. Bastava remover a obrigação e tudo mudava.

Enquanto trabalhavam juntas limpando o vidro de uma sala de reunião, Rosalita perguntou pela primeira vez:

— Para quando é o bebê? — Estava ficando dolorosamente óbvio para qualquer um que não fosse cego que Crystal estava grávida.

Crystal não respondeu de imediato. Ela ficou na ponta dos pés e esfregou a janela.

— Agosto. — Ela se abaixou até ficar de cócoras. Desequilíbrio-se um pouco, e Rosalita resistiu à vontade de segurá-la. Então Crystal sorriu, envergonhada. — Meu aniversário também é em agosto, e estou torcendo que ela nasça no mesmo dia. Acho que seria legal. Vou fazer vinte anos. Então, teríamos exatamente vinte anos de diferença.

Ela sorriu, com a boca cheia de dentes tortos. Rosalita nunca havia reparado.

Rosalita pressionou o gatilho do limpa-vidros e pulverizou. *Vinte anos de idade.*

— É menina?

Ela voltou a trabalhar.

— É. O médico me disse quando eu estava com uns quatro meses.

— Já preparou o enxoval? — perguntou Rosalita.

Era bom que Crystal tivesse um emprego fixo, mas o supervisor jamais a teria contratado se soubesse que ela estava grávida. Ela esperava que Crystal não fosse demitida quando ele notasse. Coisas assim ainda aconteciam ali de vez em quando.

— Mais ou menos. Bem, não. Na verdade, não. O pai não consegue se decidir se vai querer, você sabe, *participar* depois que ela nascer, então vou esperar para ver em que pé estamos.

Ela evitou o olhar de Rosalita quando disse isso. Rosalita se lembrava da própria barriga crescendo e de como erguia o queixo toda vez que alguém olhava — sempre de maneira tão ostensiva — para seu dedo anelar esquerdo.

— Não se preocupe. Eu sabia que queria ficar com ela de qualquer maneira. Eu não tenho família. — Crystal tocou a barriga. — Agora vou ter.

Rosalita jogou uma toalha de papel no saco pendurado na parte de trás do carrinho.

— Criei meu filho sozinha. Vai ficar tudo bem. Você vai ficar bem. — Embora, claro, ninguém pudesse saber com certeza.

Crystal mordeu o interior da bochecha. Rosalita já passara por aquilo. Sozinha. Insegura. Na maior parte do tempo com raiva.

Rosalita suspirou.

— Anote seu endereço aqui — disse ela. — Na prancheta. Vou levar algumas das coisas de bebê do Salomon. Tenho mamadeiras, macacões, cadeirinha e brinquedos. Tenho tanta coisa que você não vai acreditar. Quase tudo que você precisa.

Rosalita tinha guardado todas as coisas de Salomon, pensando que um dia poderia querer ter outro filho, mas essa vontade veio e passou.

Crystal balançou a cabeça.

— Não — retrucou depressa. — Não, não preciso de doações. Não preciso de caridade.

Rosalita chegou tão perto de Crystal que a deixou desconfortável, mas ela não se afastou um centímetro.

— Para. Está me ouvindo? Para com isso. Quando outra mulher se oferece para ajudar, você aceita. Entendeu?

Crystal olhou para ela pelo canto do olho. Rosalita ergueu uma das sobrancelhas, esperando, recusando-se a recuar, até que finalmente Crystal assentiu.

CAPÍTULO 57

18 DE MAIO

— Graças a Deus vocês estão aqui!

Sloane colocou a bolsa pesada na cadeira vazia.

Aquele restaurante tinha uma peculiaridade, e essa peculiaridade eram as plantas. Vinhas caíam em cascata de vasos de terracota; suculentas cobriam prateleiras de madeira de demolição; orquídeas brancas em miniatura brotavam de canecas de cerâmica feitas à mão no centro das mesas. Era onde o Pinterest ia para vomitar, oferecendo o tipo de ideia que parecia tão simples e natural que tinha que ser possível, só que definitivamente não era, e Sloane adorava isso.

— Parece que não nos vemos há séculos. — Ela se inclinou para abraçar Ardie e Grace, uma de cada vez, antes de se deixar cair em uma cadeira *wishbone* artesanal. — Estou sofrendo de abstinência. Física. Olhem só para minhas mãos.

— Sloane estendeu a mão, que tremia ligeiramente, embora pudesse ser por causa do baixo teor de açúcar no sangue.

— Só foram quatro dias. — Ardie desviou o olhar de um menu conciso que consistia em uma folha de papel pregada em um tablete de madeira.

— *O que* é o período mais longo desde... — Sloane acenou com o braço.

— Desde minha licença-maternidade — sugeriu Grace.

— Exatamente. — Sloane assentiu, solene, pegando seu menu na tábua e examinando a carta de vinhos. Algo gelado, branco e fresco parecia adequado. — E todas nós sabemos que eu mal sobrevivi a isso. — Sloane chamou a garçonete, uma mulher toda vestida de branco com suspensórios verdes. — Vou querer uma taça do *chardonnay* Starmont, por favor. Alguém mais?

— O mesmo para mim, por favor — disse Grace.

— Para mim também.

Sloane ergueu as sobrancelhas. Tinha uma consulta com seu dermatologista para consertar isso na próxima semana, mas por enquanto...

— Uma rodada, então. Obrigada. — Sloane tomou um gole da água em temperatura ambiente servida em um vidro de geleia. — Gracie, olhe só para

você. Conseguiu *libertar* os mamilos, afinal?

Grace usava um vestido floral com a gola elegantemente vincada.

— Se querem mesmo saber, libertei. — Bem, claro que Sloane sempre *queria* saber. — Estou até deixando a Emma Kate usar chupeta.

— Que escândalo! — Ardie passou o dedo pela lista de aperitivos.

— Ei. — Grace colocou um guardanapo branco no colo. — Foi uma decisão *difícil*.

— Claro que foi. — Sloane se inclinou para guardar os óculos de sol enormes na bolsa. — Então. Conta pra gente. — Ela se apoiou em um dos cotovelos. — Ela ainda estava lá quando você voltou para pegar o resto das suas coisas?

— Não tenho certeza. — Grace olhou rapidamente para a cozinha aberta, depois de volta. — Para ser sincera, não tive coragem de ir checar.

Nenhuma delas tinha falado com Katherine desde então. Sloane poderia pensar que ela nunca tinha existido, de tão completamente que tinha sido extirpada de suas vidas, não fosse o fato de tudo ter começado a mudar no momento em que ela chegou. Três dias antes, Sloane ligara para Grace e Ardie para dar a notícia de que a morte de Ames havia sido oficialmente considerada um suicídio. Aparentemente não havia provas suficientes de que houvera um crime. A própria detetive Martin tinha ligado para ela. Aquela era a notícia que Sloane esperava, mas ainda assim carregava um peso, porque sempre haveria quem concordaria com Cosette, acreditando que elas tinham ido longe demais. Que tinham sido injustas. Que eram, pelo menos em parte, responsáveis pela morte de Ames. Isso apesar do acordo e do cheque de uma quantia vultosa que naquele momento se encaminhava para as entranhas do escritório de advocacia de Helen Yeh, que, a propósito, agora estava bem feliz por receber seus 40%.

— O Derek voltou — anunciou Sloane quando o vinho chegou, para evitar que sua mente revivesse lembranças que queria esquecer.

— Das montanhas? — Ardie colocou o cardápio sobre o prato.

— Dos Apalaches. Deixou a barba crescer.

— E? — perguntou Grace.

— E, após uma semana fazendo milhas e comendo feijão em lata, tenho até medo de falar para não estragar, mas ele disse que está pronto para *seguir em frente*.

Ela realmente esperava que ele estivesse falando sério. Sentia pena de Derek. Desde que tinham encerrado o processo com um acordo e a história de Rosalita tinha saído nos jornais, houvera pedidos de entrevistas, *talk shows*, *podcasts*, até mesmo alguns agentes literários sondando. As pessoas amavam seus adjetivos

agora: angustiante, heroico, doloroso, corajoso. E lá estava Derek, tentando ficar chateado com sua esposa infiel em paz.

— Ah... — disse ela, acabando de lembrar. — A Abigail fez uma amiga na escola. Lottie Silverman. Ela foi brincar lá em casa exatamente três vezes, então tenho quase certeza de que é sério. Até o nome dela é legal. *Lottie*. Ela me lembra você, na verdade — disse Sloane a Ardie.

Ela estava toda vestida de preto, o que não combinava nada com a decoração fresca, mas aquilo era exatamente a cara de Ardie.

— Não vou nem perguntar o que isso significa. — Ardie se ajeitou na cadeira.

— Ah, eu sei. — Grace tomou um longo gole do vinho.

Era uma delícia. Sloane sabia escolher vinhos.

— Bem, meninas. — Sloane ergueu a própria taça. — Um brinde. Ao nosso primeiro almoço oficial de trabalho. — Elas brindaram, até mesmo Ardie, que detestava brindes. — Antes de mais nada. Que tipo de escritório devemos ter? A decoração vai ser *southern chic*? *Mid-century*? Ainda está na moda?

Ardie tirou um pequeno calendário da bolsa. Isso fez Sloane se sentir segura e inteligente, ter uma sócia que andava por aí com pequenos calendários de bolso com capa de couro.

— Dei uma olhada nas salas que o corretor de imóveis enviou em Uptown — disse Ardie. — Eu gostei, mas a gente tem certeza de que quer ficar em Uptown? — Sloane abriu a boca, mas Ardie apontou a extremidade da caneta para ela. — Não comece a cantar “Uptown Girl”.

Então, sério, qual era a graça?

— Bem. Oferecemos um emprego para a Rosalita? Não sei qual é a etiqueta apropriada. Nem se ela aceitaria um emprego. Ou...

— Sim. — Ardie endireitou os talheres na mesa. — Vamos oferecer um emprego a ela. Não necessariamente como faxineira. Mas alguma coisa. Seu palpite é tão bom quanto o meu no que diz respeito a ela aceitar ou não.

O dinheiro do acordo seria dividido por quatro, não três. Rosalita era a única que ainda trabalhava na Truviv. Ela queria ver o dinheiro na conta antes de pensar em abandonar o barco. Desde o começo, Sloane insistira para si mesma que estava fazendo tudo aquilo — a lista, o processo contra a Truviv — para que pudesse ter um futuro lá. Mas, depois de tudo, ela descobriu que não queria trabalhar para uma empresa que tinha tentado arruiná-la com uma alegação de morte indevida, que tinha tentado destruir todas elas.

Grace mordeu o lábio. O polegar e o indicador giravam a haste da taça.

— Tudo bem, o que foi? — perguntou Sloane. — Por que está tão quieta? Você

odeia *mid-century*, né?

Grace respirou fundo.

— Ok. — Ela cruzou as mãos no colo. Sloane sentiu um arrepio subir até a nuca. — Não quero ser a estraga-prazeres aqui. Eu sei que todas estamos empolgadas em abrir nosso escritório, mas é só que eu... Não sei se consigo. Pelo menos não agora, de qualquer maneira.

Ela pressionou delicadamente dois dedos entre as sobrancelhas.

— Como assim? — perguntou Ardie, arrastando a cadeira para trás, fazendo um ruído alto no restaurante sereno. Senhorinhas que almoçavam nas mesas próximas se viraram.

Grace ficou nervosa por uma fração de segundo, em seguida se acalmou.

— Quero continuar com vocês, de verdade, mas talvez em meio período? E depois de algum tempo para descansar. — Ela tomou um gole de vinho. — Entendo se decidirem seguir em frente sem um espaço para mim. É que comecei a tomar um remédio novo e tenho algumas questões de saúde que preciso resolver.

Grace falava rápido demais, gesticulando como um guarda de trânsito.

O queixo de Sloane caiu.

— Você está morrendo? É câncer de mama? — perguntou ela, se preparando para a resposta. — É câncer de mama, né?

— Não, não, cruze. Não é. Eu tenho... Eu tenho depressão pós-parto.

Ela disse isso baixinho, como se tivesse dito que tinha “lepra”.

— Ah, querida... — disse Sloane, trocando um olhar com Ardie. Ela não costumava se dirigir às amigas com palavras afetuosas, mas talvez houvesse momentos que demandassem isso, e aquele era um deles. — Por que não nos contou? — perguntou Sloane, embora talvez já soubesse, lá no fundo. Se não estivesse tão distraída...

— Simplesmente não era algo que parecesse coisa *minha*. Então achei que não era. Na verdade, foi o Ames que sugeriu.

Ames. Aquilo a atingiu em cheio. O fato de que Sloane estivera muito distraída, mas Ames Garrett tinha reparado.

— De qualquer forma, sinto muito. Eu só...

— Por favor — interrompeu Sloane. — Por favor, você vem quando estiver pronta e nem um minuto antes.

Elas relaxaram. Sloane sentiu isso. A maneira como tudo ia aos poucos se encaixando. Ela desprezava veementemente a ideia de que o universo poderia estar querendo lhe dizer algo, que nada acontecia por acaso, como se o universo

estivesse preocupado com as idas e vindas de mulheres loiras de meia-idade, mas uma coisa ela podia dizer: tudo parecia bem.

— Já que estamos fazendo confissões... — Ardie mudou de posição na cadeira.

Sloane levantou os olhos bruscamente.

— Você está *saindo* com alguém? Eu sabia. Deu para sentir.

Ardie semicerrou um olho.

— Não. O quê? Na verdade, tenho um encontro. Hoje à noite.

— Viu?

— Ah, ele é legal? — perguntou Grace.

— Eu não... Não sei. Eu o conheci on-line. Eu... Não, é outra coisa. — Ela pareceu repentinamente nervosa, então, com a mesma rapidez, se recompôs. Sloane tinha uma dezena de perguntas. Ainda assim, sabia que era melhor não interrogar Ardie agora. — Preciso contar uma coisa a vocês, certo? — Grace e Sloane esperavam, atentas. — Depois de tudo que passamos, acho que vocês duas merecem saber que... Quer dizer, acho que vocês já tinham percebido que o Ames e eu definitivamente não gostávamos um do outro, mas, sabem, na verdade era mais do que isso. Ames abusou sexualmente de mim.

Ela se recostou na cadeira. Deixou que a informação fosse absorvida.

— Peraí. *O quê?* — Os belos olhos azuis de Grace se estreitaram.

— Ames Garrett abusou... Ele me estuprou. Estou envergonhada por ter demorado tanto tempo para admitir, mas achei que vocês deveriam saber, então é isso. E sinto muito, Sloane. Não sou muito boa em dizer isso. Eu deveria ter me esforçado mais para alertá-la.

— Qua... quando? Como assim? — Sloane sentiu uma cegueira tomar conta de seus olhos, confusão e raiva procurando um lugar para se instalar. Mas aquele lugar estava, infelizmente, morto.

— Eu estava bêbada — disse Ardie, em voz alta. — Muito bêbada. Você se lembra de que eu tinha acabado de voltar de Los Angeles, um pouco antes de você começar na Truviv? Depois de fechar aquele acordo infernal da Fiter do qual todo mundo estava falando? Ficamos no mesmo hotel em que você e eu nos hospedamos quando trabalhamos na Matrix Band há alguns anos.

— Aquele com a hera no teto?

— É, esse.

Sloane não gostou deste fato. Sentiu uma súbita onda de náusea. Como se o restaurante estivesse girando.

— De qualquer forma, não consigo me lembrar de tudo. Eu só queria deixar

isso para trás e esquecer que aconteceu. Meu pai costumava dizer que a melhor maneira de manter um segredo é fingir que você não tem um, só que...

— Só que depois eu transei com ele? — Sloane praticamente gritou.

O olhar de Ardie percorreu a sala.

— Sloane. Eu sei. Eu...

— Mas... mas... Ardie, você deve ter me *odiado*.

Ao ouvir isso, Ardie soltou uma risada genuína.

— Eu tentei — admitiu.

— Não, sério. — As mãos de Sloane agarraram a borda da mesa e ela se inclinou, rosnando para Ardie. — Você deve ter *realmente* me odiado.

Sloane sentiu o rosto corar, como se estivesse ficando doente. Ela precisava de mais água do vidro de geleia. Ardie deslizou o dela para a amiga, que bebeu.

Uma vez saciada, Sloane se recostou pesadamente, sobrecarregada pelo esforço gasto com *aquelas* palavras — as palavras de Ardie —, e sentiu uma exaustão que ia até os ossos, apesar do fato de não serem palavras dela.

— Foi complicado — explicou Ardie. — Eu tinha esperança de que você o odiasse logo de cara. Àquela altura, ele era tão detestável para mim que achei que seria óbvio para todos os outros. Então, depois de alguns meses, achei que talvez eu tivesse sido um caso isolado. Talvez *tivesse* sido um mal-entendido. E você estava tão determinada a tentar ser minha amiga...

— Eu não estava. — Sloane limpou a boca no guardanapo, manchando-a acidentalmente de rosa. — Tudo bem, eu estava. Isso é bem a minha cara. — Ela sorriu, trêmula. — Por que você não disse nada depois? Como no caso com a Katherine?

— Achei que era tarde demais. Como se fosse parecer conveniente mais do que útil, eu acho. Entre outras coisas.

Ardie hesitou, as sobrancelhas se unindo.

— Grace, você está bem?

Ah, meu Deus. Pobre Grace. Ela estava chorando. Claro que estava. Aquilo tinha sido demais para ela. Hormônios. Pós-parto. Ela não deveria estar ouvindo aquilo. *Não recomendado para menores de doze anos!* Elas precisavam manter a conversa com Grace dentro dessa classificação.

— Estou bem — assegurou Ardie. — De verdade. — Como Sloane ia saber se isso era verdade ou não? — Por que está tão chateada?

— Porque ele *fez* isso com você. E porque me sinto muito culpada. E então me sinto culpada por me sentir culpada. — Grace abafou um soluço. Parecia fisicamente doloroso. — Ele morreu e, depois de ouvir isso, eu deveria estar

satisfeita. Certo? — Ela pressionou os nós dos dedos no nariz. Das três, Grace claramente foi a que teve mais dificuldade de se juntar a elas naquela coisa de odiar Ames, acreditar em Katherine, mas a questão era que tinha feito isso. Tinha escolhido acreditar nelas. Estava sendo muito dura consigo mesma. — A questão é que... — Quando engoliu, pareceu que sua garganta doía. Ela fechou os olhos. — Fui eu que matei o Ames.

CAPÍTULO 58

18 DE MAIO

Grace matou Ames. Será que Ardie ouviu direito? Grace. Grace disse que tinha *matado* Ames. Sloane cuspiu vinho para todos os lados, como uma baleia esguichando, o que Ardie não pôde nem considerar um exagero, porque Grace Stanton confessou ter matado Ames Garrett. O que não podia ser verdade, claro. Por acaso Grace *conhecia* Grace?

— Por que você diria uma coisa dessas? — perguntou Ardie, hesitante.

Os olhos de Grace estavam levemente desfocados, como se o vinho estivesse fazendo efeito em dobro.

— Porque é *verdade*. Fui a última pessoa a estar com ele. Eu... — A palavra escapou como um gemido pequeno e triste. Um animal desistindo da luta.

— Grace, você não está falando coisa com coisa. — O peito de Sloane se apoiava na mesa enquanto ela tentava ficar o mais perto possível da amiga.

— Estou. Finalmente estou falando a verdade. — Ela baixou a cabeça por um momento, se recompondo. — Eu estava com tanta raiva por ele ter me feito acreditar que realmente se importava comigo... Ou talvez tenha sido só o meu orgulho ferido por ele ter achado que eu poderia ser enganada. Enfim, contei isso para a Sloane. Mas então... Mas então, naquela manhã, a manhã em que ele morreu, ele me mandou uma mensagem, algo ridículo, me provocando: *Achei que éramos amigos*. Foi o que ele disse. Eu é que deveria dizer isso, sabe? Então fui até lá. — Ela inclinou a cabeça para trás por um segundo, olhando para as vigas expostas no teto. — Quando vi que ele não estava na sala, sabia que ele tinha ido para a sacada fumar. E juro, eu só pensei: vou lá falar com ele. Bem, eu *fui*. Ou ia. Comecei a fumar e estava me sentindo muito bem. Quer dizer, eu estava meio que tremendo, mas me sentia bem. Forte. Vocês sempre foram tão boas em se defender, e eu só queria...

Ardie soltou uma gargalhada.

— Sério? Depois do que acabei de contar? Você acha mesmo?

Grace parecia sóbria.

— Acho. Tenho certeza. — E em resposta Ardie simplesmente apertou os lábios e sentiu um aperto incomum no coração, porque elas nunca veriam a si mesmas da mesma forma que viam umas às outras, e isso era uma dádiva. — Enfim, eu estava falando, e ele meio que se inclinou para acender o cigarro dele no meu e, não sei, eu fiquei nervosa. Apavorada. Tive um espasmo estranho e, não sei como, meu anel cortou a sobrancelha dele. Um dos engastes estava solto. — Ela examinou a pedra brilhante na mão esquerda, cintilando intensamente sob a luz. Ardie sentia falta de usar um anel. Tinha vendido seu anel de diamante, mas se arrependia. — Minha nossa, um fio brilhante de sangue escorreu pelo rosto dele. — Ela cobriu os olhos, lembrando. — Sério, começou a escorrer. — Ardie se perguntou: *ela* viu um corte no olho dele? — Ele limpou com o polegar, limpou o sangue no parapeito e me chamou... Ele me chamou de vadia. Ninguém nunca tinha me chamado de vadia. Pelo menos não na minha cara. Ainda não sei o que deu em mim. Era como se eu fosse uma pessoa diferente. Ficou tudo preto. Eu disse para ele: “Por que você não se joga daqui e vai pro inferno?” *Quem* diz uma coisa dessas? — Grace enxugou as lágrimas. — Fiquei com medo de que talvez a Katherine tivesse nos visto conversando lá fora, tivesse me visto bater nele. Então fui embora. Bem, de qualquer maneira, vocês sabem o resto da história.

Ardie sabia. Mas não era a mesma história que Grace sabia.

Sloane não tinha tocado seu vinho desde que Grace começara a falar.

— Você não pode se culpar por isso — disse ela. — Não temos ideia do que estava passando pela cabeça dele.

— A Sloane tem razão.

— Podem acreditar, eu...

— Você não foi a última pessoa a ver o Ames — afirmou Ardie.

O olhar de Sloane se desviou para ela rapidamente, a pergunta escrita em seu rosto: o que diabos aconteceu naquela sacada?

Ardie só tinha certeza do que havia acontecido com ela, *por causa* dela, e do que poderia ter acontecido sem ela, depois que, por acaso, entrou no elevador com Katherine e a viu sair no décimo oitavo andar.

Ela sabia que um funcionário responsável pela folha de pagamento confirmaria que Ardie recebera documentos assinados relativos aos impostos da folha por volta de uma e meia da tarde, embora o funcionário não tivesse verificado a hora exata, o que explicava por que, imediatamente após a morte de Ames, ela havia sido vista no elevador e se livrara de qualquer suspeita de que tivesse cometido um crime. Ardie, por sua vez, sabia que o funcionário tinha

assinado a folha de pagamento mais perto das 13h25, uma diferença de cinco minutos.

O que aconteceu naqueles minutos antes de Ardie aparecer? Ela imaginava Ames andando de um lado para outro na sacada, fumando um cigarro, uma imagem que não era difícil de evocar porque Ardie já vira aquilo antes, muitos anos atrás. Ela imaginou Ames tentando se justificar para Katherine, tentando explicar como nunca tinha feito nada que alguém não quisesse que ele fizesse. Um discurso que ela também já tinha ouvido.

Ardie tinha ficado inquieta no momento que Katherine saiu do elevador, e estava pensando em Sloane quando tomou a decisão que mudaria sua vida. Ela pretendia aliviar sua consciência. Apenas verificar. Espiou por trás da porta de vidro, atraída pelas vozes que se elevavam progressivamente — ou por uma única voz que se elevava, que, na verdade, era a de Ames.

Ames esfregou o rosto. Katherine tentou passar por ele, mas ele estendeu o braço, bloqueando sua passagem.

O tapa foi um choque. Elétrico. Polarizador. O queixo de Ardie se encolheu em sincronia com o de Ames. A mão de Katherine o atingira feito o bote de uma víbora.

Se Sloane tivesse sido acusada, ou Grace, ou mesmo Katherine, Ardie teria contado a seguinte versão dos fatos. Ela teria dito que tudo aconteceu muito rápido. Teria ido à polícia então, não importava que fosse tarde demais. Teria contado tudo.

Mas isso não aconteceu. Algo mais insidioso havia tomado o lugar daqueles possíveis acontecimentos. Em vez disso, Grace vinha se culpando em segredo, surtando, então a pergunta se tornou: o que Ardie deveria fazer agora?

— Você viu o Ames? — perguntou Sloane, e foi como se o restaurante tivesse deixado de existir. As lágrimas de Grace cessaram. Ela olhava fixamente para Ardie.

— Não só eu — respondeu Ardie lentamente.

E foi então que a garçonete apareceu para anotar os pedidos. Ardie imaginou como elas deviam parecer aos olhos daquela pobre mulher com suspensórios verdes. O mais estranho sobre dar más notícias era como raramente eram informações novas para o mensageiro. Então Ardie teve que permitir que suas palavras assumissem um tom de revelação, em nome de Sloane e Grace. Tinha que escolher o que dizer. Cuidadosamente.

Ela pediu truta arco-íris com soba e brotos de feijão.

Enquanto isso, Sloane e Grace prenderam a respiração até a garçonete ir

embora. Ardie queria pedir mais água.

— O que quer dizer com isso? — Os dedos de Grace envolviam firmemente o crucifixo em seu colar.

— O Ames pediu para falar com a Katherine, e ela foi. Quando descobri, fiquei preocupada, é compreensível.

Certa vez Ardie ouvira algo fascinante: as mulheres tinham um medo constante da violência; o maior medo dos homens era passar vergonha.

— E você tem certeza de que isso foi depois que eu falei com ele? — A testa de Grace se franziu. Havia algo novo em seu rosto: esperança.

Na realidade, não aconteceu tão rápido quanto Ardie gostaria. Quando Ames colocou as mãos ao redor do pescoço de Katherine e começou a gritar com ela, cuspe voando em seus cílios, algo sendo dito, embora Ardie não conseguisse lembrar o quê. Os olhos de Katherine se arregalaram como os de um cervo encurralado, as costas contra o parapeito de cimento da sacada. A explosão de calor no rosto de Ames se arroxeceu.

A porta de vidro se abriu, o som cortante como uma lâmina.

— Ames! — Ardie o agarrou pelo colarinho da camisa, segurou seu cotovelo e o puxou. *O que diabos ele achava que estava fazendo?* Ela se lembrava de ter ficado surpresa, mesmo conhecendo Ames do jeito que conhecia. Tipo: *Ah, ele é capaz disso também.* As mãos de Katherine foram direto para o próprio pescoço, o peito arfante.

No segundo seguinte, Ardie sentiu suas entranhas explodirem. Ela se perguntou o que ele teria visto naquele último segundo de vida. Raiva cega, dentes à mostra, curiosidade, uma fria determinação, ou frustração acumulada. Ela sabia o que tinha visto nos olhos dele — ódio, fúria e *como-ela-se-atreve*. Ela sentiu a luta. Sentiu os braços dele nela. Sentiu a força dele e a sua própria, e o fato de que ambos estavam se segurando um pouco, por algum instinto que os impelia ao decoro.

Então o pensamento lhe ocorreu: não havia como *voltar atrás*.

Eles tinham passado daquele ponto no momento em que ela o tirou de cima de Katherine.

Ela o empurrou de novo, dessa vez enfiando o ombro no peito dele. Grunhindo de surpresa, ele cambaleou para trás. Uma perna saiu do chão enquanto ele tentava recuperar o equilíbrio. E aí... o peso dele simplesmente se desfez.

Foi embora, caindo para trás no ar.

Katherine estava ajoelhada, arfando onde os pés dele estavam segundos antes,

e parecia quase impossível, inverossímil demais para acreditar no que ela havia acabado de ver: Katherine — uma mulher elegante vestindo um terninho preto — agarrando a perna de apoio de Ames e... empurrando.

Ela estava realmente *tentando* jogá-lo da sacada. Forçando seu centro de gravidade para o alto.

E Ardie entendeu que Katherine experimentara a mesma revelação. Não dava para voltar atrás.

Obrigada, sussurrou Ardie, com as mãos nos joelhos enquanto recuperava o fôlego. Sua testa estava coberta de suor.

A verdade: Ames *poderia* ter recuperado o equilíbrio. Ou Ardie, segurando sua camisa, *poderia* tê-lo puxado de volta. Não fosse por aquele... último... empurrão.

Logo depois, as duas desceram de escada.

* * *

— Tenho certeza absoluta — disse Ardie.

Grace abriu a boca para falar, em seguida se conteve.

— Ah. — Era tudo o que Sloane tinha para oferecer.

Uma bomba é detonada e os estilhaços voam em direções imprevisíveis, causando graus variados de destruição. Danos colaterais.

Se revisasse aquela história o suficiente, ela quase conseguiria se convencer de que, no fim, ele havia escolhido pular. Sloane se esticou por cima da mesa e apertou as mãos das amigas. Ardie sentiu um pouco de pena dos homens, porque eles nunca davam as mãos uns aos outros.

EPÍLOGO

Tínhamos sido programadas para trocar segredos. Nossa principal marca de desodorante prometia não revelar nada. As capas de revista penhoravam os segredos para uma pele mais macia, cabelos mais brilhantes, pernas mais torneadas e orgasmos mais longos. Nossas mães passavam adiante receitas com ingredientes secretos. Até mesmo nosso feminismo — segunda onda, fomentada como foi por nossa mística feminina — parecia intencionalmente (inteligentemente) envolto em segredos.

Nosso lema havia muito era: é melhor manter isso entre nós.

E foi o que fizemos. Por gerações. Passando adiante histórias da carochinha, ensinando umas às outras como aliviar as cólicas, alertando umas às outras a nunca deixar uma bebida fora do campo de visão, a não usar rabo de cavalo, a não abrir a porta para um estranho, a não ficar sozinha com ele. Nossa tática era a evasão, sinalizar as minas terrestres e encorajar umas às outras a contorná-las para que ninguém *explodisse*.

Não eram apenas os alertas que nos mantinham seguras, mas também nossa capacidade de manter esses alertas em segredo. Como agentes secretas operando atrás das linhas inimigas, não podíamos nos dar ao luxo de sermos pegas. E ainda assim nos arriscávamos. Com vozes abafadas, estendíamos umas às outras nosso conhecimento. Nós tentávamos. Porque sempre queríamos o melhor para nossas amigas.

Queríamos que ela largasse aquele babaca. Queríamos que ela parasse de se preocupar em perder dois quilos. Queríamos dizer que ela estava ótima naquele vestido e que definitivamente deveria comprá-lo. Queríamos que ela arrasasse na entrevista. Queríamos que ela nos mandasse uma mensagem quando chegasse em casa. Queríamos que ela visse o que nós víamos: uma mulher inteligente, corajosa, engraçada e digna de amor, sucesso e paz. Queríamos matar quem quer que se metesse no caminho dela.

Começamos a nos perguntar: ao sussurrar, estávamos guardando os segredos de *quem*, afinal? Os nossos ou os deles? Nosso silêncio acabava protegendo os

interesses de *quem*, no fim das contas?

A resposta foi chegando aos poucos. À medida que começamos a tirar a meia-calça, a exigir mais dinheiro, a marchar com chapéus cor-de-rosa e segurar megafones. À medida que construímos plataformas digitais, assistimos a aias e exigimos que as empresas oferecessem tamanhos que coubessem em nós. À medida que fomos ocupando espaços.

À medida que *cansamos* de sussurrar. O que *nós* tínhamos a esconder, afinal? Tínhamos histórias, todas nós. Falar teria um preço? Talvez. Mas talvez cobrasse o preço deles também.

Assim, quando uma de nós falava, nunca era apenas por *ela*. Era por nós. Na verdade, ela era o sacrifício voluntário. Mais lenha na fogueira alimentada por nós, nossas histórias, nossas vozes. E nós íamos atizar as chamas. Espalhar a verdade. Nos juntar ao coro. Reduzir tudo a cinzas. Arrasar a Terra, se fosse preciso. Começar tudo de novo.

Nosso legado seriam nossas palavras. Gritadas bem alto. Para todos ouvirem. Estávamos fartas de implorar que acreditassem em nós. Não pediríamos mais o benefício da dúvida. Não pediríamos mais permissão. A palavra era nossa.

Ouçam.

AGRADECIMENTOS

Fui presenteada com a mais incrível rede de pessoas que ajudaram a tornar este livro realidade.

Um alto e sincero “obrigada” a meu agente, Dan Lazar, por acreditar em mim em cada etapa do caminho. Depois de inúmeras leituras, observações, telefonemas e e-mails, Dan colocou minhas palavras nas mãos certas, e serei eternamente grata.

Naturalmente, duas dessas mãos pertenciam à minha maravilhosa editora, Christine Kopprasch, que fez as perguntas mais inteligentes, da maneira mais generosa possível, e compreendeu desde a primeira página como este livro deveria ficar quando estivesse terminado (e como me ajudar a atravessar o espaço entre um ponto e outro). Por esse mesmo motivo, sinto que tive sorte ao desembarcar na Flatiron Books, pela oportunidade de trabalhar com pessoas extraordinárias, entre elas Amy Einhorn e Amelia Possanza. Obrigada também a Bryn Clark, Robert Van Kolken, Nancy Trypuc, Katherine Turro e aos demais integrantes da equipe da Macmillan.

Sou profundamente grata pelas opiniões e pelo trabalho duro de minha agente cinematográfica, Dana Spector. (Você e Dan formam um par formidável.) E a Jon Baker, por defender meu livro (e por ter sido paciente quando eu acidentalmente fui direto para Astoria...).

O mesmo vale para meus agentes estrangeiros, incluindo Maja Nikolic e Peggy Boulos Smith, que encontraram casas para *Rede de sussurros* por todo o mundo. Falando em “por todo o mundo”, sou particularmente grata às equipes da Sphere e da Hachette Austrália, com agradecimentos especiais a meus maiores animadores de torcida e experientes editores, Cath Burke, Robert Watkins e Rebecca Saunders, bem como a Maddie West, Ed Wood e Louise Newton.

Eu tenho amigas maravilhosamente encorajadoras, que leram e comentaram os rascunhos: Wendy Pursch, Julia Jonas, Emily O’Brien, Lisa e Joyce McQueen, Charlotte Huang, Lori Goldstein e Shana Silver — não sei o que teria feito sem vocês. Além disso, tenho muita sorte de ter as mulheres do meu clube do livro,

que personificam a sororidade e me deram todo o apoio de que eu precisava (e ao livro!). Obrigada a Jeremy Coffey, Elizabeth Stork e Hue M. Flex, por terem respondido às minhas perguntas. E às muitas, muitas mulheres que compartilharam suas histórias comigo — escrever este livro deu origem à sua própria rede de sussurros, e eu agradeço pela chance de me aproximar e ouvir.

Eu seria negligente se não mencionasse que trabalho em um escritório de advocacia com profissionais incríveis que foram muito generosos ao me dar tempo e espaço para escrever: obrigada.

Finalmente, o maior agradecimento vai para meu marido, Rob. Ser uma mãe que trabalha fora é quase impossível sem o apoio incondicional de um parceiro. Obrigada por me dar a chance de perseguir meus sonhos.

NOTA DA AUTORA

Leitores,

A primeira vez que senti os benefícios de uma rede de sussurros (ou *whisper network*) foi durante um verão em que trabalhei em uma firma de advocacia. Em determinado evento de trabalho, um dos sócios, bem mais velho que eu, não desgrudava de mim, me concedendo uma atenção realmente incômoda. Os outros funcionários começaram a ir embora, mas esse sócio e os amigos insistiram para que eu continuasse com eles no bar. “Quantos anos você tem?”, perguntaram. (Vinte e quatro na época, enquanto eles tinham mais de cinquenta, caso alguém queira fazer as contas.) “Você gosta de homens mais velhos?” A situação era delicada — eu ocupava na empresa uma posição semelhante à de estagiária, com um salário um pouco maior, e queria ser contratada, então fazer contatos era essencial. Naquele momento, porém, eu me sentia mais como um objeto, alguém que eles esperavam — presumiam, na verdade — que fosse levar tudo “na esportiva”. Fiquei ali dando sorrisos sem graça e falsas risadas, como todas fazemos nessas horas. Eu queria sair dali, mas também queria o emprego. E desejava que aquele homem se sentisse, *não sei*, satisfeito, talvez. Ou, no mínimo, que não se sentisse rejeitado.

A verdade é que não me lembro tanto desses caras quanto da mulher que me tirou dessa situação — com muito mais graça e habilidade do que eu jamais seria capaz de ter na época. Ela tinha um sotaque charmoso do Sul, um enorme e radiante sorriso, e, ao se juntar ao grupo, colocou o braço ao redor dos meus ombros e me falou baixinho: “Pode ir, deixa comigo.” Eu obedeci. No dia seguinte, uma das advogadas, que ouviu uma versão do que havia acontecido no dia anterior, perguntou se eu queria levar o assunto ao RH. Minha resposta: de jeito nenhum! Claro, o comportamento dele tinha sido ruim, mas o tal sócio teria envolvimento direto na decisão de me contratar ou não. Um tempo depois, descobri que eu não havia sido a única que acabou em uma situação daquelas, mas, graças à gentileza de algumas mulheres perspicazes, eu e minha carreira

passamos por isso ilesas.

Sempre foi assim, pelo que me lembro. Muitos anos atrás, eu era a única mulher na equipe de remo da minha faculdade. Eu era a timoneira (mais conhecida como a pessoa que grita para os remadores e guia o barco). Como única mulher do time, eu estava sempre tentando me adequar. Nada nunca me incomodava ou ofendia. Não mesmo! Eu, não! Um dia, estávamos todos sentados, passando o tempo. Verdade seja dita, eu tinha me desentendido com um dos rapazes algumas semanas antes e ele estava irritado comigo por algum motivo que eu nem imaginava. Quando fui pegar um pedaço de pizza, esse cara — com mais de 1,90 metro — me deu um chute no maxilar, fazendo meus dentes se chocarem com um estalo alto. Ele riu com malícia, e os outros garotos ficaram ligeiramente chocados, mas continuaram quietos. Entre tudo o que poderia sentir, o que me tomou naquele momento foi um grande sentimento de vergonha. Enquanto meus olhos se enchiam de lágrimas, a única coisa que eu sabia é que não queria ter uma reação “feminina”, não queria parecer *exagerada*. Agarrei-me desesperadamente à ideia de que eu era o tipo de garota que aguentava o tranco. Então me levantei em silêncio, fui para outro cômodo e nunca disse uma palavra sobre aquilo. Mal sabia eu que variantes dessa mesma dinâmica estavam se reproduzindo em pequena e larga escala com diversas mulheres, e que um reflexo disso se alastraria pela vida profissional de toda mulher, inclusive a minha. *Entre na brincadeira! Não faça drama!*

Três anos atrás, eu tive uma filha. Ser mãe me levou a um novo patamar de desafios em casa e no trabalho. Doze semanas depois do parto, voltei a trabalhar. No meu primeiro dia de volta, um sócio novo me pediu que ficasse até tarde. Por volta das sete da noite, insisti um pouco mais de que precisava amamentar a bebê recém-nascida. Ele, que era pai de três crianças, me perguntou quantos meses minha filha tinha, ao que respondi: “Só três meses.” E ele rebateu: “Bom, então ela não é mais recém-nascida.” Expliquei que, de um jeito ou de outro, ela precisava se alimentar. Magnânimo, ele me liberou por vinte minutos, sem fazer a menor ideia de que, quando eu dizia que precisava “amamentar” minha filha, significava que ela ainda mamava do peito. Naquela noite, meu marido precisou dirigir meia hora para levar minha filha até o escritório, e eu a amamentei no estacionamento.

É sobre esse tipo de coisa que converso com minhas amigas enquanto damos uma volta na hora do almoço, estamos no clube do livro ou na academia. Cheguei à conclusão de que o assunto era tão recorrente na minha vida que comecei a escrever *Rede de sussurros*. Conforme a história foi tomando forma,

percebi que o livro merecia um coro, uma voz coletiva de mulheres, que se sobrepusesse a mim e às personagens desta obra. Liguei para a minha melhor amiga da faculdade de direito, que me falou sobre uma linha direta que redireciona reclamações de funcionários para a pessoa sobre a qual as mesmas foram feitas. Falei com uma amiga que precisou lidar com mais de dois mil e-mails quando voltou da licença-maternidade porque ninguém se dispôs a ajudar durante a sua ausência. Falei com uma advogada que travava uma luta contra a infertilidade e que chegou a ouvir de um colega, sem nenhum tipo de cerimônia, que mulheres se tornam inúteis para a empresa depois que têm filhos. Todas essas histórias formaram a voz narrativa no plural, um modo de debater a experiência da mulher no ambiente de trabalho, da qual o assédio sexual certamente é *um* dos elementos, mas não o único.

Enquanto escrevia este livro, me senti — e ainda me sinto — esperançosa quanto às novas maneiras como lidamos com as acusações de assédio sexual. Curiosamente, uma das minhas amigas mais próximas me ligou enquanto eu terminava meu primeiro rascunho e perguntou se eu tinha alguma indicação de advogado para ajudá-la a abrir uma queixa de assédio sexual. Contou que um incidente havia acontecido em uma convenção e, embora não quisesse entrar em detalhes, esperava que eu pudesse indicar alguém para auxiliá-la. Tenho vergonha de admitir que minha primeira reação foi: *Você quer mesmo fazer isso?* Eu me senti horrível. Sou advogada e escritora e passei inúmeras horas discutindo a importância de falar sobre assédio, mas eu também me importava com o bem-estar dela e sabia que trazer aquilo à tona podia custar caro. Ainda mais se a mulher não tem um suporte ou algum outro recurso de proteção, ou se pertence a algum grupo marginalizado. No entanto, as coisas estão mudando. Devagar, e sem dúvida de forma desigual, mas acredito de verdade que estão mudando, e grande parte disso se deve às diversas mulheres que pararam de sussurrar.

Enquanto essas mulheres compartilhavam relatos comigo, escrever *Rede de sussurros* se tornou uma espécie de rede de sussurros por si só. Estou ansiosa para compartilhar este livro com as pessoas e espero que continuem a expandir essa rede de novas formas.

Atenciosamente,

Chandler

SOBRE A AUTORA



© Eryn Chandler

CHANDLER BAKER é advogada e mora em Austin, no Texas, com o marido e a filha pequena. *Rede de sussurros* é seu sexto livro publicado.

LEIA TAMBÉM



[*As viúvas*](#)
[Lynda La Plante](#)



[Pequenas grandes mentiras](#)
[Liane Moriarty](#)



[O segredo do meu marido](#)
[Liane Moriarty](#)